



Centro Universitário São José de Itaperuna

**Projeto Pedagógico de Curso
Bacharelado em Enfermagem**

Itaperuna/2022



(22)3811-0700

E-mail: @fundacaosaojose / www.fsj.edu.br

Rua Major Porphílio Henriques, N° 41 - Centro - Itaperuna - RJ

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

Organização Acadêmica:

Dr. Jader Almeida da Silva
Reitor

Prof. Esp. Hudson de Oliveira Costa
Pró-Reitor Acadêmico

Rodrigo Barbosa da Silva
Secretário

Prof.^a Esp. Ismênia Linhares Rezende
Procuradora Institucional

Prof.^a Esp. Fabiana Duarte Xavier
Coordenação do Curso

Sumário

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA IES	5
1.1 Mantenedora.....	5
1.2 Base Legal da Mantenedora.....	5
1.3 Nome da IES	5
1.4 Base Legal da IES	5
1.5 Perfil e Missão da IES.....	5
1.6 Missão	6
1.7 Objetivos do Centro Universitário São José de Itaperuna	6
1.8 Dados socioeconômicos e socioambientais da região	7
1.9 Breve Histórico da Fundação Educacional e Cultural São José	10
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO.....	14
2.1 Denominação do Curso	14
2.2 Endereço de Funcionamento	14
2.3 Justificativa do Curso.....	14
2.4 Processo de Construção/Implantação/Consolidação do PPC	15
2.5 Ato Legal.....	15
2.6 Número de vagas anuais autorizadas	16
2.7 Turno de Funcionamento	16
2.8 Carga Horária Total do Curso	16
2.9 Tempo de Integralização	16
2.10 Modalidade	16
3 CONTEXTO EDUCACIONAL.....	17
3.1 Breve Histórico do Curso	17
3.2 Políticas institucionais no âmbito do curso	18
3.3 Centro de Iniciação Científica e Extensão – CENICE.....	20
3.4 Revista Transformar.....	21
3.5 Extensão.....	21
3.6 Objetivos do curso	28
3.7 Perfil profissional do egresso.....	30
3.8 Estrutura curricular	33
3.9 Conteúdos curriculares	36
3.10 Metodologia	40
3.11 Estágio curricular supervisionado	43
3.12 Atividades complementares	44
3.13 Trabalho de conclusão de curso (TCC)	45
3.14 Apoio ao discente	46
3.15 Gestão do curso e os processos e avaliação interna e externa.....	52
3.16 Tecnologias de informação e comunicação – TIC no processo ensino- aprendizagem	55
3.17 Procedimentos de acompanhamento e avaliação dos processos de ensino- aprendizagem	56
3.18 Número de vagas	58

3.19 Integração do curso com o sistema local e regional de saúde/SUS	58
Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos	58
Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos e Hospital São José do Avaí	59
Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos/ UBS	59
3.20 Atividades práticas de ensino para área da saúde	60
4 CORPO DOCENTE	62
4.1 Núcleo Docente Estruturante - NDE	62
4.2 Atuação do coordenador	62
4.3 Regime de trabalho do coordenador do curso	66
4.4 Requisitos de titulação e experiência profissional do corpo docente	66
4.5 Titulação do corpo docente do curso	67
4.6 Regime de trabalho do corpo docente do curso	68
4.7 Experiência profissional do docente	71
4.8 Experiência no exercício da docência superior	72
4.9 Atuação do colegiado de curso	73
4.10 Produção científica, cultural, artística ou tecnológica	74
5 INFRAESTRUTURA	76
5.1 Espaço de trabalho para docentes em tempo integral	76
5.2 Espaço de trabalho para o coordenador	76
5.3 Sala coletiva de professores	76
5.4 Salas de aula	77
5.5 Acesso dos alunos a equipamentos de informática	77
5.6 Bibliografia básica	78
5.7 Bibliografia complementar	79
5.8 Laboratórios didáticos de formação básica	80
5.9 Laboratórios didáticos de formação específica	81
5.10 Laboratórios de ensino para área de saúde	83
6 Requisitos legais e normativos	85
6.1. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso	85
6.2. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	85
6.3. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos	85
6.4. Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista	86
6.5. Titulação do corpo docente	87
6.6. Núcleo Docente Estruturante (NDE)	87
6.7. Carga horária mínima, em horas	87
6.8 Tempo de integralização	87
6.9 Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida	87
6.10 Disciplina de Libras	88
6.11 Informações acadêmicas	88
6.12 Políticas de educação ambiental	88
ANEXOS	90
1 Matriz Curricular	90
2 Representação Gráfica – Estrutura Curricular	93
3 Ementário	94
4 Regimento das Atividades Complementares	199
5 Estágio Supervisionado	212

Regimento.....	212
Regulamento.....	220
Plano de estágio	230
6 Manual de normas de formatação de trabalho de conclusão de curso (TCC) .	249

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA IES

1.1 Mantenedora

Fundação Educacional e Cultural São José

1.2 Base Legal da Mantenedora

Situada a Rua Major Porphírio nº 41, Centro, Itaperuna/RJ – CEP.: 28300-000, Registrada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas – Cartório do 3º ofício da Comarca sob nº185, livro A.1 de Pessoas Jurídica fls. 410.

1.3 Nome da IES

Centro Universitário São José de Itaperuna

1.4 Base Legal da IES

Parecer CEE nº 007, de 03/02/2009, publicado do D.O. de 12/05/2009.

1.5 Perfil e Missão da IES

O Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) busca oferecer cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* coerentes com o mercado de trabalho local e regional, sob a perspectiva de política de mercado contemporânea; e com a mesma qualidade, no que tange ao corpo docente especializado, dos grandes centros, oportunizando acesso e permanência no Ensino Superior, ampliando a escolarização da população local, e também daqueles que provêm de outros municípios do norte/noroeste do estado e/ou de outros estados circunvizinhos.

São mais de 50 anos de credibilidade com a comunidade local e social pelos relevantes serviços educacionais que oferece buscando atender às demandas do Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, região onde está situado e contribuir para a promoção da cidadania através da inclusão social dos acadêmicos.

O UNIFSJ busca atender a demanda, através de princípios filosóficos e da sua visão de futuro, desenvolvendo suas ações pedagógicas pautado nas finalidades da educação superior, de forma coerente e condizente com a realidade local, tendo como perfil institucional:



I - Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II – Formar profissionais para a participação no desenvolvimento social;

III - Incentivar o trabalho de iniciação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, desenvolvendo a relação do homem com o contexto em que está inserido;

V – Oferecer atividades acadêmico-científico-culturais com o intuito de suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora à prática cotidiana;

VI – Promover ações sociais onde o estudante pode prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da iniciação científica geradas na instituição.

1.6 Missão

Ser uma Instituição cuja excelência do desenvolvimento científico, tecnológico, artístico, cultural e da formação profissional contribua para a promoção de ações sociais que proporcionem a melhoria dos padrões de vida em sociedade, auxiliando numa convivência mais justa e solidária, de modo a garantir a aplicação dos valores democráticos e de cidadania como práxis universitária.

1.7 Objetivos do Centro Universitário São José de Itaperuna

O Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), como instituição educacional de ensino superior, tem como objetivos comuns, mantidas as características singulares aos cursos e o respeito às Diretrizes Curriculares:

- Desenvolver o ensino, a iniciação científica e a extensão universitária a fim de promover o desenvolvimento educacional, cultural e social da comunidade onde está inserida.

- Formar nas diferentes áreas do conhecimento humano cidadãos aptos para sua inserção em setores profissionais, e para sua participação no desenvolvimento da sociedade brasileira;
- Proporcionar o ensino de qualidade com tecnologia moderna para atendimento aos acadêmicos do UNIFSJ;
- Garantir a efetividade da Comissão Própria de Avaliação (CPA) para que os processos por ela desencadeados sejam vistos na comunidade como de superação de problemas concretos e de fixação de padrões de qualidade;
- Estabelecer as Linhas Curriculares Institucionais, que nortearão as ações do Centro Universitário no ensino, na iniciação científica e na extensão promover a assimilação de valores culturais, preservando as tradições, confrontando-as com outras concepções vinculadas pela sociedade e propondo alternativas de interpretações do sentido da existência humana, dentre outros.

Para fazer jus a missão em atendimento aos objetivos estabelecidos, o Centro Universitário São José de Itaperuna está sempre buscando recursos necessários para a formação de um profissional ligado às mudanças do mundo contemporâneo. Para tal vem ao longo do tempo, implementando uma infraestrutura de ensino capaz de oferecer ao discente, a comodidade, o conforto e a segurança necessários, além das condições tecnológicas de ensino virtual e físico, este último por meio de ferramentas compatíveis com a formação acadêmica do discente e objetivos do Curso.

1.8 Dados socioeconômicos e socioambientais da região

Itaperuna é um município que compõe a Região Noroeste Fluminense, juntamente com outros 12 municípios conforme tabela abaixo. O município está em posição geográfica que possibilita ainda o fácil acesso aos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, bem como a municípios vizinhos como Campos dos Goytacazes, Macaé, entre outros, o que coloca a cidade, inegavelmente, na situação de polo educacional.

Distante, aproximadamente 360 quilômetros da capital do estado do Rio de Janeiro, Itaperuna apresenta um contexto promissor para a operacionalização de ações condizentes com a missão e visão definida para o Centro Universitário São

José de Itaperuna, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

Cidade	Matriculados no Ensino Médio em 2020	População estimada 2021	Número de empresas atuantes 2019	Total Estabelecimento de saúde - 2009	
				Particular	Público
Aperibé	300	12.036 habitantes	262	3	8
Bom Jesus do Itabapoana	1.897	37.306 habitantes	885	12	28
Cambuci	433	15.521 habitantes	222	2	6
Italva	331	15.387 habitantes	255	2	12
Itaocara	827	23.211 habitantes	631	7	11
Itaperuna	3.589	104.354 habitantes	3.049	25	27
Laje do Muriaé	246	7.298 habitantes	106	0	8
Miracema	921	27.134 habitantes	571	9	9
Natividade	478	15.305 habitantes	271	2	10
Porciúncula	543	19.068 habitantes	322	3	14
Santo Antônio de Pádua	1.712	42.705 habitantes	1.287	14	17
São José de Ubá	158	7.240 habitantes	99	1	5
Varre-Sai	377	11.208 habitantes	124	1	4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>

Alguns aspectos a serem considerados acerca do cenário local (Itaperuna) com base em dados atualizados do IBGE:

Área da unidade territorial [2021]	1.106,694 Km ²
População residente total [2010]	95.841 pessoas

População residente – Homens [2010]	46.553 pessoas
População residente – Mulheres [2010]	49.288 pessoas

Informações econômicas

PIB per capita [2019]	30.000,24 Reais
Número de empresas [2019]	3.049

Conforme dados apresentados, Itaperuna é o mais populoso município da região. Observa-se que a população apresenta uma participação feminina superior à masculina.

Ainda segundo dados do IBGE sobre os estudantes matriculados no Ensino Médio, o Centro Universitário São José de Itaperuna entra neste contexto, na capacitação destes estudantes e dos oriundos de toda a região, com a missão de: formar profissionais competentes inseridos na comunidade regional, capazes de construir o conhecimento, promover a cultura, a fim de comprometer-se com a qualidade de ensino, tendo em seu quadro doutores, mestres e especialistas totalmente integrados com todos os detalhes do projeto educacional e dispostos a contribuir para com a plena realização do trabalho.

Com a expansão econômica advinda pelo aumento da prospecção e exploração do petróleo e, principalmente, pela implantação do Mineroduto Minas/Rio e o complexo siderúrgico de Açú, em cidades vizinhas, Itaperuna vem recebendo um aumento progressivo de investimento públicos e privados oferecendo produtos de acordo com as necessidades locais, sem falar das instituições de ensino superior que vêm alterando consideravelmente o cenário itaperunense, já que a cidade recebe pessoas de vários municípios para estudar nas IES sediadas no município. Grande parte destas pessoas, assim como as que moram na região, após a sua formação saem do município buscando melhores oportunidades, outra parcela permanece na localidade participando ativamente do progresso local.

Em consonância com estes pressupostos, o Centro Universitário São José de Itaperuna apoia-se em sua missão: ser uma Instituição cuja excelência do desenvolvimento científico, tecnológico, artístico, cultural e da formação profissional

contribua para a promoção das ações sociais que proporcionem a melhoria dos padrões de vida em sociedade, auxiliando na construção de uma sociedade mais justa e solidária, de modo a garantir a aplicação dos valores democráticos e de cidadania como práxis universitária.

1.9 Breve Histórico da Fundação Educacional e Cultural São José

A Fundação Educacional e Cultural São José, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, com sede e foro no município de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, registrada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas – Cartório do 3º ofício da Comarca sob nº185, livro A.1 de Pessoas Jurídica fls. 410, está instalada na Rua Major Porphírio nº 41, Centro, Itaperuna - Rio de Janeiro, tendo por finalidade "instalar e manter estabelecimentos de ensino de todos os níveis admitidos pela atuação na área da educação promovendo assistência educacional inclusive gratuitamente".

A história da mantenedora do Centro Universitário São José de Itaperuna mistura-se com a história local, já que a sua instituição se deu a partir do trabalho de um bravo lutador, o saudoso Padre Humberto Lindelauf, Pároco da Igreja Matriz de São José do Avahy que, embora alemão de nascimento, tornou-se itaperunense de alma e coração.



*Foto do Padre Humberto Lindelauf
História e Memória da Fundação São José: 40 anos de Educação*

A inserção do Pe. Humberto na história de Itaperuna e da Fundação São José, se dá a partir de sua vinda para o Brasil, como missionário, somando forças para o desenvolvimento do município de Itaperuna. Iniciou suas atividades na Matriz São José do Avahy, ocasião em que, preocupado com a situação da educação no município, sobretudo no que dizia respeito à mão de obra especializada, vislumbrou

a possibilidade da criação de um Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT). A partir de então, fundou a Associação Educacional e Cultural São José, mantenedora do Ginásio São José, ainda na década de 1960, destinado a meninos carentes que realizavam oficinas de carpintaria, marcenaria, gráfica e torno mecânico, preparando os jovens aprendizes para o mercado de trabalho. Posteriormente, criou a Fundação São José, agora com o intuito de manter a Faculdade de Filosofia de Itaperuna (atual UNIFSJ), tão necessária ao desenvolvimento local e regional.

Durante a década de 1980, a então Fundação Educacional e Cultural São José passa a oferecer todos os Cursos da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante e, somente a partir do ano 2000, são implementados os cursos técnicos. Ainda na década de 1980, a Escola de Aplicação passa a destinar-se a aplicação prática do estágio supervisionado dos cursos de licenciatura, o que muito contribuiu para os acadêmicos à época.

Iniciou suas atividades no ano de 1968 com a instalação da Faculdade de Filosofia de Itaperuna – FAFITA, 1ª instituição de ensino superior da região, autorizada pelo Conselho Estadual de Educação, Ato de 26/04/68, publicado no Diário Oficial de 04/05/68, com os Cursos de Letras, Ciências Sociais, Pedagogia e Matemática, funcionando nas dependências do então Ginásio São José, a que veio se juntar, posteriormente, no ano letivo de 1972, o Curso de Estudos Sociais, com licenciatura de 1º grau.

A Faculdade de Filosofia de Itaperuna consolidou-se na região noroeste fluminense, sul capixaba e zona da mata mineira, tendo obtido o reconhecimento de seus cursos no ano de 1975, através do Decreto Federal nº 75.514, de 19/03/1975, publicado no D.O.U. de 20/03/1975.

Na medida em que crescia o conceito da Faculdade na região, também tornava-se imperiosa a necessidade de implantação de outros cursos. Com essa visão, a Entidade Mantenedora encaminha ao Conselho Estadual de Educação o projeto do Curso de Ciências Contábeis, a ser ministrado pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Padre Humberto - FACITA, cuja aprovação se deu através do Parecer CEE nº 471/86, que veio a ser reconhecido pela Portaria nº 748, de 06/05/1993, publicada no D.O.U. de 10/05/93. Posteriormente, autorizado pelo

Parecer CEE nº 233, de 20/10/2001, publicado no D.O. de 22/11/2001, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Padre Humberto passou a contar também com o Curso de Comunicação Social – Jornalismo, tendo alcançado o seu reconhecimento pelo Parecer CEE nº 027/2007, de 26/09/2007, publicado no D.O. de 02/10/2007.

Nos idos de 1999, foi autorizado o funcionamento do Curso de Tecnologia em Informática, Parecer CEE nº 027/2000, de 21/12/1999, publicado no D.O. de 28/01/2000, a ser ministrado pela Faculdade de Informática de Itaperuna – FAINITA, cujo reconhecimento se deu pelo Parecer CEE nº 1.182/2002, de 17/12/2002, D.O. de 20/05/2003.

No limiar do novo século, a Fundação submete ao egrégio Conselho de Educação do Estado do Rio de Janeiro a proposta de integração das Faculdades de Filosofia de Itaperuna – FAFITA, de Ciências Humanas e Sociais Padre Humberto – FACITA e de Informática – FAINITA, criando as Faculdades Integradas Padre Humberto – FIPH, tendo obtido autorização emitida pelo Parecer CEE Nº 108/03, de 21/08/03, D.O. de 05/09/03.

Em 2008, a Fundação solicitou ao Conselho Estadual de Educação o credenciamento do Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ, por transformação das Faculdades Integradas Padre Humberto – FIPH, tendo obtido o credenciamento pelo Parecer CEE nº 007, de 03/03/2009, publicado do D.O. de 12/05/2009.

O Centro Universitário São José de Itaperuna respondeu até o dia 10 de novembro de 2011, aos preceitos legais de ordem Estadual emanadas do Conselho Estadual de Educação. Posterior a esta data e, por força do Edital nº 01/2011, o UNIFSJ deixa de responder à autarquia Estadual, passando a responder aos preceitos e fundamentos legais do Ministério da Educação- MEC- passando a compor o Sistema Federal de Educação.

Atualmente o Centro Universitário São José de Itaperuna oferece os cursos de Administração, Biomedicina, Ciências Contábeis, Enfermagem, Farmácia, Psicologia, História e Letras, além de cursos de Pós-graduação lato sensu nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da

Saúde e Linguística, Letras e Artes. Até 2011 o Centro Universitário José de Itaperuna era supervisionado pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, e migrou no ano 2011 para a supervisão do Ministério da Educação - MEC.



2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

2.1 Denominação do Curso

O curso de Enfermagem confere ao graduado o diploma de bacharel em Enfermagem.

2.2 Endereço de Funcionamento

Rua Major Porphírio nº 41, Centro, Itaperuna/RJ – CEP.: 28300-000

2.3 Justificativa do Curso

A Enfermagem, como todas as outras profissões, vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Essas transformações foram desencadeadas pelo desenvolvimento da tecnologia em saúde aliada ao avanço da medicina e o controle sistemáticos de determinadas doenças. O curso de graduação em Enfermagem da UNIFSJ busca fortalecer a construção do perfil profissional enfermeiro, ou seja, um profissional preparado tecnicamente, com visão de responsabilidade social e comprometimento com a cidadania. Com tais intenções, o projeto pedagógico do curso contempla uma organização didático-pedagógica com foco no cuidado humano, sob a ótica da integralidade.

A realidade do município e região no que tange a saúde pública é precária não somente em logística e instrumentação, mas também em profissionais habilitados para exercer a função de forma ética e eficaz. Daí a necessidade de se ter no município o curso de graduação em Enfermagem buscando proporcionar formação de qualidade aos que desejarem ingressar no mercado de trabalho na área.

O compromisso social do curso se justifica pelas seguintes razões: a exigência de profissionais com competência técnica e humanística para atender as demandas da área da saúde; a necessidade de profissionais aptos para atuarem em equipes multidisciplinares de instituições públicas e/ou privadas na área da saúde; desenvolvimento da profissão, por meio da qualificação de profissionais para a prática, o ensino e a pesquisa; a importância de formar profissionais responsáveis

por prestar o conhecimento na assistência de Enfermagem.

Assim posto, o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem está diretamente relacionado com as demandas efetivas de natureza econômica, social, cultural e política da região.

2.4 Processo de Construção/Implantação/Consolidação do PPC

A elaboração do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna deu-se mediante construção coletiva, primando pelo envolvimento do Núcleo Docente Estruturante (NDE), ouvido o colegiado de Curso, acolhendo as sugestões apresentadas pela comunidade acadêmica através da avaliação institucional, do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico – NAPE.

A realidade das necessidades locorregionais, a missão da instituição, a legislação vigente, o PDI, o perfil do egresso, a vivência dos participantes, a integração e a interdisciplinaridade foram buscados e aprimorados durante a realização dos trabalhos, tendo por diretiva os princípios do Sistema Único de Saúde(SUS) e as atuais discussões sobre as readequações na graduação em saúde.

Este processo coletivo de construção possibilitou entender que o aprender é um exercício de (re)criação complexo, permeado pela incompletude, pela dificuldade, pela vontade, pela ousadia e pelo prazer do crescimento pessoal dos envolvidos. Neste sentido, o Projeto Pedagógico é um importante instrumento que reflete a identidade e as direções intencionais do curso, definindo ações educativas e as características necessárias ao cumprimento dos propósitos e intencionalidades.

Após aprovação pelo Conselho Superior, sua inserção e seu fortalecimento serão acompanhados pela Coordenação, pelo Colegiado de Curso, NDE, CPA e NAPE.

2.5 Ato Legal

O curso foi autorizado pela Resolução do Conselho Superior de 26/05/2009 e reconhecido pela Portaria nº 1188, de 24/11/2017, DOU nº 226, Seção 1, pág 90, de



27/11/2017.

2.6 Número de vagas anuais autorizadas

70 vagas anuais

2.7 Turno de Funcionamento

O Turno de Funcionamento é Noturno, porém os dois últimos semestres são cursados em tempo integral, tendo em vista que o horário de funcionamento do estágio é matutino/vespertino.

2.8 Carga Horária Total do Curso

4.037 horas

2.9 Tempo de Integralização

O Curso de enfermagem possui um tempo de Integralização de no mínimo de 04 (quatro) anos, considerando o artigo 2º em seu inciso IV da Resolução 04 de 06 de abril de 2009. A justificativa para a oferta do curso em um período mais curto está alicerçada na matriz curricular (conforme anexo) que prevê os dois últimos semestres cursados em tempo integral, tendo em vista que o horário de funcionamento do estágio é matutino/vespertino. O tempo máximo de integralização é de 12 semestres letivos.

2.10 Modalidade

Presencial

3 CONTEXTO EDUCACIONAL

3.1 Breve Histórico do Curso

O Curso de Enfermagem, é oferecido pelo Centro Universitário São José de Itaperuna, à Rua Major Porphírio Henriques, Centro, na cidade de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, no turno noturno. O curso foi autorizado pela Resolução do Conselho Superior de 26/05/2009 e reconhecido pela Portaria n° 1188, de 24/11/2017, DOU n° 226, Seção 1, pág 90, de 27/11/2017. A oferta é de 70 vagas anuais, com duas entradas semestrais. O curso de Enfermagem tem uma carga horária total de 4.037 horas.

O Curso de Enfermagem, do Centro Universitário São José de Itaperuna, caracteriza-se pela formação de profissionais de ordem generalista, humanista, crítica e reflexiva para atuar nos níveis de atenção à saúde com as atribuições essenciais à prevenção, à promoção e à reabilitação da saúde tanto no nível individual quanto coletivo.

No intuito de aproximar o profissional de sua realidade, bem como de instrumentalizá-lo com habilidades e competências necessárias a sua atuação junto à comunidade, e, também, em respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais, o Curso de Enfermagem centra-se no aluno como sujeito da aprendizagem, apoiado no professor como facilitador e mediador do processo de ensino e aprendizagem buscando a formação integral e adequada, por meio de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

A realidade do município e região no que tange a saúde pública é precária não somente em logística e instrumentação, mas também em profissionais habilitados para exercer a função de forma ética e eficaz. Daí a necessidade de se ter no município o curso de graduação em Enfermagem buscando proporcionar formação de qualidade aos que desejarem ingressar no mercado de trabalho na área.

O curso visa formar um profissional capaz de atuar na sociedade de forma crítica, tomar decisões e implantar soluções para os problemas, atuando com ética

profissional, compreensão da realidade social, cultural e econômica de seu meio. Contribui, portanto, no atendimento das necessidades da região de sua abrangência, bem como das demais regiões em que estão inseridos os futuros egressos.

Para realização de uma prática efetiva, oferecendo uma formação completa, o Centro Universitário São José de Itaperuna tem convênios firmados com Instituições Privadas e Públicas de Saúde na esfera Municipal e Estadual, sendo: Hospitais, Posto de Saúde, Programas de Saúde da Família, Unidade de Pronto Atendimento, CAP's e Pronto Socorro.

Assim posto, o compromisso social se justifica pelas seguintes razões: a exigência de profissionais com competência técnica e humanística para atender as demandas da área da saúde; a necessidade de profissionais aptos para atuarem em equipes multidisciplinares de instituições públicas e/ou privadas na área da saúde; desenvolvimento da profissão, por meio da qualificação de profissionais para a prática, o ensino e a pesquisa; a importância de formar profissionais responsáveis por prestar o conhecimento na assistência de enfermagem.

3.2 Políticas institucionais no âmbito do curso

O Curso de Enfermagem possui ações integradas relativas ao ensino, pesquisa e extensão, buscando atender a essas diretrizes próprias do Curso que são asseguradas pelo Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). O PDI, PPI e o PPC se complementam de forma a promover atividades de extensão por meio de um processo educativo, cultural e científico que articulam pesquisa e ensino, viabilizando a relação formadora.

As políticas institucionais de ensino do Centro Universitário São José de Itaperuna têm por objetivo desenvolver a concepção crítica do aluno, assim como despertar a criatividade e a compreensão dos conhecimentos técnicos peculiares de cada de Curso. Para isso, busca promover um ensino ético, humanista e generalista, que proporcione processo efetivo de ensino de qualidade e coerência com as realidades locorregionais, fazendo uso de metodologias adequadas que desenvolvem a técnica e a prática devidamente fundamentadas para o exercício eficaz da profissão.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa é o processo de produção de um conhecimento novo, a partir de um determinado problema, o UNIFSJ, através da Iniciação Científica, busca permanentemente o avanço e a renovação do conhecimento incitando investigações e promover a divulgação de seus resultados a serviço da comunidade. Por conseguinte, a investigação se articula com o ensino e com a extensão.

Com a implantação do Centro de Iniciação Científica e Extensão do Centro Universitário São José de Itaperuna, os docentes e os discentes têm maior incentivo e apoio para a elaboração dos seus projetos e realização de suas pesquisas, promovendo a (re)construção de descobertas. A investigação científica desenvolve o espírito crítico e criativo, a curiosidade, o aprofundamento e a disciplina do ser humano e futuro profissional.

As linhas de pesquisa se tornaram um campo de permanente interação com as atividades do ensino. Para tanto, é realizada uma atividade integrada articulada por uma das disciplinas do Curso a estimular a investigação documental, bibliográfica e de campo. Assim, os estudantes de Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna direcionam suas pesquisas, no âmbito da iniciação científica, a fatores diretamente ligados ao seu perfil profissional e às necessidades sociais. Entre as linhas desenvolvidas pelos alunos na Instituição tem-se:

a) **Políticas, avaliação e atenção em saúde e enfermagem** - Compreende estudos dos processos de construção e implementação de políticas públicas, da avaliação e da atenção em saúde e enfermagem.

b) **Gestão em saúde e enfermagem e organização do trabalho** - Desenvolve estudos sobre gestão/gerenciamento de serviços de saúde e enfermagem, organização do trabalho e interfaces relacionadas.

c) **Promoção, educação, cuidado e vigilância em saúde e enfermagem** - Desenvolve estudos e intervenções em saúde coletiva na perspectiva de práticas e políticas de atenção integral em saúde e enfermagem. Contempla a análise da situação nos processos de saúde e de adoecimento, nas práticas de atenção, nos

contextos da educação, da promoção, do cuidado e da vigilância em saúde.

Convém registrar que novas linhas de pesquisa poderão ser acrescentadas em virtude das transformações sociais, das exigências impostas pelo mercado de trabalho e por novas demandas socioculturais, políticas e/ou econômicas.

Portanto, as políticas institucionais de ensino, extensão e pesquisa estão implantadas no curso e claramente voltadas para a promoção de oportunidades de aprendizagem alinhadas ao perfil do egresso.

3.3 Centro de Iniciação Científica e Extensão – CENICE

O Centro de Iniciação Científica (CENICE) do UNIFSJ é o setor destinado a estimular a oferta e a realização de atividades de iniciação científica e extensão pelos acadêmicos e docentes vinculados ao Centro Universitário São José de Itaperuna; certificar; manter a guarda documental; capacitar pessoal e realizar, quando oportuno, palestras/seminários/congressos com temáticas voltadas para diversas áreas de atuação.

A Iniciação Científica no UNIFSJ tem definida a política de ação no conjunto normativo da IES: (PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, Regimento Geral do Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ e normas definidas pelo Programa de Iniciação Científica e Extensão - CENICE).

Entende-se que a pesquisa é o processo que garante a contínua (re)elaboração do conhecimento humano. A investigação além do compromisso precípua de produção de conhecimento, constitui-se em estratégia de revitalização intelectual e de organização profissional.

Pretende-se que o Curso de Enfermagem se constitua num espaço aberto para a circulação e análise do pensamento científico, formando um polo profissionalizante em favor do nível qualitativo do profissional que se pretende formar. Pretende-se oferecer ainda condições básicas para que o acadêmico seja capaz de produzir, ou seja, ler, refletir, observar e classificar, ações fundamentais e necessárias de quem investiga.

O objetivo é aproximar o acadêmico de um contexto de experimento,

aguçando-lhe o pensamento crítico e o agir metódico, no sentido da busca por respostas que terão como resultante a melhoria das condições de vida da população local, regional, e quiçá nacional.

Portanto, o UNIFSJ busca por meio de projetos ligados à área de estudo do acadêmico, objetivando a aquisição de recursos que dinamizem a execução do projeto de iniciação científica e que, ao mesmo tempo, faculte ao acadêmico, ampliar seus conhecimentos de maneira específica, a saber:

- Realizar investigação científica voltadas para o aprofundamento teórico-prático das disciplinas dos cursos que a instituição ministra;
- Estimular a formação de pesquisadores capazes de buscar entender as problemáticas que perpassam o seu cotidiano como profissionais;
- Iniciar alunos da graduação no processo científico, de forma a torná-los mais qualificados para o exercício de sua profissão;

3.4 Revista Transformar

O Centro Universitário São José de Itaperuna, mantém a Revista Transformar, que faz parte de diversos indexadores como o SEER/IBICT, Latindex, CAPES, classificada no Qualis da CAPES como B1, na área interdisciplinar no período 2017-2020.

Quanto à submissão de artigos, a revista aceita apenas artigos em áreas ligadas aos cursos oferecidos pela IES, buscando de forma transdisciplinar difundir as investigações realizadas por estudantes e docentes do UNIFSJ e da comunidade intelectual externa.

3.5 Extensão

A extensão no Centro Universitário visa interligar as atividades de ensino e pesquisa com as demandas da sociedade, com ela se integrando numa ação conjunta e transformadora, participando da construção e dos benefícios do progresso humano, científico e cultural, transferindo para esta os conhecimentos desenvolvidos com as atividades de ensino e pesquisa e captando demandas e necessidades da sociedade para orientar a produção e o desenvolvimento de novos

conhecimentos.

Outrossim, o ensino passa a ser um momento de formação prazerosa, dinâmica e de descobertas, o que possibilita enxergar o universo acadêmico como algo a ser construído e (re)estruturado.

Os princípios básicos que norteiam a extensão universitária são:

- I. a ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades do local, da região e do país;
- II. UNIFSJ não pode se imaginar proprietária de um saber pronto e acabado que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, a instituição deve estar sensível a seus problemas e apelos, quer através dos grupos sociais com os quais interage, quer através das questões que surgem de suas atividades próprias de ensino, pesquisa e extensão;
- III. UNIFSJ deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação das atuais condições de desigualdade e exclusão existentes no Brasil;
- IV. a ação cidadã do UNIFSJ não pode prescindir da efetiva difusão dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações, cujos problemas tornam-se objeto da pesquisa acadêmica, sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessas pesquisas;
- V. a prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do ensino, pesquisa e extensão, devendo ser encarada como um trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir da realidade e sobre a realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visem à transformação social;
- VI. a atuação junto ao sistema de ensino público deve se constituir em uma das diretrizes prioritárias para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico-científicas e colaboração na

construção e difusão dos valores da cidadania.

As práticas de extensão, intimamente relacionadas às práticas de ensino e de iniciação científica, conformam uma rede e estão fundamentalmente implicadas com a sociedade, com a economia e com a cultura local. Espera-se, portanto, contribuir para um processo de construção do conhecimento não encerrado nos limites da IES, mas fazer desta uma potencializadora de dispositivos que estendam as possibilidades de ação dos acadêmicos na sociedade, o que requer uma atenção especial às suscetibilidades do meio, bem como uma habilidade na captação de parceiros das mais diferentes esferas.

As atividades de extensão têm os seguintes objetivos:

- I. integrar o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade universitária com interesses e necessidades da sociedade, em todos os níveis, estabelecendo mecanismos que relacionem o saber acadêmico a outros saberes;
- II. democratizar o conhecimento acadêmico e a participação do UNIFSJ junto à sociedade;
- III. incentivar a prática acadêmica de forma que contribua para o desenvolvimento da consciência social e política, formando profissionais-cidadãos;
- IV. participar criticamente das propostas que objetivem o desenvolvimento regional, econômico, educativo, científico, tecnológico, social, esportivo, cultural e artístico;
- V. contribuir para reformulações de concepções e práticas curriculares do Centro Universitário, bem como para a sistematização do conhecimento produzido.

A prática da extensão, possibilita o equilíbrio entre as demandas socialmente exigidas e as inovações que surgem do trabalho acadêmico, propiciando uma maior versatilidade na formação, podendo ser útil na definição do perfil do aluno, tanto

para responder a um anseio de fundamentação acadêmica, como a de atender demandas da sociedade.

As modalidades de ações de extensão universitária são:

- I. Projetos: envolvem atividades interdisciplinares de maior amplitude, formados por um conjunto de ações extensionistas. Neste caso, o professor responsável poderá solicitar o auxílio de discentes.
- II. Cursos: ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, planejada e organizada de modo sistemático e abertos ao público em geral.
- III. Eventos: ações que envolvem a comunidade acadêmica abertas ao público, tais como Semana Acadêmica, congressos, jornadas, feiras, fóruns e similares;
- IV. Serviços: caracterizados como atendimento à comunidade, diretamente ou em parceria com instituições públicas e particulares;

As ações de extensão no UNIFESJ deverão ser desenvolvidas seguindo os eixos temáticos, a saber:

- I. educação, direitos humanos e sociedade;
- II. relações étnico-raciais, memória e identidade cultural;
- III. saúde, meio ambiente e cidadania;
- IV. psicologia, subjetivação, psicopatologia e linguagem;
- V. gestão de negócios, economia e mercados.

3.5.1 Prática Extensionista como componente curricular - PECC

É importante que as ações de extensão possibilitem aos estudantes a vivência de experiências significativas, que deem as mesmas condições de refletir sobre as grandes questões da atualidade e, a partir da experiência e dos conhecimentos produzidos e acumulados, possam consolidar uma formação compatível com os anseios de uma nação que se pretende cidadã. Sendo assim, será necessário realizar as atividades de extensão e consolidá-las como práticas permanentes e fonte de retroalimentação curricular. A concepção e a prática da

Curricularização da extensão preveem:

- I. a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto socioambiental;
- II. a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja integrada à matriz curricular;
- III. a promoção de mudanças na IES e demais setores da sociedade, advindas da construção e aplicação de conhecimentos, bem como de outras atividades acadêmicas e sociais;
- IV. a articulação entre ensino, extensão e iniciação científica, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político, artístico, cultural, científico e tecnológico;
- V. a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável;
- VI. o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, respeitando e promovendo a interculturalidade crítica;
- VII. a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social do UNIFSJ com todas as áreas, em especial às de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos, educação para diversidade de gênero e sexualidades, educação indígena e quilombola, educação do campo e inclusão de pessoas com deficiência;
- VIII. a promoção da reflexão ética quanto à dimensão socioambiental do ensino e da pesquisa;

- IX. o incentivo à atuação da comunidade acadêmica na contribuição ao enfrentamento das questões da sociedade brasileira, inclusive por meio do desenvolvimento econômico, social e cultural;
- X. atuação voltada à resolução de problemas e conflitos socioambientais identificados por meio de diagnóstico sócio participativo; e
- XI. produção de conhecimentos voltados para o desenvolvimento social, equitativo, sustentável, contextualizados nas realidades locais, regionais e nacional, construídos em conjunto com sujeitos e grupos sociais parceiros de ações de extensão.

No início do semestre letivo em que a PECC será desenvolvida, deverá ser elaborado um projeto de PECC a partir das temáticas apontadas para cada semestre.

Os acadêmicos do curso de Enfermagem, ao final do curso, deverão perfazer o mínimo de 410 horas, correspondente aos 10% exigidos pela legislação vigente. A eles deve ser oferecida a oportunidade de utilizar os conhecimentos teóricos na prática, desenvolver novas metodologias, colocando-o em contato direto com questões importantes que extrapolam os muros da IES. Na relação com a pesquisa, a extensão possibilita a produção de conhecimento na interface UNIFSJ e sociedade, bem como na sua relação com o ensino, aprofunda a discussão sobre um novo conceito de que a sala de aula deve compreender todos os espaços, dentro e fora do ambiente acadêmico.

A PECC, no curso Enfermagem, não se propõe a definir projetos específicos, mas definir temáticas de trabalho a partir dos componentes curriculares dos períodos, a fim de ampliar as possibilidades e avaliar constantemente como os projetos transformam a relação do UNIFSJ com a comunidade em seu entorno.

Ainda, podem ser contabilizadas, na carga horária de PECC, as ações extensionistas realizadas por meio de programas, projetos, cursos e oficinas, eventos e prestação de serviço, inclusive por Empresas Juniores, com ou sem fomento.

Nessa perspectiva, o Curso de Enfermagem incentivará atividades de

extensão como instrumentos capazes de contribuir, numa interação dialógica, decisivamente, para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em diversas escolas da região, bem como outros setores da sociedade que demandam a participação dos nossos professores, técnicos e acadêmicos.

A validação da carga horária da PECC no histórico escolar dos estudantes far-se-á mediante comprovação documental, junto à coordenação do curso, respeitando-se o que segue:

- I. a carga horária da PECC validada e integralizada não pode, cumulativamente, ser contabilizada para compor a carga horária das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, Estágio Curricular e Trabalho de Conclusão de Curso - TCC;
- II. para a validação e integralização da PECC, será considerada a carga horária constante do respectivo certificado ou documento comprobatório;
- III. componentes curriculares específicos da PECC não poderão ser integralizados mediante exame de competência ou aproveitamento de estudos;
- IV. estudantes ingressantes por meio de transferência, equivalência ou reopção poderão pleitear o aproveitamento de práticas extensionistas anteriores a sua entrada no curso, desde que elas tenham compatibilidade com a área de formação, que tenham sido realizadas no prazo de até cinco anos e que não compreendam mais de 50% (cinquenta por cento) da carga horária total destinada à PECC no curso.
- V. a carga horária total da PECC desenvolvida ao longo do curso pelo acadêmico deverá constar em seu histórico escolar;

A PECC deve se sujeitar à contínua autoavaliação crítica, para o aperfeiçoamento de suas características essenciais de articulação com o ensino, a iniciação científica, a formação acadêmica, a qualificação docente, a relação com a sociedade, a participação dos parceiros e a outras dimensões acadêmicas

institucionais. Essa autoavaliação inclui:

- I. identificação da pertinência da utilização das atividades de extensão;
- II. a contribuição das atividades de extensão para o cumprimento dos objetivos do PDI e dos PPC;
- III. a demonstração dos resultados alcançados em relação ao público participante;

3.6 Objetivos do curso

O Curso de Enfermagem do UNIFSJ, ancorado nas legislações pertinentes, objetiva dotar o estudante de conhecimentos requeridos com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, tornando-o um profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, sendo capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes e atuando com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, bem como promotor da saúde integral do indivíduo.

O curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna, tem por objetivo prover as seguintes competências e habilidades ao estudante:

a) para atuar profissionalmente, compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas e estabelecendo novas relações com o contexto social atual.

b) Participar da composição de estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde, bem como compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações, atuando nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso.

c) Reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado

e contínuo das ações e intervenção no processo de saúde-doença, nos serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso respondendo às especificidades regionais de saúde através de intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção, reabilitação e atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades.

d) Utilizar os instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde nas diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família, comunidade e a própria saúde física e mental buscando seu bem-estar enquanto cidadão e enfermeiro.

e) Atuar nos diferentes cenários da prática profissional, considerando os pressupostos dos modelos clínico e epidemiológico, planejando e implementando programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais, atuando como agente de transformação social.

f) Assumir os princípios éticos, legais e humanísticos com o trabalho multiprofissional em saúde, utilizando instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.

g) Desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional, sendo capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde, de comunicar-se, tomar decisões, intervir no processo de trabalho, trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança.

h) Usar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem.

i) Coordenar o processo de cuidar em enfermagem e o trabalho em equipe, considerando contextos e demandas de saúde;

j) gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética, com resolutividade tanto em nível individual como coletivo em todos os âmbitos de atuação profissional;

k) promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de

transformação social;

l) aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática;

m) assumir posições de liderança no trabalho em equipe multiprofissional, sempre tendo em vista o bem estar da comunidade;

n) Planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos profissionais de enfermagem e de saúde, desenvolvendo e aplicando pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional;

O curso tem como base as orientações do SUS que preconizam o atendimento a saúde, centrado no cliente, na família e na comunidade, no sentido não somente, de minimizar os sintomas causados por uma patologia, mas, sobretudo numa perspectiva de acolhimento e solidariedade.

O curso está, assim, estruturado sob a relação tríade entre os objetivos, a matriz curricular e o perfil profissional do egresso, atrelados ao contexto educacional regional/nacional, visando, através dos conteúdos curriculares, promover aquisição de conhecimentos pontuais com vistas a uma práxis qualitativa enquanto profissional da área da saúde.

3.7 Perfil profissional do egresso

O perfil do acadêmico do Curso de Graduação de Enfermagem, coerente com a missão do Centro Universitário São José de Itaperuna, não se limita a preparar indivíduos para a atuação no mercado de trabalho, mas, sobretudo, formar um profissional que contribua para a realização de ações sociais que promovam a melhoria dos padrões de vida em sociedade, garantindo a aplicação dos valores democráticos e de cidadania com práxis universitária.

Vale aqui a reflexão e destaque de que na proposta de formação, para evitar que os egressos se tornem meros reprodutores de ideias e conhecimentos adquiridos ao longo do curso, são trabalhadas competências e habilidades, gerais e específicas, que lhes permitem uma atualização contínua e permanente para que possam, contribuir para a aplicação do conhecimento às exigências novas

resultantes de transformações da realidade.

O Curso de Graduação em Enfermagem tem como perfil do formando egresso/profissional o Enfermeiro, uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, qualificando para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, de modo a ser capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes, o Curso de Enfermagem do UNIFSJ tem como proposta de perfil do egresso a formação científica sólida, tecnológica e profissional que o capacite a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

Ao final do seu percurso acadêmico, estes, além de cidadãos qualificados e críticos, devem também atuar na transformação da sociedade de maneira humana, eclética, ética, com visão globalizada dos aspectos socioambientais e culturais, científica e cidadã, reconhecendo a importância do aprimoramento profissional com bases científicas relacionadas às diferentes áreas de formação, a partir do desenvolvimento das competências e habilidades gerais e específicas que lhes permitam uma atualização contínua e permanente.

Para tanto, deve ser capaz de exercer sua profissão, inserido no contexto social, acompanhar a evolução do conhecimento em sua área, ser comprometido com o desenvolvimento regional e com as questões ligadas à sustentabilidade social e ambiental. Além de identificar e exercer sua profissão de acordo com as demandas locais, regionais e nacionais, bem como trabalhar em equipe interdisciplinar e multiprofissional.

Assim, o Curso de Enfermagem se propõe a contribuir com a formação do acadêmico do UNIFSJ a partir de ações de caráter acadêmico-científica, ética, sociocultural, artística e moral, de modo a oferecer condições reais de aplicação e desenvolvimento dos objetivos delineados para o curso, sem perder a função filosófico-pedagógica pautada nos pilares: o saber ser [a partir das características pessoais que o acadêmico deve ter], o saber [enquanto formação, a experiência

profissional e escolar que o acadêmico deve ter, em outras palavras, o currículo], o fazer [que compreende o papel que o acadêmico vai desempenhar no cargo, associados a características do cargo e/ou tarefas a serem realizadas] e o saber conviver que define as atitudes e comportamentos de convivência que o acadêmico deve ter na vida de relacionamento, tendo ainda sua atuação técnica e instrumental, articulada com outros ramos do saber e, com outros profissionais, evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinar.

Nesse sentido prima-se por uma formação que viabilize ao acadêmico exercer a prática profissional com competência, dignidade, respeito, responsabilidade e autonomia, nesta sociedade plural e complexa, marcada por valores culturais diversos e múltiplas maneiras de organização política e social, provendo-lhe uma verdadeira visão da realidade em que irá atuar, assim como uma compreensão crítica de sua práxis, possibilitando-lhe tomada de decisões que ocorram por opção e não por falta de alternativas.

Outrossim, o perfil profissional do egresso está de acordo com as DCN, e pretende formar profissionais dotados das competências e habilidades apresentadas e as articular com necessidades locais e regionais, sendo ampliado em função de novas demandas apresentadas pelo mundo do trabalho

Mecanismos de Acompanhamento dos egressos

O acompanhamento dos egressos representa uma busca pelo conhecimento institucional, tendo como foco da atenção os ex-alunos, a partir de suas realidades pessoais, acadêmicas e profissionais, na apreensão de dados relevantes sobre o ensino superior, contribuindo diretamente com a qualidade e atualização dos cursos de graduação e pós-graduação.

Como parte integrante do Programa de Avaliação Institucional, são enviados aos discentes egressos, questionários de avaliação da instituição, contendo informações do perfil socioeconômico atual do egresso, e sobre suas atuais atuações no mercado de trabalho.

No âmbito deste acompanhamento são realizadas as seguintes ações:

- Manutenção de registros atualizados dos acadêmicos egressos contendo,

além dos dados pessoais, informações sobre sua situação profissional e formação acadêmica complementar;

- Avaliação do desempenho da instituição, por meio do acompanhamento do desenvolvimento profissional dos(as) ex-alunos(as);
- Realização de análises quantitativas e qualitativas sobre os dados levantados, com o intuito de promover a melhoria do ensino dos cursos ministrados e possibilitar uma melhor integração com o mercado de trabalho, bem como planejar e aperfeiçoar as atividades acadêmicas do Centro;
- Realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a profissionais formados pela instituição que objetivem a formação continuada dos egressos do Centro;
- Promoção de atividades festivas, artísticas, culturais e esportivas que visam também a integração dos egressos com a comunidade interna do Centro;
- Promoção do intercâmbio entre ex-alunos(as).

3.8 Estrutura curricular

Sabe-se que o projeto pedagógico não é somente uma carta de intenções; deve expressar a reflexão e o trabalho realizado em conjunto por todos os profissionais da IES, no sentido de atender às diretrizes do Sistema Nacional de Educação, bem como às necessidades locais e específicas do público que se pretende atender.

Este instrumento teórico-metodológico visa a ajudar o docente a enfrentar os desafios do cotidiano, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e participativa. Trata-se de um instrumento que permite clarificar a ação educativa da instituição educacional em sua totalidade.

As disciplinas que compõem a estrutura curricular do Curso de Enfermagem, proporcionam e facilitam a ação interdisciplinar entre as ciências tratadas nos variados cursos oferecidos pela IES. Além disso, faculta o diálogo entre os Cursos, oferecendo aos acadêmicos uma formação holística, bastante enriquecedora e mais

completa sobre o aspecto de formação generalista.

Desta maneira, a interdisciplinaridade é trabalhada na transversalidade dos cursos e alcança seu cume no instante em que os acadêmicos são levados a enxergar nas parcerias estabelecidas, quer entre disciplinas, quer entre os cursos, a troca de experiências necessárias a sua formação, já que os cursos desenvolvem atividades que podem agregar valor ao currículo, assim como o conhecimento do acadêmico.

Por isso, a proposta do currículo se organiza por meio de três eixos estruturantes interligados de formação, de modo a atender a legislação vigente, a saber: Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Enfermagem, este último subdividido em Fundamentos da Enfermagem, Assistência à Enfermagem, Administração de Enfermagem e Ensino de Enfermagem, que viabilizam um conjunto de conhecimentos e habilidades necessários para a formação profissional. A proposta do Curso de Enfermagem privilegia a interação dos dois âmbitos de conhecimento e formação: o teórico e o prático.

As disciplinas que compõem o eixo das **Ciências Biológicas e da Saúde** contemplam conteúdos teórico-práticos de bases moleculares e celulares aplicados às situações decorrentes do processo saúde-doença no desenvolvimento da prática assistencial de Enfermagem, com carga horária de 26% do total das aulas.

Já o eixo das **Ciências Humanas e Sociais**, com carga horária de 8%, trata das diversas dimensões da relação indivíduo sociedade, dos determinantes sociais, socioculturais, econômicos, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo do processo saúde-doença.

No eixo **Ciências da Enfermagem**, com carga horária de 50%, as disciplinas estão voltadas para especificidades comuns à abordagem. Em Fundamentos da Enfermagem, são tratados os assuntos técnicos, metodológicos, os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do Enfermeiro; em Assistência à Enfermagem, as disciplinas teórico-práticas tratam da assistência de Enfermagem em nível individual e coletivo a partir de dimensões múltiplas – prestada à criança, ao adolescente, ao adulto, à mulher e ao idoso - ; em Administração de Enfermagem, as disciplinas

abordam a administração do processo de trabalho e assistência de enfermagem e, por fim, em Ensino de Enfermagem, a abordagem é fundamentada na capacitação pedagógica.

A carga horária restante está distribuída em disciplinas optativas, atividades complementares e atividades extensionistas.

Dessa forma, não se privilegia um eixo curricular. As disciplinas que compõem a matriz mantêm relação interdisciplinar, sob princípios pedagógicos e atitudinais, na medida em que preparam o acadêmico para expansão do conhecimento, para sua formação técnico-acadêmico-cultural e, portanto, para sua vida em sociedade.

As disciplinas dividem-se em cargas horárias que proporcionam o desenvolvimento da capacidade cognitivo-intelectual do acadêmico para transposição deste ao mercado exigente do mercado de trabalho. O princípio da flexibilização que contempla maior e melhor movimentação interna do acadêmico por meio da organização e ampliação de atividades, é adotado pelo UNIFSJ a partir das seguintes ações: a) disciplinas optativas; b) atividades complementares, de caráter técnico, científico-culturais, envolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão; c) maior fluidez e dinamização no percurso acadêmico, pela minimização dos pré-requisitos; e d) atividades de mobilidade acadêmica (permite ao acadêmico cursar disciplinas em outros cursos oferecidos na IES).

Na estrutura curricular do Curso de Enfermagem do UNIFSJ, é contemplada a formação humanística do graduando. A visão social e ética é trabalhada não apenas nas disciplinas de cunho social, mas está inserida na filosofia da articulação curricular.

O curso contempla 4.037 horas, divididas em 2.667 horas de conteúdos básicos e específicos (Teórico/Prático), 810 horas de Estágio Supervisionado, 150 horas de Atividades Complementares e 410 horas de Atividades Extensionistas, podendo ainda ser acrescido carga horária de disciplinas optativas que visam o enriquecimento curricular do estudante, bem como a possibilidade de aquisição de novos conhecimentos de áreas afins.

As Disciplinas Optativas celebram a oportunidade de flexibilização curricular

do curso viabilizando uma formação mais generalista e condizente com as competências e habilidades a serem trabalhadas. Dentre as optativas ofertadas, destaca-se a disciplina Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

A fim de assegurar aos acadêmicos com necessidade educacional especial uma acessibilidade plena, para que possam gozar ou exercer, em igualdade de oportunidades com os demais, todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, e ciente das disposições legais que tratam do assunto, o UNIFSJ, através do seu Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Educacional – NAPE, compromete-se a disponibilizar atendimento adequado e, caso necessário, acompanhamento especializado e eliminação de possíveis barreiras que possam dificultar ou tornar inviável o desenvolvimento desse aluno, possibilitando assim, seu ingresso, permanência e terminalidade do curso.

O curso de Enfermagem trabalha com a perspectiva de fazer da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão um organismo acadêmico comum de modo a aproximar o conhecimento adquirido na academia à realidade, objetivando a aquisição de recursos que dinamizem a execução de projetos científicos e que, ao mesmo tempo, facultem ao acadêmico a ampliação de seus conhecimentos de maneira específica, para realização de pesquisas voltadas para o aprofundamento teórico-prático do conhecimento. Estimula, ainda, a formação de profissionais-pesquisadores capazes de buscar entender as problemáticas que perpassam o seu dia a dia como profissionais; a iniciação ao trabalho científico, destacando a importância cada vez maior da pesquisa e da extensão como forma de desenvolvimento acadêmico.

Sendo assim, a estrutura curricular, considera a flexibilidade, a interdisciplinaridade, a acessibilidade metodológica, a compatibilidade da carga horária total, evidencia a articulação da teoria com a prática, a oferta da disciplina de LIBRAS e demonstra claramente a articulação entre os componentes curriculares no percurso de formação.

3.9 Conteúdos curriculares

Os conteúdos curriculares, as competências e as habilidades a serem

assimilados e adquiridos no nível de graduação do enfermeiro devem conferir-lhe terminalidade e capacidade acadêmica e/ou profissional, considerando as demandas e necessidades prevalentes e prioritárias da população conforme o quadro educacional do país/região.

Em consonância com esta diretriz a estrutura do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna, aborda as áreas de conhecimento, habilidades, atitudes e valores éticos, fundamentais à formação profissional e acadêmica; contempla e aborda temas observando o equilíbrio teórico-prático, desvinculado da visão tecnicista, permitindo na prática e no exercício das atividades a aprendizagem da arte de aprender; busca abordar precocemente os temas inerentes às atividades profissionais de forma integrada, evitando a separação entre ciclo básico e profissional; favorece a flexibilização curricular de forma a atender interesses mais específicos/atualizados, sem perda dos conhecimentos essenciais ao exercício da profissão; compromete o aluno com o desenvolvimento científico e a busca do avanço técnico associado ao bem estar, à qualidade de vida e ao respeito aos direitos humanos; ser organizada de forma a permitir que haja disponibilidade de tempo para a consolidação dos conhecimentos e para as atividades complementares objetivando progressiva autonomia intelectual do aluno.

Em participação do NDE, com a atualização de matriz, de bibliografia, o Curso de Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna trabalha os conteúdos curriculares na formação de um enfermeiro que conheça dos aspectos generalistas aos aspectos específicos no âmbito da Enfermagem, tornando-o devidamente habilitado conforme as exigências atuais do mercado.

Os procedimentos metodológicos adotados consideram as especificidades e a natureza de cada disciplina, a realidade institucional em termos de recursos humanos e de estrutura física, não descuidando dos objetivos do curso e do perfil do profissional que se tem a expectativa de formar.

Por ocasião da elaboração do currículo, buscou-se promover a interdisciplinaridade entre as áreas e subáreas que se interseccionam e se complementam. As atividades desenvolvidas ao longo do curso visam à interação constante, na medida em que privilegiam o diálogo entre as disciplinas, seja pela

referência a teorias estudadas ou aos trabalhos práticos efetivados nas diversas disciplinas, caracterizando a busca pela flexibilização curricular.

Buscou-se conciliar a carga horária mínima necessária para garantir a formação do profissional, segundo o perfil delineado, e as exigências normativas estabelecidas pelas Legislações Federal e Institucional.

A seleção de conteúdo é o resultado de uma perspectiva maior de saberes conforme o objetivo que se tenha de educação a oferecer. Para formar um ser humano crítico e atuante na sociedade é imprescindível selecionar conhecimentos diversos daqueles que são tradicionalmente escolhidos e que não enfatizam tanto a criticidade. Ao selecionar determinado conteúdo para fazer parte da matriz curricular, privilegia-se alguns em detrimento de outros.

A definição dos conteúdos para elaboração dos currículos a serem desenvolvidos nos cursos do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) observa uma análise da realidade, sobretudo nos aspectos da inserção regional da Instituição e enfatiza numa relação tríade:

- Socioantropológico: Considera os diferentes aspectos da realidade social em que o currículo será aplicado. Visa despertar no aluno a consciência crítico-reflexiva para os problemas regionais, nacionais e mundiais, de modo que possa capacitá-los a exercer uma profissão na sociedade com respostas conscientes e ações que contribuam para a construção de uma sociedade onde todos tenham oportunidades iguais no exercício da cidadania;
- Psicológico: Visa ao desenvolvimento cognitivo do aluno;
- Epistemológico: Baseia-se nas características fundamentais das diversas áreas do saber tratadas pelo currículo;

Entende-se que o processo educacional deve estar centrado nos conteúdos relevantes para a formação do cidadão, respeitadas as especificidades das diferentes disciplinas. O estudante deve ser avaliado quanto ao desenvolvimento de competências e habilidades, por meio da aprendizagem significativa desses conteúdos que esteja aliada à teoria e prática.

Além disso, o desenvolvimento metodológico dos conteúdos requer

estratégias que desenvolvam várias competências cognitivas básicas, como a observação, compreensão, argumentação, organização, análise, síntese, comunicação de ideias, planejamento, memorização, entre outras.

Ao selecionar os conteúdos e elaborar os currículos, os professores trabalham conforme suas visões de mundo, suas práticas e representações sociais. Os docentes do UNIFSJ observam as seguintes diretrizes na elaboração e revisão dos currículos:

- Revisam os currículos tendo em vista sua contínua atualização, adequação e redimensionamento, buscando coerência com os objetivos do curso; com o perfil do egresso e observadas as diretrizes curriculares nacionais, fixadas pela legislação em vigor;
- Discutem a importância da determinação de objetivos que orientem o processo, envolvendo a seleção de conteúdos, procedimentos, avaliação, e definindo o tipo de relação pedagógica a ser estabelecida.
- Adequação da metodologia de ensino à fundamentação teórico-metodológica do curso, atualizando, quando necessário, os programas, ementas, bibliografias e planos de ensino;
- Tomam como referência a prática profissional, analisando criticamente as formas de seleção e organização dos conteúdos, identificando qual a concepção de cidadão, está se formando.
- Dinamizam as atividades práticas de formação profissional e a orientação acadêmica;

A matriz curricular do curso de Enfermagem está pautada ainda na visão interdisciplinar do ensino, viabilizando reflexões, discussões e pesquisas, de modo transversal, relacionadas às questões socioambientais, de direitos humanos e étnico-raciais, através das disciplinas “Educação, Cultura e Direitos Humanos” e “Responsabilidade Socioambiental”, busca formar um profissional sob a perspectiva do respeito ao multiculturalismo e à qualidade de vida humana, respeitando assim aos requisitos legais estabelecidos.

Os conteúdos curriculares do curso promovem o efetivo desenvolvimento do perfil profissional do egresso, considerando a atualização da área, atualização de

bibliografias, adequação de cargas horárias, acessibilidade metodológica, abordagem de conteúdos pertinentes às políticas de educação ambiental, de educação em direitos humanos e de educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, diferenciam o curso dentro da área profissional e induzem o contato com conhecimento recente e inovador

3.10 Metodologia

Na percepção do UNIFSJ, a prática educativa tem como princípio a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, os currículos dos cursos ofertados devem ser dinâmicos, flexíveis e transformadores.

Assim, as metodologias de ensino-aprendizagem devem resultar em: democratização do conhecimento acadêmico; instrumentalização do processo dialético teoria/prática; promoção da interdisciplinaridade; visão integrada da sociedade com a universidade e acima de tudo conscientização para responsabilidade socioambiental, cultural e de inclusão.

Desta forma, quando elaboram seus planos de ensino, os docentes especificam, a metodologia que utilizarão em suas disciplinas, selecionando os procedimentos mais adequados e apropriados às diversas situações de aprendizagem.

Esta definição é feita de acordo com o perfil delineado para os egressos, que compreende conhecimentos, competências e habilidades gerais e específicas a ser desenvolvido pelos discentes, nas atividades, o que privilegia, permanentemente, a articulação entre teoria e prática, como também as características particulares e específicas de cada disciplina.

A IES valoriza, aprecia e recomenda a utilização de práticas metodológicas diversificadas, respeitando-se a autonomia do docente na definição da melhor abordagem pedagógica a ser tratada por cada disciplina, entendida como aquela que melhor se adapta às turmas e à natureza da matéria a ser trabalhada, de acordo com o perfil delineado para os egressos, que compreende conhecimentos, competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas, o que privilegia, permanentemente, a articulação entre teoria e prática, como também as

características particulares e específicas de cada disciplina.

A metodologia definida para desenvolver as atividades do curso está plenamente comprometida com a interdisciplinaridade, com o desenvolvimento do espírito científico e com a formação de sujeitos autônomos e cidadãos.

A explicitação de conteúdos que congreguem conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas, de caráter prático, levando em consideração a reflexão da solução do problema proposto e de suas diversas relações com a realidade profissional, bem como a explanação oral de trabalhos e projetos próprios a partir da situação problema proposta, numa aplicação direta de metodologia investigativa, próxima à aplicação da atuação no mercado de trabalho, são fundamentais no avanço qualitativo do estudante.

A escrita e a leitura de projetos são consideradas parte da solução e imprescindíveis para a compreensão lógica do processo individual de criação e reprodução de respostas. Além disso, estimula-se a manipulação de softwares para o aumento da complexidade e da contextualização de ideias e criações.

A aplicação de técnicas construtivas no desenvolvimento dos trabalhos evita o descolamento de teoria e prática acadêmica da realidade profissional.

O Curso de Enfermagem utiliza, portanto, metodologia contextualizada, voltada para as necessidades e desenvolvimento dos acadêmicos, valorizando o relacionamento permanente com os docentes. Os conteúdos programáticos das disciplinas do curso de Enfermagem são trabalhados através de aulas que podem ser realizadas por meio de:

- Aulas expositivas teóricas: realizadas nas salas de aula convencionais com lousa eletrônica e/ou em laboratórios para fornecer conhecimentos teóricos ao aluno.
- Aulas práticas: disciplinas de caráter teórico-prático são desenvolvidas ao longo do curso de acordo com a necessidade e relevância julgada pelo docente como indispensável a qualidade do conteúdo a ser ministrado. As aulas práticas visam complementar as aulas teóricas, enfatizando os conhecimentos expostos na sala de aula e estimulando o poder de

observação dos alunos, e conseqüentemente, atendendo aos objetivos do curso, que é foco no conhecimento e aprendizagem.

- Palestras e Seminários: a maioria das disciplinas dos ciclos pré-profissional e profissional incluem seminários temáticos desenvolvidos pelos alunos, buscando complementar o conteúdo programático desenvolvido pela disciplina com assuntos atuais e promover o desenvolvimento crítico oral do aluno.
- Atividades de extensão: as atividades de extensão ocorrem como uma atividade multidisciplinar, envolvendo professores de disciplinas afins e ocorrem em locais específicos voltados para a formação generalista podem ser realizadas em empresa/instituições ligadas à área.

A metodologia adotada no Curso de Enfermagem tem como princípios de dinamização do currículo:

- Equilíbrio entre teoria e prática, bem como entre conteúdos básicos e profissionalizantes;
- Adoção de estratégias de reforço pedagógico (orientação extraclasse e estágios);
- Utilização da análise do desempenho do egresso através de ficha de acompanhamento;
- Participação em projetos de extensão e Iniciação Científica;
- Adoção da metodologia de pesquisa como parte da prática pedagógica e estímulo à produção intelectual;
- Incentivo ao intercâmbio interinstitucional;
- Utilização das redes mundiais de informação;
- Cooperação Empresa x IES (estágios curriculares e extracurriculares);
- Adoção de estratégias e atividades educacionais relacionadas ao ensino, em especial a ausência de barreiras pedagógicas, atitudinais, digitais e nas comunicações, visando proporcionar uma acessibilidade plena;
- Adoção de estratégias de interdisciplinaridade.

A prática docente procura atender às necessidades de conhecimento reveladas pelos acadêmicos. É frequentemente atualizada; desafiadora, objetiva e

real, sem deixar de ser crítica e reflexiva, aproximando teoria e prática. Incentiva à leitura, Iniciação Científica e extensão, priorizando a iniciativa do acadêmico, o interesse, a dedicação e a responsabilidade do acadêmico do Curso.

Nos conteúdos abordados, os conceitos são correlacionados com a realidade profissional. Contempla as sugestões dos acadêmicos, quanto à pesquisa, à avaliação, os trabalhos complementares e as práticas de estágio, parcerias com instituições/órgãos/empresas/ repartições públicas e privadas.

Portanto, a metodologia utilizada pelo curso, atende ao desenvolvimento de conteúdos, às estratégias de aprendizagem, ao contínuo acompanhamento das atividades, à acessibilidade metodológica e à autonomia do discente, e coaduna-se com práticas pedagógicas que estimulam a ação discente em uma relação teoria-prática.

3.11 Estágio curricular supervisionado

O Estágio Supervisionado no Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ é desenvolvido com base nas normativas do Regulamento de Estágio Supervisionado devidamente aprovado pelo Conselho Superior do UNIFSJ, organizado com base no Plano de Estágio definido pela Coordenação e o docente supervisor responsável pelo componente curricular.

Entende-se por estágio o exercício pré-profissional, como um conjunto de atividades de formação, programado e diretamente supervisionado por membros do corpo docente da Instituição, com formação em Enfermagem e registro no Conselho Regional de Enfermagem, procurando assegurar a consolidação e a articulação das competências estabelecidas;

A carga horária mínima do Estágio Curricular Supervisionado para o curso de Enfermagem é estabelecida em 810 horas, com base nas Diretrizes Curriculares do Curso, constituindo-se em etapa obrigatória à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Para a prática do Estágio, são firmados parcerias e convênios com instituições e órgãos da área [pública e privada], além de oferecer a oportunidade de o acadêmico realizar ações práticas nos Laboratórios Didáticos Especializados na

IES como forma de melhor qualificar e capacitar os futuros profissionais da enfermagem.

O estágio curricular supervisionado tem como objetivo a complementação do ensino e da aprendizagem. Instrumento de integração entre o ensino teórico e a prática de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e atitudinal. Portanto, toda atividade de aprendizagem social, profissional, será proporcionada ao estudante pela sua participação em situações reais de vida e/ou trabalho, além da supervisão constante feita por profissionais da enfermagem e docentes da instituição.

Os Estágios do Curso de Enfermagem do UNIFSJ acontecem em Hospitais, Posto de Saúde, Programas de Saúde da Família, Unidade de Pronto Atendimento, CAP's e Pronto Socorro. São estágios obrigatórios supervisionados e realizados nos dois últimos períodos, em que os estudantes estarão desenvolvendo tarefas inerentes à profissão de enfermeiro, focadas no processo de trabalho. Com esta proposta, estarão aptos ao exercício de suas atividades com excelência técnica, visão ética e humanística e responsabilidade social na melhoria dos diversos cenários de atenção da enfermagem e de responsabilidade técnica do profissional da área.

O estágio supervisionado do curso de Enfermagem do UNIFSJ está adequado quanto aos aspectos: carga horária, existência de convênios, formas de apresentação, orientação, supervisão, coordenação e mecanismos para gestão da integração entre ensino e mundo do trabalho, amparados pela ética, compromisso profissional de excelência e responsabilidade social.

3.12 Atividades complementares

As Atividades Complementares (A.C) do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna são realizadas com base em normatização elaborada pelo Programa de Iniciação Científica e Extensão do UNIFSJ, aprovada pelo Conselho Superior na qual consideram-se as múltiplas manifestações acadêmicas que objetivem: complementar o currículo pedagógico vigente; ampliar os horizontes do conhecimento, bem como de sua prática para além da sala de aula; favorecer o relacionamento entre grupos e a convivência com as diferenças sociais e

favorecer a tomada de iniciativa nos acadêmicos.

Deste modo as A.C. são vistas como oportunidades de ampliação e aprofundamento do conhecimento, de flexibilização curricular no sentido do acadêmico poder construir uma rede de conhecimento paralelo ao da sua formação específica, permitindo a elaboração de um olhar macro sobre uma realidade ou objeto, contemplando a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o que assegura o caráter interdisciplinar em relação às diversas áreas do conhecimento.

Para a realização e cumprimento da carga horária exigida, os acadêmicos deverão cumprir 150 horas de atividades complementares, realizadas no decorrer do curso, comprovando documentalmente à coordenação de curso.

Metodologicamente, as Atividades Complementares são quantificadas com base em critérios formais que determinam o valor atribuído às ações operacionalizadas, descritas em formulário de controle próprio, cabendo à Coordenação do Curso a análise, julgamento, avaliação e validação das atividades realizadas pelos acadêmicos. O coordenador emitirá parecer conclusivo para a secretaria geral da IES, conforme formulário institucional, para o arquivamento/registro destas e cômputo da carga horária. A não realização e cumprimento de toda a carga horária definida para a A.C ensejará na impossibilidade de conclusão do Curso.

Com o objetivo de incentivar à participação em eventos de natureza diversa que contribuam para a sua formação humanística e profissional, atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais relacionadas ao Curso, as A.C são normatizadas com base em três pilares estruturais, a se considerar: Formação Acadêmica de Ensino, as atividades de Formação Acadêmica de Pesquisa e as atividades de Formação Acadêmica de Extensão e definidas por norma específica.

Portanto, as Atividades Complementares do curso de Enfermagem do UNIFSJ estão adequadas quantos aos aspectos: carga horária, formas de apresentação, diversidade de atividades, formas de aproveitamento e a aderência à formação geral e específica do discente.

3.13 Trabalho de conclusão de curso (TCC)



O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – obrigatório, realiza o fechamento das disciplinas da Matriz Curricular e serve de importante balizador para verificar a formação do acadêmico e sua capacidade de produção científica.

O processo de formação técnica tem seu início a partir da oferta da disciplina Metodologia Científica, por intermédio da qual o acadêmico tem o primeiro contato com as normas técnicas da IES, o conhecimento sobre a pesquisa, bem como a preparação/capacitação para o universo acadêmico.

Nos dois últimos períodos do Curso, nas disciplinas, Trabalho de Conclusão de Curso [TCC] I e II, perfazendo a carga horária total de 140 horas, os acadêmicos são orientados na elaboração do projeto de pesquisa em consonância com as normas da IES, organizadas pelo Centro de Iniciação Científica e Extensão, e aprovadas pelo Conselho Superior, finalizando com a escrita do Artigo Científico sob a orientação de um docente que tem o papel de promover reflexões, questionamentos e direcionamento da temática a ser investigada pelo estudante/pesquisador.

O acadêmico passará por um processo avaliativo composto por uma Banca, formada pelo docente-orientador e por dois profissionais ligados à área ou não. Deverá entregar a redação do artigo científico, bem como apresentar a pesquisa em audiência pública, demonstrando de maneira clara e satisfatória, conhecimento sobre o tema abordado e compreensão das exigências da profissão, para ser aprovado na disciplina TCC II.

Os trabalhos de maior relevância poderão ser apresentados à Equipe Editorial da Revista Transformar (ISSN: 21758255), do Centro de Pesquisa e Extensão do UNIFSJ, com o intuito de serem publicados.

Assim posto, o TCC do curso de Enfermagem do UNIFSJ está adequado quantos aos aspectos: carga horária, formas de apresentação, orientação, coordenação e divulgação de manuais atualizados de apoio à produção dos trabalhos.

3.14 Apoio ao discente

O atendimento de qualidade ao estudante é prioridade institucional, o que



passa pelos atributos de uma boa aula e de outras atividades acadêmicas, à prestação de informações e resolução de problemas operacionais que envolvam a vida acadêmica do discente.

O acesso dos acadêmicos aos cursos é tão importante e significativo quanto a sua permanência e fidelização à IES, na busca da continuidade de seus estudos.

A Instituição oferece formas de atendimento aos acadêmicos que incentivem e propiciem condições para que estes desenvolvam suas atividades com qualidade.

O grande diferencial característico do Centro Universitário São José de Itaperuna é a relação direta dos acadêmicos com seus gestores o que facilita o atendimento às necessidades dos mesmos. As necessidades existentes são tratadas diretamente pelos gestores e coordenador garantindo o processo democrático eleito pela IES como legado operacional.

Deste modo os acadêmicos se sentem mais valorizados e certos de que serão ouvidos por profissionais que poderão agir no sentido de resolver as eventuais necessidades.

O Centro Universitário São José de Itaperuna, direciona e valoriza os seguintes aspectos relacionados com a atenção aos discentes, através de: Atendimento Eletrônico, Programa de Nivelamento Acadêmico, Programa de Atendimento Psicopedagógico, Programa de Monitoria, Programa de Apoio Financeiro, Programa de Iniciação Acadêmica, CPA – Comissão Própria de Avaliação e Programa de Orientação Profissional.

O acesso virtual aos meios eletrônicos de comunicação está disponibilizado aos acadêmicos durante 24 horas por dia. São eles: Internet – www.fsj.edu.br, através do link, “**OUVIDORIA**”, o estudante poderá dar a sua contribuição com sugestões e/ou críticas, e encaminhar suas dúvidas direcionando a sua escrita para as esferas: EAP (Escola de Aplicação), FSJ (Presidência), TECFSJ (Coordenação Curso Técnico) e UNIFSJ (Centro Universitário São José de Itaperuna).

Os estudantes contam com o **Programa de Nivelamento Acadêmico** que se apresenta como uma das ações necessárias para a adaptação dos discentes no ensino superior que, além de experimentarem uma forte transição metodológica,

trazem consigo muitas diferenciações em níveis de conhecimentos básicos, proporcionando um melhor relacionamento interpessoal.

O nivelamento é uma forma de proporcionar um equilíbrio de conhecimento em determinado assunto na turma que foi composta no início de cada curso, com isto as dificuldades de conhecimentos anteriores que deveriam ser advindos do ensino médio cursado por cada discente. Este é realizado com o 1º Período por meio de projeto.

O Núcleo de Apoio Psicopedagógico Educacional (NAPE) está estruturado como setor Educacional e se propõe a disponibilizar Atendimento Psicopedagógico, socioafetivo e cognitivo aos discentes dos diversos cursos oferecidos pelo UNIFSJ, no sentido de minimizar possíveis dificuldades na assimilação ativa dos saberes próprios da formação acadêmica. O atendimento Psicopedagógico, através de um espaço para acompanhamento individual/institucional, busca desenvolver um trabalho diferenciado aos discentes, no que tange a adaptação emocional, psicológica, social, econômica e/ou cognitiva.

As atividades deste núcleo correspondem a ações de natureza interdisciplinar desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, cursos, eventos, ações suplementares, extensão, publicações e outras modalidades acadêmicas que reconheçam os diferentes estilos de aprender e favoreçam o processo de aprendizagem.

O objetivo primordial é proporcionar a melhor adaptação do acadêmico ao meio da academia possibilitando uma ação preventiva e acolhedora seja em assuntos de ordem material, emocional ou educacional envolvendo, em todo o processo: docentes, discentes/acadêmicos e os demais e funcionários da Instituição.

Nele os acadêmicos poderão contar com o apoio irrestrito de profissionais de reconhecimento notório na área e que promoverão esforços para apoiar e orientar as ações do acadêmico que esteja passando por alguma dificuldade (de relacionamento, dificuldade de adaptação, de origem emocional, dificuldades de aprendizagem, dentre outros) no ambiente acadêmico.

Ao NAPE cabe a elaboração e definição de estratégias de “combate” à

evasão acadêmica, nivelamento, orientação pedagógica, quer por motivo relacionado à dificuldade de aprendizagem, quer em decorrência de transtornos e/ou problemas de ordem afetivo-emocional. Para tanto, sua estrutura é composta por uma pedagoga e uma psicóloga que procuram, de maneira técnica, minimizar os conflitos e atritos decorrentes do novo ambiente no qual o acadêmico se encontra inserido.

A partir da elaboração de planos de estudos específicos, buscar-se-á minimizar a deficiência apresentada em relação às habilidades básicas necessárias ao desenvolvimento do currículo.

São atribuições do núcleo de apoio:

- Oferecer atendimento aos acadêmicos dos cursos do UNIFSJ;
- Identificar as dificuldades presentes no interior do corpo discente, no que diz respeito às relações interpessoais e profissionais;
- Garantir o apoio pedagógico quanto à organização dos estudos da rotina acadêmica;
- Encaminhar as reivindicações junto aos professores para um melhor aproveitamento do rendimento escolar;
- Atender alunos encaminhados pelas coordenações, pelos professores, ou outros encaminhamentos, ajudando a recuperação de rendimentos insuficientes e/ou minimizando conflitos interpessoais;
- Oferecer encontros para debates e reflexões de temas que favoreçam a maior conscientização no desempenho acadêmico;
- Planejar, executar e avaliar intervenções acadêmicas capazes de contribuir para a elevação e ganhos nos processos de ensino e aprendizagem;
- Identificar dificuldades de aprendizagem decorrentes da não adaptação ao espaço institucional;
- Promover a mediação de conflitos entre os corpos docentes e discente, próprios das instituições de ensino superior, mas sempre estimulando à prática responsável e ética diante da comunidade acadêmica e suas normas e particularidades;

- Promover estratégias para que o aluno redirecione sua postura, reconhecendo na graduação um nível de ensino que requer práticas emancipatórias e autonomia de aprendizagem;
- Promover estratégias para o acompanhamento sistemático e diferenciado aos alunos portadores de dificuldades e/ou deficiências de causas variadas;
- Estimular ações propostas pelos alunos e/ou seu órgão representativo que tenham objetivos explícitos de valorização de estudos acadêmicos, dos cursos e da instituição;
- Promover o assessoramento aos alunos no que tange aos regimes normativos e pedagógicos da Instituição.
- Participar do desenvolvimento de projetos, programas e ações que visem a permanência e aproveitamento satisfatório dos alunos nas atividades escolares;
- Participar de programas específicos elaborados pelo professor da disciplina, dirigidos a alunos;
- Encaminhar os alunos a Psicólogos da clínica-escola quando diagnosticada a necessidade de acompanhamento psicoterapêutico prolongado (problemas de ordem afetiva, luto, isolamento social, desenraizamento geográfico, transição para o ensino superior, ansiedade, depressão, pânico, entre outros);
- Implementar palestras, análises fílmicas e debates para desenvolver no aluno posturas proativas que favorecem o encontro consigo mesmo, bem como o estabelecimento de metas, propósitos de vida e definição de objetivos profissionais. (Princípios éticos, importância da família na busca da autorrealização, Saúde Mental e Trabalho, entre outros).

O **Programa de Monitoria** investe nas potencialidades e disponibilidades evidenciadas pelos alunos, através do estímulo à canalização desse diferencial em monitorias de ensino. A monitoria é uma atividade extracurricular remunerada e/ou não remunerada, destinada a acadêmicos regularmente matriculados em seu curso de graduação com o objetivo de estimular atividades disciplinares de auxílio à docência, iniciação científica e extensão, proporcionando desta forma, uma melhoria na qualidade de ensino e aprendizagem.

As normas para a monitoria são estabelecidas em documento próprio, ficando a cargo das coordenações de curso a publicação do Edital com as exigências para que o discente esteja apto a candidatar-se e ser selecionado.

O discente monitor, ao final do período letivo, receberá do Centro de Iniciação Científica e Extensão do Centro Universitário São José de Itaperuna um certificado de participação no Programa de Monitoria;

O **Programa de Apoio Financeiro** visa fornecimento de alternativas para os problemas de ordem financeira que impossibilitam, muitas vezes, a permanência nos cursos em que lograram obter acesso, para tal, a IES conta, caso seja necessário/possível, com o oferecimento de bolsas e está credenciada ao Financiamento Estudantil (FIES);

O UNIFSJ como instituição pública de direito privado, muito embora não seja entidade filantrópica, oferece um considerável número de suas vagas para bolsas de estudo, atreladas às normas regulamentares aprovadas pelo Conselho Superior com base nas singularidades dos casos, após análise e avaliação, além de estar inserido no Programa governamental do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), cumprindo assim com o seu papel social no exercício da cidadania e de acesso ao ensino superior.

No **Programa de Iniciação Acadêmica** acontece o acolhimento especial aos alunos novos, ingressantes por processo seletivo ou por transferência, viabilizando sua integração ao meio acadêmico;

Na **Comissão Própria de Avaliação** - CPA é imprescindível a participação discente no processo de autoavaliação institucional, utilizando seus resultados como forma de articulação do apoio que necessitam;

Disponibilizam-se serviços de orientação profissional e vocacional (visitas, palestras, aplicação e análise de testes vocacionais) para os alunos do UNIFSJ e para a comunidade escolar de Itaperuna e região através do **Programa de Orientação Profissional**;

A coordenação de curso desenvolve, também, discussões acerca da participação estudantil, fomentando no meio acadêmico o protagonismo do Centro

Acadêmico, incitando os estudantes a participarem efetivamente da gestão da unidade, de forma democrática, objetivando propiciar igualdade de condições a todos os componentes do espaço escolar, e conseqüentemente a melhoria da qualidade do ensino.

Assim posto, o apoio ao discente do curso de Enfermagem do UNIFESJ contempla de maneira excelente, as ações de acolhimento e permanência, acessibilidade metodológica, monitoria, nivelamento, intermediação e acompanhamento de estágios não obrigatórios remunerados, e apoio psicopedagógico.

3.15 Gestão do curso e os processos e avaliação interna e externa

O SINAES prevê a avaliação institucional em dois níveis: a avaliação interna ou autoavaliação, realizada por uma Comissão Própria de Avaliação (CPA) e a avaliação externa que envolve processos de avaliação para credenciamento e reconhecimento institucional, autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos de graduação.

A Comissão Própria de Avaliação (CPA) colabora com a gestão do Curso e os processos de avaliação interna e externa, fornecendo os insumos necessários ao processo de organização e definição das prioridades do processo de autoavaliação, no âmbito da Instituição, através da indicação dos resultados das avaliações já realizadas, que revelam o nível de suficiência apontado em cada indicador das dimensões externas do MEC.

Na avaliação interna, destacam-se as seguintes etapas:

- Processo de avaliação conduzido e tabulado pela CPA.
- Questões acadêmicas enviadas para reitoria, coordenação, NDE e colegiado.
- Questões relacionadas ao processo de ensino aprendizagem (metodologias, abordagens, etc) encaminhados ao NAPE
- Questões administrativas e de estrutura encaminhada para mantenedora
- O resultado das melhorias acompanhado e registrado pela CPA

Na avaliação externa, a CPA exerce papel essencial no suporte técnico aos processos que envolvem a regulação e a avaliação da Instituição e de seus cursos de graduação.

Todas as etapas de uma Avaliação Institucional são construídas de modo dialético e gradativo, mas não fragmentado, porquanto avaliar é também conhecer para transformar. É importante que todos os integrantes da comunidade tenham o pertencimento do processo de avaliação e possam avaliar a necessidade de agir sobre seus resultados.

O UNIFSJ sempre reconheceu a importância da avaliação como um processo, por meio do qual a Instituição busca atingir, de forma mais eficiente e efetiva, o conhecimento de sua dinâmica, de seu modo de inserção na sociedade. Conseqüentemente, subsidiar a sua permanente reconstrução como instituição comprometida com o espaço social que ocupa.

O Centro Universitário São José de Itaperuna - UNIFSJ promove sua autoavaliação, por meio de uma comissão nomeada pela Instituição de Ensino, denominada Comissão Própria de Avaliação (CPA); Avaliação externa realizada pelo INEP e Avaliação de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

A autoavaliação do curso é realizada em concordância com a Avaliação Institucional da IES, sendo coordenada pela CPA (Comissão Permanente de Avaliação), constituindo num processo por meio do qual o curso analisa internamente o que é e o que deseja ser, o que de fato realiza, como se organiza, administra e age, buscando sistematizar informações para analisá-las e interpretá-las com vistas à identificação de práticas exitosas, bem como a percepção de omissões e equívocos, a fim de evitá-los no futuro.

O planejamento e avaliação, especialmente os processos, dos resultados e eficácia da autoavaliação institucional se dá de maneira dinâmica, sistêmica e livre de qualquer interferência por parte da mantenedora do Centro Universitário São José de Itaperuna que dá amplo poder de ação à Comissão Própria de Avaliação(CPA), NDE e Coordenação do Curso para que, com base nas constatações de caráter qualitativo e mensurável, possa oferecer elementos para o

planejamento de ações acadêmico-administrativas no sentido de manter e melhorar a qualidade do ensino e dos serviços oferecidos pelo UNIFSJ e mantenedora.

A Metodologia do Processo de Avaliação Institucional no UNIFSJ tem início com a Campanha de Sensibilização, que estimulam o corpo docente, corpo discente e corpo técnico-administrativo, a partir da construção da credibilidade da mudança e do comprometimento de todos com a Instituição.

Após o período de avaliação, todos os dados são coletados pela própria CPA, de modo isolado e sigiloso, objetivando garantir a fidedignidade do processo. São elaborados relatórios que, em momento específico, obedecendo às formalidades legais, sendo entregues cópias à Presidência da Fundação Educacional e Cultural São José, ao Reitor do UNIFSJ e pro-reitoria Acadêmica. É realizada uma reunião com os representantes dos NDE e Coordenadores de Curso quando lhes são apresentados os dados já tabulados, no sentido de provocar uma reflexão profunda e dialógica.

Os resultados são consolidados em formas de pontos fortes e fracos (atingidos, a serem atingidos e não atingidos ainda). Por meio de reuniões é que se faz a apreciação e discussão a respeito dos dados, tendo-se como base os relatórios da autoavaliação institucional. Nesta ocasião, são estudados os mecanismos para o saneamento das deficiências apontadas.

Os relatórios são divulgados à Comunidade Acadêmica para que seus dados possam contribuir na tomada de decisão e nos processos de aprimoramento de cursos e da IES como um todo.

De posse das informações técnicas da CPA, os membros do NDE passam a avaliá-las, convocando e ouvindo os partícipes do colegiado do curso e os representantes das turmas no sentido de planejarem ações conjuntas que possibilitem a melhoria do ensino e da IES como um todo. Tal avaliação é entendida como meio e não como fim que, ao envolver todos os setores e segmentos da instituição ligados ao UNIFSJ, promove a melhoria na qualidade do ensino oferecido.

Portanto a gestão do curso está atrelada a autoavaliação institucional e o resultado das avaliações externas como insumo para aprimoramento contínuo do

planejamento do curso, com evidência da apropriação dos resultados pela comunidade acadêmica.

3.16 Tecnologias de informação e comunicação – TIC no processo ensino-aprendizagem

Dentro de uma proposta pedagógica que abrange teoria e prática, o curso de Enfermagem aborda o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como ferramentas no processo de ensino aprendizagem. O uso das TICs no curso é fomentado de duas maneiras: 1) Processo de gestão acadêmica - simplificando o acesso às informações pertinentes ao curso, como por exemplo, horários, calendários, matriz curricular, etc.; 2) Recurso didático - proporcionando novas formas de trabalho, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem em que os alunos possam pesquisar, fazer antecipações, simulações, confirmar ideias prévias, experimentar, criar soluções e construir novas formas de representação mental.

Nesse contexto, o Centro Universitário São José de Itaperuna disponibiliza aos docentes e discentes do curso de Enfermagem, diversos recursos tecnológicos que serão elencados abaixo:

Site institucional – proporciona acesso as principais informações referentes ao curso, tais como: condições de oferta do curso (ato autorizativo, dirigentes e coordenação do curso, corpo docente, matriz curricular); calendário acadêmico; manual do aluno; notícias sobre eventos; Centro de Iniciação Científica e Extensão – CENICE; Comissão Própria de Avaliação – CPA; Revista Transformar; Núcleo de Atendimento Psicopedagógico – NAPE; Biblioteca, Ouvidoria.

Portal aluno – Acesso a dados acadêmicos como notas, frequência, material didático de apoio, horário, reserva de livros.

Biblioteca Virtual - Acesso ilimitado a base de dados das bibliotecas virtuais “Pearson” e “Minha Biblioteca”.

Estrutura física – algumas salas de aula estão equipadas com computador, caixa de som, projetor multimídia, lousa eletrônica com software específico que

possibilita um maior dinamismo na apresentação de conteúdo. Para as salas que não possuem tais recursos, são disponibilizados projetores multimídia de forma portátil. Ainda merece destaque, o acesso à internet via rede sem fio por toda instituição.

Laboratórios de informática – atendem de maneira excelente, considerando os aspectos: quantidade de equipamentos relativa ao número de usuários, velocidade de acesso à internet, política de atualização de equipamentos e softwares, adequação do espaço físico, disponíveis aos alunos e professores em tempo integral. Os Laboratórios têm por finalidade atender aos alunos de todos os anos/cursos oferecidos pelo UNIFSJ, permitindo a prática de atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa e o desenvolvimento do conhecimento.

Softwares – os professores que utilizam da tecnologia como recurso didático-pedagógico, indicam softwares específicos que se adaptam à sua proposta de ensino.

O que se espera com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação no processo ensino-aprendizagem é a realização de aulas mais criativas, motivadoras, dinâmicas e que envolvam os alunos para novas descobertas e aprendizagem, bem como desenvolver projetos de iniciação científica e extensão individuais ou coletivos.

Sendo assim, as tecnologias de informação e comunicação adotadas no processo de ensino-aprendizagem permitem a execução do projeto pedagógico do curso, garantem a acessibilidade digital e comunicacional, promovem a interatividade entre docentes e discentes, asseguram o acesso a materiais ou recursos didáticos a qualquer hora e lugar e possibilitam experiências diferenciadas de aprendizagem baseadas em seu uso

3.17 Procedimentos de acompanhamento e avaliação dos processos de ensino-aprendizagem

A avaliação do Processo Ensino Aprendizagem do Curso de Enfermagem do UNIFSJ se dá com base nas normas regimentais e programa de ensino do curso e que tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento do acadêmico em seus

estudos/atividades e visa diagnosticar as dificuldades e oportunizar medidas de melhoria do processo de aprendizagem.

Para tanto, o desempenho deve incidir, preferencialmente, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, incentivando a participação do estudante nas disciplinas teóricas, nas práticas de formação, na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, bem como na verificação das atividades realizadas em estudos independentes, quando houver.

Para efeito de aprovação do acadêmico na disciplina, são considerados três aspectos fundamentais: a frequência obrigatória mínima de 75% (setenta e cinco por cento) do total das horas de aula [o acadêmico que não obtiver o percentual definido por Lei será considerado reprovado por frequência, independente da média obtida ao final]; cumprimento da carga horária obrigatória da Atividade Complementar e obtenção da média aritmética 7,0 (sete) na verificação do aproveitamento do desempenho curricular ao longo do período letivo, decorrente do processo avaliativo na disciplina.

O Sistema Avaliativo do Centro Universitário São José de Itaperuna segue as disposições e normas constantes do Regimento Geral do UNIFSJ, aprovado pelo Conselho Superior, a saber: a verificação do aproveitamento escolar do discente no processo de avaliação da IES, será aferida por meio da AV1, AV2, e quando necessário da AV3, em que a média aritmética mínima para aprovação é 7,0 (sete), sendo resultante da soma das duas maiores notas obtidas ao longo do processo avaliativo, sendo descartada a menor nota, conforme regulamentação específica aprovada pelo Conselho Superior.

É permitido aos acadêmicos o aproveitamento de conhecimentos adquiridos através de estudos e de práticas independentes, desde que atendidos os limites e critérios estabelecidos em regulamentação específica aprovada pelo Conselho Superior.

O acadêmico reprovado por aproveitamento ou frequência poderá ser matriculado em regime de dependência em até quatro disciplinas por período, estando sujeito às mesmas exigências para aprovação.

Portanto, os procedimentos de avaliação dos processos de ensino-aprendizagem do UNIFSJ, visam permitir o desenvolvimento e a autonomia do discente de forma contínua e efetiva, resultando em informações sistematizadas e disponibilizadas aos estudantes, com mecanismos que garantam sua natureza formativa, sendo adotadas ações concretas para a melhoria da aprendizagem em função das avaliações realizadas.

3.18 Número de vagas

O Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ oferece para o curso de Enfermagem 70 vagas anuais, no turno noturno, todas adequadas à infraestrutura e docentes do curso.

Sendo assim, o número de vagas do curso de Enfermagem do UNIFSJ, está fundamentado em estudos periódicos que comprovam sua adequação à dimensão do corpo docente e às condições de infraestrutura física e tecnológica

3.19 Integração do curso com o sistema local e regional de saúde/SUS

O curso de Enfermagem do UNIFSJ através dos Estágios Supervisionados permite a integração do estudante com sistema local e regional de saúde e o Sistema Único de Saúde (SUS), através de convênios firmados com o Hospital São José do Avaí e a Secretaria Municipal de Saúde que visam possibilitar o desenvolvimento de atividades, previstas na proposta pedagógica do curso de Enfermagem no que tange ao desenvolvimento de práticas relacionadas à profissão de enfermeiro, que contribuam qualitativamente com a formação do estudante, proporcionando vivências relacionadas a realidade dos serviços de saúde.

Estágios	Período	Atuação
Estágio Supervisionado em Saúde da Mulher	7º	<i>Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos</i>

Estágio Supervisionado em Saúde do Recém-nascido, Criança e Adolescente	7º	<i>Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos e Hospital São José do Avaí</i>
Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso I	7º	Hospital São José do Avaí
Estágio Supervisionado em Saúde Mental	7º	Centro de Atenção Psicossocial CAPS.
Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva	7º	<i>Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos/ UBS</i>
Estágio Supervisionado em Terapia Intensiva	8º	Hospital São José do Avaí
Estágio Supervisionado em Emergência	8º	Hospital São José do Avaí
Estágio Supervisionado em Gestão da Atenção Primária e Rede Hospitalar	8º	Hospital São José do Avaí e Centro Municipal de Saúde Dr. Raul Travassos
Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso II	8º	Hospital São José do Avaí

Com o intuito de atender as necessidades logísticas dos estudantes, os estágios podem acontecer também em estabelecimentos de saúde nos municípios circunvizinhos desde que tenham convênio firmado com o UNIFSJ.

Visando o aproveitamento qualitativo da prática efetiva executada no estágio, a coordenação do curso de Enfermagem tem o cuidado de realizar escalas com o quantitativo de estudantes proporcional, para que a supervisão do responsável não fique comprometida, vislumbrando além da vivência do cotidiano no âmbito do trabalho do enfermeiro, orientando na prática quanto aos princípios éticos da atuação do profissional de saúde.

A coordenação do curso tem também, o cuidado de organizar as práticas atendendo ao princípio da relação quantitativa entre **estudantes e usuários**, para que não haja comprometimento no atendimento, sendo o mesmo realizado de forma digna e justa aos que procuram o Sistema Único de Saúde, usando dos princípios éticos e humanizadores aprendidos durante o curso de Enfermagem e atuando de

forma responsável.

Sendo assim, a integração do curso com o sistema de saúde local e regional (SUS) está formalizada por meio de convênio, conforme as DCn e/ou o PPC, viabiliza a formação do discente em serviço e permite sua inserção em equipes multidisciplinares, considerando diferentes cenários do Sistema, com nível de complexidade crescente.

3.20 Atividades práticas de ensino para área da saúde

Com o propósito de formar o enfermeiro generalista com uma visão crítica e reflexiva da realidade onde está inserido, com competência geral de atenção à saúde e atuação Interprofissional, o Curso de Enfermagem possui uma porcentagem expressiva de aulas práticas e estágios. Isto se justifica porque o profissional atua diretamente com pacientes/usuários e comunidades e, para isso, necessita desenvolver, ao longo de sua formação, competências técnicas e científicas com grande implicação no resultado final da saúde destas pessoas, evitando os riscos que podem ser biológicos, mecânicos, fisiológicos, químicos, térmicos e psíquicos.

Neste sentido, os profissionais precisam de conhecimentos básicos e profissionalizantes, habilidades gerais, específicas e atitudes com base no cuidado humanizado, na cidadania e na ética profissional. As competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) são mobilizadas gradativamente e como estratégia para um aprendizado seguro para ambos, através dos seguintes cenários:

- 1) no Campus da IES – através de estudos e atividades desenvolvidos fundamentalmente em espaços de aprendizagem estabelecidos com infraestrutura especializada, tais como laboratórios de Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, etc.;
- 2) fora da IES – através dos estágios supervisionados que são realizados em instituições conveniadas, o aluno aprende quando integra a informação e desenvolve uma ação, num contexto de supervisão e avaliação. Esse processo consiste em uma assistência sistematizada, operacionalizada nos diferentes níveis de complexidade, em espaços específicos, programada de

forma individual ou coletiva, utilizando componentes do método científico para identificar situações de saúde/doença e implementar medidas que contribuam para a promoção, a prevenção, a proteção, a recuperação e a reabilitação da saúde do indivíduo, da família e da comunidade;

- 3) na Comunidade – A IES possui parcerias relevantes com Prefeituras, Igrejas, Associações, Escolas, a fim de promover Ações Sociais que visam uma melhor integração entre ensino-serviço-comunidade.

As atividades práticas, consideradas estratégias pedagógicas com vistas à articulação entre teoria e prática, necessária para a formação acadêmico-profissional dos alunos, também demanda supervisão direta, com a orientação e o acompanhamento do aluno pelo professor, ou preceptor, por meio da observação contínua e direta das atividades desenvolvidas nos cenários de prática ao longo de todo processo, de acordo com programação previamente aprovada.

Nessa prática, os alunos têm a oportunidade de: buscar subsídios na realidade concreta para o entendimento de como ocorrem as práticas no âmbito dos serviços de saúde, tanto para apoiá-las com respaldo do conhecimento científico, como para criticá-las por suas deficiências e desigualdades; de aprofundar o intercâmbio com o campo do mercado de trabalho relacionado ao seu curso; de utilizar a prática de campo para estabelecer diálogos com estabelecimentos de saúde, abrindo caminhos para possíveis projetos de pesquisa e extensão.

Portanto, as atividades práticas de ensino apresentam conformidade com as Diretrizes Curriculares nacionais do curso, com regulamentação para a orientação, supervisão e responsabilidade docente, permitindo a inserção nos cenários do SUS e em outros ambientes (laboratórios ou espaços de ensino), resultando no desenvolvimento de competências específicas da profissão, e estando, ainda, relacionadas ao contexto de saúde da região.

4 CORPO DOCENTE

4.1 Núcleo Docente Estruturante - NDE

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) tem uma atuação fundamental e constante na melhoria do curso pois, atua no acompanhamento, na consolidação e na atualização do PPC, realizando estudos e atualização periódica, verificando o impacto no sistema de avaliação de aprendizagem na formação do estudante e analisando a adequação do perfil do egresso, considerando a legislação vigente, as demandas do mercado de trabalho e nas inovações acadêmicas atuais.

Os encontros acontecem em datas pré-determinadas no transcorrer do semestre letivo, com o objetivo de analisar as considerações docentes, as técnicas atuais de ensino-aprendizagem e sua aplicação no curso. Todos os membros são professores ativos, com formação acadêmica e profissional na área do curso, proporcionando o comprometimento entre a teoria e a prática em todo o processo de implantação e atualização do PPC.

O NDE, no âmbito do Curso de Enfermagem tem função consultiva, propositiva e de assessoramento sobre matéria de natureza acadêmica. Sua composição se dá com base na estrutura, a saber:

- a) Coordenador do Curso na condição de Coordenador Geral.
- b) 4 Docentes;

Portanto, cabe ao NDE, que integra a estrutura de gestão acadêmica, dentre outras funções, a formulação do Projeto Pedagógico do Curso – PPC, sendo responsável pelo seu acompanhamento, atualização e consolidação.

4.2 Atuação do coordenador

A coordenação pedagógica do curso exerce a função básica de acompanhar o desenvolvimento do currículo, adotando como referência o perfil do profissional pretendido. Cabe, também, ao coordenador estabelecer uma relação de parceria com seu corpo docente e os demais cursos da IES, além da interação com o corpo discente, pois assim, será possível realizar práticas conjuntas entre os cursos

valorizando os trabalhos interdisciplinares.

Ao coordenador compete a organização acadêmico-administrativa, supervisionar as atividades referentes ao curso, cumprir e fazer cumprir as decisões do colegiado, integrar, convocar e presidir reuniões, emitir pareceres e zelar pela qualidade de ensino.

Desse modo, o coordenador do Curso de Enfermagem tem como competência, regimentalmente definida:

- I. participar do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante, presidindo-os;
- II. contribuir, no âmbito do curso de sua coordenação, com o Plano de Avaliação Institucional;
- III. acompanhar e contribuir com as atividades desenvolvidas pelos órgãos suplementares e de apoio, que dão suporte às ações pedagógicas do curso;
- IV. executar ou fazer executar as decisões dos Conselhos e órgãos que lhe sejam superiores no que diz respeito à sua competência;
- V. distribuir, de acordo com as diversas atividades do curso e em atendimento à política institucional, a carga horária semanal de cada professor que nele terá exercício, considerando os respectivos regimes de trabalho;
- VI. diligenciar para que, de acordo com os recursos disponíveis, o curso disponha de uma infraestrutura de apoio que atenda às suas necessidades;
- VII. comunicar à Pró-Reitoria as faltas e irregularidades praticadas por professor, funcionário e/ou aluno, sob sua responsabilidade, por meio de documento escrito, preferencialmente Ata de ocorrência, quando as providências disciplinares não forem eficazes no atendimento;
- VIII. prestar assistência aos alunos no que se refere às questões pedagógicas, curriculares e extracurriculares;

- IX. encaminhar à Pró-Reitoria às necessidades de pessoal docente, técnico e administrativo para o atendimento às atividades desenvolvidas no curso;
- X. propor à Reitoria acordos e convênios com instituições públicas e privadas, necessárias à prática de formação dos alunos;
- XI. acompanhar a distribuição dos alunos pelos diversos campos de estágio, zelando pela efetividade das atividades desenvolvidas;
- XII. zelar pelo patrimônio da Instituição colocado à disposição do curso;
- XIII. exercer as atribuições disciplinares e administrativas que lhe forem conferidas por ato próprio;
- XIV. superintender todos os serviços acadêmicos e administrativos do Curso;
- XV. orientar, coordenar e fiscalizar todas as atividades de ensino, iniciação à pesquisa e extensão, bem como os estágios supervisionados dos alunos, no âmbito do Curso;
- XVI. coordenar, no âmbito do Curso, a publicação de trabalhos didáticos e científicos;
- XVII. instruir os processos que devam ser submetidos à apreciação do Colegiado de Curso ou demais Conselhos;
- XVIII. promover, ao longo do semestre letivo, o mínimo de duas reuniões destinadas à avaliação dos programas executados, inclusive de iniciação à pesquisa e extensão, e elaborar Relatórios a respeito, que serão encaminhados à Reitoria;
- XIX. zelar pelo cumprimento da carga horária, do programa, da ementa e do sistema de avaliação das disciplinas;
- XX. aprovar a análise realizada pelos docentes dos requerimentos de dispensa de disciplinas e aproveitamento de estudos, em conformidade com a legislação vigente;

- XXI. examinar e decidir, em primeira instância, as questões suscitadas pelo Corpo Docente ou pelo Corpo Discente relacionadas ao Curso;
- XXII. adotar medidas necessárias para a realização do trabalho interdisciplinar, definidas pelo Colegiado de Curso;
- XXIII. acompanhar e avaliar, junto com o NDE, a execução do PPC, visando à sua melhor implementação;
- XXIV. integrar o Conselho Superior, com direito à voz e voto;
- XXV. desenvolver outras atividades por determinação do Reitor;
- XXVI. participar das reuniões destinadas aos Coordenadores de Curso;
- XXVII. delegar, sem prejuízo de sua responsabilidade, atribuições previstas neste Regimento.

Nome: Fabiana Duarte Xavier

A coordenadora do Curso de Enfermagem da IES, Professora Especialista Fabiana Duarte Xavier, exerce a função de docente do Nível Técnico em Enfermagem a 10 anos. Professora de nível Superior a 5 anos. É coordenadora do curso de Enfermagem desde fevereiro de 2022. Tem interesse em estudos sobre Religião/Espiritualidade e sua relação no tratamento da depressão, Imunização e reemergência de doenças imunopreveníveis, importância da Atenção Primária em Saúde na epidemiologia das Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e Teorias de Enfermagem no cuidado humanizado. O trabalho da coordenação de curso no UNIFSJ é pautado de um plano de ação cujo desempenho é avaliado anualmente através de indicadores estabelecidos pela Comissão Própria de Avaliação – CPA.

Assim, a atuação do coordenador atende à demanda existente, considerando a gestão do curso, a relação com os docentes e discentes e a representatividade nos colegiados superiores, é pautada em um plano de ação documentado e compartilhado, dispõe de indicadores de desempenho da coordenação disponíveis e públicos e administra a potencialidade do corpo docente do seu curso, favorecendo a integração e a melhoria contínua.

4.3 Regime de trabalho do coordenador do curso

O Regime de trabalho do coordenador do curso é de tempo integral com 40 horas, sendo 20 dedicados exclusivamente à coordenação e o restante distribuído entre atividades de docência, pesquisa, dentre outras atividades.

Sendo assim, o regime de trabalho do coordenador permite o atendimento da demanda existente, considerando a gestão do curso, a relação com os docentes, discentes, e a representatividade nos colegiados superiores, por meio de um plano de ação documentado e compartilhado, com indicadores disponíveis e públicos com relação ao desempenho da coordenação, e proporciona a administração da potencialidade do corpo docente do seu curso, favorecendo a integração e a melhoria contínua.

4.4 Requisitos de titulação e experiência profissional do corpo docente

O Centro Universitário São José de Itaperuna valoriza a experiência dos docentes, pois entende que a construção do saber está intrinsecamente relacionada à prática profissional. O processo de seleção e contratação dar-se-á por meio de avaliação documental e técnica, com base nas etapas, a saber:

- a) apresentação do(s) título(s) acadêmico(s) e documentação declarada no currículo lattes;
- b) apresentar declaração de disponibilidade de horário;
- c) participar de processo de entrevista com a coordenação do curso;
- d) exame psicotécnico com profissional da área de psicologia (quando se entender necessário);
- e) demonstrar conhecimento na área de atuação, além de competência técnico-didático-pedagógica por meio de aula de apresentação/teste realizada na presença de comissão constituída por membros do setor acadêmico e administrativo da IES e/ou da mantenedora.
- f) experiência no magistério do Ensino Superior;

g) experiência acadêmica e não acadêmica do docente.

A avaliação dos Títulos é critério definido como requisito para contratação e tem como objetivo averiguar o aperfeiçoamento profissional, crescimento de sua produção intelectual e a atualização científica. O julgamento é baseado na apresentação do Currículo Lattes atualizado e nos comprovantes de titulação e aperfeiçoamento profissional apresentados em relação às atividades desenvolvidas pelo candidato.

Os resultados são comunicados e a contratação então se dá de imediato, dentro das normas da CLT, após exame médico admissional.

A dedicação de tempo do docente para regime de trabalho, em conformidade com legislação vigente, dependerá do quantitativo de disciplina(s) no currículo oficial a ser oferecido, bem como das propostas a serem apresentadas para o profissional pela IES.

4.5 Titulação do corpo docente do curso

O corpo docente atual do curso Enfermagem é composto por 24 docentes, sendo 21% de doutores, 54% mestres e 25% especialistas, ou seja, 75% dos docentes têm formação *stricto sensu*.

Docentes	Titulação
ABIA DIAS PEREIRA	Especialização
AMARO CHAVES RAMOS	Doutorado
ANIZIO ANTONIO PIROZI	Mestrado
BRUNA DA SILVA LOPES MELO	Mestrado
BRUNO BORGES DO CARMO	Mestrado
CLODOALDO SANCHES FOFANO	Mestrado
DARLAN SILVEIRA MARUM	Doutorado
DHYEMILA DE PAULA MANTOVANI	Mestrado
FABIANA DUARTE XAVIER	Especialização
GEANE FREITAS PIRES DE CASTRO	Mestrado
JULIANA RODRIGUES LEOPOLDO	Doutorado
LAIS GONÇALVES PARVAN	Mestrado
MARIANA COSTA PEREIRA	Mestrado

MARIANA FERNANDES RAMOS DOS SANTOS	Mestrado
NATANAEL RAMOS DA CRUZ	Especialização
OTAVIO MONTEIRO RANGEL	Mestrado
PAULO JONAS DOS SANTOS JUNIOR	Doutorado
PERILO GOMES VARGAS	Mestrado
RICARDO ROSA DE SOUZA	Especialização
SABRINA CARDOSO FERREIRA	Especialização
SARINA CONCEIÇÃO LESSA	Especialização
SILVIA LANE FREITAS FOLY	Mestrado
TARCILIA HENRIQUE DO AMARAL CORREA	Doutorado
VANESSA DO AMARAL TINOCO	Mestrado

Dados Atualizados em 03/2023

O docente deve atuar como facilitador e agente do processo de aprendizagem analisando os conteúdos dos componentes curriculares a serem transmitidos a partir da realidade do grupo de alunos, dando destaque para a atuação profissional e acadêmica do discente, partindo do pressuposto de que as pessoas crescem por si mesmas, na medida da estimulação do seu potencial.

Sendo assim, o corpo docente analisa os conteúdos dos componentes curriculares, abordando a sua relevância para a atuação profissional e acadêmica do discente, fomenta o raciocínio crítico com base em literatura atualizada, para além da bibliografia proposta, proporciona o acesso a conteúdo de pesquisa de ponta, relacionando-os aos objetivos das disciplinas e ao perfil do egresso, e incentiva a produção do conhecimento, por meio de grupos de estudo ou de pesquisa e da publicação.

4.6 Regime de trabalho do corpo docente do curso

Os professores são contratados, sob o regime da legislação trabalhista, para jornadas em regime de Tempo Integral, Parcial, ou são contratados por hora-aula, tendo em vista as características das disciplinas e do profissional selecionado.

O valor de remuneração da hora-aula é compatível ao praticado na região

onde a instituição está inserida e com base nas convenções estabelecidas entre a mantenedora e o Sindicato dos Professores.

A mantenedora pode utilizar-se de contrato de prestação de serviço por tempo determinado para suprir possíveis carências e/ou necessidades, respeitadas as normas trabalhistas.

Os cargos passíveis e/ou não de gratificação poderão ser classificados como: dedicação por Tempo Integral com Dedicção Exclusiva dedicação por Tempo Integral Sem Dedicção Exclusiva, Dedicção Parcial e/ou Horista, de acordo com critérios definidos pelo Censo Escolar.

Os casos em que haja necessidade de substituição eventual de docente serão tratados de maneira a priorizar profissionais do próprio curso e que tenha aderência e carga horária com disponibilidade para esse acúmulo temporário. Quando não se encontra disponibilidade para tais substituições eventuais no próprio curso, buscar-se-á no mercado de trabalho profissionais qualificados, com base nos critérios de seleção e contratação, definido neste PDI.

Casos de licenças e outros afastamentos são previstos e solucionados com base nas normas legais vigentes e estratégias definidas pelos Coordenadores de Curso. Em casos emergenciais, a contratação de docente substituto(a) poderá ser feita por tempo determinado, por um período letivo, com a possibilidade de renovação, até prazo não superior a 02(dois) anos, sem caracterizar ingresso na carreira docente.

Os casos omissos devem ser avaliados pela reitoria, pró-reitoria em conjunto com a mantenedora.

No curso de graduação em Enfermagem temos os seguintes regimes de trabalho dos docentes na atualidade: 71% são Tempo Integral/Tempo Parcial e 29% horistas,

Docentes	Regime de Trabalho
ABIA DIAS PEREIRA	Tempo Parcial
AMARO CHAVES RAMOS	Horista
ANIZIO ANTONIO PIROZI	Tempo Parcial

BRUNA DA SILVA LOPES MELO	Horista
BRUNO BORGES DO CARMO	Tempo integral
CLODOALDO SANCHES FOFANO	Tempo integral
DARLAN SILVEIRA MARUM	Tempo Parcial
DHYEMILA DE PAULA MANTOVANI	Tempo Parcial
FABIANA DUARTE XAVIER	Tempo Integral
GEANE FREITAS PIRES DE CASTRO	Tempo Parcial
JULIANA RODRIGUES LEOPOLDO	Tempo integral
LAIS GONÇALVES PARVAN	Horista
MARIANA COSTA PEREIRA	Tempo Parcial
MARIANA FERNANDES RAMOS DOS SANTOS	Tempo Parcial
NATANAEL RAMOS DA CRUZ	Horista
OTAVIO MONTEIRO RANGEL	Tempo Parcial
PAULO JONAS DOS SANTOS JUNIOR	Tempo Parcial
PERILO GOMES VARGAS	Horista
RICARDO ROSA DE SOUZA	Tempo Parcial
SABRINA CARDOSO FERREIRA	Horista
SARINA CONCEIÇÃO LESSA	Horista
SILVIA LANE FREITAS FOLY	Tempo Parcial
TARCILIA HENRIQUE DO AMARAL CORREA	Tempo Integral
VANESSA DO AMARAL TINOCO	Tempo Parcial

Dados Atualizados em 03/2023

Sendo assim, o regime de trabalho do corpo docente permite o atendimento integral da demanda existente, considerando a dedicação à docência, o atendimento aos discentes, a participação no colegiado, o planejamento didático e a preparação e correção das avaliações de aprendizagem. As ações dos docentes horistas são registradas em diários de classe; já os que atuam sob regime parcial/integral possuem funções definidas pelo estatuto da IES e registram suas ações através de atas ou sistema de gestão acadêmica.

4.7 Experiência profissional do docente

Constata-se que dos 24 docentes vinculados ao Curso, 18 têm experiência profissional em sua área de atuação docente de, pelo menos 2 anos, excluídas as atividades no magistério superior, ou seja, cerca de 75%.

Docentes	Tempo de Experiência Profissional
ÁBIA DIAS PEREIRA	0
AMARO CHAVES RAMOS	9
ANÍZIO ANTONIO PIROZI	0
BRUNA DA SILVA LOPES MELO	0
BRUNO BORGES DO CARMO	18
CLODOALDO SANCHES FOFANO	10
DARLAN SILVEIRA MARUM	0
DHYEMILA DE PAULA MANTOVANI	13
FABIANA DUARTE XAVIER MACHADO	13
GEANE FREITAS PIRES DE CASTRO	15
JULIANA RODRIGUES LEOPOLDO	7
LAÍS GONÇALVES PARVAN	3
MARIANA COSTA PEREIRA	0
MARIANA FERNANDES RAMOS DOS SANTOS	13
NATANAEL RAMOS DA CRUZ	15
OTÁVIO MONTEIRO RANGEL	16
PAULO JONAS DOS SANTOS JÚNIOR	9
PERILO GOMES VARGAS	0
RICARDO ROSA DE SOUZA	17
SABRINA CARDOSO FERREIRA	13
SARINA DA CONCEIÇÃO LESSA	12
SILVIA LANE FREITAS SILVA	13
TARCÍLIA HENRIQUE DO AMARAL CORRÊA	16
VANESSA DO AMARAL TINOCO	16

Dados Atualizados em 03/2023

Portanto, o corpo docente possui experiência profissional no mundo do trabalho, que permite apresentar exemplos contextualizados com relação a problemas práticos, de aplicação da teoria ministrada em diferentes unidades

curriculares em relação ao fazer profissional, o que favorece relação entre conteúdo e prática. Além de promover compreensão da aplicação da interdisciplinaridade no contexto laboral.

4.8 Experiência no exercício da docência superior

Constata-se que dos 24 docentes vinculados ao Curso, 83% possuem experiência de magistério superior de, pelo menos 3 anos.

Docentes	Experiência na docência superior
ÁBIA DIAS PEREIRA	21
AMARO CHAVES RAMOS	0
ANÍZIO ANTONIO PIROZI	10
BRUNA DA SILVA LOPES MELO	11
BRUNO BORGES DO CARMO	16
CLODOALDO SANCHES FOFANO	10
DARLAN SILVEIRA MARUM	5
DHYEMILA DE PAULA MANTOVANI	7
FABIANA DUARTE XAVIER MACHADO	6
GEANE FREITAS PIRES DE CASTRO	11
JULIANA RODRIGUES LEOPOLDO	7
LAÍS GONÇALVES PARVAN	1
MARIANA COSTA PEREIRA	4
MARIANA FERNANDES RAMOS DOS SANTOS	10
NATANAEL RAMOS DA CRUZ	10
OTÁVIO MONTEIRO RANGEL	10
PAULO JONAS DOS SANTOS JÚNIOR	6
PERILO GOMES VARGAS	21
RICARDO ROSA DE SOUZA	8
SABRINA CARDOSO FERREIRA	0
SARINA DA CONCEIÇÃO LESSA	0
SILVIA LANE FREITAS SILVA	11
TARCÍLIA HENRIQUE DO AMARAL CORRÊA	7

VANESSA DO AMARAL TINOCO

10

Dados Atualizados em 03/2023

Nota-se que o corpo docente possui experiência na docência superior para promover ações que permitem identificar as dificuldades dos discentes, expor o conteúdo em linguagem aderente às características da turma, apresentar exemplos contextualizados com os conteúdos dos componentes curriculares, e elaborar atividades específicas para a promoção da aprendizagem de alunos com dificuldades e avaliações diagnósticas, formativas e somativas, utilizando os resultados para redefinição de sua prática docente no período, exerce liderança e é reconhecido pela sua produção.

4.9 Atuação do colegiado de curso

O Colegiado do Curso (conforme estatuto e ou regimento) tem sua ação por meio das Reuniões de Docentes e Discente(s), sob a coordenação geral do Coordenador do Curso, com registro em Ata, participação dos pares e encaminhamento das decisões a comunidade acadêmica.

Os discentes têm a sua participação por meio de seu(s) representante(s) de turma(s), incentivados pela Coordenação.

A dinâmica de funcionamento proposta para o Colegiado do Curso (Reunião de Professores) consiste na discussão primária dos problemas e questões a serem pensadas em relação ao Curso e, a posteriori, repassar a tônica para os representantes do NDE, para que possam, em coletivo técnico, pensar as decisões a serem tomadas e ações a serem implementadas com vistas ao Curso.

As reuniões dos docentes acontecem periodicamente, com datas previstas pelo Coordenador.

Para a realização de todas essas etapas leva-se em consideração o calendário acadêmico da IES, como forma de melhor atender e organizar as atuações do Curso em eventos, bem como atender ações imediatas por meio de

reuniões extraordinárias.

Sendo assim o colegiado possui representatividade dos segmentos, reúne-se com periodicidade determinada, sendo suas reuniões e decisões associadas devidamente registradas, havendo um fluxo determinado para o encaminhamento das decisões, registrando suas ações através de atas ou sistema de gestão acadêmica.

4.10 Produção científica, cultural, artística ou tecnológica.

Constata-se que dos 24 docentes vinculados ao Curso 13 (54%) têm no mínimo 4 produções científica, cultural, artística ou tecnológica (nos últimos três anos) a saber:

Docentes	Produção
ÁBIA DIAS PEREIRA	0
AMARO CHAVES RAMOS	4
ANÍZIO ANTONIO PIROZI	27
BRUNA DA SILVA LOPES MELO	0
BRUNO BORGES DO CARMO	15
CLODOALDO SANCHES FOFANO	17
DARLAN SILVEIRA MARUM	4
DHYEMILA DE PAULA MANTOVANI	0
FABIANA DUARTE XAVIER MACHADO	4
GEANE FREITAS PIRES DE CASTRO	0
JULIANA RODRIGUES LEOPOLDO	4
LAÍS GONÇALVES PARVAN	4
MARIANA COSTA PEREIRA	0
MARIANA FERNANDES RAMOS DOS SANTOS	50
NATANAEL RAMOS DA CRUZ	0
OTÁVIO MONTEIRO RANGEL	0
PAULO JONAS DOS SANTOS JÚNIOR	37
PERILO GOMES VARGAS	0
RICARDO ROSA DE SOUZA	7
SABRINA CARDOSO FERREIRA	0

SARINA DA CONCEIÇÃO LESSA	0
SILVIA LANE FREITAS SILVA	0
TARCÍLIA HENRIQUE DO AMARAL CORRÊA	4
VANESSA DO AMARAL TINOCO	16

Dados Atualizados em 03/2023

5 INFRAESTRUTURA

5.1 Espaço de trabalho para docentes em tempo integral

O Centro Universitário São José de Itaperuna - UNIFSJ disponibiliza espaço de trabalho para o seu quadro de professores em tempo integral, valorizando a produção e a dedicação do profissional no desenvolvimento de suas ações acadêmicas.

O UNIFSJ dispõe de espaço de trabalho equipado para os docentes em tempo integral, segundo a finalidade de utilização, com computador, impressora, telefone, e atendem aos requisitos de dimensão, acessibilidade, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessários à atividade desenvolvida, garantindo privacidade para o uso dos recursos e para o atendimento aos discentes e para a guarda de material e equipamentos pessoais, com segurança.

Por desempenharem outras funções na instituição os professores em TI já possuem salas ou gabinetes/estação de trabalho de modo a atender de maneira excelente as demandas pertinentes.

5.2 Espaço de trabalho para o coordenador

A sala destinada a coordenação do curso está localizada no térreo do prédio da Fundação educacional e Cultural São José, mantenedora do Centro Universitário São José de Itaperuna, com dimensões de 46,61m² de área para atendimento ao público, banheiro privativo e duas salas (total 14,86 m²) que permitem o atendimento de indivíduos ou grupos com privacidade.

Além disso, o espaço possui recursos de tecnologias da informação e comunicação apropriados para execução das ações acadêmico administrativas do coordenador.

5.3 Sala coletiva de professores

Os docentes do Centro Universitário São José de Itaperuna - UNIFSJ dispõe de ampla sala de professores, com dimensões de 67,79 m², temperatura

condicionada e composta por mesa de estudo coletiva, áreas de estudo individual, equipamentos de informática com acesso à internet, ambiente de estar, e armários para armazenamento de objetos pessoais e material. Além disso, o acesso à internet sem fio garante àqueles que trazem seus computadores portáteis o acesso à rede, possibilitando o bom desenvolvimento das atividades complementares a sala de aula.

Portanto, a sala coletiva de professores viabiliza o trabalho docente, apresenta acessibilidade e possui recursos de tecnologias da informação e comunicação apropriados para o quantitativo de docentes, permitindo o descanso e atividades de integração.

5.4 Salas de aula

A instituição disponibiliza para o Centro Universitário um total de 32 salas de aula com uma área total de aproximadamente 1.881,5 m², todas com o mesmo padrão de ambientação, atendendo de maneira excelente as necessidades institucionais, tais como: conforto, tamanho, limpeza, iluminação, acústica, segurança, acessibilidade, manutenção periódica e disponibilidade de recursos de tecnologias da informação e comunicação adequados às atividades desenvolvidas.

5.5 Acesso dos alunos a equipamentos de informática

A Fundação São José dispõe de três laboratórios de informática que possuem ar condicionado, iluminação adequada, internet banda larga, 71 (setenta) computadores distribuídos da seguinte forma:

- Laboratório I - 25 (vinte e cinco)
- Laboratório II - 29 (vinte e nove)
- Laboratório III - 17 (dezessete)

Esses laboratórios podem ser utilizados para aula e para uso individual dos alunos. Funcionam em tempo integral com a supervisão/orientação de um profissional responsável. Há também, um manual de normas que orienta o uso por parte da comunidade acadêmica, disponível para consulta.

Para fazer frente aos desafios da prestação de serviços de Tecnologia da

Informação, o Centro Universitário São José de Itaperuna, revisa anualmente todas as necessidades de atualização tecnológica dos equipamentos e softwares, adequando-as ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). A proposta é que todo processo de atualização seja realizado de maneira organizada, alinhando tecnologia e planejamento, bem como alocar de maneira estruturada os recursos orçamentários de infraestrutura tecnológica.

A Fundação São José também disponibiliza aos seus alunos acesso à internet através de rede *wireless*.

Portanto, os laboratórios de informática, atendem às necessidades institucionais e do curso em relação à disponibilidade de equipamentos, ao conforto, à estabilidade e velocidade de acesso à internet, à rede sem fio e à adequação do espaço físico, além de possuir equipamentos atualizados.

5.6 Bibliografia básica

O acervo bibliográfico da Biblioteca Padre Humberto está informatizado através do Sistema GIZ, que permite o registro, empréstimo, catalogação, classificação, consulta e reserva online. O usuário dispõe de catálogos atualizados, onde consta a relação de livros e monografias. Na catalogação e classificação, utilizamos o CDD, a tabela de Cutter e o Código Anglo Americano – CCAA. O virtual possui contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários e ambos estão registrados em nome da IES.

O acervo da bibliografia básica é adequado em relação às unidades curriculares e aos conteúdos previstos no PPC e está atualizado.

Da mesma forma, está referendado por relatório de adequação, assinado pelo NDE, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.

Para os títulos virtuais, há garantia de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à leitura, estudo

e aprendizagem.

O acervo possui exemplares, ou assinaturas de acesso virtual, de periódicos especializados que suplementam o conteúdo administrado nas UC.

5.7 Bibliografia complementar

O acervo bibliográfico da Biblioteca Padre Humberto está informatizado através do Sistema WebGiz, que permite o registro, empréstimo, catalogação, classificação, consulta e reserva online. O usuário dispõe de catálogos atualizados, onde consta a relação de livros e monografias. Na catalogação e classificação, utilizamos o CDD, a tabela de Cutter e o Código Anglo Americano – CCAA. O virtual possui contrato que garante o acesso ininterrupto pelos usuários e ambos estão registrados em nome da IES.

O acervo da bibliografia complementar é adequado em relação às unidades curriculares e aos conteúdos previstos no PPC e está atualizado.

Da mesma forma, está referendado por relatório de adequação, assinado pelo NDE, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.

Para os títulos virtuais, há garantia de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à leitura, estudo e aprendizagem.

O acervo possui exemplares, ou assinaturas de acesso virtual, de periódicos especializados que suplementam o conteúdo administrado nas UC.

5.8 Laboratórios didáticos de formação básica

Nos laboratórios didáticos de formação básica, se desenvolvem atividades pedagógicas de integração entre teoria e prática, das unidades curriculares iniciais, ministradas nos primeiros anos do curso, quando conhecimentos gerais são priorizados, por darem suporte à compreensão de conhecimentos futuros, mais específicos.

São 03 **Laboratórios de Informática** totalizando: uma área de 175,5m², 71 computadores, ar condicionado, quadro branco, mesas e cadeiras.

Um **Laboratório de Ciências Biológicas** perfazendo uma área de 49,53m², equipado com cadeiras, Microscópios, Estufa, Autoclave, Centrífuga, Bancadas, Bancos, Computador, TV, Pias, Contador diferencial de células, Armários, Vidrarias.

Um **Laboratório de Ciências Químicas** perfazendo uma área de 53,95 m², equipado com ar condicionado, microscópio, estufa, geladeira, balanças, aquecedor, capela, deionizador de água, óculos de proteção, chuveiro de emergência, vidrarias.

Um **Laboratório de Ciências da Saúde** perfazendo uma área de 135,96 m², equipado com cama/leito hospitalar, berço hospitalar, prancha-maca, manequim bissexual, manequim bissexual bebê, manequim rcp, simulador ausculta, braço para treino de injetáveis, peças sintéticas (coração, fígado, rim, bexiga, entre outras.), esqueleto, coluna vertebral, pélvis masculina e feminina, sistemas: urinário, circulatório, respiratório, digestório; torso, tela de projeção, cadeiras escolares, computador, projetor multimídia, caixa de som, balança, negatoscópio, hamper, etc.

Para fazer frente aos desafios da prestação de serviços o Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), revisa anualmente todas as necessidades de atualização dos equipamentos de seus, adequando-as ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). A proposta é que todo processo de atualização seja realizado de maneira organizada, alinhando o planejamento, com alocação estruturada dos recursos financeiros.

A aquisição de materiais de consumo é feita baseada nas solicitações encaminhadas pelos responsáveis dos setores e sua manutenção realizada por profissionais capacitados, mantendo a qualidade e a quantidade necessárias para a

realização de ensaios, aulas práticas e atendimentos. Os mesmos possuem normas de funcionamento, utilização e segurança condizentes com a legislação em vigor.

Devido às múltiplas exigências de qualidade tanto no ensino quanto na prestação de serviços, os setores passam por manutenção e fiscalização periódicas, contando com a supervisão de profissionais responsáveis por seus perfeitos funcionamentos e Gerenciamento de Resíduos.

As instalações são adequadas e compatíveis com a proposta acadêmica do curso. O acesso é comum a todos os usuários, inclusive os de mobilidade reduzida.

Esses laboratórios podem ser utilizados durante as aulas e para uso individual dos alunos. Funcionam em tempo integral com a supervisão/orientação de um profissional responsável. Há também, um manual de normas que orienta o uso por parte da comunidade acadêmica, disponível para consulta, bem como relatório de controle de acesso.

Sendo assim, a infraestrutura satisfaz as necessidades do curso, possui normas de funcionamento, utilização e segurança, apresentam conforto, manutenção periódica, serviços de apoio técnico e disponibilidade de recursos de tecnologias da informação e comunicação adequados às atividades a serem desenvolvidas, e possuem quantidade de insumos, materiais e equipamentos condizentes com os espaços físicos e o número de vagas, havendo, ainda, avaliação periódica quanto às demandas aos serviços prestados e à qualidade dos laboratórios.

5.9 Laboratórios didáticos de formação específica

Nos laboratórios didáticos de formação específica, se desenvolvem atividades pedagógicas de integração entre teoria e prática das unidades curriculares direcionadas para a aquisição de conhecimentos e habilidades específicos do curso, de acordo com o perfil de egresso.

Um **Laboratório de Ciências da Saúde** perfazendo uma área de 135,96 m², equipado com cama/leito hospitalar, berço hospitalar, prancha-maca, manequim bissexual, manequim bissexual bebê, manequim rcp, simulador ausculta, braço para treino de injetáveis, peças sintéticas (coração, fígado, rim, bexiga, entre outras.),

esqueleto, coluna vertebral, pélvis masculina e feminina, sistemas: urinário, circulatório, respiratório, digestório; torso, tela de projeção, cadeiras escolares, computador, projetor multimídia, caixa de som, balança, negatoscópio, hamper, etc.

Para fazer frente aos desafios da prestação de serviços o Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), revisa anualmente todas as necessidades de atualização dos equipamentos de seus, adequando-as ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). A proposta é que todo processo de atualização seja realizado de maneira organizada, alinhando o planejamento, com alocação estruturada dos recursos financeiros.

A aquisição de materiais de consumo é feita baseada nas solicitações encaminhadas pelos responsáveis dos setores e sua manutenção realizada por profissionais capacitados, mantendo a qualidade e a quantidade necessárias para a realização de ensaios, aulas práticas e atendimentos. Os mesmos possuem normas de funcionamento, utilização e segurança condizentes com a legislação em vigor.

Devido às múltiplas exigências de qualidade tanto no ensino quanto na prestação de serviços, os setores passam por manutenção e fiscalização periódicas, contando com a supervisão de profissionais responsáveis por seus perfeitos funcionamentos e Gerenciamento de Resíduos.

As instalações são adequadas e compatíveis com a proposta acadêmica do curso. O acesso é comum a todos os usuários, inclusive os de mobilidade reduzida.

Esses laboratórios podem ser utilizados durante as aulas e para uso individual dos alunos. Funcionam em tempo integral com a supervisão/orientação de um profissional responsável. Há também, um manual de normas que orienta o uso por parte da comunidade acadêmica, disponível para consulta, bem como relatório de controle de acesso.

Sendo assim, a infraestrutura satisfaz as necessidades do curso, possui normas de funcionamento, utilização e segurança, apresentam conforto, manutenção periódica, serviços de apoio técnico e disponibilidade de recursos de tecnologias da informação e comunicação adequados às atividades a serem desenvolvidas, e possuem quantidade de insumos, materiais e equipamentos

condizentes com os espaços físicos e o número de vagas, havendo, ainda, avaliação periódica quanto às demandas aos serviços prestados e à qualidade dos laboratórios.

5.10 Laboratórios de ensino para área de saúde

Os laboratórios de ensino para área de saúde, são laboratórios específicos e multidisciplinares para a abordagem dos diferentes aspectos celulares e moleculares das ciências da vida (incluindo anatomia, histologia, bioquímica, farmacologia, fisiologia/biofísica e técnica operatória).

Um **Laboratório de Ciências Biológicas** perfazendo uma área de 49,53m², equipado com cadeiras, Microscópios, Estufa, Autoclave, Centrífuga, Bancadas, Bancos, Computador, TV, Pias, Contador diferencial de células, Armários, Vidrarias.

Um **Laboratório de Ciências Químicas** perfazendo uma área de 53,95 m², equipado com ar condicionado, microscópio, estufa, geladeira, balanças, aquecedor, capela, deionizador de água, óculos de proteção, chuveiro de emergência, vidrarias.

Um **Laboratório de Ciências da Saúde** perfazendo uma área de 135,96 m², equipado com cama/leito hospitalar, berço hospitalar, prancha-maca, manequim bissexual, manequim bissexual bebê, manequim rcp, simulador ausculta, braço para treino de injetáveis, peças sintéticas (coração, fígado, rim, bexiga, entre outras.), esqueleto, coluna vertebral, pélvis masculina e feminina, sistemas: urinário, circulatório, respiratório, digestório; torso, tela de projeção, cadeiras escolares, computador, projetor multimídia, caixa de som, balança, negatoscópio, hamper, etc.

Para fazer frente aos desafios da prestação de serviços o Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), revisa anualmente todas as necessidades de atualização dos equipamentos de seus, adequando-as ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). A proposta é que todo processo de atualização seja realizado de maneira organizada, alinhando o planejamento, com alocação estruturada dos recursos financeiros.

A aquisição de materiais de consumo é feita baseada nas solicitações encaminhadas pelos responsáveis dos setores e sua manutenção realizada por profissionais capacitados, mantendo a qualidade e a quantidade necessárias para a

realização de ensaios, aulas práticas e atendimentos. Os mesmos possuem normas de funcionamento, utilização e segurança condizentes com a legislação em vigor.

Devido às múltiplas exigências de qualidade tanto no ensino quanto na prestação de serviços, os setores passam por manutenção e fiscalização periódicas, contando com a supervisão de profissionais responsáveis por seus perfeitos funcionamentos e Gerenciamento de Resíduos.

As instalações são adequadas e compatíveis com a proposta acadêmica do curso. O acesso é comum a todos os usuários, inclusive os de mobilidade reduzida.

Esses laboratórios podem ser utilizados durante as aulas e para uso individual dos alunos. Funcionam em tempo integral com a supervisão/orientação de um profissional responsável. Há também, um manual de normas que orienta o uso por parte da comunidade acadêmica, disponível para consulta, bem como relatório de controle de acesso.

Sendo assim, os laboratórios específicos e multidisciplinares, estão em conformidade com as DCN, permitem a abordagem dos diferentes aspectos celulares e moleculares das ciências da vida, atendem ao PPC e possuem recursos e insumos necessários para atender à demanda discente.

6 Requisitos legais e normativos

6.1. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso

O curso de Enfermagem do UNIFSJ está amparado Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001, que estabelece as Diretrizes curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem e para tanto o curso atende a todos os dispositivos legais pertinentes, uma vez que cumpre fielmente, através de sua matriz curricular, bem como do Projeto Pedagógico do curso, todos os requisitos traçados pela Diretriz, como carga horária total de 4.037 horas, divididas em 2.667 horas de conteúdos básicos e específicos (Teórico/Prático), 810 horas de Estágio Supervisionado, 150 horas de Atividades Complementares e 410 horas de Atividades Extensionistas.

6.2. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena

Lei Nº 9.394/96, com a redação dada pelas Leis Nº 10.639/2003 e Nº 11.645/2008, e da Resolução CNE/CP Nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP Nº 3/2004.

As diretrizes para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena são atendidas uma vez que a temática é tratada de modo transversal e está inclusa na disciplina, Educação Cultura e Direitos Humanos e no componente curricular - Atividades Complementares.

6.3. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos

Parecer CNE/CP Nº 8, de 06/03/2012, que originou a Resolução CNE/CP Nº 1, de 30/05/2012.

No tocante à Educação em Direitos Humanos são atendidas uma vez que a temática é tratada de modo transversal e está inclusa na disciplina, Educação Cultura e Direitos Humanos e no componente curricular - Atividades Complementares.

6.4. Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista

O Centro Universitário através do Núcleo de atendimento psicopedagógico – NAPE, recomenda propiciar ao estudante com Autismo: (a) oportunidades pedagógicas de construção de conduta e participação por meio de seus pares (metacognição); (b) oportunidade de elaboração de estratégias no cotidiano do ensino: organização da comunicação e organização do estudo (regulação e autorregulação); (c) elaboração de recursos e organização da rotina, de acordo com as peculiaridades de cada aluno e de cada curso.

Para a garantia do direito à educação e ao ensino profissionalizante, conforme preconizado no inciso IV, alínea a, do artigo 3º da Lei nº 12.764/2012, os sistemas de ensino devem efetuar a matrícula dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista nas classes comuns de ensino regular, assegurando o direito à acompanhante de apoio desde que comprovada sua necessidade, fato este ainda não ocorreu nesta IES.

No art. 3º, parágrafo único, a referida lei assegura aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista, o direito à acompanhante, desde que comprovada sua necessidade. Esse serviço deve ser compreendido, à luz do conceito de adaptação razoável de acordo com o que versa o art. 2º da CDPD (ONU/2006), “Adaptação razoável” significa as modificações e os ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional ou indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que as pessoas com deficiência possam gozar ou exercer, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos humanos e liberdades fundamentais.

Ciente de toda a legislação que trata do assunto e principalmente atendendo ao seu propósito de inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista, no caso da existência de demanda, o UNIFSJ compromete-se a disponibilizar atendimento adequado e, caso necessário, acompanhamento especializado ao aluno.

6.5. Titulação do corpo docente

O corpo docente atual do curso Enfermagem é composto por 24 docentes, sendo 21% de doutores, 54% mestres e 25% especialistas, ou seja, 75% dos docentes têm formação *stricto sensu*.

6.6. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

(Resolução CONAES N° 1, de 17/06/2010)

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) tem uma atuação fundamental e constante na melhoria do curso, no atendimento às demandas do mercado de trabalho e nas inovações acadêmicas atuais. Os encontros acontecem em datas pré-determinadas no transcorrer do semestre letivo, com o objetivo de analisar as considerações docentes, as técnicas atuais de ensino-aprendizagem e sua aplicação no curso. Todos os membros são professores ativos, com formação acadêmica e profissional na área do curso, proporcionando o comprometimento entre a teoria e a prática em todo o processo de implantação e atualização do PPC.

O NDE, no âmbito do Curso de Enfermagem tem função consultiva, propositiva e de assessoramento sobre matéria de natureza acadêmica.

6.7. Carga horária mínima, em horas

A IES atende às normativas pertinentes uma vez que trabalha com a carga horária total de 4037 (quatro mil e trinta e sete) horas, articulando teoria e prática, conforme estabelecido pela Resolução CNE/CES N° 04/2009 (Área de Saúde, Bacharelado, Presencial).

6.8 Tempo de integralização

O Curso de enfermagem possui um tempo de Integralização de no mínimo de 04 (quatro) anos, considerando o artigo 2 em seu inciso IV da Resolução 04 de 06 de abril de 2009. O Turno de Funcionamento é Noturno, porém os dois últimos semestres são cursados em tempo integral, tendo em vista que o horário de funcionamento do estágio é matutino/vespertino.

6.9 Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou

mobilidade reduzida

CF/88, Art. 205, 206 e 208, na NBR 9050/2004, da ABNT, na Lei N° 10.098/2000, nos Decretos N° 5.296/2004, N° 6.949/2009, N° 7.611/2011 e na Portaria N° 3.284/2003.

A IES atende às normativas pertinentes uma vez que possui: elevador, rampas permanentes nos ambientes com degraus; salas de aula destinadas ao curso, plenamente adaptadas; e acessibilidade aos demais ambientes da IES tais como: biblioteca, laboratórios, secretaria acadêmica, setor financeiro, sala da direção, sala de coordenação, entre outros.

6.10 Disciplina de Libras

(Dec. N° 5.626/2005)

A IES atende às normativas pertinentes, uma vez que oferece o conteúdo de LIBRAS através da disciplina optativa Língua Brasileira de Sinais.

6.11 Informações acadêmicas

(Portaria Normativa N° 40 de 12/12/2007, alterada pela Portaria Normativa MEC N° 23 de 01/12/2010, publicada em 29/12/2010)

As informações acadêmicas no UNIFSJ estão disponibilizadas na forma impressa e virtual, visto que a IES conta com comunicação através do site institucional, noticiário em rádios de circulação local e regional e avisos afixados em quadros.

6.12 Políticas de educação ambiental

Quanto à integração da educação ambiental às disciplinas do curso de Enfermagem de modo transversal, contínuo e permanente, observa-se o atendimento à Lei nº 9.795, de 27/04/99 e ao Decreto nº 4.281 de 25/06/2002 através da disciplina, Responsabilidade Socioambiental e no componente curricular - Atividades Complementares que abordam temas relacionados à educação ambiental e ainda através de projetos, programas e eventos que promovem atividades que dialogam com a questão do meio ambiente, dentro de possibilidades de manejo, conservação, preservação, inserção de valores, ressignificação de atitudes e

posturas, contribuindo para maior sustentabilidade local e regional.

ANEXOS

1 Matriz Curricular

MATRIZ CURRICULAR – ENFERMAGEM					
Matriz Curricular – 2023					
DISCIPLINAS	CRÉD.	CARGA HORÁRIA			
		TEORIA H/A	PRÁTICA H/A	EXT. H/R	ESTÁGIO H/R
1º PERÍODO					
Anatomia Humana I	4	50	30		-
Biologia Celular	2	30	10		-
Biossegurança	2	40			
Leitura e Produção Textual	2	40			-
História da Enfermagem	2	40	-		-
Ética e Legislação em Enfermagem	2	40			
Bioquímica Básica	4	60	20		
Introdução à Enfermagem	2	40	-		-
SUBTOTAL	20	340	60		0
2º PERÍODO					
Anatomia Humana II	4	50	30		-
Histologia e Embriologia	4	60	20		
Genética Básica	2	40			-
Metodologia Científica	2	40	-		-
Fundamentos Socioantropológicos	3	60			
Parasitologia Básica	2	30	10		-
Relacionamento Interpessoal	3	60			
Extensão I				80	
SUBTOTAL	20	340	60	80	0
3º PERÍODO					
Biofísica	3	60	-		-
Farmacologia I	3	60			-
Fisiologia	4	80	-		-
Políticas Públicas de Saúde	2	40			
Imunologia	4	80	-		-
Bioestatística	2	40	-		-
Processo Saúde Doença	2	40			
Extensão II				50	
SUBTOTAL	20	400	0	50	0
4º PERÍODO					
Microbiologia	4	50	30		-
Semiologia e Semiotécnica I	4	40	40		
Saúde Coletiva I	3	60	-		-

Patologia Geral	2	40	-		-
Farmacologia II	3	60	-		-
Epidemiologia	2	40			
Enfermagem e Educação	2	40			
Extensão III				80	-
SUBTOTAL	20	330	70	80	0
5º PERÍODO					
Saúde Coletiva II	2	40			
Semiologia e Semiotécnica II	4	40	40		-
Enfermagem em Clínica Cirúrgica I	2	30	10		-
Saúde Mental e Psíquica	2	40			-
Saúde da Criança e Adolescente I	3	50	10		
Saúde do Adulto e do Idoso I	3	40	20		
Atenção à Saúde da Mulher I	4	60	20		-
Extensão IV				80	
SUBTOTAL	20	300	100	80	0
6º PERÍODO					
Clínica Cirúrgica II	2	30	10		
Saúde da Criança e Adolescente II	3	40	20		-
Saúde do Adulto e do Idoso II	4	60	20		-
Nutrição Humana	2	40			
Optativa I	2	40			-
Atenção à Saúde da Mulher II	4	60	20		
Urgências e Emergências	3	50	10		
Extensão V				40	
SUBTOTAL	20	320	80	40	0
7º PERÍODO					
Trabalho de Conclusão de Curso I	3	60	-		-
Terapia Intensiva	4	60	20		
Gestão da Assistência de Enfermagem na Atenção Primária	2	40	-		-
Enfermagem Neonatal	4	60	20		
Gestão da Assistência de Enfermagem em Rede Hospitalar	2	40			
Sistematização da Assistência de Enfermagem e Registro de Enfermagem	3	60			
Responsabilidade Socioambiental	2	40			
Extensão VI				80	
SUBTOTAL	20	360	40	80	0
7º PERÍODO – DIURNO					
Estágio Supervisionado em Saúde da Mulher	-	-	-		100
Estágio Supervisionado em Saúde do Recém-nascido, Criança e Adolescente	-	-	-		100
Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso I	-	-	-		80

Estágio Supervisionado em Saúde Mental	-	-	-		90
Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva	-	-	-		100
SUBTOTAL	0	0	0	0	470
8º PERÍODO					
Prevenção e Tratamento de lesões cutâneas	3	40	20		-
Interpretação de Exames Laboratoriais	2	40	-		-
Optativa II	2	40	-		-
Educação, Cultura e Direitos Humanos	2	40	-		-
Trabalho de Conclusão de Curso II	4	80	-		-
Psicologia Aplicada à Saúde	2	40			
Saúde do Trabalhador	2	40			
Enfermagem Oncológica	3	60			
SUBTOTAL	20	380	20	0	0
8º PERÍODO – DIURNO					
Estágio Supervisionado em Terapia Intensiva	-	-	-		100
Estágio Supervisionado em Emergência	-	-	-		80
Estágio Supervisionado em Gestão da Atenção Primária e Rede Hospitalar	-	-	-		80
Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso II	-	-			80
SUBTOTAL	0	0	0	0	340
TOTAL	160	2.770	430	410	810
TOTALIZADORES DE CARGA HORÁRIA					
				H/A	H/R
Atividades Complementares				180	150
Conteúdos Básicos e Específicos (Teoria e Prática)				3.200	2667
Estágio Supervisionado				972	810
Extensão				492	410
CARGA HORÁRIA TOTAL				4844	4037

OPTATIVAS	Créditos	H/A
Libras	2	40
Enfermagem na Terapia Dialítica	2	40
Assistência em Reabilitação	2	40
Enfermagem nas Doenças Transmissíveis	2	40
Tanatologia	2	40
Introdução ao Processo de Doação de Órgãos e Tecidos	2	40
Psicofarmacologia	2	40
Virologia humana	2	40

2 Representação Gráfica – Estrutura Curricular

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	7º Período (Diurno)	8º Período	8º Período (Diurno)
Anatomia Humana I	Anatomia Humana II	Biofísica	Microbiologia	Saúde Coletiva II	Clínica Cirúrgica II	Trabalho de Conclusão de Curso I	Estágio Supervisionado em Saúde da Mulher	Prevenção e Tratamento de lesões cutâneas	Estágio Supervisionado em Terapia Intensiva
Biologia Celular	Histologia e Embriologia	Farmacologia I	Semiologia e Semiotécnica I	Semiologia e Semiotécnica II	Saúde da Criança e Adolescente II	Terapia Intensiva	Estágio Supervisionado em Saúde do Recém-nascido, Criança e Adolescente	Interpretação de Exames Laboratoriais	Estágio Supervisionado em Emergência
Biossegurança	Genética Básica	Fisiologia	Saúde Coletiva I	Enfermagem em Clínica Cirúrgica I	Saúde do Adulto e do Idoso II	Gestão da Assistência de Enfermagem na Atenção Primária	Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso I	Optativa II	Estágio Supervisionado em Gestão da Atenção Primária e Rede Hospitalar
Leitura e Produção Textual	Metodologia Científica	Políticas Públicas de Saúde	Patologia Geral	Saúde Mental e Psíquica	Nutrição Humana	Enfermagem Neonatal	Estágio Supervisionado em Saúde Mental	Educação, Cultura e Direitos Humanos	Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e do Idoso II
História da Enfermagem	Fundamentos Socioantropológicos	Imunologia	Farmacologia II	Saúde da Criança e Adolescente I	Optativa I	Gestão da Assistência de Enfermagem em Rede Hospitalar	Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva	Trabalho de Conclusão de Curso II	
Ética e Legislação em Enfermagem	Parasitologia Básica	Bioestatística	Epidemiologia	Saúde do Adulto e do Idoso I	Atenção à Saúde da Mulher II	Sistematização da Assistência de Enfermagem e Registro de Enfermagem		Psicologia Aplicada à Saúde	
Bioquímica Básica	Relacionamento Interpessoal	Processo Saúde Doença	Enfermagem e Educação	Atenção à Saúde da Mulher I	Urgências e Emergências	Responsabilidade e Socioambiental		Saúde do Trabalhador	
Introdução à Enfermagem	Extensão I	Extensão II	Extensão III	Extensão IV	Extensão V	Extensão VI		Enfermagem Oncológica	
ATIVIDADES COMPLEMENTARES									
	Ciências Humanas e Sociais								
	Ciências Biológicas e da Saúde								
	Ciências da Enfermagem								
	Optativas								
	Extensão								

3 Ementário

1º Período

ANATOMIA HUMANA I

Ementa

Conceituação da anatomia em sentido amplo e generalista. Delimitar as grandes divisões do corpo humano. Planos de delimitação e posicionamento do corpo humano. Osteologia. Artrologia. Miologia. Sistema Nervoso Central. Sistema Nervoso Periférico. Estudo morfofuncional dos principais sistemas orgânicos: Locomotor (Esquelético, Articular, Muscular), Circulatório, Respiratório, Digestório.

Bibliografia Básica

DANGELO, J.G. & FATTINI, C. A. Anatomia humana sistêmica e segmentar - 3ª ed., Rio de Janeiro:Atheneu, 2011.

JARMEY C. Músculos: uma abordagem concisa. 1ª ed. São Paulo: Manole, 2018.

SLEUTJES, Lúcio. Anatomia Humana-2 ed-São Caetano do Sul, SP : Yendis , 2008.

SOBOTTA, Johannes. Atlas de Anatomia: Tronco, vísceras e extremidade inferior – 22ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

Bibliografia Complementar

COLICIGNO P. R. C. et al. Atlas Fotográfico de Anatomia. 1ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

GIRON P. A. Princípios de Anatomia Humana: Atlas e texto. 2ª ed. Rio Grande do Sul: Educs, 2009.

SLEUTJES, Lúcio. Guia de Anatomia Humana/Lúcio Sleutjes, Juiz de Fora:Gryphon,2014.

TORTORA, Gerard J., NIELSEN, Mark T. Princípios de Anatomia Humana, 12ª

edição. Guanabara Koogan, 06/2013. [Minha Biblioteca].

TORTORA, G.J. Princípios de Anatomia e Fisiologia. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BIOLOGIA CELULAR

Ementa

Introdução ao estudo da célula, morfologia celular, células procariontes e eucariontes, estrutura e função das organelas celulares. Membrana plasmática, citoplasma, organelas citoplasmáticas membranares. Comunicação celular e princípios de sinalização celular e núcleo celular. Conhecer a diversidade e as características universais das células a composição química e os métodos de visualização celular, bem como os mecanismos de transporte, organização interna e ciclo celular.

Genética - cromossomos, estrutura, função, tipos e classificação.

Bibliografia Básica

ALBERTS, B. et al. Biologia Molecular da Célula. 5ª ed. Artmed, 2011.

ALBERTS, B. Fundamentos da Biologia Celular. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DE ROBERTIS, E.M.F. & HIB, J.P. Bases da Biologia Celular e Molecular. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, H. F., RECCO-PIMENTEL, S. M. A Célula. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2020

NUSSBAUM, R. L. Thompson & Thompson – Genética Médica. RJ. Guanabara Koogan, 2002

REZEK, Ângelo José Junqueira. Biologia Celular e Molecular. 9ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

WATSON, James D.; BELL, Tania A Baker; Stephen P.; GANN, Alexander ; LEVINE, Michael; LOSICK, Richa. Biologia Molecular do Gene. 5ª ed. Porto Alegre,

RS: Artmed, 2006.

ZAHA, Arnaldo ; FERREIRA, Henrique Bunselmeyer ; PASSAGLIA, Luciane M. P. *Biologia Molecular Básica*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

BIOSSEGURANÇA

Ementa

Introdução a Biossegurança no mundo; métodos de esterilização; Barreiras de contenção; níveis de concentração física; estrutura e organização de laboratório; mapa de risco; gerenciamento de resíduo; risco físico; Principais doenças diagnosticadas em profissionais de saúde; material- perfuro cortante; Noções de primeiros socorros; Prevenção e combate a incêndio.

Bibliografia Básica

BARSANO, Paulo Roberto - BARBOSA, Rildo Pereira - GONÇALVES, Emanoela - SO-ARES, Suerlane Pereira da Silva .*Biossegurança - Ações Fundamentais para Promoção da Saúde - Série Eixos – Barsano*. Editora: Iátria 2014,.

Biossegurança no contexto da saúde São Paulo : Saraiva, 2013

FREITAS, Elizabete Viana de. *Biossegurança aplicada a laboratórios e serviços de saúde*, São Paulo. Ateneu, 2003.

Bibliografia Complementar

BERG, Jeremy Mark; TYMOCZKO, John L.; STRYER, Lubert *Biossegurança e Controle de Infecções*, 2ª edição. S.ed. , Rio de Janeiro. 2014

Bioética e gestão em saúde ;; Editora, InterSaberes; 1ª edição (1 fevereiro 2018)

Bioética para profissionais da saúde Cadernos de saúde pública / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública 26(5):1052-1053 disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262512370_Bioetica_para_profissionais_da

_saude

CARDOSO., and Telma Abdalla de Oliveira. Biossegurança, Estratégias de Gestão, Riscos, Doenças Emergentes e Reemergentes. Santos, 2012. VitalBook file.

Daniela, SOLURI,, and NETO, Joaquim. Série Educação Profissional - SMS - Fundamentos em Segurança, Meio Ambiente e Saúde. LTC, 2015. VitalBook file

RODRIGUES, Marcelo A. Direito ambiental. (Coleção esquematizado®) . : Editora Saraiva, 2022. E-book. ISBN 9786553624894. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786553624894/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SILVA, José da, BARBOSA, Silene Miranda, DUARTE, Suélen Ribeiro Miranda Pontes. Biossegurança no Contexto da Saúde. IÁTRIA, 06/2014. [Minha Biblioteca].

Leitura e Produção Textual

Ementa

Percepções de leitura e suas estratégias. Compreensão e esclarecimento da oralidade, técnicas e expressões da comunicação. Análise de texto e de Tipos de discurso. Termos e expressões mais correntes da língua portuguesa na literatura em saúde. Tópicos gramaticais. Novo Acordo Ortográfico.

Bibliografia Básica

ANDRADE, Maria Margarida de. Guia prático de redação: exemplos e exercícios, 3ª edição . : Grupo GEN, 2011. E-book. ISBN 9788522471560. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522471560/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar

ABREU, Antonio Suárez. Curso de Redação. 12. ed. São Paulo: Ática, 2010.

Andrade, Maria Margarida, and Henriques, Antonio. Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores, 9ª edição. Atlas, 2009. VitalBook file.

ASSIS, Machado de. Obra completa. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza; CLETO, Ciley. Interpretação de textos: construindo competências e habilidades em leitura. São Paulo: Atual, 2009.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Para entender o texto: leitura e redação. 17.ed. São Paulo: Ática, 2010.

GEIGER, Paulo; SILVA, Renata de Cássia Menezes da. A nova ortografia sem mistério: do ensino fundamental ao uso profissional. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Ementa

História, teorias e o processo da enfermagem. História da Enfermagem no mundo e no Brasil. Figuras ilustres da história da Enfermagem, Florence Nightingale e Anna Néri. Principais teorias e teóricos da enfermagem. Propõem ainda a apresentação para análise e discussão entre discentes e docentes, Teorias e/ou Conceitos de Enfermagem (Florence, Doroteia Orem, Imogine King, Marta Rogers); de Educação (Paulo Freire), de administração e social (Liderança, análise Institucional) e a CIPE, focalizando sua contribuição ao desenvolvimento do conhecimento na área de Enfermagem. Discute e resgata os conceitos de cuidado de Enfermagem em toda sua essência desde sua formação na antiguidade e a evolução do cuidar até os dias de hoje, as concepções do cuidar (cultural, estético e

transcultural).

Bibliografia Básica

BRASIL, Leis, etc. Lei 5.905, de 12 de julho de 1973. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 13 de julho de 1973. Seção I, p. 6.825. disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-590573-de-12-de-julho-de-1973_4162.html

História da enfermagem: identidade, profissionalização e símbolos. 2. São Paulo: Yendis, 2013.

OGUISSO, Taka Trajetória histórica e legal da enfermagem .: São Paulo Manole: 2007

RIZZOTTO, Maria Lúcia Frizon. História da enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: AB EDITORA, 2008.

Bibliografia Complementar

CARRARO, T.E. Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale. Goiânia: AB Editora, 1997.

Cianciarullo, Tamara (ed.) Pesquisa em história da enfermagem. SP : Manole

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Documentos Básicos de Enfermagem. CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/categoria/legislacao>

KAWAMOTO, Emilia, and FORTES, Julia Ikeda. Fundamentos de Enfermagem, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2022. VitalBook file.

OGUISSO, Taka Trajetória histórica e legal da enfermagem.: São Paulo Manole : 2007

RIZOTTO, M.L.F. História da Enfermagem e sua relação com a saúde. São Paulo: AB Editora, 1999.

ÉTICA E LEGISLAÇÃO EM ENFERMAGEM

Ementa



Proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer, discutir e refletir sobre princípios e normas éticas que permeiam a atuação da enfermagem, bem como a legislação que regulamenta o exercício profissional e dessa forma proporcionar aos discentes a oportunidade de baseia-se na legislação de enfermagem e em princípios e normas éticas para tomadas de decisões.

Bibliografia Básica

CFE. Código de Ética de enfermagem

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto, A Ética na saúde. São Paulo Pioneira Thomson Learning ,: 2002 .

KURAMOTO, Jaqueline Bergara, Ética e bioética na Enfermagem . SP : Difusão 2022 <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/203187/pdf/0>

ResoluçãoCOFEN564/2017– disponível em:

chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/RESOLU%C3%87%C3%83O-COFEN-N%C2%BA-564-2017.pdf

RIOS, Terezinha Azeredo. 9 ed. Ética e competência. São Paulo: Cortez,2000.

Bibliografia Complementar

Márcia Helena Caprara Lionço .O direito e a morte: uma abordagem ética. SP : Educs, 2011

OGUISSO, Taka, SCHIMIDT, Maria José. O Exercício da Enfermagem - Uma Abordagem Ético-Legal, 4ª edição. Guanabara Koogan, 01/2017. [Minha Biblioteca].

OGUISSO, T.; FREITAS, Genival Fernandes de Legislação de enfermagem e saúde – histórico e atualidades. SP: Manole, 2015

Robert M. Veatch. Bioética, 3ed. SP:

TAILLE, and Yves de La. Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas. ArtMed, 2011. VitalBook file.

Renata Dejtiar Waksman, Rachel de Carvalho e Olga Guilhermina Dias Farah.

Enfermagem em centro de material, biossegurança e bioética. SP : Manole,

BIOQUÍMICA BÁSICA

Ementa

Introdução a biomoléculas. Soluções aquosas, ácidos e bases. pH e solução tampão. Aminoácidos e peptídeos. Proteínas fibrosas e globulares. Metabolismo de proteínas, carboidratos e lipídeos. Atividades enzimáticas. Bioenergética celular. Macronutrientes e micronutrientes.

Bibliografia Básica

DELVIN, T. M. Manual de Bioquímica com Correlações Clínicas. Tradução da 7 ed. Americana. Blucher, 2007.

BERG, Jeremy M.; TYMOCZKO, John L.; J., Jr. Gatto G.; STRYER, Lubert. Bioquímica . : Grupo GEN,2014/ 2021. E-book. ISBN 9788527738224. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527738224/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo B. Bioquímica Básica . : Grupo GEN, 2007/2015. E-book. ISBN 978-85-277-2782-2. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2782-2/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SMITH, C.; MARKS, A. D.; LIEBERMAN, M. Bioquímica Médica Básica de Marks. 2 ed. Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar

BROWN, TA Bioquímica . : Grupo GEN, 2018. E-book. ISBN 9788527733038. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527733038/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

COZZOLINO, S. M. F., COMINETTI, C. Bases Bioquímica e Fisiologias da Nutrição. Barueri, SP: Manole, 2013.

FERRIER, Denise R. Bioquímica ilustrada. (Ilustrada) . : Grupo A, 2019. E-

book. ISBN 9788582714867. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582714867/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MOTTA, Valter. Bioquímica . : MedBook Editora, 2021. E-book. ISBN 9786557830208. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786557830208/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MURRAY, Robert K.; BENDER, David A.; BOTHAM, Kathleen M.; KENNELLY, Peter J.; RODWELL, Victor W. Bioquímica Ilustrada de Harper (Lange). Artmed, 2013.

NELSON, David L.; COX, Michael M.; HOSKINS, Aaron A. Princípios de bioquímica de Lehninger. V.1 . : Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558820703. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558820703/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SACKHEIM, G., LEHMAN, D. Química e Bioquímica para Ciências Biomédicas. Barueri, SP: Manole, 2001.

VOET, Donald ; VOET, Judith G. Bioquímica. Artmed, 2013.

INTRODUÇÃO À ENFERMAGEM

Ementa

A dimensão individual e coletiva do cuidado. A questão de gênero no cuidado. A inter-relação entre o trabalho de enfermagem, saúde e cidadania no cenário histórico social. Teorias de enfermagem e instrumento básico para o cuidado. Cuidados básicos de enfermagem.

Introdução Teórica em Enfermagem. A arte de cuidar. Introdução a História da Enfermagem. Atendendo as necessidades e desejos do cliente. Serviço de Saúde. O Cliente Internado. Aspectos Farmacológicos e a Enfermagem. Conceitos Básicos em enfermagem.

Bibliografia Básica

MCEWEN, Melanie. Bases teóricas de enfermagem. 4. Porto Alegre: Artmed, 2016.

HINKLE, Janice L.; CHEEVER, Kerry H. Brunner & Suddarth - Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica - 2 Vols . : Grupo GEN, 2020. E-book. ISBN 9788527736954. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527736954/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

LEWIS, Sharon L. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica: : avaliação e assistência dos problemas clínicos. Rio de Janeiro : Campus / Elsevier, 2013 v 1-2

MATOS, E. L. M., MUGIATTI, M. M. T. F. Pedagogia Hospitalar - A Humanização Integrando Educação e Saúde. 7.ED. Petrópolis: Vozes., 2017

NETTINA, Sandra M. Prática de Enfermagem . : Grupo GEN, 2016/ 2021. E-book. ISBN 9788527738002. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527738002/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SMELTZER, S C; BARE, B G. Brunner e Suddarth Conceitos Básicos em Enfermagem. In: Tratado de enfermagem Médico-cirúrgica. 11^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v 1, 2009.

Bibliografia Complementar

BOFF, L. Saber cuidar ética do humano – compaixão pela terra. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANCO, Luís. Fundamentos de Enfermagem Básica - Tradução da 3^a edição norte-americana . : Cengage Learning Brasil, 2012. E-book. ISBN 9788522113705. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522113705/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

DESLANDES, S. F. (org.) Humanização dos Cuidados em Saúde. Conceitos, Dilemas e Práticas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

DUNCAN, Helen A Dicionário Andrei para enfermeiros e outros profissionais de saúde. 2.ed.. São Paulo: Andrei, 1995.

Emi, KAWAMOTO, Emilia, and FORTES, Julia Ikeda. Fundamentos de Enfermagem, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2022. VitalBook file.

MCEWEN, Melanie. Bases teóricas de enfermagem. 4. Porto Alegre: Artmed, 2016. 2 ex.

SANTOS, M.A.M.; Terminologia em Enfermagem. São Paulo: Martinari. 2006.

TAYLOR, Carol R. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 7. Porto Alegre: Artmed, 2014

WILLS, E. M. Bases Teóricas de Enfermagem. 2ª Ed. São Paulo: ARTMED, 2009.

2º Período

ANATOMIA HUMANA II

Ementa

Estudo e compreensão da morfologia humana do Sistema Genital Masculino e Sistema Genital Feminino. Estudo da forma e da estrutura do Sistema Nervoso Central (SNC). Estudo das meninges e do líquido cefalorraquidiano. A seguir o estudo das seguintes Unidades Didáticas: Medula Espinhal, Tronco Encefálico, Nervos Cranianos, Cerebelo, Diencefalo, Telencefalo e Vascularização do SNC. Diferentes tópicos fazem interligação entre as Unidades: Sistema Nervoso Autônomo, Sistema Piramidal, Sistema Límbico. Estudo do Sistema Sensorial.

Bibliografia Básica

DANGELO, J.G. & FATTINI, C. A. Anatomia humana sistêmica e segmentar 0 3ª ed., Rio de Janeiro: Atheneu, 2011.

KAWAMOTO, Emilia E. Anatomia e Fisiologia para Enfermagem . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9788527729154. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527729154/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Anatomia e fisiologia humana. 2. São Paulo: Érica, 2014.

SLEUTJES, Lúcio. Anatomia Humana. 2 ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, Edito-ra,2008.

SLEUTJES, Lúcio Guia de Anatomia Humana/Lúcio Sleutjes, Juiz de Fora: Gryphon,2014.

Bibliografia Complementar

McMINN, R.M.H. (Robert Matthew Hay) Atlas colorido de anatomia humana: São Paulo Manole, 1985

ABRAHAMS, Peter H. .Atlas colorido de anatomia humana. 7. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2014.

COLICIGNO P. R. C. et al. Atlas Fotográfico de Anatomia. 1ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2009.

GIRON P. A. Princípios de Anatomia Humana: Atlas e texto. 2ª ed. Rio Grande do Sul: Educs, 2009.

JUNQUEIRA, Lília. Anatomia Palpatória - Tronco, Pescoço, Ombro e Membros Superiores, 2ª edição. Guanabara Koogan, 07/2009 VitalSource Bookshelf Online.

TORTORA, Gerard J., NIELSEN, Mark T. Princípios de Anatomia Humana, 12ª edição. Guanabara Koogan, 06/2022. VitalSource Bookshelf Online.

VATENTIM J. G. N.; FALAVIGNA A. Neuroanatomia. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003.

HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA

Ementa

A disciplina Histologia e Embriologia pretende fornecer subsídios para que o aluno possa se desenvolver de forma adequada ao longo do curso. O conteúdo abordará aspectos básicos da embriologia e histologia, incluindo conceito e definição

de histologia. Teoria e prática dos tecidos epitelial, conjuntivo, adiposo, cartilaginoso, ósseo, muscular e nervoso; gametogênese, e desenvolvimento embrionário; características dos períodos embrionário e fetal; anexos embrionários; teratologia e os fatores determinantes.

Bibliografia Básica

MOORE, KL; PERSAUT, V.T.N. Embriologia Básica. Editora Guanabara Koogan, 466pp. 2000.

DE ROBERTIS, Eduardo Bases da biologia celular e molecular Rio de Janeiro Guanabara Koogan 2006/2011 .

JUNQUEIRA, Luiz Carlos U.; CARNEIRO, Jose. Histologia Básica: Texto e Atlas . : Grupo GEN, 2008/2022. E-book. ISBN 9788527739283. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527739283/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Bibliografia Complementar

Eduardo, KATCHBURIAN,, and ARANA, Victor. Histologia e Embriologia Oral - Texto - Atlas - Correlações Clínicas, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

Cestaro , Débora Cristina Embriologia e histologia humana: uma abordagem facilitadora. SP : Inter saberes : 2020

GARCIA, Sônia M L.; FERNÁNDEZ, Casimiro G. Embriologia . : Grupo A, 2012. E-book. ISBN 9788536327044. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536327044/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Gentileza Neiva, org. Histologia. SP, 2014

KOSS, L.G.,GOMPEL, C. Introdução à Citopatologia Ginecológica com Correlações Histológicas e Clínicas. São Paulo: Roca, 2006.

P., GARTNER, Leslie, and HIATT, James L..Atlas Colorido de Histologia, 6ª edição. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file.

PAWLINA, Wojciech. Ross Histologia - Texto e Atlas . : Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788527737241. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527737241/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SOBOTTA, Johannes Atlas de histologia: citologia, histologia e anatomia Microscópica: Rio de Janeiro : Guanabara Koogan , 2007

GENÉTICA BÁSICA

Ementa

O núcleo celular; A organização da informação genética em eucariotos; Estrutura e função de ácidos nucléicos; O ciclo celular; Mecanismos de hereditariedade; Mutações e doenças genéticas humanas; Replicação, transcrição e tradução gênica; Regulação da expressão gênica em eucariotos.

Bibliografia Básica

ALBERTS, B. et al. Biologia Molecular da Célula. 5ª ed. Artmed, 2011./2017

ALBERTS, B. Fundamentos da Biologia Celular. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DE ROBERTIS, E.M.F. & HIB, J.P. Bases da Biologia Celular e Molecular. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006/2011.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, Jose. Biologia Celular e Molecular . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9788527739344. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527739344/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

ROBERTIS, Edward M De; HIB, José. De Robertis Biologia Celular e Molecular . : Grupo GEN, 2014. E-book. ISBN 978-85-277-2386-2. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2386-2/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Bibliografia Complementar



NUSSBAUM, R. L. Thompson & Thompson – Genética Médica. RJ. Guanabara Koogan, 2002

CARVALHO, H. F., RECCO-PIMENTEL, S. M. A Célula. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

REZEK, Ângelo José Junqueira. Biologia Celular e Molecular. 9ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

WATSON, James D.; BELL, Tania A Baker; Stephen P.; GANN, Alexander ; LEVINE, Michael; LOSICK, Richa. Biologia Molecular do Gene. 5ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

ZAHA, Arnaldo ; FERREIRA, Henrique Bunselmeyer ; PASSAGLIA, Luciane M. P. Bio-logia Molecular Básica. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

METODOLOGIA CIENTÍFICA

Ementa

A disciplina envolve temas sobre a natureza, concepções e formas de conhecimento e sobre a prática de atividades básicas de apropriação do conhecimento, como: estudo, leitura, fichamentos, esquemas, resumos, resenhas e sinopses, e também orientações referentes ao Projeto de Pesquisa.

Bibliografia Básica

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2001/12.

CERVO, A.M (org). Metodologia científica. 6a Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

KOCHE, José. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa Carlos Petrópolis : Vozes ,2013. 34.ed./2015

LAKATOS, Eva M. Fundamentos de Metodologia Científica . : Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788597026580. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/>. Acesso em: 19

jul. 2022.

Bibliografia Complementar

CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa. 2a Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

DEMO, Pedro. Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos 5a Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2002.

JUNIOR, C.F. Guia do trabalho científico: Do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. São Paulo, contexto, 2011.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Metodologia Científica . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MARTINS, Heloisa H. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa, vol.30, n2, p.289-300. 2004. Artigo online disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

FUNDAMENTOS SÓCIOANTROPOLÓGICOS

Ementa

A tarefa básica que cabe à disciplina é abordar a questão cultural levando em conta dois aspectos: a matriz sócio antropológica do conceito de cultura e suas infecções em diferentes contextos da sociedade brasileira. Bem como, os principais conceitos da ciência Sociológica que abordam a temática. A Visão histórica e crítica das principais escolas que formaram as correntes clássicas da Sociologia: Comte e o Positivismo; Durkheim e o fato social; Weber e a Sociologia compreensiva; Marx e o materialismo histórico. Conceitos básicos estes, que buscam refletir e

compreender as variáveis que atestam a multiplicidade de culturas que formam aquilo que se convencionou chamar de brasilidade. Se cultura é marca de identidade para um povo, aqui se pretende dialogar com as diferentes identidades e com os inúmeros povos que delinearão e ainda hoje definem o perfil único da sociedade brasileira. Além disso, a presente disciplina busca discutir a legislação e conteúdo da Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Cabe ressaltar que será trabalhada a Lei 11.645/08 que propõe as novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Bibliografia Básica

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense. 2007 disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfendmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6992543/mod_resource/content/3/Aprender%20Antropologia%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20-%20Laplantine.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6992543/mod_resource/content/3/Aprender%20Antropologia%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20-%20Laplantine.pdf)

Boas, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro , Jorge Zahar : 2004/2022

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

Marconi, Marina, e Zélia Maria Presotto. Antropologia - Uma Introdução . Disponível em: Minha Biblioteca, (8ª edição). Grupo GEN, 2019.

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas/ 18 ed. – Petrópolis, Vozes,2011.

Bibliografia Complementar

ANDRADE, Manuel Correia de. O Brasil e a África. São Paulo: Contexto, 1989.

DIWAN, Pietra. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo, FSJ. BV, 2007. Disponível em: http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572443722/pages/_1. Acesso em: 7 dez, 2013.

FREYRE, Gilberto. __. Sobrados e Mucambos. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia Hiper dialética. São Paulo: FSJ. BV. 2011. Disponível em: <http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572446433/pages/-2>. Acesso em: 7 dez, 2013.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura afro-brasileira. FSJ. BV. 2007. Disponível em: http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572443715/pages/_1. Acesso em 7 dez, 2013.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PARASITOLOGIA BÁSICA

Ementa

Agentes etiológicos de doenças parasitárias humanas. Estudo do fenômeno parasitismo e da relação parasita-hospedeiro. Aspectos morfológicos, transmissão, ciclo evolutivo, noções sobre a ação patogênica, diagnóstico laboratorial e profilaxia dos principais parasitas humanos que ocorrem no Brasil.

Bibliografia Básica

CIMERMAN, Benjamin. Atlas de parasitologia. RJ : Atheneu Cultura, 2005

FREITAS, Elisangela Oliveira de. Imunologia, parasitologia e hematologia aplicadas à biotecnologia. São Paulo: Érica, 2015.

NEVES, David Pereira. Parasitologia humana. 4. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 2016.

REY, Luís. Bases da parasitologia médica. 3. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

REY, Luís. Parasitologia. 4 ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan ,2013.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Subsídios para a construção da Política Nacional de Saúde Ambiental. Brasília – DF, 2007. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/subsi_miolo.pdf

Artigos científicos de revistas conceituadas.

Brener , Beatriz. Org. Parasitologia, SP : s.ed., 2012

FERREIRA, Marcelo Urbano. Parasitologia Contemporânea, 5ª edição.. : Rio de Janeiro Grupo GEN 08/2012/2020

Fischbach, Frances, T. e Marshall Barnett Dunning III. Exames Laboratoriais e Diagnósticos em Enfermagem . Disponível em: Minha Biblioteca, (9ª edição). Grupo GEN, 2015.

Nicoll, Diana. Manual de exames diagnósticos . Disponível em: Minha Biblioteca, (7ª edição). Grupo A, 2019.

REY.,and Luís. Bases da Parasitologia Médica, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2009. Vital Book file.

RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Ementa

Movimento das relações humanas; Competência interpessoal e seus aspectos fundamentais; Relações interpessoais e o processo de comunicação humana; O grupo: seu funcionamento e desenvolvimento; Gestão de pessoas: estilos e implicações nas relações interpessoais. Emoções e afetos no trabalho. Respeito ao próximo e para consigo mesmo. Marketing Pessoal. Trabalhe sua imagem. A importância da boa apresentação pessoal. Como falar em público. Ética na empresa.

Bibliografia Básica

CHIAVENATO, I. Administração de Recursos Humanos. São Paulo: Atlas:



1981.\2021

CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas: e o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 3. ed. - Rio de Janeiro: 2010 – 9ª reimp. Elsevier

KURCGANT, Paulina , org. Gerenciamento em enfermagem. 3. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

MARRAS, Jean P. Administração de recursos humanos . Disponível em: Minha Biblioteca, (15ª edição). Editora Saraiva, 2016.,

Bibliografia Complementar

França., and Ana Cristina Limongi. Práticas de Recursos Humanos – PRH : conceitos, ferramentas e procedimentos. Atlas, 2012. Vital Book file.

Burmester, Haino. Gestão de pessoas em saúde (Série Gestão Estratégica de Saúde) . Disponível em: Minha Biblioteca, Editora Saraiva, 2019.

Chiavenato, Idalberto. Gestão de Pessoas - O Novo Papel da Gestão do Talento Humano . Disponível em: Minha Biblioteca, (5ª edição). Grupo GEN, 2020.

José Carlos Zanelli, Jairo Eduardo Borges-Andrade, Antônio Virgílio Bittencourt Bastos (organizadores). Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil Porto Alegre: Artmed, 2014

MAXIMIANO., and Antonio Cesar Amaru. Recursos Humanos - Estratégia e Gestão de Pessoas na Sociedade Global. LTC, 2014. VitalBook file.

ROBBINS, STEPHEN P. – Comportamento Organizacional. - 11. ed. – São Paulo: I, 2016 – 1ª reimp. Prentice Hall

SCHERMERHORN, John R., HUNT, James G., and OSBORN, Richard N.. Fundamentos de Comportamento Organizacional, 2ª Edição. Bookman, 2007. VitalBook file.

Snell, Scott, A. et al. Administração de recursos humanos . Disponível em: Minha Biblioteca, (4ª edição). Cengage Learning Brasil, 2020. See More

3º período**BIOFÍSICA****Ementa**

Grandezas Físicas. Análise Dimensional. Transformação de Unidades. Bioeletrogênese. Excitação e respostas celulares. Comunicação Celular. Biofísica da Circulação e Respiração. Biofísica da Audição. Biofísica da Visão. Biofísica das radiações.

Bibliografia Básica

DURAN, José Henrique Rodas. Biofísica: conceitos e aplicações. 2.ed. São Paulo: Pearson, 2011.

HENEINE, I. F. Biofísica Básica. São Paulo: Atheneu, 2005/8 ; disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4708333/mod_resource/content/2/Livro%20Biofi%CC%81sica%20Ba%CC%81sica%20-%20Ibrahim%20Felippe%20Heneine.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4708333/mod_resource/content/2/Livro%20Biofi%CC%81sica%20Ba%CC%81sica%20-%20Ibrahim%20Felippe%20Heneine.pdf)

OKUNO, E.; CALDAS, I. L.; CHOW, C. Física para Ciências Biológicas e Biomédicas. São Paulo: Harbra, 1986.

Bibliografia Complementar

Alberto, MOURÃO Jr., Carlos, na d ABRAMOV, Dimitri Marques. Biofísica Conceitual Guanabara Koogan, 2031. Vital Book file.

Compri, NARDY, Mariane B., SANCHES, José A. Garcia, and STELLA, Mercia Breda. Bases da Bioquímica e Tópicos de Biofísica - Um Marco Inicial. Guanabara Koogan, 2021.. Vital Book file.

DURAN, José Henrique Rodas. Biofísica: fundamentos e aplicações. 2.ed. São Paulo : Prentice Hall, 2003.

Guyton, AC. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002./2021

HALLIDAY, RESNICK e WALTER. Fundamentos de Física - Vol1. São Paulo, LTC, 2006.

HEWITT., and Paul G.. Fundamentos de Física Conceitual, 11ª edição. Bookman, 2011. VitalBook file.

MARTINS-COSTA, Judith; MÖLLER, Letícia Ludwig; Biofísica Essencial. Rio de Janeiro. Ed. Gen

FARMACOLOGIA I

Ementa

Princípios gerais de distribuição, metabolismo e eliminação de drogas. Principais grupos farmacológicos utilizados na terapêutica. Mecanismos de ação, farmacocinética, interação entre produtos farmacológicos, toxicidade e ações nos diversos sistemas orgânicos.

Bibliografia Básica

BRUNTON, L.L. Goodman & Gilman: As Bases Farmacológicas da Terapêutica. 11ª ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2006/2018.

G., KATZUNG, Bertram, MASTERS, Susan B., and TREVOR, Anthony J. Farmacologia básica e clínica, 12th Edition. AMGH, 2013. Vital Book file. 15. Ed./2022

NASCIMENTO, Marcus Teódolo Farias do. Farmacologia para enfermagem. Rio de Janeiro : Guanabara Kooga, 2006

SOARES, VINICIUS H. P. Farmacologia Humana Básica. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.

Bibliografia Complementar

Clark, Michelle, Finkel, Richard, Rey, Jose A., and Whalen, Karen. Farmacologia ilustrada, 5th Edition. ArtMed, 2013. Vital Book file.

BRUNTON, Laurence, PARKER, Keith L., BLUMENTHAL, Donald K., and BUXTON, Iain L. O.. Goodman & Gilman: Manual de Farmacologia e Terapêutica: O

Manual Portável do Melhor Livro-Texto de Farmacologia do Mundo. AMGH, 2014. Vital Book file.

Danni, FUCHS, Flávio, and WANNMACHER, Lenita. Farmacologia Clínica, 4ª edição. Guanabara Koogan, 2010. Vital Book file.

Guareschi, Ana Paula Dias, F. et al. Medicamentos em Enfermagem, Farmacologia e Administração . Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2017.

NASCIMENTO, Marcus Teódolo Farias do. SPRINGHOUSE. Farmacologia para Enfermagem - Série Incrivelmente Fácil. Guanabara Koogan, 2006.

SILVA, Penildon. Farmacologia, 8ª edição . : Grupo GEN, 2010. E-book. ISBN 978-85-277-2034-2. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2034-2/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

FISIOLOGIA

Ementa

Introdução à Fisiologia: Célula e Fisiologia Geral. Potencial de membrana e ação. Imunidade e Coagulação Sanguínea. Homeostasia. Funções dos sistemas de sustentação, tegumentar, sensorial, neuromuscular, neurovegetativo, cardiovascular, respiratório, digestório, endócrino, nervoso, excretor e reprodutor.

Bibliografia Básica

STANFIELD, L. Cindy. Fisiologia humana. 5.ed. São Paulo, 2013./2019

GUYTON, Arthur C; HALL, John E. Tratado de Fisiologia Médica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011./2021

SANTOS, Nívea Cristina Moreira. Anatomia e fisiologia humana. 2. São Paulo: Érica, 2014.

Bibliografia Complementar

FALAVIGNA A.; SCHENKEL P. C.; Fisiologia Prática. 1ªed. Rio Grande do Sul: Educs, 2010.

Kawamoto, Emilia E. Anatomia e Fisiologia para Enfermagem . Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2022..

MOURÃO Jr., Carlos Alberto; ABRAMOV, Dimitri Marques; Fisiologia Essencial, 5ª edição, 2018

RECCO-PIMENTEL M. S.; CARVALHO H. F.; A Célula. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2007/2019.

SILVERTHORN, DeeUnglaub. Fisiologia Humana – Uma abordagem integrada. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010./2021

WARD, Jeremy T., LINDEN, Roger A. Fisiologia Básica: Guia Ilustrado de Conceitos Fundamentais, 2nd edição. Manole, 01/2014.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE

Ementa

Processo Saúde-Doença; Indicadores Básicos de Saúde no Brasil; Epidemiologia Descritiva na Saúde Pública; Políticas Nacionais e Programas de Promoção à Saúde; Divulgação de Informações em Saúde; Organização de Serviços de Saúde no SUS; Doenças em Destaque e Negligenciadas; Saúde Pública Nutricional; Saúde Reprodutiva, Drogas e Sexualidade; Novas Terapias e Práticas Alternativas em Saúde.

Bibliografia Básica

Guia de Vigilância. Epidemiológica. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Brasília - DF. 2007/2009 disponível em.

<https://bvsmms.saude.gov.br> > Guia_Vig_Epid_novo2;

BRASIL, Ministério da Saúde. O CNS e a construção do SUS: referência estratégia para melhora do modelo de atenção à saúde. Brasília: Editora MS, 2003.

disponível

em:

<http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/cnseaconsrucaodosus.pdf>

Franco, Laércio, J. e Afonso Dinis Costa Passos. Fundamentos de epidemiologia . Disponível em: Minha Biblioteca, (3ª edição). Editora Manole, 2022.

See More

RIZZOTTO, M. L. F. História da Enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiana: AB Editora, 2008.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA FILHO, Naomar de; BARRETO, Mauricio L. Epidemiologia & Saúde - Fundamentos, Métodos e Aplicações. Grupo Gen, 2011.

Fletcher, Grant S. Epidemiologia clínica: elementos essenciais . Disponível em: Minha Biblioteca, (6ª edição). Grupo A, 2021. See More

FRANCO, L. J., PASSOS, A. D. C. Fundamentos de Epidemiologia. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2011.

GERMANO, P. M. L., GERMANO, M. I. S. Higiene e Vigilância Sanitária de Alimentos. 3ª ed. Ver. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2008.;10

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; MIALHE, Fábio Luiz. Educação e Promoção da Saúde - Teoria e Prática. Grupo Gen, 2012/18.

PHILIPPI JR. A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri, SP: Manole, 2005.

IMUNOLOGIA

Ementa

É importante que o futuro enfermeiro tenha uma visão adequada do papel do sistema imunológico na saúde e na doença, reconhecendo a função essencial do sistema imunológico é a defesa contra a infecção. Como sendo uma ciência nova, os imunologistas não apresentam restrições em seu apetite de novas descobertas. No decorrer da matéria poderá ocorrer acréscimos de conteúdos.

Bibliografia Básica

Abbas, Abul K. - Lichtman, Andrew H. - Pillai, Shiv. *Imunologia Básica*, 4.ED. sp : EL-SEVIER, 2013

Abbas, Abul, K. et al. *Imunologia Celular e Molecular* . Disponível em: Minha Biblioteca, (10ª edição). Grupo GEN, 2022.

Freitas, Elisangela Oliveira - Gonçalves, Thayanne Oliveira de Freitas. *Imunologia, Parasitologia e Hematologia, Aplicada a Biotecnologia*. SP : IATRIA, 2015

Roitt. *Imunologia Básica*. Rio de Janeiro Guanabara 2003/2013

Bibliografia Complementar

J., DELVES, Peter, MARTIN, Seamus J., BURTON, Dennis R., and ROITT, Ivan M..Roitt | *Fundamentos de Imunologia*, 12ª edição. Guanabara Koogan, 2013/18 . Vital Book file.

Fader, Robert C. Burton - *Microbiologia para as Ciências da Saúde* . Disponível em: Minha Biblioteca, (11ª edição). Grupo GEN, 2021. See More

Kenneth, MURPHY, TRAVERS, Paul, and WALPORT, Mark. *Imunobiologia de Jane-way*, 7ª edição. ArtMed, 2011/2022 . Vital Book file.

LEVINSON.,and Warren. *Microbiologia Médica e Imunologia*, 10ª/16 edição. AMGH, 2010/2016. Vital Book file. disponível tb em: https://books.google.com.br/books?id=OFDWCwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Microbiologia+M%C3%A9dica+e+Imunologia&hl=pt-BR&newbks=1&newbks_redir=0&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=Microbiologia%20M%C3%A9dica%20e%20Imunologia&f=false

Microbiologia e imunologia. Organizadora Nicole Teixeira Sehnem. SP 2015

Richard, COICO, and SUNSHINE, Geoffrey. *Imunologia*, 6ª edição. Guanabara Koogan, 2010. Vital Book file.

TORTORA, GERARD J., FUNKE, BERDELL R., CASE, CHRISTINE L. *Microbiologia*, 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005/17.

BIOESTATÍSTICA

Ementa

Introdução geral à compreensão da Estatística. Distribuição de frequências. Apresentação gráfica. Medidas de posição.

Bibliografia Básica

AZEVEDO, Amilcar Gomes de. Estatística Básica. Curso de Ciências Humanas e Educação, RJ, Livros Técnicos e Científicos, 1975.

FONSECA, JAIR, S. E MARTINS, GILBERTO DE A. Curso de Estatística. 6ª Edição. Atlas. São Paulo: 1996

TOLEDO, GERALDO LUCIANO, IVO IZIDORO OVALLE, Estatística Básica. ATLAS. A. SÃO PAULO.

Bibliografia Complementar

BLAIR, C., TAYLOR, R. A. Bioestatística para ciências da saúde. São Paulo: 2013

CALLEGARI-JACQUES., and Sidia M. .Bioestatística: Princípios e aplicações. ArtMed, 2011. VitalBook file.

COSTA. Introdução Ilustrada à Estatística 3ª edição. Harbra. São Paulo:1988.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John G.; ROWE, Ricardo. sem Estatística matemática para as ciências da saúde . : Grupo A, [Inserir ano de publicação]. E-livro. ISBN 9788584291007. , 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291007/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MOORE, David, NOTZ, William I., and FLIGNER, Michael A..A Estatística Básica e sua Prática, 6ª edição. LTC, 2014. VitalBook file.

SPIEGEL, Murray, and STEPHENS, Larry J. Estatística - Coleção Schaum, 4ª edição. Bookman, 2009. Vital Book file.

VIEIRA, SONIA, Introdução à Bioestatística. Editora Campus.

PROCESSO SAÚDE DOENÇA

Ementa

Aspectos socioculturais e o processo saúde-doença. Prática de enfermagem na comunidade. Avaliação de Saúde. Considerações sobre o indivíduo e a família relacionadas à doenças. Perspectivas da Enfermagem transcultural. Doenças crônicas e Incapacidade. Promoção da saúde e cuidados preventivos.

O ser humano. A natureza humana. Constituição do sujeito. Educação: da formação à construção do sujeito ético. Conceito de saúde e doença. Processo saúde doença. Crescimento e desenvolvimento das populações. Agravos à saúde das populações. Higiene física, mental e social. Qualidade de vida. Educação para saúde e Promoção da saúde.

Bibliografia Básica

ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & saúde. 4.ed. Rio de Janeiro, Medsi, 2011. cap.

COSTA, Ana Lucia Jezuíno da, and EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem: Eixo Ambiente e Saúde - Série Tekne. ArtMed, 2014. Vital Book file.

SMELTZER, S C; BARE, B G. Brunner e Suddarth Conceitos Básicos em Enfermagem. In: Tratado de enfermagem Médico-cirúrgica. 11^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. v 1.

SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro, and HORTA, Natália de Cássia. Enfermagem em Saúde Coletiva - Teoria e Prática. Guanabara Koogan, 2012. Vital Book file

Bibliografia Complementar

Marco Túlio Zanchi Paulo Luiz Zugno. Sociologia da saúde 3.ed. RJ : Educ, 2012

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Tratado de saúde coletiva. Sp: Hucitec, 2012

CAMPOS, Rosana Onocko . Enfermagem em saúde coletiva. RJ: SENAC, 2012

Paulo Henrique Battaglin Machado, José Augusto Leandro, Mario Sergio Michaliszyn (Org.) Saúde Coletiva: um campo em construção. Rio de Janeiro: Intersaberes, 2012

Pimenta, Cibele Andruccioli de Mattos; Mota, Dálete Delalibera Corrêa de Faria; Cruz, Diná de Almeida Lopes Monteiro da Dor e cuidados paliativos: enfermagem, medicina e psicologia. SP : Manole, 2006

4º período

MICROBIOLOGIA

Ementa

Aspectos históricos e objetivos da microbiologia. Classificação dos microrganismos. Principais grupos de microrganismos, estrutura, reprodução, nutrição e crescimento e controle microbiano. Meios de cultura e necessidades nutricionais de micro-organismos, Vírus e Micologia. Principais técnicas de identificação dos microrganismos e suas utilidades no meio ambiente.

Bibliografia Básica

JAWETZ, Ernest. E. Microbiologia Médica. Editora Guanabara Koogan - 18ª ed. – 1991.

BROOKS, F. Geo., CARROLL, Karen C., BUTEL, Janet S., MORSE, Stephen A., and MIETZNER, Timothy A.. Microbiologia Médica de Jawetz, Melnick e Adelberg, 25ª edição. AMGH, 2012. Vital Book file.

ENGELKIRK, PAul. G. Microbiologia para as ciências da saúde. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015

FORSYTHE, Stephen. Microbiologia de Brock, 12ª edição J. 2013-04-16Porto

Alegre. Microbiologia de Brock, 12ª edição MADIGAN, Michael T.; MARTINKO, John M.; DUN-PLAP, Paul V.; CLARK, David P.

MURRAY, Patrick R. , ROSENTHAL, Ken S. Microbiologia médica. RJ ;Campus / Elsevier, 2014

Bibliografia Complementar

Burton | Microbiologia para as Ciências da Saúde, 9ª edição ENGELKIRK, Paul G.; DU-BEN-ENGELKIRK, Janet; BURTON, Gwendolyn R. W.

LEVINSON, Warren Microbiologia médica e imunologia, 8ª edição. 2010-01-01. Porto Alegre.

Microbiologia médica e imunologia. Porto Alegre : McGraw-Hill, 2016

Microbiologia, 8ª edição TORTORA, Gerard J. ;FUNKE, Berdell R. ; CASE, Christine L.

Trabulsi, L.R. Microbiologia. 6.ed.SP : Livraria Atheneu – 2015.

SEMILOGIA E SEMIOTÉCNICA I

Ementa

A disciplina visa o estudo do levantamento de dados através da anamnese exame físico em todos os sistemas fisiológicos e anatômicos do cliente permitindo a identificação de problemas de enfermagem utilizando de forma adequada as terminologias científicas específicas da área, através dos métodos propedêuticos: inspeção, percussão, palpação e ausculta, proporcionando ao aluno desenvolver habilidades e conhecimentos através de situações de ensino-aprendizagem com enfoque na interdisciplinaridade.

Bibliografia Básica

BARE, B. BRUNNER E SUDDARTH. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9 ed. Guanabara Koogan. Rj, 2002/2022.

NETTINA, Sandra M. Manual de Prática de Enfermagem. 8.ed. Rio de

Janeiro: Guanabara Koogan, 2007/2021.

PORTO, C.C. Semiologia médica.4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005/2019

PUCCINI, Rosana Fiorini. Semiologia da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

TIMBY, B.K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem.6 ed. São Paulo: ARTMED. 2001.836p.

ANDRIS, and Deborah A.. Semiologia - Bases para a Prática Assistencial. Guanabara Koogan, 2006/2015.

CHAVES, Loide C.; POSSO, Maria Belén S. Avaliação Física em Enfermagem . : Editora Manole, 2012. E-book. ISBN 9788520444269. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520444269/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CHAVES, Loide C.; POSSO, Maria Belén S. Avaliação Física em Enfermagem . : Editora Manole, 2012. E-book. ISBN 9788520444269. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520444269/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

COSTA, Ana Lucia Jezuíno da and EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem: Eixo Ambiente e Saúde - Série Tekne. ArtMed, 2014. VitalBook file.

DUNCAN, Helena A.. Dicionário Andrei para enfermeiros e outros profissionais. Tradução de Anita Sampaio. 2. ed. São Paulo: Andrei, 1995.

JENSEN, and Sharon. Semiologia para Enfermagem - Conceitos e Prática Clínica. Guanabara Koogan, 2013. VitalBook file.

NANDA International. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e Classificação.2009-2011. Porto Alegre: Artmed, 2010./2021/2022

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria SAE - Sistematização da

Assistência de Enfermagem - Guia Prático, 2ª edição , 2015

SAÚDE COLETIVA I

Ementa

Bases conceituais e evolutivas da enfermagem em Saúde Pública e Saúde Coletiva. Modelos assistenciais em saúde. Aspectos Técnicos operacionais das Unidades Básicas de Saúde. Metodologias da assistência em saúde pública e coletiva. Conceituado do meio ambiente, ecologia, recursos naturais e poluição. A preservação do ambiente para a saúde individual e coletiva. Ações de intervenção para a transformação da prática da enfermagem, considerando a epidemiologia dos agravos de maior importância para a saúde.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de vigilância epidemiológica / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 6. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 816 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Tratado de saúde coletiva. Sp: Hucitec, 2012

CAMPOS, Rosana Onocko . Enfermagem em saúde coletiva. RJ: SENAC, 2012

FINKELMAN, J., org. Caminhos da saúde no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FI-OCRUZ, 2002. 328 p. ISBN 85-7541-017-2. Available from SciELO Books. disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/sd/pdf/finkelman-9788575412848.pdf>

SOLHA, RAPHAELA KARLA DE TOLEDO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE - COMPO-NENTES, DIRETRIZES E POLÍTICAS PÚBLICAS – SP: ÉRICA

SOUZA, Marina Celly Martins de, HORTA, Natália Cássia. Enfermagem em

Saúde Coletiva - Teoria e Prática. Guanabara Koogan, 09/2012.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Constituição, 1988.

BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Disponível em T:\aps\al-gov\09-leis-8080-8142+LC-141+9394.leg.wpd

BRASIL. Ministério da Saúde. A educação que produz saúde. Série F. Comunicação e Educação em Saúde. Brasília – DF, 2005. Em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05_0209_M.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Curso Básico de Vigilância Epidemiológica- Modulo I - Unidade I. Nível Superior. 1 ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde. 2001. Disp. Em [Curso_vigilancia_epidemiologia.pdf](#)

BRASIL. Ministério da Saúde. Curso Básico de Vigilância Epidemiológica - Modulo III - Unidade I. Brasília, agosto de 2003. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/curso_vigilancia_epidemiologica_modulo_3.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Estrutura Física das Unidades Básicas de Saúde: Saúde da Família. 2ª edição. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília/DF – 2008. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_estrutura_ubs.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Vigilância Epidemiológica. Capítulo 2. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. 2ª Edição. Brasília – DF, 2004. Disp. Em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento_base.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. 3ª ed. Brasília – DF, 2010. Disp. Em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PoliticaNacionalPromocaoSaude.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Família: Panorama, Avaliação e Desafios. 1.ª edição. 1.ª reimpressão. Brasília – DF, 2005

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_familia_panorama_avaliacao_desafios.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde na Escola. Série B. Textos Básicos de Saúde. Cadernos de Atenção Básica. N.24. Brasília – DF. 2009. <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/cab24>

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde na Escola. Série B. Textos Básicos de Saúde. Cadernos de Atenção Básica. N.24. Brasília – DF. 2009. http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd24.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Memórias da saúde da família no Brasil / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 144 p. : il. – (Série I. História da Saúde no Brasil) disp. Em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memorias_saude_familia_brasil.pdf

FREIRE, Caroline, ARAÚJO, Débora de. Política Nacional de Saúde - Contextualização, Programas e Estratégias Públicas Sociais. Érica, 06/2015.

Philippi Jr, A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. SP: Manole, 2005/2015

Saúde coletiva SP, 2012

PATOLOGIA GERAL

Ementa

Principais patologias gerais: processos generativos e infiltrativos celulares. Alterações hemodinâmicas e de coagulação sanguínea. Morte celular. Processos reativos do organismo. Alterações celulares morfológicas e quantitativas. Processos imuno patológicos e calcificação orgânicas.

Introduzir aos alunos os conceitos básicos e as principais características de distúrbios circulatórios, lesões, acúmulos, necrose, alterações de crescimento e diferenciação e neoplasias, habilitando-o a reconhecer microscopicamente estas

alterações.

Bibliografia Básica

REISNER, Howard M. Patologia: uma abordagem por estudos de casos. : Grupo A, 2015/6. E-book. ISBN 9788580555479. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580555479/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

DORETTO, Dario Fisiopatologia clínica do sistema nervoso: fundamentos da semiologia São Paulo Atheneu Cultural, 2005

FARIA, José Lopes de. Patologia geral: fundamentos das doenças, com aplicações clínicas 4. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

MENDES, René – Organizador. Patologia do trabalho. Sp : Atheneu Cultura, 2007

NORRIS, Tommie L. Porth - Fisiopatologia . : Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788527737876. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527737876/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILBERNAGL, Stefan; LANG, Floriano. Fisiopatologia : texto e atlas. : Grupo A, 2016. E-book. ISBN 9788536325996. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325996/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

Bibliografia Complementar

Bogliolo - Brasileiro Filho, Geraldo. Patologia. Rio de Janeiro, Guanabara, 2021

Camargo, Oliveira. Patologia Geral - Abordagem Multidisciplinar. Rio de Janeiro, Guanabara, 2013

Costa, Isabeli, org. Patologia geral. SP: , 2016

E., HANSEL, Donna, and DINTZIS, Renee Z ..Fundamentos de Rubin - Patologia. Guanabara Koogan, 2007. VitalBook file.

REISNER, Howard M. Patologia: Uma Abordagem por Estudos de Casos (Lange). AMGH, 01/2016. VitalSource Bookshelf Online.

ROCHA, Arnaldo Patologia: processos gerais para o estudo de doenças. São Paulo, Rideel 2011

FARMACOLOGIA II

Ementa

Princípios gerais de distribuição, metabolismo e eliminação de drogas. Principais grupos farmacológicos utilizados na terapêutica. Mecanismos de ação, farmacocinética, interação entre produtos farmacológicos, toxicidade e ações nos diversos sistemas orgânicos.

Bibliografia Básica

BRUNTON, L.L. Goodman & Gilman: As Bases Farmacológicas da Terapêutica. 11ª ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill,2006/18.

G., KATZUNG, Bertram, MASTERS, Susan B., and TREVOR, Anthony J..Farmacologia básica e clínica, 12th Edition. AMGH, 2013/2022. VitalBook file.

SOARES, VINICIUS H. P. Farmacologia Humana Básica. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011/2017.

Bibliografia Complementar

Clark, Michelle, Finkel, Richard, Rey, Jose A., and Whalen, Karen. Farmacologia ilustrada, 5th Edition. ArtMed, 2016. VitalBook file.

BRUNTON, Laurence, PARKER, Keith L., BLUMENTHAL, Donald K., and BUXTON, Iain L. O.. Goodman & Gilman: Manual de Farmacologia e Terapêutica: O Manual Portável do Melhor Livro-Texto de Farmacologia do Mundo. AMGH, 2014. VitalBook file.

Danni, FUCHS, Flávio, and WANNMACHER, Lenita. Farmacologia Clínica, 11ª edição. Guanabara Koogan, 2019. VitalBook file.

FORD, Susan M. Farmacologia Clínica . : Grupo GEN, 2019. E-book. ISBN

9788527735681. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527735681/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

GUARESCHI, Ana Paula Dias F.; CARVALHO, Luciane Vasconcelos Barreto de; SALA-TI, Maria I. Medicamentos em Enfermagem, Farmacologia e Administração . : Grupo GEN, 2017. E-book. ISBN 9788527731164. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527731164/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILVA, Penildon. Farmacologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/w2010

SPRINGHOUSE ..Farmacologia para Enfermagem - Série Incrivelmente Fácil. Guanabara Koogan, 2006. VitalBook file.

EPIDEMIOLOGIA

Ementa

Definição, objetivos, abrangência e aplicações da Epidemiologia. História natural da doença, medidas de prevenção. Fatores sociais e ambientais. Estruturas epidemiológicas indicadores de saúde mais utilizada em saúde pública. Vigilância epidemiológica, sanitária e na saúde do trabalhador. Epidemiologia social. O curso tratará os principais conceitos necessários para elaboração e/ou compreensão do diagnóstico de saúde de uma determinada localidade. Será utilizada uma forma objetiva, apoiado em literatura clássica nacional.

Bibliografia Básica

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Epidemiologia e saúde: fundamentos, métodos, aplicações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. de cd

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 6 a ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005 (disponível em

<http://portal.saude.gov.br>).

ENGELKIRK, Paul. G. Microbiologia para as ciências da saúde.. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015 /2021

Rouquayrol, Maria, Z. e Marcelo Gurgel. Rouquayrol - Epidemiologia e saúde . Disponível em: Minha Biblioteca, (8ª edição). MedBook Editora, 2013/2017.

Bibliografia Complementar

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 6 a ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005 (disponível em <http://portal.saude.gov.br>).

ALEXANDRE, Lourdes Bernadete dos Santos Pito. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde. São Paulo: Martinari, 2012.

Epidemiologia. SP: 2014

FRANCO, Laércio Joel, PASSOS, Afonso Dinis (orgs.). Fundamentos de Epidemiologia, 2nd edição. Manole, 01/2011.

Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. Fundamentos de epidemiologia. SP: Manole,

Medronho RA, Bloch KV, Luiz RR, Werneck GL. Epidemiologia. 2ª ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. SAÚDE NO BRASIL 2007. UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE. BRASÍLIA. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007.

ROTHMAN, Kenneth, GREENLAND, Sander, LASH, Timothy, Epidemiologia Moderna, 3rd edição. ArtMed, 01/2015. [MinhaBiblioteca].

ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO

Ementa

O enfermeiro como educador. Educação para a promoção da saúde. A informação como suporte para a educação em saúde. Comunicação em saúde.

Promoção de saúde e espaços urbanos.

Bibliografia Básica

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 7. Petrópolis: Vozes, 2006/2013

Saberes e práticas: guia para ensino e aprendizado de enfermagem. 6. São Paulo: Difusão Européia, c2006/2019 . V 1. (Curso de enfermagem).

Santos, Álvaro, S. e Vânia Del'Arco Paschoal. Educação em saúde e enfermagem . Disponível em: Minha Biblioteca, Editora Manole, 2017.

Bibliografia Complementar

Brasil. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Brasil. Oficinas de educação em saúde e Comunicação: Vamos fazer juntos. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/oficina_comunicacao.pdf

Carvalho, Silvana Denofre. Enfermeiro e o Cuidar Multidisciplinar na Saúde da Criança e do Adolescente. Atheneu Rio, 2012

DALLARI, S.G., et al. O Direito à saúde na visão de um Conselho Municipal de Saúde. CAD. Saúde Pública, 1997; 13(3): 469-478. Disponível em: www.saude.mppr.mp.br/.../File/.../direito_saude_visao_conselho_municipal_saude.pdf

LEONI., and Miriam Garcia. Autoconhecimento do Enfermeiro - Instrumento nas Relações Terapêuticas e na Gestão/Gerência em Enfermagem. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file.

MOREIRA, Taís C.; ARCARI, Janete M.; COUTINHO, Andreia O R.; e outros Saúde coletiva . : Grupo A, 2018. E-book. ISBN 9788595023895. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595023895/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

NERI, M. Soares, W. Desigualdade Social e Saúde no Brasil. CAD. Saúde,

2002; 18(supl.): 77-87.disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700009&lng=pt

WALDOW, V. R. Estratégias de ensino na enfermagem: enfoque no cuidado e no pensamento crítico. Petrópolis: Vozes, 2005.

5º PERÍODO

SAÚDE COLETIVA II

Ementa

Conhecendo a evolução histórica das políticas de assistência à saúde; - Particularizando a evolução da saúde pública no Brasil; - Identificando a estrutura e organização da atenção à saúde no Brasil;- Apresentando o perfil epidemiológico loco-regional e necessidades de saúde;- Situando a Enfermagem em Saúde Coletiva.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de vigilância epidemiológica / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 6. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 816 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

CIARLINI., and Alvaro Luis de A. S.. Direito à saúde – paradigmas procedimentais e substanciais da Constituição, 1ª edição.. Saraiva, 2013. VitalBook file.

COSTA, Ana Lucia Jezuíno da and EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem: Eixo Ambiente e Saúde - Série Tekne. ArtMed, 2014. VitalBook file.

ESHERICK, Joseph, CLARK, Daniel S., and SLATER, Evan D..CURRENT:

Diretrizes Clínicas em Atenção Primária à Saúde (Lange), 10th Edition. AMGH, 2013. VitalBook file.

FINKELMAN, J., org. Caminhos da saúde no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 328 p. ISBN 85-7541-017-2. Available from SciELO Books. disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/sd/pdf/finkelman-9788575412848.pdf>

SOLHA, RAPHAELA KARLA DE TOLEDO. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE - COMPONENTES, DIRETRIZES E POLÍTICAS PÚBLICAS – SP : ÉRICA. 2014

SOUZA, Marina Celly Martins de, HORTA, Natália Cássia. Enfermagem em Saúde Coletiva - Teoria e Prática. Guanabara Koogan, 09/2012.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde na Escola. Série B. Textos Básicos de Saúde. Cadernos de Atenção Básica. N.24. Brasília – DF. 2009.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Tratado de saúde coletiva. Sp: Hucitec, 2012

CAMPOS, Rosana Onocko. Enfermagem em saúde coletiva. RJ: SENAC, 2012

FREIRE, Caroline, ARAÚJO, Débora de. Política Nacional de Saúde - Contextualização, Programas e Estratégias Públicas Sociais. Érica, 06/2015.

Philippi Jr, A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. SP: Manole, 2005

Saúde coletiva SP: Pearson, 2012

SOARES, Cássia B.; CAMPOS, Célia Maria S. Fundamentos de saúde coletiva e cuidado de enfermagem . : Editora Manole, 2013. E-book. ISBN 9788520455296. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455296/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA II

Ementa

Preparar e capacitar os estudantes de enfermagem de hoje a enfrentar os desafios de amanhã. Abordar conceitos fundamentais, enfatizando o cuidado primário, de emergência e o de recuperação. Fornecer embasamento teórico prático para torná-los pensadores críticos, defensores do cliente, realizadores de decisões clínicas e educadoras sempre respeitando os aspectos éticos, morais e diversidade cultural de nossos clientes.

Bibliografia Básica:

CHEEVER, Kerry H..BARE, B. BRUNNER E SUDDARTH. Tratado de enfermagem mé-dico-cirúrgica.9 ed. Guanabara Koogan. Rj, 2002.

NANDA. Diagnóstico de enfermagem - definição e classificação. 2012/2020/2021

NETTINA, S.M. Manual de Prática de enfermagem. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2003/2022.

PORTO, C.C. Semiologia médica.4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.1428p.

PUCINI, Rosana Fiorini. Semiologia da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

ANDRIS, DEBORAH A. ET AL, . Semiologia: bases para a prática assistencial. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

ANDRIS., and Deborah A.. Semiologia - Bases para a Prática Assistencial. Guanabara Koogan, 2006. VitalBook file.

Avaliação física em enfermagem

COSTA, Ana Lucia Jezui da, and EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem: Eixo Ambiente e Saúde - Série Tekne. ArtMed, 2014. VitalBook file.

JENSEN, Sharon. Semiologia para Enfermagem -Conceitos e Prática Clínica . : Grupo GEN, 2013. E-book. ISBN 978-85-277-2403-6. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2403-6/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

KAWAMOTO, Emília E.; FORTES, Julia I. Fundamentos de Enfermagem, 3ª edição . Grupo GEN, 2011. E-book. ISBN 978-85-277-2122-6. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2122-6/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

POTTER, P. A; PERRY, A. G. Fundamentos de enfermagem. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan; 1999.

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem - Guia Prático, 2ª edição

TIMBY, B.K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem.6 ed. São Paulo: ARTMED. 2001.836p.

ENFERMAGEM EM CLÍNICA CIRÚRGICA I

Ementa

Estudo das instalações e a organização da unidade de material. O papel da enfermeiro no centro cirúrgico e na central de material. Princípios de limpeza, acondicionamento, esterilização, armazenamento e controle de material médico-hospitalar. Atividades pertinentes e atuação na central de material de esterilização desde o preparo de material até as normas de manipulação dos diversos aparelhos. Assistência de Enfermagem ao cliente no pré-trans e pós operatório e na recuperação pós anestésica. Ações da comissão em controle em infecção hospitalar voltadas ao centro cirúrgico e centro de material. Sistematização da assistência de enfermagem no centro cirúrgico e centro de material de esterilização.

Bibliografia Básica

Carvalho, Rachel de .Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação. São Paulo: Manole, 2016

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022

CARVALHO, Rachel de, BIANCHI, Estela Regina (orgs.). Enfermagem em Centro Cirúrgico e Recuperação, 2nd edição. Manole, 01/2016.

NANDA International. Diagnósticos de enfermagem da NANDA - 2012-2014. SP: Artmed, 2012/2020/2021

Bibliografia Complementar

BOUCHER, Mary Ann. Enfermagem Médico-Cirúrgica, 4ª edição. Guanabara Koogan, 04/2008. [Minha Biblioteca].

CAVAZZOLA, Leandro Totti, SILVA, Renato da BREGEIRON, Ricardo, MENEGOTTO, Roberto, FIGUEIRE. Conduas em Cirurgia Geral. ArtMed, 04/2011. Disponível em: <https://doceru.com/doc/s00x1es>

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida, and MACHADO, Wiliam César Alves (orgs.). Tratado de Cuidados de Enfermagem Médico-Cirúrgico – v.1. Roca, 2012. VitalBook file in: <https://doceru.com/doc/see8e08>

NETTINA, S.M. Prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 2003/2022.

SILVA, M. A. Enfermagem na Unidade de Centro Cirúrgico. EPU, 1997.IN: <https://doceru.com/doc/nx5c15v>

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem - Guia Prático, 2ª edição

ZOLLINGER, Robert Milton, ELLISON, E. Christopher. Zollinger - Atlas de Cirurgia, 9ª edição. Guanabara Koogan, 03/2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/e85cse0>

SAÚDE MENTAL E PSÍQUICA

Ementa



A evolução histórica da saúde mental. Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil. Epidemiologia da saúde mental. Semiologia Psiquiátrica. Legislação. Síndromes Psiquiátricas (transtornos Mentais). Álcool e drogas. Saúde Mental Infanto-juvenil. Prevenção de Suicídio.

Bibliografia Básica

DALGALARRONDO, P.; Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2000./2019

ESTEFANELLI, Maguida Costa Enfermagem psiquiátrica em suas dimensões assistenciais. São Paulo : Manole: 2008/2017 .

Marcolan, João Fernando, Castro, Rosiani C.B.Ribeiro. Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica. SP: Elsevier, 2013

Bibliografia Complementar

ANDRADE, F B, et al. Saúde Mental na Atenção Básica: um estudo epidemiológico baseado no enfoque de risco. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília 2009 set-out; 62(5): 675-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/04.pdf>

BOTEGA, and Neury José. Prática Psiquiátrica no Hospital Geral, 3ª edição. ArtMed, 2012. VitalBook file. In: <https://doceru.com/doc/s1vxxe>

BRASIL, Lei n. 10216 de 6 de abril de 2001b. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://sites.uepb.edu.br/circularsaude/files/2014/06/Pol%C3%ADtica-de-Prote%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Portadores-de-Transtornos-Mentais.pdf>

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde Mental Prevenção do Suicídio Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Organização Pan-Americana da Saúde. Universidade Estadual de Campinas www.saude.gov.br http://www.cvv.org.br/downloads/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf

f

BRASIL, Portaria n. 336/GM de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece que os Centros de Atenção Psicossocial poderão constituir-se nas seguintes modalidades de serviços: CAPS I, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Legislação em saúde mental: 1990-2004 / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. – 5. ed.ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 340 p.: il. – (Série E. Legislação de Saúde) disponível em <http://www.desenvolvimentoqs.ufba.br/legisla%C3%A7%C3%A3o-em-sa%C3%BAde-mental-1990-2004>

MELLO, Marcelo F.; KOHN, Robert E.; MELLO, Andréia A. F. de. Epidemiologia da saúde mental no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TOWNSEND., and Mary C.. Enfermagem Psiquiátrica - Conceitos de Cuidados na Prática Baseada em Evidências, 7ª edição. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file. in <https://doceru.com/doc/xvevxcx>

VIDEBECK, Sheila L. Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria, 5th edição. ArtMed, 01/2015.

ENFERMAGEM NA SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE I

Ementa

Assistência de enfermagem à criança e ao adolescente. Avaliação clínica da criança e do adolescente. Níveis de atenção primário, secundário e terciário. Prevenção e tratamento das doenças relacionadas a faixa etária. Avaliação do crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente.

Bibliografia Básica

Carvalho, Silvana Denofre; O Enfermeiro e o Cuidar Multidisciplinar na Saúde da Criança e do Adolescente, RJ: Atheneu, 2012

NELSON, W.E. Tratado de pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PUCCINI, Rosana Fiorini. Semiologia da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

SCHMITZ, E.M.R. A enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu, 2000.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

ARAUJO, Luciane Almeida, REIS, Adriana Teixeira. Enfermagem na Prática Materno-Neonatal. Guanabara Koogan, /2021. [Minha Biblioteca].

Manual de procedimentos em pediatria. São Paulo: Yendis, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Normas de Vacinação. Brasília:3ªed. 2001.

MORAIS, Mauro de, CAMPOS, Sandra Oliveira, HILÁRIO, Maria Odete (eds.). Pediatria: Diagnóstico e Tratamento. Manole, 01/2013.

PEDIATRIA, Sociedade Brasileira de. Tratado de Pediatria, Volume 1 . : Editora Manole, 2017. V.1/2E-book. ISBN 9788520455869. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455869/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

PIVA, Jefferson Pedro. Medicina intensiva em pediatria. Rio de Janeiro: Editora Revin-ter, 2006.

Sigaud, Cecília Helena Siqueira. Enfermagem Pediátrica - O Cuidado De Enfermagem À Criança E Ao Adolescente. SP :E.P.U., 1996

TAMEZ, Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koogan, 2017. [Minha Biblioteca].

ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO I

Ementa



Sistematização da assistência de enfermagem na prevenção de agravos à saúde do adulto e idoso, em regime de internação, de atendimento ambulatorial e de hospital-dia, abrangendo afecções agudas e crônicas, inclusive as complexas, realizando a avaliação. Estudo das doenças e agravos assistidos nos níveis primário, secundário, terciário da saúde. Fisiopatologias e assistência interdisciplinar.

Bibliografia Básica

FREITAS, Elisabete Viana de Tratado de Geriatria e Gerontologia, 3ª edição; PY, Ligia

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPALEO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. IN: <http://crt-dst.aids.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=CRT-Acervo&nextAction=lnk&exprSearch=GERIATRIA&indexSearch=MH>

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Obesidade. Cadernos de Atenção Básica n.12. Brasília: Ministério da Saúde, 2006c. 108p. Disp em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategias_cuidado_doenca_cronica_obesidade_cab38.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2006: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico.

CIAMPONE, M.H.T.; PEDUZZI, M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. Rev.Bras.Enf., v.53, 2000. <http://www.scielo.br/pdf/reben/v53nspe/v53nspea24.pdf>

Enfermagem em Geriatria e Gerontologia NUNES, Maria Inês; SANTOS, Mariza dos; FERRETI, Renata Eloah de Lucena ,2013

Manual de Exames Laboratoriais em Geriatria. VENCIO, Sergio; FONTES, Rosita; SA-ENGER, Ana Luiza

Manual Prático de Geriatria. FREITAS, Elizabete Viana de; MOHALLEM, Kalil Lays; GA-MARSKI, Roberto; PEREIRA, Sílvia Regina Mendes ,2017

ENFERMAGEM NA ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER I

Ementa

Anatomia e Fisiologia dos Órgãos Reprodutores Masculino e Feminino. Fecundação, Nidação e Desenvolvimento do Embrião e do Feto. Placenta e as Membranas Fetais. Planejamento Familiar. Métodos de contracepção. Alterações Fisiológicas e dos Sistemas. Sexualidade humana. Infecções sexualmente transmissíveis. Aspectos conceituais e assistência no pré-natal de risco habitual, alterações fisiológicas na gestação, cuidados de saúde durante a gestação, preparação para o parto. A Humanização do parto.

Bibliografia Básica

BARROS, Sônia M. O. Enfermagem Obstétrica e Ginecológica: guia para a prática assistencial. 2.ed. São Paulo: Roca, 2009. 488 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes.. Brasília: Ministério da saúde, 2007. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf

REZENDE, Jorge.; MONTENEGRO, Carlos A. B. Obstetrícia Fundamental. 12.ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2011.

Bibliografia Complementar

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.199 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Programa Humanização do Parto: humanização no pré-natal e nascimento. Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada. manual técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_pre_natal_puerperio_3ed.pdf

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Assistência em Planejamento Familiar. 4.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

DECHERNEY, Alan H., NATHAN, Lauren, LAUFER, Neri, ROMAN, Ashley S. CURRENT: Ginecologia e Obstetrícia: diagnóstico e tratamento, 11th edição. ArtMed, 01/2015. [Minha Biblioteca].

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. Atenção ao pré-natal, parto e puerpério: protocolo Viva Vida. 2 ed. Belo Horizonte: SAS/SES, 2006. 84 p.
<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2016.pdf> .in: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2016.pdf

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência ao Planejamento Familiar: normas e manuais técnicos. Centro de Documentação do Ministério da Saúde. Brasília, 1987.

Nilva Lúcia Rech Stedile e Ricardo Burg Ceccim. Ensino e atenção a saúde da mulher RJ: Educs, 2007

REIS, Rosana Maria dos, JUNQUEIRA, Flávia Raquel R., and ROSA-E-SILVA, Ana Carolina Japur de Sá -org. Ginecologia da Infância e Adolescência. ArtMed, 2012. VitalBok

ROSS, Michael H. . Enfermagem em ginecologia. São Paulo: EPU, 2004. 235 p.

6º período

ENFERMAGEM EM CLÍNICA CIRÚRGICA II



Ementa

Normatização da assistência de enfermagem no bloco cirúrgico, padronização dos procedimentos de enfermagem visando a redução dos riscos de infecção no pós-operatório imediato. Cirurgias eletivas, urgências e emergências no centro cirúrgico, dimensionamento do pessoal de enfermagem, processo de seleção e recrutamento de pessoal e escalas de trabalho.

Bibliografia Básica

Carvalho, Rachel de .Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação. São Paulo: Manole, 2016

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022 .v.1/2

NETTINA, S.M. Prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 2003/2022.

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria .SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem- Guia Prático, 2ª edição

Bibliografia Complementar

BOUCHER., and Mary Ann. Enfermagem Médico-Cirúrgica, 4ª edição. Guanabara Koo-gan, 2008. VitalBook file.

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida, and MACHADO, William César Alves (orgs.). Tratado de Cuidados de Enfermagem Médico-Cirúrgico – v.1. Roca, 2002/2022. VitalBook file e in: <https://doceru.com/doc/see8e08>

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida, and MACHADO, William César Alves (orgs.). Tratado de Cuidados de Enfermagem Médico-Cirúrgico – vol.2 Roca, 2012. VitalBook file. e in: <https://doceru.com/doc/see8e08>

NETTINA, S.M. Prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 2003/2022.

SILVA, M. A. Enfermagem na Unidade de Centro Cirúrgico. EPU, 1997.

ENFERMAGEM NA SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE II

Ementa

Sistematização da assistência de enfermagem na prevenção de agravos à saúde da criança e do adolescente. Estudo das doenças e agravos assistidos nos níveis primário, secundário, terciário da saúde. Fisiopatologias e assistência interdisciplinar.

Bibliografia Básica

Carvalho, Silvana Denofre; O Enfermeiro e o Cuidar Multidisciplinar na Saúde da Criança e do Adolescente, RJ : Atheneu, 2012

SCHMITZ, E.M.R. A enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu, 2000.

Sigaud, Cecília Helena Siqueira. Enfermagem Pediátrica - O Cuidado De Enfermagem À Criança E Ao Adolescente. SP :E.P.U., 1996

Bibliografia Complementar

ARAUJO, Luciane de Almeida; REIS, Adriana Teixeira Almeida, ARAUJO, Luciane de, and REIS, Adriana Teixeira. Enfermagem na Prática Materno-Neonatal. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Normas de Vacinação. Brasília:3ªed. 2001.

NELSON, W.E. Tratado de pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009 v1

NELSON, W.E. Tratado de pediatria. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. v2

RICCI, Susan Scott. Enfermagem Materno-Neonatal e Saúde da Mulher, 3ª

edição. Guanabara Koogan, 02/2015. [Minha Biblioteca].

TAMEZ., and Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file

ENFERMAGEM NA SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO II

Ementa

Assistência ao idoso nos vários campos de atuação do enfermeiro, enfocando as alterações psicológicas, biológicas, sociais e espirituais do envelhecer humano e as principais patologias que acometem o idoso.

Bibliografia Básica

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPAEO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. IN: <http://crt-dst.aids.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&lang=P&base=CRT-Acervo&nextAction=lnk&exprSearch=GERIATRIA&indexSearch=MH>

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

FREITAS, Elizabete Viana de Tratado de geriatria e gerontologia. : Rio de Janeiro : Guanabara Koogan 2016

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Obesidade. Cadernos de Atenção Básica n.12. Brasília: Ministério da Saúde, 2006c. 108p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2014: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Disponível em: bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2014.pdf

CIAMPONE, M.H.T.; PEDUZZI, M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. Rev.Bras.Enf., v.53, 2000. Del em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672000000700024siponív

FREITAS, Elisabete Viana, and PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2011. VitalBook file.

FREITAS, Elisabete Viana, MOHALLEM, Kalil Lays, GAMARSKI, Roberto, and PEREIRA, Silvia Regina Mendes. Manual Prático de Geriatria. AC Farmacêutica, 2012. Vital-Book file.

Inês, NUNES, Maria, SANTOS, Mariza dos, and FERRETI, Renata Eloah de Lucena. Enfermagem em Geriatria e Gerontologia. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

Sergio, VENCIO,, FONTES, Rosita, and SAENGER, Ana Luiza. Manual de Exames Laboratoriais em Geriatria. AC Farmacêutica, 2014. VitalBook file.

Nutrição Humana

Ementa

Aspectos fundamentais, conceitos básicos sobre nutrição, nutrientes e as suas fontes alimentares, processos de digestão, absorção e metabolismo, bem como os sinais clínicos decorrentes de suas deficiências.

Bibliografia Básica

GALISA, M. S.; ESPERANÇA, L. M. B. E.; SÁ, N. G. Nutrição: Conceitos e Aplicações. São Paulo: M. books, 2008. In: <https://doceru.com/doc/cxx8se>

Cremonesi, JAPUR, Camila, and VIEIRA, Marta Neves Campanelli Marçal. Série Nutrição e Metabolismo - Dietética Aplicada na Produção de Refeições. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

PHILLIPI, S. T. Pirâmide dos Alimentos: fundamentos básicos da nutrição. São Paulo: Manole, 2009.

ROSS, A. C.; CABALLERO, Benjamin; PRIMOS, Robert J.; TUCKER, Katherine L.; ZIE-GLER, Thomas R. *Nutrição Moderna de Shils na Saúde e na Doença* . : Editora Manole, 2016. E-book. ISBN 9788520451670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520451670/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PHILLIPPI, Sonia T. *Nutrição e técnica dietética* . : Editora Manole, 2019. E-book. ISBN 9788520454312. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520454312/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Bibliografia Complementar

COZZOLINO, S. M. F. *Biodisponibilidade de nutrientes*. São Paulo: Manole, 2009.

COZZOLINO, S. M. F., COMINETTI, C. *Bases Bioquímica e Fisiologias da Nutrição*. Barueri, SP: Manole, 2020.

CUPPARI, L. *Guia de nutrição: nutrição clínica no adulto*. 2. ed. Barueri: Manole, 2014

Dovera, Themis Maria Dresch da S. *Nutrição Aplicada ao Curso de Enfermagem*, 2ª edição . Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2017.

ESCOTT-STUMP, Sylvia. *Nutrição Relacionada ao Diagnóstico e Tratamento* . : Editora Manole, 2011. E-book. ISBN 9788520452011. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520452011/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Joel, YAGER,, and POWERS, Pauline S.. *Manual Clínico dos Transtornos da Alimentação*. ArtMed, 2019. VitalBook file.

Nutrição e metabolismo: dietética aplicada na produção de refeições. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

ROSSI, Luciana. *Tratado de Nutrição e Dietoterapia* . : Grupo GEN, 2019. E-book. ISBN 9788527735476. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527735476/>. Acesso em: 22

jul. 2022.

SILVA, S. M. C. S; MURA, J. D. P. Tratado de alimentação, nutrição & dietoterapia. São Paulo: Roca, 2019.

ENFERMAGEM NA ATENÇÃO À SAÚDE DA MULHER II

Ementa

Assistência ao Parto. Papel do Enfermeiro no Parto Cesáreo. O Enfermeiro e a amamentação. Cuidados de Enfermagem e intervenção no processo do trabalho de parto normal e parto, alívio da dor durante o trabalho de parto. Intervenção e cuidados de Enfermagem durante o período puerperal, cuidados de saúde da mulher. Gestação de Alto Risco. Principais Intercorrências clínicas durante o pré-natal de alto risco. Atenção humanizada ao abortamento. Coleta e Interpretação de Exame de Papanicolau. Câncer de Colo do Útero. Câncer de Mama. Afecções ginecológicas mais frequentes. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra a mulher. O Programa Viva Mulher.

Bibliografia Básica

BARROS, Sônia M. O. Enfermagem Obstétrica e Ginecológica: guia para a prática assistencial. 2.ed. São Paulo: Roca, 2009/2017. 488 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes.. Brasília: Ministério da saúde, 2007. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf

REZENDE, Jorge.; MONTENEGRO, Carlos A. B. Obstetrícia Fundamental. 12.ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2011/2017.

ROSS, Michael H. . Enfermagem em ginecologia. São Paulo: EPU, 2004/2018. 235 p.

Bibliografia Complementar

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.199 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Programa Humanização do Parto: humanização no pré-natal e nascimento. Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada. Manual técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Assistência em Planejamento Familiar. 4.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

DECHERNEY, Alan H., NATHAN, Lauren, LAUFER, Neri, ROMAN, Ashley

FERNANDES, Rosa Quintella, NARCHI, Nádia (orgs.). Enfermagem e Saúde da Mulher, 2nd edição. Manole, 01/2013.

FREITAS, Fernando, MENKE, Carlos , RIVOIRE, Waldemar , PASSOS, Pandolf. Rotinas em Ginecologia, 6ª edição. ArtMed, 09/2022.

MACIEL, Gustavo Rosa, SILVA, Ismael Dale Cotrim Guerreiro (orgs.). Manual Diagnóstico em Saúde da Mulher. Manole, 01/2015.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. Atenção ao pré-natal, parto e puerpério: protocolo Viva Vida. 2 ed. Belo Horizonte: SAS/SES, 2006. 84 p. .in: chrome-extensi-
on://efaidnbmnnnibpcajpcgliclefindmkaj/https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2016.pdf

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência ao Planejamento Familiar: normas e manuais técnicos. Centro de Documentação do Ministério da Saúde. Brasília, 1987.

Nilva Lúcia Rech Stedile e Ricardo Burg Ceccim. Ensino e atenção a saúde da mulher RJ : Educs, 2007

URGÊNCIAS E EMERGÊNCIAS

Ementa

Perfil epidemiológico das urgências e emergências; modalidades,



competências e atribuições no atendimento às urgências e emergências: aspectos éticos e legais; Situações de risco. Importância da prevenção de acidentes; Atendimento pré-hospitalar básico nas emergências traumáticas e não traumáticas. Montagem do carrinho de emergência. Administração de medicamentos em enfermagem. Atendimento hospitalar básico a todo cliente.

Bibliografia Básica

Emergência: atendimento e cuidados de enfermagem. 2.ed.. São Paulo: Yendis, 2009

Farmacovigilância: gerenciamento de riscos da terapia medicamentosa para a segurança do paciente. São Paulo: Yendis, 2011/2014.

SILVA, Leonardo da; FALCÃO, Luiz Fernando dos R. Atualização em Emergências Médicas, volume 2 . : Editora Manole, 2013. E-book. ISBN 9788520439333. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520439333/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MARTINS, Herlon Saraiva ; ZAMBOTI, Valdir; VELASCO, Irineu Tadeu. Atualização em emergências médicas. Sp: Manole, 2013 v.

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.11. ed.Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

VIANA, Dirce Laplaca. 3 ed. Manual de cálculo e administração de medicamentos. São Paulo: Yendis,2008.

VOLPATO, Andrea C. B. Enfermagem em Emergência. São Paulo: Martinari, 2010.

Bibliografia Complementar

MASSIMI, Marina, 1956- Atualização em emergências médicas São Paulo ; Manole , 2015

CHAVES, Loide C. Medicamentos: cálculos de dosagens e vias de administração . [Digi-te o Local da Editora]: Editora Manole, 2013. E-book. ISBN 9788520455739. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455739/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GAHART, Betty L.. Medicamentos intravenosos 26. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2011.

GUARESCHI, Ana Paula Dias F.; CARVALHO, Luciane Vasconcelos Barreto de; SALA-TI, Maria I. Medicamentos em Enfermagem, Farmacologia e Administração . [Digite o Lo-cal da Editora]: Grupo GEN, 2017. E-book. ISBN 9788527731164. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527731164/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GUARESCHI, Ana Paula Dias F.; CARVALHO, Luciane Vasconcelos Barreto de; SALA-TI, Maria I. Medicamentos em Enfermagem, Farmacologia e Administração . : Grupo GEN, 2017. E-book. ISBN 9788527731164. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527731164/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

NANDA International. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e Classificação 2015-2017. Porto Alegre: Artmed, 2010./ 2012/2020/2021

NETO, Augusto S.; DIAS, Roger D. Procedimentos em emergências . : Editora Manole, 2022. E-book. ISBN 9786555768541. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555768541/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

NETO, Rodrigo Antonio B.; SOUZA, Heraldo Possolo de; MARINO, Lucas O.; e outros Manual de medicina de emergência: disciplina de emergências clínicas: Hospital das Clínicas da FMUSP . : Editora Manole, 2022. E-book. ISBN 9786555767827. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555767827/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PIRES, Marco T. B.; STARLING, Sizenando V. Manual de urgências em Pronto-Socorro.9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

SOARES, Nelma Rodrigues Goldenzwaig. Administração de Medicamentos

na Enfermagem 10ª edição. AC Farmacêutica, 03/2016. [Minha Biblioteca].

SANTOS, Nívea Cristina M. URGÊNCIA E EMERGÊNCIA PARA ENFERMAGEM - DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH) À SALA DE EMERGÊNCIA . : Editora Saraiva, 2018. E-book. ISBN 9788536530048. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536530048/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SILVA, Leonardo da; FALCÃO, Luiz Fernando dos R. Atualização em Emergências Médicas, volume 2: Editora Manole, 2013. E-book. ISBN 9788520439333. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520439333/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SOUSA, Lucila Medeiros Minichello de. Primeiros socorros: condutas técnicas. São Paulo: Saraiva, 2010. ((Série desafios.)).

7º PERÍODO

Trabalho de Conclusão de Curso I

Ementa

A investigação científica como um processo da construção do conhecimento e sua operacionalização na área da Enfermagem. Orientação para desenvolvimento e preparo do estudo. Normas e partes para elaboração.

Bibliografia Básica

CASTRO, C. M. A prática da pesquisa. 2. ed. São Paulo: 2006

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência, 2ª edição . Grupo GEN, 1985. E-book. ISBN 9788522466030. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522466030/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. Cortez Editora, 2011

– 4ª. Ed.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. Método e metodologia na pesquisa científica. São Paulo: Yendis, 2008

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl T. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de provas para a prática da enfermagem . Grupo A, 2019. E-book. ISBN 9788582714904. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582714904/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. Cortez Editora, 2013

Bibliografia Complementar

BARROS, A. J. S. & LEHFELD, N. Fundamentos da metodologia científica, 3ª ed, São Paulo:

Brasileiro, Marislei Espíndula - Silva, Ludmila Cristina Souza. Metodologia da Pesquisa Científica Aplicada à Enfermagem. RJ: AB Editora, 2011

CASTRO, C. M. Como redigir e apresentar um trabalho científico. São Paulo: 2011

GIL, Antonio C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

INÁCIO FILHO, Geraldo. A Monografia na universidade. Campinas. Editora: Papyrus, 2001 Papyrus

LAKATOS, Eva M. Fundamentos de Metodologia Científica . : Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788597026580. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Metodologia Científica . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559770670. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2013

TERAPIA INTENSIVA

Ementa

Capacitação do aluno para assistência ao paciente grave em unidade de terapia intensiva, fazendo-o compreender a complexidade do atendimento a essas pessoas e a necessidade do aperfeiçoamento técnico científico para obtenção de uma assistência qualificada orientando-o quanto a organização e funcionamento da terapia intensiva.

Bibliografia Básica

KNOBEL E etal. Condutas no paciente grave. São Paulo, Atheneu, 2019.

CHEREGATTI, Aline Laurenti. Enfermagem em unidade de terapia intensiva. SP: Martinari, 2011

Emergência: atendimento e cuidados de enfermagem. 2.ed.. São Paulo: Yendis, 20-9/2019.

SANTOS, Oscar Fernando Pavão dos. Terapia intensiva: uma abordagem baseada em casos clínicos.: São Paulo Manole, 2011

VIANA, Renata Andréa Pietro P.; TORRE, Mariana. Enfermagem em terapia intensiva: práticas integrativas . : Editora Manole, 2017. E-book. ISBN 9788520455258. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455258/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Bibliografia Complementar

BRUNNER. L. S. & SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica, 7.^a ed. Guanabara S.A. Rio de Janeiro.

Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição TAMEZ, Raquel Nascimento Usra Uti neoTA-MEZ., and Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koogan, 2017. VitalBook file.

FIORETTO., and José Roberto (editor). UTI Pediátrica. Guanabara Koogan, 2013. Vital-Book file.2022

FREITAS, Elisângela Oliveira de. Terapia Intensiva - Práticas na Atuação da Enfermagem . : Editora Saraiva, 2018. E-book. ISBN 9788536530529. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536530529/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PADILHA, K. G. ET all. Enfermagem em terapia intensiva. São Paulo: Manole, 2015

PIVA, Jefferson Pedro. Medicina intensiva em pediatria. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2006.

Renata Dejtiar Waksman, Olga Guilhermina Dias Farah, Beatriz Murata Murakami e Eduarda Ribeiro dos Santos. Enfermagem em terapia intensiva. SP: Manole, 2017

TAMEZ., and Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koogan, 2017. VitalBook file.

GESTÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Ementa

Estuda bases teóricas de serviço de saúde e sua aplicação no processo de trabalho de enfermagem. Instrumentaliza o aluno para o exercício da função administrativa do enfermeiro na sua unidade de trabalho. Educação continuada. Avaliação de desempenho de pessoal de enfermagem. Qualidades dos serviços de saúde. Auditoria em enfermagem. Assistência de enfermagem aplicada ao indivíduo, família e comunidade no contexto dos programas e políticas de saúde. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações de saúde junto a instituições do Sistema Único de Saúde e outras.

Bibliografia Básica:

KURCGANT, Paulina. Gerenciamento em Enfermagem, 3ª edição. Guanabara Koogan, 08/2016. [Minha Biblioteca].

CHIAVENATO, Idalberto. Teoria Geral da Administração - Vol. 1 . [Digite o Local da Editora: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770649. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770649/>. Acesso em: 21 jul. 2022..

KNODEL., and Linda J.. Nurse to Nurse: Administração em Enfermagem. AMGH, 2011. VitalBook file.

KURCGANT, PAULINA. GERENCIAMENTO EM ENFERMAGEM. 2.ed. RIO DE JANEIRO: GUANABARA KOOGAN, 2012

Bibliografia Complementar

(JCR), Joint Commission R. Gerenciando o Fluxo de Pacientes: Estratégias e soluções para lidar com a superlotação hospitalar, 2nd edição. ArtMed, 01/2008.

Arlete Mazzini Miranda Giovani, Camila Fernanda da Silva Rodrigues, César da Silva Leite, Cláudia Cyrene de Souza Meireles, Márcia Knust de Carvalho, Simone Lopes Bezerra Fernandes, Thaís Queiroz Santolim, Vanessa Cristina Dias (eds.) Procedimentos de enfermagem IOT-HC-FMUSP. SP: Manole. 2014

HARADA, Maria de Jesus Castro Souza. Gestão em enfermagem: ferramenta para prática segura. São Paulo Data: 2011 Yendis

MARQUIS. B. & HUSTON. C. Administração e Liderança em Enfermagem: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed.1999.

MAXIMIANO. A. Introdução à Administração. São Paulo: Atlas.1996/2012.

MEDINA, G.M, et al. Avaliação da atenção básica: construindo novas ferramentas para o SUS. Divulgação em saúde para debate, RJ, n.21,2000. <http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/ses-13470>

Santos, Álvaro da Silva; Miranda, Sônia Maria Rezende Camargo de (org.), A Enfermagem na Gestão em Atenção Primária à Saúde SP: Manole, 2019

ENFERMAGEM NEONATAL

Ementa

Habilidades e competências no cuidar do recém-nato em seus diversos estágios. O entendimento do recém-nato a termo, pré-termo, pós-termo. Características anatomo-fisiológicas do recém-nato. Políticas Públicas de Saúde sobre assistência de Enfermagem ao recém-nato. Assistência de enfermagem ao recém-nato normal e patológico.

Bibliografia Básica

FONSECA, Ariadne da Silva L. Saúde materna e neonatal.: São Paulo: Martinari, 2014

Souza, Aspásia Basile Gesteira. Enfermagem Neonatal. Cuidado Integral ao Recém - Nascido. 2.ed. RJ: Atheneu, 2014

Souza, Aspásia Basile Gesteira. Unidade de Terapia Intensiva Neonatal - Cuidados ao Recém-Nascido de Médio e Alto Risco. RJ: Atheneu, 2015

Bibliografia Complementar

ARAUJO, Luciane Almeida, REIS, Adriana Teixeira. Enfermagem na Prática Materno-Neonatal. Guanabara Koogan, 07/2012. VitalSource Bookshelf Online

BOWDEN, Vicky, and GREENBERG, Cindy Smith. Procedimentos de Enfermagem Pediátrica, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2013. VitalBook file.

HOCKENBERRY, Marilyn J.; RODGERS, Cheryl C.; WILSON, David. Wong Fundamentos de Enfermagem Pediátrica . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9788595159648. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595159648/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

KYLE., and Terri. Enfermagem Pediátrica. Guanabara Koogan, 2011. VitalBook file.

PEDRA, C K.; HUMPHRIES, Roger L.; DRIGALLA, Dorian; e outros

Emergências pediátricas atuais: diagnóstico e tratamento. (ATUAL) . : Grupo A, 2015. E-book. ISBN 9788580555455. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580555455/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RICCI, Susan S. Enfermagem Materno-Neonatal e Saúde da Mulher . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9788527739023. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527739023/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

TAMEZ, Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koo-gan, 10/2017

TRALDI, Paula de C.; BRITO, Adriana R.; CUNHA, Joel Bressa da. Urgências e emergências pediátricas. (Série Pediatria Soperj) . : Editora Manole, 2022. E-book. ISBN 9788520465196. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520465196/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

GESTÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM REDE HOSPITALAR

Ementa

Coordenação do processo de cuidar em Enfermagem; a integração ensino – serviço na prática gerencial e docente permeadas pelas atividades de investigação; de atividades referentes ao processo administrativo de serviços de enfermagem; de atividades de supervisão, treinamento e ensino do pessoal de Enfermagem e identificação de área de necessidade/ problemas e propor um projeto de trabalho/ pesquisa. Dimensionamento de pessoal. Escalas de distribuição de pessoal em enfermagem. Supervisão em enfermagem. A sistematização da assistência para o planejamento e execução dos cuidados de enfermagem.

Bibliografia Básica

MARQUIS, Bessie L. Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática. 8. Porto Alegre: Artmed, 2015.

Knodel, Linda J. Nurse to Nurse Administração em Enfermagem .SP: McGraw Hill, 2011

KURCGANT, PAULINA. GERENCIAMENTO EM ENFERMAGEM. 2.ed. RIO DE JANEIRO: GUANABARA KOOGAN,2012/ 2016

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 7. Petrópolis: Vozes, 2006.

Bibliografia Complementar

CARDOSO, Karen; JULIÃO, Gésica G.; JÚNIOR, Luiz F R.; e outros Hotelaria, Hospitalidade e Humanização . : Grupo A, 2020. E-book. ISBN 9786556900827. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556900827/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BURMESTER., and Haino. Gestão da Qualidade Hospitalar Série Gestão Estratégica de Saúde 1ª edição. Saraiva, 2013. VitalBook file.

Claude, MACHLINE and BARBIERI, José Carlos. Logística hospitalar 2ª Edição. Saraiva, 2009. VitalBook file.

GONÇALVES., and Ernesto Lima. Gestão Hospitalar: Administrando o hospital moderno, 1ª Edição. Saraiva, 2002. VitalBook file.

Joint Commission Resources. Temas e Estratégias para Liderança em Enfermagem: Enfrentando os Desafios Hospitalares Atuais. ArtMed, 2008. VitalBook file.

SANTOS, Gustavo Alves Andrade dos. Gestão de farmácia hospitalar. São Paulo: Edito-ra SENAC, 2016

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E REGISTRO DE ENFERMAGEM

Ementa

Teorias de enfermagem: compreensão para a aplicabilidade; O pensamento

crítico na enfermagem; O processo de enfermagem; Histórico de pensamento crítico na enfermagem; O processo de enfermagem; Histórico de enfermagem; Padrão de terminologia na enfermagem; O diagnóstico de enfermagem e a Taxonomia II da North American Nursing Diagnosis Association – NANDA; O planejamento da assistência e a Classificação dos Resultados de Enfermagem – NOC; A Prescrição de enfermagem e a Classificação das Intervenções de Enfermagem – NIC; Evolução de enfermagem; Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem – CIPE.

Bibliografia Básica

CHAVES, L. D. Sistematização da Assistência de Enfermagem. São Paulo: Martinari, 2009

DESLANDES, S. F. (org.) Humanização dos Cuidados em Saúde. Conceitos, Dilemas e Práticas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

International, NANDA. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e Classificação 2012-2014. ArtMed, 2012. VitalBook file. 2012/2020/2021

NETTINA, Sandra M. Prática de Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2003/2022.

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem, 2ª edição

Bibliografia Complementar

FONTAINE, Dorrie, and MORTON, Patricia Gonce. Fundamentos dos Cuidados Críticos em Enfermagem - Uma Abordagem Holística. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file.

Cianciarullo, Tamara Iwanow. Sistema de Assistência de Enfermagem: Evolução e Tendências. RJ: Ícone, 2012

Gonce, MORTON, Patricia, and FONTAINE, Dorrie K.. Cuidados Críticos de Enfermagem - Uma Abordagem Holística, 9ª edição. Guanabara Koogan, 2019. VitalBook file.

LARRABEE., and June H.. Nurse to Nurse: Prática Baseada em Evidências

em Enfermagem. AMGH, 2011. VitalBook file.

Marianne, CHULAY and BURNS, Suzanne M.. Fundamentos de Enfermagem em Cuidados Críticos da AACN, 2ª edição. AMGH, 2012. VitalBook file.

SANTOS, Nívea Moreira. Assistência de Enfermagem Materno-Infantil, 3rd edição. IÁ-TRIA, 06/2012.

WEIL, P. e TOMPAKOW, R. O Corpo Fala – a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 55. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Ementa

Conceitos relacionados ao Meio Ambiente. Ecologia. Biodiversidade. Recursos naturais de fontes de energia. Conceito de desenvolvimento sustentável. Globalização e meio ambiente. Reciclagem. As atividades empresariais e seus efeitos ambientais. Tratados, acordos e conferências sobre o meio ambiente. Mudanças no ambiente dos negócios. ISO série 14.000. Certificação da qualidade ambiental. Sistemas de gestão ambiental. Auditoria ambiental.

Bibliografia Básica

ALBUQUERQUE, José de Lima. Gestão Ambiental e Responsabilidade Social. São Paulo: Atlas.2009.

DIAS, R. Gestão ambiental e responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2017.

DONAIRE, Denis. Gestão Ambiental na Empresa. São Paulo: Atlas.1999./2018

Bibliografia Complementar

BERTÉ, Rodrigo. Gestão Socioambiental no Brasil. São Paulo: IBPEX, s.d.

BRAGA, Benedito... [et al.] Introdução à Engenharia Ambiental o desafio do desenvolvimento sustentável. São Paulo

ANDRADE, Rui. Gestão Socioambiental . : Grupo GEN, 2011. E-book. ISBN 9788595156401. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595156401/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

CURI, Denise. Gestão Ambiental. SÃO PAULO Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos ferramentas e aplicações. São Paulo: Atlas.2009. Education do Brasil. Gestão Ambiental. São Paulo

MIHELICIC, James, R, and ZIMMERMAN, Julie. Engenharia Ambiental - Fundamentos, Sustentabilidade e Projeto. LTC, 2012. VitalBook file.

PEREIRA., and Adriana Camargo. Sustentabilidade, responsabilidade social e meio ambiente - 1ª Edição. Saraiva, 2008. VitalBook file

VECINA NETO, Gonzalo; MALIK, Ana Maria. Gestão em Saúde. Rio de Janeiro. 2018

7º PERÍODO DIURNO

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE DA MULHER

Ementa

Desenvolver habilidades para prestar assistência de enfermagem à mulher na rede básica de saúde com vistas a promoção da saúde e prevenção de agravos desde a adolescência até o climatério.

Bibliografia Básica

BRASIL, Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Ministério da Saúde).

BARROS, Sônia M. O. Enfermagem Obstétrica e Ginecológica: guia para a prática assistencial. 2.ed. São Paulo: Roca, 2009. 488 p.

Garcia, Juliana Neves Russi - Neves, Magda Luzia. Manual para Estágio em

Enfermagem. 3.ed. RJ: Difusão, 2013

HORTA, Wanda A. Processo de Enfermagem. 19.ed. São Paulo: EPU, 2010.

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

International, NANDA. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e classificação 2012-2014. ArtMed, 2012/2020/2021

KURCGANT, PAULINA. GERENCIAMENTO EM ENFERMAGEM. 2.ed. RIO DE JANEIRO: GUANABARA KOOGAN, 2012

Bibliografia Complementar

FONTAINE, Dorrie, and MORTON, Patricia Gonce. Fundamentos dos Cuidados Críticos em Enfermagem - Uma Abordagem Holística. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file.

Gonce, MORTON, Patricia, and FONTAINE, Dorrie K..Cuidados Críticos de Enfermagem - Uma Abordagem Holística, 9ª edição. Guanabara Koogan, 2019 VitalBook file.

LARRABEE., and June H.. Nurse to Nurse: Prática Baseada em Evidências em Enfermagem. AMGH, 2011. VitalBook file.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. Atenção ao pré-natal, parto e puerpério: protocolo Viva Vida. 2 ed. Belo Horizonte: SAS/SES, 2006. 84 p.in: chrome-extensi-
on://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2016.pdf

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência ao Planejamento Familiar: normas e manuais técnicos. Centro de Documentação do Ministério da Saúde. Brasília, 1987.

NANDA International. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e classificação 2015-2017. Porto Alegre: Artmed, 2010/2020/2022

NETTINA, Sandra M. Manual de Prática de Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003/2022.

Nilva Lúcia Rech Stedile e Ricardo Burg Ceccim. Ensino e atenção a saúde da mulher RJ: Educs, 2007

REIS, Rosana Maria dos, JUNQUEIRA, Flávia Raquel R., and ROSA-E-SILVA, Ana Carolina Japur de Sá - org. Ginecologia da Infância e Adolescência. ArtMed, 2012. VitalBook file.

ROSS, Michael H. Enfermagem em ginecologia.: São Paulo EPU : 2004

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO, CRIANÇA E ADO-LESCENTE

Ementa

Desenvolvimento das metodologias assistenciais, educativas e de investigação em Enfermagem na rede básica e hospitalar, relativas à saúde do recém-nascido, criança e do adolescente. Imunização infantil e do adolescente. Propedêutica de enfermagem pediátrica. Assistência de enfermagem ao recém-nascido, criança e ao adolescente. Assistência de enfermagem à criança sadia e hospitalizada. Brinquedo terapêutico na assistência à criança. Violência na infância e adolescência: aspectos éticos, legais e assistenciais. Gravidez na adolescência. Álcool e drogas. Rede social e de cuidados na adolescência.

Bibliografia Básica

Fiorini, PUCCINI, Rosana, and HILÁRIO, Maria Odete Esteves. Semiologia da Criança e do Adolescente. Guanabara Koogan, 2013. VitalBook file.

Bretas, Quirino, Silva, Sabates, Ribeiro, Borba, Almeida. Manual de Exame Físico para a Prática da Enfermagem em Pediatria. 3.ed. RJ: Iatria, 2012

SCHMITZ, E.M.R. A enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu, 2000.

Souza, Aspásia Basile Gesteira. Enfermagem Neonatal: cuidado integral ao recém-nascido. 2.ed. RJ: Atheneu, 2014

Souza, Aspásia Basile Gesteira. Unidade de Terapia Intensiva Neonatal -

Cuidados ao Recém-Nascido de Médio e Alto Risco. RJ: Atheneu, 2015

Bibliografia Complementar

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

Manual de procedimentos em pediatria. São Paulo: Yendis, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Normas de Vacinação. Brasília:3ªed. 2001.

PIVA, Jefferson Pedro. Medicina intensiva em pediatria. Rio de Janeiro: Editora Revin-ter, 2006.

SBP | Dioclécio Campos Júnior, Dennis Alexander Rabelo Burns, Fabio Ancona Lopez. Tratado de Pediatria - Vol 1 - 3ª edição. SP: Manole, 2014

SBP | Dioclécio Campos Júnior, Dennis Alexander Rabelo Burns, Fabio Ancona Lopez. Tratado de Pediatria - Vol 2 - 3ª edição. SP: Manole, 2014

Sigaud, Cecília Helena Siqueira. Enfermagem Pediátrica - O Cuidado De Enfermagem À Criança E Ao Adolescente. SP: E.P.U., 1996

TAMEZ., and Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5ª edição. Guanabara Koogan, 2017. VitalBook file.

Toledo, RODRIGUES, Yvon, and RODRIGUES, Pedro Paulo Bastos. Semiologia Pediátrica, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2009. VitalBook file.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO À SAÚDE DO ADULTO E IDOSO I

Ementa

Capacitar e preparar os estudantes de enfermagem na assistência de enfermagem em atividades práticas ao adulto e ao idoso, em regime de internação hospitalar, abrangendo afecções agudas e crônicas, inclusive as complexas, observando e realizando atividades de média e alta complexidades supervisionadas.

Bibliografia Básica

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPALEO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. IN <http://crt-dst.aids.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=CRT-Acervo&nextAction=lnk&exprSearch=GERIATRIA&indexSearch=MH>

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

JARVIS, Carolyn. Guia de exame físico para enfermagem. 7. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2016.

SILVA, JOSÉ VITOR DA SAÚDE DO IDOSO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SOB MÚLTIPLOS ASPECTOS ENFERMAGEM

Bibliografia Complementar

Brasil. Estatuto do idoso. Brasília: M. Da Saúde, 2008

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Obesidade. Cadernos de Atenção Básica n.12. Brasília: Ministério da Saúde, 2006c. 108p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2006: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico.

BRUNNER, LILLIAN SHOLTIS; SUDDART, DORIS SMITH. BRUNNER & SUDDARTH: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022..

CIAMPONE, M.H.T.; PEDUZZI, M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. Rev.Bras.Enf., v.53, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v53nspe/v53nspea24.pdf>

FREITAS, Elisabete Viana, and PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2011. VitalBook file.

FREITAS, Elisabete Viana, MOHALLEM, Kalil Lays, GAMARSKI, Roberto, and PEREIRA, Silvia Regina Mendes. Manual Prático de Geriatria. AC Farmacêutica,

2012. Vital-Book file.

Inês, NUNES, Maria, SANTOS, Mariza dos, and FERRETI, Renata Eloah de Lucena. Enfermagem em Geriatria e Gerontologia. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

Sergio, VENCIO, FONTES, Rosita, and SAENGER, Ana Luiza. Manual de Exames La-boratoriais em Geriatria. AC Farmacêutica, 2014. VitalBook file.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE MENTAL

Ementa

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes com transtornos mentais.

Bibliografia Básica

DALGALARRONDO, P.; Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ESTEFANELLI, Maguida Costa Enfermagem psiquiátrica em suas dimensões assistenciais : São Paulo Manole 2008

MARCOLAN, João Fernand. Enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: desafios e possibilidades do novo. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2013.

MELLO, Marcelo F.; KOHN, Robert E.; MELLO, Andréia A. F. de. Epidemiologia da saúde mental no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar

ANDRADE, F B, et al. Saúde Mental na Atenção Básica: um estudo epidemiológico baseado no enfoque de risco. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília 2009 set-out; 62(5): 675-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/04.pdf>

BOTEGA., and Neury José. Prática Psiquiátrica no Hospital Geral, 3ª edição. ArtMed, 2012. VitalBook file.

BRASIL, Lei n. 10216 de 6 de abril de 2001b. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sas/portarias.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2002.

BRASIL, Lei n. 10216 de 6 de abril de 2001b. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sas/portarias.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2002.

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde Mental Prevenção do Suicídio Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Organização Pan-Americana da Saúde. Universidade Estadual de Campinas www.saude.gov.br

BRASIL, Portaria n. 336/GM de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece que os Centros de Atenção Psicossocial poderão constituir-se nas seguintes modalidades de serviços: CAPS I, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sas/portarias.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2002.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Legislação em saúde mental: 1990-2004 / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. – 5. ed.ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 340 p.: il. – (Série E. Legislação de Saúde)

FUKUDA, Ilza Marlene K.; STEFANELLI, Maguida C.; ARANTES, Evalda C. Enfermagem psiquiátrica em suas dimensões assistenciais . : Editora Manole, 2017. E-book. ISBN 9788520455326. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520455326/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SAÚDE COLETIVA

Ementa

Capacitar e preparar os estudantes para a prática de enfermagem em saúde coletiva. Ações de enfermagem em vigilância sanitária. Saúde pública e perfil epidemiológico. Conhecimento da realidade local e programas de saúde pública. Controle de doenças negligenciadas.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de vigilância epidemiológica / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 6. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 816 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Tratado de saúde coletiva.

Sp: Hucitec, 2012

CAMPOS, Rosana Onocko. Enfermagem em saúde coletiva. RJ: SENAC, 2012

COSTA, Ana Lucia Jezuino da; EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem. SP: ARTMED

Philippi Jr, A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. SP: Manole, 2005

RIZZOTTO, Maria Lúcia Frizon. História da enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: AB EDITORA, 2008.

SOLHA, RAPHAELA KARLA DE TOLEDO. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE - COMPONENTES, DIRETRIZES E POLÍTICAS PÚBLICAS – SP: ÉRICA

Bibliografia Complementar

CIARLINI, and Alvaro Luis de A. S.. Direito à saúde – paradigmas procedimentais e substanciais da Constituição, 1ª edição.. Saraiva, 2013. VitalBook file.

COSTA, Ana Lucia Jezui da and EUGENIO, Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem: Eixo Ambiente e Saúde - Série Tekne. ArtMed, 2014. VitalBook file.

ESHERICK, Joseph, CLARK, Daniel S., and SLATER, Evan D..CURRENT: Diretrizes Clínicas em Atenção Primária à Saúde (Lange), 10th Edition. AMGH, 2013. VitalBook file.

Saúde coletiva SP

FINKELMAN, J., org. Caminhos da saúde no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FI-OCRUZ, 2002. 328 p. ISBN 85-7541-017-2. Available from SciELO Books. disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/sd/pdf/finkelman-9788575412848.pdf>

SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro, and HORTA, Natália de Cássia. Enfermagem em Saúde Coletiva - Teoria e Prática. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

8º período

PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS

Ementa

Fisiopatologia da pele e anexos. Tipos de Curativos e coberturas. Sistematização da Assistência de Enfermagem na prevenção e tratamento de lesões cutâneas. A Pele e as enfermidades cutâneas. Protocolos da assistência de enfermagem. Atualidades no tratamento de lesões da pele. Principais afecções dermatológicas e os tipos de tratamento. Estoma intestinal. Estoma urinário. Vesicostomia. Cistostomia. Gastrostomias. Traqueostomias. Fístulas. Úlcera por Pressão. Úlceras vasculogênica de origem venosa. Úlceras neurotróficas por Doença de Hansen. Úlceras vasculogênica de origem arterial (diabética ou não). Úlcera Diabética e áreas de incontinência. Cuidados com drenos e tubos. Cuidados com feridas cirúrgicas, evisceração e deiscência. Cuidados com feridas oncológicas

e lesões vegetantes. Cuidado com a pele do idoso. Aspectos emocionais e soci-ais da clientela.

Bibliografia Básica

DEALEY, Carol. Cuidando de Feridas: um guia para enfermeiros. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

RAMOS E SILVA, Marcia Fundamentos de dermatologia.: Rio de Janeiro: Atheneu Cultura 2010 v.1 e v.2 2/cd

SILVA, M.R. & CASTRO, M.C.R.de.. Fundamentos de Dermatologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010. 2 vol. 2369 p.

Tratado de feridas e curativos: Enfoque multiprofissional

Bibliografia Complementar

David, AZULAY, Rubem, AZULAY, David Rubem, and AZULAY-ABULAFIA, Luna. Dermatologia, 6ª edição. Guanabara Koogan, 2013. VitalBook file.

Donna, SCEMONS, and ELSTON, Denise. Nurse to Nurse: Cuidados com Feridas em Enfermagem. AMGH, 2011. VitalBook file.

NETTINA, Sandra M. Prática de Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. /2022.

Omar, LUPI, and BOLEIRA, Manuela. Dermatologia Fundamental. AC Farmacêutica, 2013. VitalBook file.

RIVITTI., and Evandro A.. Manual de Dermatologia Clínica de Sampaio e Rivitti. Artes Médicas, 2014. VitalBook file

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

INTERPRETAÇÃO DE EXAMES LABORATORIAIS

Ementa

Atualizar e oferecer conhecimento aos participantes do curso sobre os

princípios e fundamentos com relação à Interpretação de Exames Laboratoriais, tendo como base a noção básica e simplificada das alterações fisiopatológicas associadas a determinados resultados laboratoriais. E a gestão e o controle de qualidade no Laboratório.

Bibliografia Básica

CHUANYL, Mark Lu Manual de exames diagnósticos.: Porto Alegre; Artmed, 2014

BAYNES, J. W.; Dominiczak, M. H. Bioquímica Médica. 2ª edição.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Adelar. Métodos de laboratório em bioquímica. Barueri: Manole, 2003.

DELVIN, T.M. Manual de bioquímica com correlações clínicas. São Paulo: Blücher. 1998.

HOFFBRAND, A. V.; Moss, P. A. H. Fundamentos em Hematologia. Editora: GRUPO A EDUCACAO S/A (ARTMED). Ed.6ª, 2012.

LORENZI, Therezinha Ferreira. Manual de Hematologia, 4ª edição.

Sergio, VENCIO, FONTES, Rosita, and SAENGER, Ana Luiza. Manual de Exames Laboratoriais em Geriatria. AC Farmacêutica, 2014. VitalBook file.

Sholtis, BRUNNER, Lillian, SUDDARTH, Doris Smith, and LIPPINCOTT, Williams Wilkins. Brunner & Suddarth | Exames Complementares. Guanabara Koogan, 2011. Vital-Book file.

XAVIER, Ricardo M.; DORA, José Miguel; SOUZA, Carolina Fischinger Moura de; BAR-ROS, Elvino. Laboratório na prática clínica: Consulta rápida, 2ª edição

XAVIER, Ricardo M.; DORA, José Miguel; SOUZA, Carolina Fischinger Moura de; BAR-ROS, Elvino. Laboratório na prática clínica: Consulta rápida, 2ª edição

EDUCAÇÃO, CULTURA E DIREITOS HUMANOS

Ementa

A proposta do curso está focada na questão racial como tema da identidade nacional. A constituição de alguns símbolos da nacionalidade. Os lugares e as posições de poder de alguns grupos na sociedade brasileira. Tomando a questão negra e as relações raciais como centrais, pretende-se realizar um panorama socioantropológico dos modos como a identidade nacional e os seus símbolos foram pensados e discutir os modos como as identidades sociais passaram a ser acionadas no contexto das mudanças pelas quais vem passando a sociedade brasileira. Além disso, buscaremos trabalhar as legislações em vigor que visam contemplar as etnias dos povos negros e indígenas, especificamente as Leis 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e 11.645, de 10 de março de 2008. O curso será ministrado de forma pluridisciplinar, com aspectos e teorias de diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia Básica

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Chile: Paz e Terra. 1968.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense. 2007.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Bibliografia complementar

BRASIL. Resolução nº. 1, de 17 de junho de 2004, do CNE/MEC, que “institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro - Brasileira e Africana”. Brasília, DF, 2014. <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica>

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da educação, 2005. 204 p.(número de consulta: 379.260981 S959 2. ed. / 2005) Brasília, DF, 2012.

_____. Parecer CNE/CP n. 8, de 03/03/2012. Diretrizes Nacionais para a

Educação em Direitos Humanos. Originária da resolução CNE/CP n. 1, de 30/05/2012. Brasília, DF, 2012. <http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/pdf/ParecerhomologadoDiretrizesNacionaisEDH.pdf>

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. São Paulo: LCT, 1989.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa

A investigação científica como um processo da construção do conhecimento e sua operacionalização na área da Enfermagem. Orientação para desenvolvimento e preparo do estudo. Normas e partes para elaboração.

Bibliografia Básica

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. Cortez Editora, 2011 – 4ª. Ed.

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica – Teoria da Ciência e iniciação à pesquisa. Vozes, 2013

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. Cortez Editora, 2013

Bibliografia complementar

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. Método e metodologia na pesquisa científica. São Paulo: Yendis, 2008

BARROS, A. J. S. & LEHFELD, N. Fundamentos da metodologia científica, 3ª ed, São Paulo: Person.

CASTRO, C. M. A prática da pesquisa. 2. ed. São Paulo: Person, 2006

CASTRO, C. M. Como redigir e apresentar um trabalho científico. São Paulo: Person, 2011

INÁCIO FILHO, Geraldo. A Monografia na universidade. Campinas. Editora: Papirus, 2001 Papirus

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2013

PSICOLOGIA APLICADA À SAÚDE

Ementa

História e conceitos da Psicologia enfocando: aspectos teóricos - conceituais e teóricos - metodológicos; destacando as abordagens psicológicas aplicadas à promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos em saúde. A Psicossomática.

Bibliografia Básica

BOCK, A. M. B., FURTADO, O., TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1984.

OLDS, SALLY WENDKOS; FELDMAN, RUTH DUSKIN; PAPALIA, DIANE E.. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: artmed, 2006.

Bibliografia Complementar

Costa, HÜBNER, Maria Martha, and MOREIRA, Márcio Borges. Fundamentos de Psicologia - Temas Clássicos de Psicologia Sob a Ótica da Análise do Comportamento. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

DAVIDOFF, Linda L. Introdução à psicologia. São Paulo: McGraw-Hill, 2001.

FELDMAN., and Robert S.. Introdução à Psicologia, 10th Edition. AMGH, 2015. VitalBook file.

FOULQUIÉ, PAUL. A PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA. Campos. São Paulo, 1977.

LUBART, TODD. Psicologia da Criatividade. Artmed. São Paulo, 2007

MORRIS, Charles G. MAISTO, Albert A. Introdução à psicologia. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2004

MYERS, D.G.; Psicologia Geral. LTC, 5ª ed., Rio de Janeiro 1999.

SAÚDE DO TRABALHADOR

Ementa

Introdução ao estudo da saúde dos trabalhadores e suas doenças ocupacionais, atendimento de Enfermagem nos locais de trabalho; indústria, comércio, escritório. A história da Enfermagem do trabalho, os estudos realizados na saúde do trabalhador, a prevenção da saúde do trabalhador. Analisar junto aos alunos os indicadores da saúde do trabalhador em nível nacional, regional e municipal.

Bibliografia Básica

BRASIL, Ministério da Saúde Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de Saúde. Brasília: Atual, 2001

Carvalho. Geraldo Mota de. Enfermagem do trabalho. SP: EPU, 2001

RIBEIRO, Maria Celeste Soares. Enfermagem e trabalho: fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores. SP: Martinari, 2008,

Segurança e Medicina do Trabalho. São Paulo: Atlas, 2016.

Bibliografia Complementar

CARVALHO., and Geraldo Mota de. Enfermagem do Trabalho, 2ª edição. Guanabara Koogan, 2014. VitalBook file.

COREN-SP. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Documentos básicos de enfermagem. Principais leis e resoluções que regulamentam o exercício profissional de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, 227p. 1997. http://inter.coren-sp.gov.br/sites/default/files/principais_legislacoes_web.pdf

LUCAS, Alexandre Juan. O Processo de Enfermagem do Trabalho, 2nd edição. IÁTRIA, 06/2009.

Maria, ROSSI Ana, PERREWÉ, Pamela L., and SAUTER, Steven L. (Org.). Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional. Atlas, 2012. Vital Book file.

MORAES, Márcia Vilma de. Enfermagem do Trabalho - Programas, Procedimentos e Técnicas, 4th edição. IÁTRIA, 06/2012. VitalSource Bookshelf Online.

OLIVEIRA, Cláudio Antônio dias de. Segurança e Medicina do Trabalho: guia de prevenção de riscos. São Paulo: Yendis, 2011.

ENFERMAGEM ONCOLÓGICA

Ementa

A epidemiologia do câncer, um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Os princípios básicos da fisiopatologia do câncer e o mecanismo da carcinogênese. A nomenclatura dos tumores, os fatores de risco associados ao câncer e as ações de prevenção primária e secundária do câncer. A assistência de enfermagem ao paciente oncológico na avaliação diagnóstica e nos diversos tratamentos. Orientação e acompanhamento aos familiares e cuidadores.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Coordenadoria de Programas de Controle do Câncer-Pro-Onco. Ações de enfermagem para o controle do câncer. 11. ed. Rio de Janeiro: 2010.

Almeida Jr, Ch Farmacêuticos em oncologia uma nova realidade 2. Ed. SP: Atheneu, 2010

BRASIL. Resolução RDC nº 67/2007. Dispõe sobre Boas Práticas de Manipulação de Preparações Magistrais e Oficiais para Uso Humano em farmácias.

Disponível

em:

fi-

le:///C:/Users/Rita/Downloads/resoluo%20rdc%20n%2067%202007%20-%20farmcia%20de%20manipulao%20magistral%20ver%20rdc%2021-2009%20e%2067-2007.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Coordenadoria de Programas de Controle do Câncer-Pro-Onco. Ações de enfermagem para o controle do câncer. 11. ed. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf

Lopes, Ademar; Castro, Rosa Maria R.P.S; Iyeyasu, Hirofumi. Oncologia: Para A Graduação. 2.Ed.. Sp: Tecmed, 2008

Bibliografia Complementar

BRASIL. Lei 8080/90. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm

BRASIL. Lei nº 5.991, de Dezembro de 1973 Anvisa. Dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos, e dá outras providências. Disponível em: http://www.cff.org.br/userfiles/file/educacao_farmaceutica/Comissao_Ensino/Outras%20Legislacoes/Lein5991_1973.pdf

CAVALLINI, M. E., BISSON, M. P. Farmácia Hospitalar. 2 ed. Barueri – SP: Manole, 2010.

Fábio Teixeira Ferracini, Silvana Maria de Almeida e Wladimir Mendes Borges Filho. Farmácia clínica - Série Manuais de Especialização do Einstein. Sp: Manole, 2014

FERREIRA., and Paulo Renato Figueiredo e colaboradores. Tratamento Combinado em Oncologia: Quimioterapia, Hormonioterapia, Radioterapia. ArtMed, 2011. VitalBook file.

GOVINDAN., and Ramaswamy. Washington - Manual de Oncologia.

Guanabara Koogan, 2004. VitalBook file

M., GUIMARÃES, José Luiz, ROSA, Daniela D., and Colaboradores. Rotinas em Onco-logia. ArtMed, 2008. VitalBook file. (MB

MARTINS, M. A. CARRILHO, F. J., et al. Clínica Médica, volume 3: doenças hematológicas, oncologia, doenças renais e geniturinárias. Barueri – SP. Editora Manole, 2014.

8º PERÍODO DIURNO

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TERAPIA INTENSIVA

Ementa

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes em estado grave.

Bibliografia Básica

CHEREGATTI, Aline Laurenti. Enfermagem em unidade de terapia intensiva. SP: Martinari, 2011

Chulay, Marianne - Burns, Suzanne M. Manual de Elementos Essenciais de Enfermagem em Cuidados Críticos da AACN .SP :McGraw Hill, 2011

Emergência: atendimento e cuidados de enfermagem. 2.ed.. São Paulo: Yendis, 2009.2 ex

KNOBEL E etal . Condutas no paciente grave. São Paulo, Atheneu, 2011.

MASSIMI, Marina Saraiva. ATUALIZAÇÃO EM EMERGÊNCIAS MÉDICAS VOL.1. SP: Manole, 2015

SANTOS, Oscar Fernando Pavão dos. Terapia intensiva: uma abordagem baseada em casos clínicos.: São Paulo Manole, 2011

Bibliografia Complementar

BRUNNER. L. S. & SUDDARTH, D. S. Tratado de Enfermagem Médico

Cirúrgica, 7.^a ed. Guanabara S.A. Rio de Janeiro.

Fabiola La Torre, Regina Cesar, Juliana Storni, Luciana Chicuto, Rogério Pecchini UTI pediátrica, SP: Manole, 2011

FIORETTO., and José Roberto (editor). UTI Pediátrica. Guanabara Koogan, 2013. Vital-Book file.2022

Guia prático exame físico no adulto e no idoso

Maria, FURKIM, Ana, and RODRIGUES, Katia Alonso. Disfagias nas Unidades de Terapia Intensiva. Roca, 2014. VitalBook file.

PADILHA, K. G. ET all. Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico. São Paulo: Manole, 2015

PESSINI, Leo. Como lidar com o paciente em fase terminal. 5^a Ed. Santuário, São Paulo. 2005.

PIVA, Jefferson Pedro. Medicina intensiva em pediatria. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2006.

Renata Dejtiar Waksman, Olga Guilhermina Dias Farah, Beatriz Murata Murakami e Eduarda Ribeiro dos Santos Enfermagem em terapia intensiva. SP: Manole, 2017

TAMEZ, Raquel Nascimento Usra Uti neoTAMEZ., and Raquel Nascimento. Enfermagem na UTI Neonatal, 5^a edição. Guanabara Koogan, 2017. VitalBook file.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EMERGÊNCIA

Ementa

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes em condições de emergência.

Bibliografia Básica:

Chulay, Marianne - Burns, Suzanne M. Manual de Elementos Essenciais de Enfermagem em Cuidados Críticos da AACN SP :McGraw Hill, 2012

Emergência: atendimento e cuidados de enfermagem. 2.ed.. São Paulo: Yendis, 2009.

GARCIA, Juliana Neve Russi. Manual para estágio em enfermagem. 2. São Paulo: Difusão Editora, 2009. 3 ex

MARTINS, Herlon Saraiva ; ZAMBOTI, Valdir ; VELASCO, Irineu Tadeu Atualização em emergências médicas. Sp : Manole, 2013 v.2

MASSIMI, Marina, 1956- Atualização em emergências médicas São Paulo ; Manole

SILVA, Sandra Regina L. P. T..Manual de procedimentos para estágio em enfermagem. 4. São Paulo: Martinari, 2013. 2 ex

SOUSA, Lucila Medeiros Minichello de. Primeiros socorros: condutas técnicas. São Paulo: Saraiva, 2010. ((Série desafios.)).

SOUSA, Lucila Medeiros Minichello de. Primeiros socorros: Socorro médico de urgência., SP: Saraiva, 2010

VOLPATO, Andrea C. B. Enfermagem em Emergência. São Paulo: Martinari, 2010.

Bibliografia Complementar

MARTINS, Herlon Saraiva. Atualização em emergências médicas vol. 2. SP: Manole, 2013

NANDA International. Diagnósticos de Enfermagem da Nanda: Definições e classificação 2015-2017. Porto Alegre: Artmed, 2010. 2012/2020/2021

REIS., and Phillipe Geraldo Teixeira de Abreu. SOS Doutor - Emergências Cirúrgicas em Pronto-Socorro. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.11. ed.Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

SOUSA, Lucila M. M. Primeiros Socorros: condutas técnicas. São Paulo: Iátria, 2010.

VIANA, Dirce Laplaca .3 ed. Manual de cálculo e administração de

medicamentos. São Paulo: Yendis,2008.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA E HOSPITALAR

Ementa

Estágio na rede básica de saúde, caracterizando-se por vivência efetiva de situações concretas de trabalho no campo profissional.

Estágio em rede hospitalar em assistência ao cliente hospitalizado e avaliações dos processos administrativos e gerenciamento das unidades de internação. Práticas de enfermagem. Escalas diárias.

Bibliografia Básica

COSTA, Ana Lucia Jezuíno da; EUGENIO Sonia Cristina Fonseca. Cuidados de Enfermagem. SP: ARTMED 2EX.

KNODEL., and Linda J.. Nurse to Nurse: Administração em Enfermagem. AMGH, 2011. VitalBook file.

KURCGANT, PAULINA. GERENCIAMENTO EM ENFERMAGEM. 2.ed. RIO DE JANEIRO: GUANABARA KOOGAN, 2012

MARQUIS. B. & HUSTON. C. Administração e Liderança em Enfermagem. Porto Alegre: Artmed.1999.

Knodel, Linda J Nurse to Nurse: Administração em Enfermagem KNODEL, Linda J. Gerenciamento em Enfermagem, 2ª edição

MAXIMIANO. A. Introdução à Administração. São Paulo: Atlas.1996.

Bibliografia Complementar

CHIAVENATO, I. Iniciação à administração geral.3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier,2009.

CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Fiocruz. Manual de Práticas em Atenção Básica: Saúde Ampliada e Compartilhada. RJ. Fiocruz. [s.d.] http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/sites/default/files/biblioteca_home/manual_das_praticas_de_atencao_basica%5B1%5D.pdf

GARCIA, Telma Ribeiro, EGRY, Emiko Yoshikawa colaboradores. Integralidade da atenção no SUS e sistematização da assistência de enfermagem. ArtMed, 04/2011

FELTRIN, Aline F. dos S.; ABBUD, Carolina; AMARAL, Eveline L. da S.; e outros Integralidade no Cuidado em Enfermagem do Adulto e Idoso Clínico . [Digite o Local da Editora: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786556902005. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556902005/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

HARADA, Maria de Jesus Castro Souza Gestão em enfermagem: ferramenta para prática segura. São Paulo Data: 2011 Yendis

MEDINA, G.M, et al. Avaliação da atenção básica: construindo novas ferramentas para o SUS. Divulgação em saúde para debate, RJ, n.21,2000. <http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/ses-13470>

Santos, Álvaro da Silva; Miranda, Sônia Maria Rezende Camargo de (org.), A Enfermagem na Gestão em Atenção Primária à Saúde SP : Manole, 2007

ESTÁGIO SUPERVISIONADO À SAÚDE DO IDOSO II

Ementa

Práticas de enfermagem relacionadas aos pacientes adultos e idosos. Orientações de enfermagem, qualidade de vida e práticas de controle das doenças crônicas.

Bibliografia Básica

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPAEO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. | <http://crt-dst.aids.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=CRT->

Acervo&nextAction=lnk&exprSearch=GERIATRIA&indexSearch=MH

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

JARVIS, Carolyn. Guia de exame físico para enfermagem. 7. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2016.

Guia prático exame físico no adulto e no idoso

Bibliografia Complementar

Brasil. Estatuto do idoso. Brasília: M. Da Saúde, 2008

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Obesidade. Cadernos de Atenção Básica n.12. Brasília: Ministério da Saúde, 2006c. 108p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2006: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico.

BRUNNER, LILLIAN SHOLTIS; SUDDART, DORIS SMITH. BRUNNER & SUDDARTH: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022.

CIAMPONE, M.H.T.; PEDUZZI, M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. Rev.Bras.Enf., v.53, 2000. <http://www.scielo.br/pdf/reben/v53nspe/v53nspea24.pdf>

FREITAS, Elisabete Viana, and PY, Ligia. Tratado de Geriatria e Gerontologia, 3ª edição. Guanabara Koogan, 2011. VitalBook file.

FREITAS, Elisabete Viana, MOHALLEM, Kalil Lays, GAMARSKI, Roberto, and PEREIRA, Silvia Regina Mendes. Manual Prático de Geriatria. AC Farmacêutica, 2012. Vital-Book file.

Inês, NUNES, Maria, SANTOS, Mariza dos, and FERRETI, Renata Eloah de Lucena. Enfermagem em Geriatria e Gerontologia. Guanabara Koogan, 2012. VitalBook file.

Sergio, VENCIO,, FONTES, Rosita, and SAENGER, Ana Luiza. Manual de

Exames Laboratoriais em Geriatria. AC Farmacêutica, 2014. VitalBook file.

OPTATIVAS

LIBRAS

Ementa

Esta disciplina se propõe a apresentar os pressupostos teórico-históricos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos, culturais e técnicos da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – a qual se constitui como sistema linguístico das comunidades de pessoas surdas no Brasil. Aspectos culturais e sociointernacionais entre os surdos e dos mesmos com os ouvintes. Noções da linguística aplicada à LIBRAS e sua gramática, além de proporcionar condições necessárias para a aquisição da LIBRAS a nível básico. Contribuindo para a formação do professor, e para inclusão do Deficiente Auditivo no contexto escolar.

Bibliografia Básica

BRASIL, GOVERNO FEDERAL. Decreto Federal nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, Brasília, 2005. TB DISPONÍVEL EM: <http://www.> O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. MEC: Brasília, 2004.

QUADROS, Ronice de. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. ArtMed, 04/2011.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Sp: AR-TMED, 2007

SACKES, O.W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 1998.

Bibliografia Complementar

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdes. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf

Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais. Disponível em:
<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

FERNANDES, Sueli. Educação de surdos. Curitiba: Editora Ibpex, 2011.
Disponível em: <http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788578388126>

LUCHESE, M. R. C. Educação de pessoas surdas: Experiências vividas, histórias narradas. 4ª ed. Campinas. SP: Papirus, 2012. (Série Educação Especial)
Disponível em:
<http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788530807283%20>

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha ww.cbsurdos.org.br/legislacao.htm

QUADROS, Ronice Müller a (org.). Libras conhecimento além dos sinais. 2011. Disponível em:
<http://fsj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788576058786>

ENFERMAGEM NA TERAPIA DIALÍTICA

Ementa

A disciplina de Enfermagem na Terapia Dialítica fornece ao aluno compreensão sobre o paciente portador de insuficiência renal aguda e crônica e fundamentação técnica e científica dos métodos dialíticos (hemodiálise e diálise peritoneal). Assistência de enfermagem sistematizada ao paciente submetido a hemodiálise a e diálise peritoneal e possíveis complicações durante e após a terapia.

Bibliografia Básica

Parecer técnico COREN-DF n. 33;2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada RDC n011 de 13 de maio de 2014. Dispõe sobre os Requisitos de Boas Práticas de Funcionamento para os Serviços de Diálise e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/>. Acesso em : 4 de abril de 2015 BRASIL.

Ministério da Saúde. Gabinete do Ministério. Define os critérios para organização da linha de cuidado da pessoa com DRC e institui incentivo financeiro de custeio destinado ao cuidado ambulatorial pré-dialítico. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt0389_13_03_2014.html
<http://portal.anvisa.gov.br/>. Acesso em : 4 de abril de 2015

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Gabinete do Ministério. Define os critérios para organização da linha de cuidado da pessoa com DRC e institui incentivo financeiro de custeio destinado ao cuidado ambulatorial pré-dialítico. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt0389_13_03_2014.html
<http://portal.anvisa.gov.br/>. Acesso em : 4 de abril de 2015 Brunner,

HINKLE, Janice L.; CHEEVER, Kerry H.; OVERBAUGH, Kristen J. Brunner & Suddarth - Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica . : Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9788527739504. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527739504/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

CUPPARI, Lilian; AVESANI, Carla M.; KAMIMURA, Maria A. Nutrição na Doença Renal Crônica . : Editora Manole, 2013. E-book. ISBN 9788520452196. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520452196/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Daugirdas, J et al. Manual de diálise. 5 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2016
 DISPONIVEL EM: <https://doceru.com/doc/5vscec1>

Bibliografia Complementar

TAVARES, Camila T. Hidratação e suplementação hidroeletrólítica . : Editora Saraiva, 2021. E-book. ISBN 9786589881209. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786589881209/>. Acesso em: 23 jul. 2022. Fermi, M. R. V.

Souza, E.R.M. et al. Tecnologia e o cuidar de enfermagem em terapias substitutivas. São Paulo: Atheneu, 2009.

Souza,R.A; Lima, E. M. Acesso vascular em crianças e adolescentes com doença renal crônica em tratamento hemodialítico: estudo das intercorrências do acesso vascular temporário e definitivo.108 f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Petroianu , Andy: LIMA , Daniel Xavier. Transplante Renal - O que os doadores precisam saber 1ª edição . sp : ATHENEU,, 2010 pEARSOM

EATON, Douglas C.; POOLER, John P. Fisiologia renal de Vander . [Digite o Local da Editora: Grupo A, 2016. E-book. ISBN 9788580554144. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580554144/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

TITAN, Silvia. Princípios básicos de nefrologia . : Grupo A, 2013. E-book. ISBN 9788565852395. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565852395/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ASSISTÊNCIA EM REABILITAÇÃO

Ementa

A disciplina propõe o estudo do conjunto dos fenômenos psicofisicossociais que se produzem com a prática da reabilitação em populações diferenciadas. Tratar-se-á das respostas que a reabilitação por meio da Enfermagem pode trazer aos idosos, obesos, hipertensos, cardiopatas e diabéticos.

Bibliografia Básica

BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDART, Doris Smith. Brunner&Suddarth: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002/2022

BOURGET, Marie Monique. Estratégia Saúde da Família – A experiência da equipe de reabilitação. São Paulo: Martinari, 2008.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPALEO NETTO, Matheus. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. I: <http://crt-dst.aids.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=CRT->

Acervo&nextAction=lnk&exprSearch=GERIATRIA&indexSearch=MH

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

DELISA, Joel. Tratado de medicina de reabilitação: princípios e prática. 3.ed. Barueri: Manole, 2001.

Bibliografia Complementar

Tratado de medicina de reabilitação: princípios e prática, A. C.; RADOMSKI, M. V. Tera-pia Ocupacional para Disfunções Físicas. 5ª. Ed. São Paulo: Santos, 2005. 1176 p.

CRISTINA BRAGA. TATIANA GABRIELA BRASSEA GALLEGUILLOS. SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO SP: Érica, 2015

JARVIS, Carolyn. Guia de exame físico para enfermagem. 7. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2016. 2

KISNER, C., COLBY, L. A. Exercícios Terapêuticos, Fundamentos e Técnica. São Paulo: Manole, 1998.

O'SULLIVAN, Susan; SHMITZ, Thomas J. Fisioterapia: Avaliação e Tratamento. 4 ed. Barueri: Manole, 2003

RADOMSKI, Mary Vining, LATHAM, Catherine Trombly. Terapia Ocupacional para Dis-funções Físicas, 6ª edição. Santos, 05/2013.

REBELATTO, José Rubens, MORELLI, José Geraldo Silva. Fisioterapia Geriátrica: a Prá-tica da Assistência ao Idoso, 2nd edição. Manole, 01/2007

ENFERMAGEM NAS DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

Ementa

Discutir com o discente as formas de transmissão de doenças, principais vetores e, sobretudo as medidas de prevenção e controle dos agravos de

importância no âmbito da Saúde pública.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. 6.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Coordenação Nacional de DST/AIDS. Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis. 3. ed.,1999.

HERMANN. Hellma.; PEGORARO, Aildes S. Enfermagem em Doenças Transmissíveis. São Paulo: EPU, 2006.

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Vigilância em Saúde: Dengue, Esquistossomose, Hanseníase, Malária, Tracoma e Tuberculose. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

HERMANN. Hellma.; PEGORARO, Aildes S. Enfermagem em Doenças Transmissíveis. São Paulo: EPU, 2006.

Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. Fundamentos de epidemiologia. SP: Manole

Medronho RA, Bloch KV, Luiz RR, Werneck GL. Epidemiologia. 2ª ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

SMELTZER, Suzanne C. Brunner e Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2 v.

VERONESI, Ricardo.; FOCACCIA, Roberto. Tratado de infectologia. 4.ed. São Paulo: Atheneu, 2010. 2.320 p. 2 v.

TANATOLOGIA

Ementa



Aborda concepções teóricas de tanatologia: aspectos históricos, filosóficos, culturais e espirituais da morte e do processo de morrer. Enfoca aspectos éticos e legais de situações de morte clínica, eutanásia, ortotanásia, distanásia e a atuação da enfermagem e de outros profissionais de saúde junto ao paciente e seus familiares no processo de morrer e de morte.

Bibliografia Básica

FISCHES, Joyce Mara Kolinski. Manual de tanatologia. Curitiba. Editora: Unificado, 2007. Unificado

BROMBERG, M.H.P.F.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M. M. M. J.; CARVALHO, V. A. Vi-da e morte: laços da existência. São Paulo: casa do psicólogo, 2012. Casa do Psicólogo

CASSORLA, R. M. S. Suicídio: Fatores Inconscientes e Aspectos Socioculturais: uma introdução . : Editora Blucher, 2017. E-book. ISBN 9788521212539. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521212539/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

D'ANNUNZIO, Gabriele. O Triunfo da Morte . : Grupo Almedina (Portugal), 2018. E-book. ISBN 9789898866592. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9789898866592/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

KOVÁCS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. 5ªed. São Paulo: casa do psicólogo, 2010. Casa do Psicólogo

Bibliografia Complementar

LABAKI, M. E. P. Morte Clínica psicanalítica. 3ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. Casa do Psicólogo

ALVES, R. Desfiz 75 anos. Campinas. São Paulo: Papirus, 2013. Papirus

BREGALANTI, Luciano. Luto e trauma: testemunhar a perda, sonhar a morte. (Série psicanálise contemporânea) : Editora Blucher, 2022. E-book. ISBN 9786555063943. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555063943/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BROMBERG, M.H.P.F.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M. M. M. J.; CARVALHO, V. A. Vida e morte: laços da existência. São Paulo: casa do psicólogo, 2012. Casa do Psicólogo

Elisabeth Kübler-Ross Experiências contemporâneas sobre a morte e o morrer. SP : Sumus editorial 2019

eresia Vera de Sousa Gouvêa Quando a morte chega em casa 1ª ed. RJ : Vozes , 2022

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: casa do psicólogo, 2012.

KOVÁCS, Maria J. Fundamentos de Psicologia - Morte e Existência Humana: Caminhos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção . : Grupo GEN, 2008. E-book. ISBN 978-85-277-1992-6. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-1992-6/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MACIEIRA, R. C. O sentido da vida na experiência de morte: uma visão transpessoal em psico-oncologia. 3ªed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2012

MUTARELLI, Andréia; SILVA, Gláucia Faria da. Luto em pediatria: reflexões da equipe multidisciplinar do hospital infantil Sabará . : Editora Manole, 2019. E-book. ISBN 9788578683771. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788578683771/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

TORRES, W. C. A criança diante da morte: desafios. 4ªed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2012. Casa do Psicólogo

Introdução ao Processo de Doação de Órgãos e Tecidos

Ementa



A disciplina Introdução ao Processo de Doação de Órgãos e Tecidos motiva os alunos na busca por fundamentação técnica e científica sobre doação de órgãos, enfatiza a necessidade de uma responsabilidade civil e ensina todo o processo de doação e sobre todos os tipos de transplantes realizados (coração, rim, rim-pâncreas, pele, medula, córnea, fígado e pulmão). Além disto ensina sobre a ética dos transplantes, a alocação dos órgãos, conceitos de imunologia de Transplantes e assistência humanizada aos familiares do potencial doador de órgãos.

Bibliografia Básica

Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. Rev Latino-Am Enferm 2005; 13(3):382-7. 2. Pereira WA (coord). Diretrizes básicas .. 154 páginas disponível em: <https://www.einstein.br/Documentos%20Compartilhados/manual-ncap.pdf>.

Brasil. Decreto n. 2.268, de 30 de junho de 1997. Regulamenta a Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e dá outras providências. Diário Oficial da União 1 jul 1997; (1):13739. 6. Brasil. Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Diário Oficial da União 5 fev 1997; (1):2191

Santos MJD, Massarollo MCKB. Processo de doação de órgãos: percepção de f PADI-LHA, Kátia G.; VATTIMO, Maria de Fátima F.; SILVA, Sandra Cristine da; KIMURA, Miako. Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico . : Editora Manole, 2014. E-book. ISBN 9788520441848. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520441848/>. Acesso em: 23 jul. 2022. amiliares de doadores cadáveres. Rev Latino-Am Enferm 2005; 13(3):382-7.

Sistema Nacional de Transplantes (SNT). Regulamento técnico. Disponível em: <http://www.hlagyn.com/jml1/images/pdf/Portaria2600AprovadoRegulamentoSNT.pdf>; acessado em 6 de novembro de 2013

Bibliografia Complementar

Brasil. Portaria GM/MS n. 1.262, de 16 de junho de 2006. Aprova o Regulamento Técnico para estabelecer as atribuições, deveres e indicadores de eficiência e do potencial de doação de órgãos e tecidos relativos às Comissões Intra-hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT). Diário Oficial da União 19 jun 2006.

Brasil. Portaria GM/MS n. 1.752, de 23 de setembro de 2005. Determina a constituição de Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes em todos os hospitais públicos, privados e filantrópicos com mais de 80 leitos. Diário Oficial da União 27 set 2005; 196(1): 54.

Brasil. Portaria GM/MS n. 2.600, de 21 de outubro de 2009. Aprova o Regulamento Técnico do Sistema Nacional de Transplantes. Diário Oficial da União 2009.

Conselho Federal de Medicina (CFM). Resolução CFM n. 1.826, de 24 de outubro de 2007. Dispõe sobre a legalidade e o caráter ético da suspensão dos procedimentos de suportes terapêuticos quando da determinação de morte encefálica de indivíduo não doador. Diário Oficial da União 6 dez 2007; (1):133.

Knobel E. Condutas no paciente grave. São Paulo: Atheneu, 1998.

Pereira WA (coord). Diretrizes básicas para a captação de múltiplos órgãos da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. São Paulo: ABTO, 2009

PSICOFARMACOLOGIA

Ementa

Estudo dos mecanismos de ação dos medicamentos e dos fenômenos que regem a absorção, a distribuição, a biotransformação e a excreção dos mesmos. Estudo das ações e efeitos dos psicotrópicos.

Bibliografia Básica

SILVA, Penildon. Farmacologia, 8ª edição . : Grupo GEN, 2010. E-book. ISBN

978-85-277-2034-2. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2034-2/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

CORDIOLI, Aristides V.; GALLOIS, Carolina B.; ISOLAN, Luciano. Psicofármacos: Grupo A, 2015. E-book. ISBN 9788582712405. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582712405/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ELISABETSKY, Elaine; HERRMANN, Ana P.; PIATO, Ângelo; LINCK, Viviane de M. Descomplicando a psicofarmacologia . : Editora Blucher, 2021. E-book. ISBN 9786555062717. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555062717/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

SCHATZBERG, Alan F.; DEBATISTA, Charles. Manual de psicofarmacologia clínica . : Grupo A, 2017. E-book. ISBN 9788582713587. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582713587/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Bibliografia Complementar

OLIVEIRA, Irismar R.; SCHWARTZ, Thomas; STAHL, Stephen M. Integrando psicoterapia e psicofarmacologia . : Grupo A, 2015. E-book. ISBN 9788582711651. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582711651/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PORTO, GILBERTO SILVA. ET AL, .Psicofarmacologia para psicólogos:

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virgínia A.; SUSSMAN, Norman. Manual de farmacologia psiquiátrica de Kaplan & Sadock . : Grupo A, 2015. E-book. ISBN 9788582711163. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582711163/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

SCHATZBERG, Alan F. STAHL, STEPHEN M. Psicofarmacologia

SENA, Eduardo Pondé de; MIRANDA-SCIPPA, Ângela M A.; QUARANTINI,

Lucas de C.; OLIVEIRA, Irismar. Irismar - Psicofarmacologia clínica . : MedBook Editora, 2011. E-book. ISBN 9786557830680. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786557830680/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

STAHL, Stephen M. Fundamentos de psicofarmacologia de Stahl: guia de prescrição . : Grupo A, 2019. E-book. ISBN 9788582715307. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582715307/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

STAHL, Stephen M. Psicofarmacologia - Bases Neurocientíficas e Aplicações Práticas . : Grupo GEN, 2014. E-book. ISBN 978-85-277-2629-0. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-277-2629-0/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

VIROLOGIA HUMANA

Ementa

Noções gerais em Virologia: caracterização, classificação e replicação. Mecanismos de patogenicidade dos vírus e resposta do hospedeiro às infecções virais. Coleta e processamento de amostras para diagnóstico. Métodos de pesquisa em biologia molecular. Diagnóstico sorológico das principais viroses humanas.

Bibliografia Básica:

.F., BROOKS, Geo., CARROLL, Karen C., BUTEL, Janet S., MORSE, Stephen A., and MIETZNER, Timothy A.. Microbiologia Médica de Jawetz, Melnick e Adelberg, 25ª edição. AMGH, 2012. VitalBook file.

ENGELKIRK, Paul G., DUBEN-ENGELKIRK, Janet, BURTON, Gwendolyn W. Burton | Microbiologia para as Ciências da Saúde, 9ª edição. Guanabara Koogan, 03/2012.

Santos. Virologia Humana. ED. Guanabara 2015

Bibliografia Complementar

LEVINSON, Warren Microbiologia médica e imunologia, 8ª edição. 2010-01-01. Porto Alegre.

Burton | Microbiologia para as Ciências da Saúde, 9ª edição ENGELKIRK, Paul G.; DU-BEN-ENGELKIRK, Janet; BURTON, Gwendolyn R. W.

Korsman, Stephen N. J. - Zyl, Gert U. van - Nutt, Louise - Preiser, Wolfgang - Anderson, Monique I. Virologia ed. elsevier 2014

Madigan, Michael T.; Martinko, John M.; Parker, Jack Microbiologia de Brock, 12ª edição J. 2013-04-16Porto Alegre. Microbiologia de Brock, 10ª edição. SP: Pearson. 2013.

Microbiologia, 8ª edição TORTORA, Gerard J.; FUNKE, Berdell R.; CASE, Christine L.

Trabulsi, L.R. Microbiologia. Livraria Atheneu – 2004.

4 Regimento das Atividades Complementares

Atividades Complementares

As atividades complementares são componentes curriculares obrigatórias dos Cursos da Graduação do Centro Universitário São José de Itaperuna, doravante identificado pelo conjunto de siglas: **UNIFSJ**. São práticas acadêmicas apresentadas sob múltiplos formatos, tendo em vista essencialmente:

△ **Complementar o currículo pedagógico vigente.**

△ **Ampliar os horizontes do conhecimento, bem como de sua prática para além da sala de aula.**

△ **Favorecer o relacionamento entre grupos e a convivência com as diferenças sociais.**

△ **Favorecer a tomada de iniciativa nos alunos.**

As atividades complementares são oportunidades para que os alunos tenham acesso ao amplo espectro de conhecimento, ideias, problemas e metodologias e com isso possam agregar à sua formação específica novas e diferentes perspectivas que darão maior valor e melhores resultados ao seu futuro desempenho científico e profissional.

Assim, devem contemplar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, assegurando o seu caráter interdisciplinar em relação às diversas áreas do conhecimento respeitando, no entanto, o Projeto Político do Curso.

A efetiva participação dos alunos nas atividades complementares contribui para uma formação geral, para a capacidade de análise dos problemas humanos, dos aspectos concernentes ao seu processo de formação profissional e de cidadãos, capacitando-os ao exercício da aprendizagem continuada e ao aprimoramento da postura ética, formação humanística e generalista e à consciência das suas responsabilidades sociais.

Com base na peculiaridade das atividades, considerar-se-á:

Atividades de **FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ENSINO**: participação em projetos de monitoria de disciplinas que integram o elenco do curso, a participação em seminários de integração extraclasse em que temas relevantes para a área do curso são abordados, disciplinas eletivas, seminários, jornadas, eventos, simpósios, cursos em instituições devidamente reconhecidas pelo CENICE, grupos de estudos utilizando-se a interdisciplinaridade.

Atividades de **FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISA**: contemplam a participação em projetos de iniciação científica e a publicação de trabalhos em periódicos ou em anais de congressos, estágios voluntários em pesquisa, participação em programa de iniciação científica, apresentação de trabalho em congresso e eventos científicos.

Atividades de **FORMAÇÃO ACADÊMICA DE EXTENSÃO**: participação em programas e projetos de extensão, seminários, palestras, congressos, conferências, encontros, cursos de atualização e similares. Além disso, a participação em estágios extracurriculares (estágios não obrigatórios) e a representação estudantil em colegiados de cursos, plenário de departamento e colegiados superiores são contabilizados como atividades complementares.

Entende-se que a participação do aluno no fazer acadêmico é de grande importância para sua formação. Os cursos de graduação têm como responsabilidade, além da formação profissional, a formação de cidadãos.

NORMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I DOS OBJETIVOS

Art. 1º As atividades complementares têm como objetivo incentivar o aluno a participar de experiências diversificadas que contribuam para a sua formação humana e profissional, atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais relacionadas ao Curso de Nível Superior oferecido pelo **UNIFSJ**.

CAPÍTULO II DO ÓRGÃO RESPONSÁVEL

Art. 2º A Coordenação do Curso é responsável pela análise, julgamento, avaliação e validação das atividades complementares realizadas pelos acadêmicos

dos cursos do **UNIFSJ**, devendo repassar as informações catalogadas ao secretário responsável pela secretaria acadêmica para o arquivamento/registro destas e cômputo da carga horária.

CAPÍTULO III DAS NORMAS

Art. 3º Serão consideradas apenas as atividades com temas pertinentes que complementem a estrutura curricular dos cursos, assim como temas transversais (sustentabilidade, diversidade, direitos humanos, sociopolíticos e outros).

Art. 4º Todas as atividades consideradas como complementares devem ser obrigatoriamente comprovadas. O processo se dará da seguinte forma:

§ 1 - O acadêmico deverá solicitar e preencher o TERMO DE COMPROMISSO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES – fornecido pela Coordenação do respectivo Curso.

§ 2 - A validação dar-se-á mediante preenchimento de formulário de requerimento das atividades complementares, com as respectivas cópias de originais comprobatórias das atividades complementares, para avaliação e posterior deferimento pela coordenação.

§ 3 - Após deferimento ou indeferimento, a coordenação do curso emitirá e encaminhará parecer a Coordenação do CENICE, com cópia para a secretaria acadêmica que se responsabilizará pelo arquivamento e registro da carga horária das atividades complementares realizadas.

Art. 5º O acadêmico deverá acumular carga horária descrita na matriz curricular do seu Curso, em atividades complementares reconhecidas pela Coordenação do Curso de Graduação correspondente, contabilizando no máximo 30 horas em cada tipo de atividade (conforme lista de atividades do Art. 7º).

§ 1 - As atividades reconhecidas pela Coordenação deverão estar em consonância com os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação, com base nas normas estabelecidas neste regimento.

§ 2 – As horas excedentes serão desconsideradas do cômputo total da carga

horária das atividades complementares

Art. 6º As atividades complementares devem ser realizadas durante o período em que o aluno esteja regularmente matriculado nos Cursos de Graduação.

Art. 7º Os licenciandos ingressantes nos Cursos de Graduação através de transferência ou reingresso ficam sujeitos ao cumprimento da carga horária estabelecida para as atividades complementares, podendo solicitar o cômputo da carga horária atribuída pela instituição de origem a essas atividades, observadas as seguintes condições:

§ 1 - A compatibilidade das Atividades Complementares estabelecidas pela instituição de origem com as estabelecidas neste Regulamento.

§ 2 - A carga horária atribuída pela instituição de origem e a conferida por este regulamento a atividades idênticas ou congêneres.

CAPÍTULO IV DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 8º As atividades complementares, bem como o número de horas computadas, estão listadas e enumeradas abaixo.

§1- Apresentação de trabalho em congresso, seminário, simpósio, salão de iniciação científica e similar, local, regional, nacional e internacional

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: para apresentação de trabalhos sob a forma de pôster e/ou banner sem publicação em anais, periódicos e revistas especializadas (10 horas), pôster com publicação em anais periódicos e revistas especializadas (20 horas), apresentação oral sem publicação em anais periódicos e revistas especializadas (20 horas) e com publicação (30 horas). Para eventos Internacionais acrescentam-se 20 horas na pontuação específica.

§2- Publicações de artigo científico completo (artigo efetivamente publicado ou com aceite final de publicação) em periódico especializado, com comissão editorial, sem a necessidade de ser o primeiro autor

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada publicação equivale a 30 horas.

§3- Autor ou coautor de capítulo de livro (relacionado aos objetivos do curso)

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: Cada publicação equivale a 30 horas.

§4- Participação, como membro efetivo, em eventos científicos promovidos pelo UNIFSJ: semana acadêmica, cultural (ou equivalente), seminário, jornada, fórum, congresso, encontro, apresentação e/ou defesa pública de trabalho de conclusão de curso, artigos, monografia, dissertação e tese.

O número de horas computadas para atividades complementares será de 01 (uma) hora para cada hora de evento.

Em relação aos eventos para os quais não for determinado previamente o número de horas a ser computado para atividades complementares, o número de horas equivalentes será analisado e definido pela Coordenação do Curso correspondente.

§5- Participação, como membro efetivo, em eventos científicos promovidos por instituições reconhecidas pela coordenação: semana acadêmica, cultural (ou equivalente), seminário, jornada, fórum, congresso, encontro, apresentação e/ou defesa pública de trabalho de conclusão de curso, artigos, monografia, dissertação e tese.

O número de horas computadas para atividades complementares será de 02 (duas) horas para cada hora de evento.

Em relação aos eventos para os quais não for determinado previamente o número de horas a ser computado para atividades complementares, o número de horas equivalentes será analisado e definido pela Coordenação dos Cursos.

§6- Participação, como membro efetivo, em disciplinas extracurriculares e/ou cursos de nível superior (cursos de extensão universitária, cursos dirigidos especificamente a acadêmicos e profissionais de nível superior da área correlata),

promovidos pelo UNIFSJ.

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada uma hora realizada equivale a uma hora de atividade complementar.

§7- Participação, como membro efetivo, em disciplinas extracurriculares e/ou cursos de nível superior (cursos de extensão universitária, cursos dirigidos especificamente a acadêmicos e profissionais de nível superior da área correlata), promovidos por instituições reconhecidas pela Coordenação

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada uma hora realizada equivale a duas horas de atividade complementar.

§8- Atuação como monitor em disciplinas do Curso de Formação - Ensino Fundamental a partir do 6º ano e Ensino Médio - (mínimo de um semestre completo)

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada uma hora realizada de monitoria equivale a uma hora de atividade complementar.

§9- Atuação como monitor em outras instituições de ensino

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada uma hora realizada de monitoria equivale uma hora de atividade complementar.

§10- Estágio não obrigatório, remunerado ou não, realizado sob supervisão do professor ou de outras instituições reconhecidas pela Coordenação do Curso

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada duas horas realizadas equivalem a uma hora de atividade complementar.

§11- Ministrando Curso de Extensão, oficina ou evento de cunho de extensão reconhecido pela Coordenação

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada uma hora de curso ministrado e/ou horas apresentadas em certificado equivalem a duas horas de atividade complementar.

§12- Participação em atividade de extensão/ação comunitária, reconhecida pela Coordenação de Curso.

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: cada

uma hora realizada equivale a uma hora de atividade complementar.

§13- Participação em pesquisa, com ou sem bolsa de iniciação científica, com pesquisador ou grupo de pesquisa/instituição reconhecida pela Coordenação do Curso

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: 10 horas por mês de participação em pesquisa ou horas constantes no certificado.

§14- Participação em comissões (organização de eventos – Semanas Acadêmicas, Semanas de Iniciação Científica etc.), colegiados (Diretório Acadêmico, Conselhos e Comissão de Avaliação e de Divulgação)

Horas de atividades complementares computadas pela Coordenação: horas constantes no certificado.

§15- Participação em cursos preparatórios para concursos (na área de formação e cursos em Língua Estrangeira)

Horas de atividades complementares computadas pela coordenação: horas constantes no certificado limitado a 20 horas.

§16- Publicação de matéria, artigo de opinião dentre outros gêneros de cunho informativo em jornais acadêmicos ou revistas especializadas com registro de ISSN.

Horas de atividades complementares computadas pela coordenação: cada matéria, artigo ou outro gênero de divulgação equivale a 20 horas.

§17- Participação como membro de expediente em material de cunho informativo com registro de ISSN (revisor, diagramador, fotógrafo e outros)

Horas de atividades complementares computadas pela coordenação: cada participação equivale a 10 horas.

§18- Participação em eventos culturais recomendados e/ou reconhecidos pela coordenação do UNIFSJ

5 horas para cada participação (público); 10 horas para cada participação direta no evento (ator, co-autor, músico etc.)

§19- Casos específicos de atividades não contempladas na lista anterior

serão avaliados pelas respectivas Coordenações dos Cursos de Graduação.

CAPÍTULO V DA APRESENTAÇÃO SISTÊMICA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art.9º-A documentação comprobatória das atividades complementares está estabelecida abaixo com base no Artigo 8º deste regimento:

Parágrafo	Atividade	Ação	Carga Horária Correspondente	Documentação a ser apresentada
§1	Participação e/ou Apresentação de trabalho em congresso, seminário, simpósio, salão de iniciação científica e similar, local, regional, nacional e internacional	Apresentação de trabalhos sob a forma de Pôster e/ou Banner sem publicação em Anais, periódicos e revistas especializadas	10 horas	Certificado ou documento equivalente
		Apresentação de Pôster e/ou Banner com publicação em Anais periódicos e revistas especializadas	20 horas	Cópia da publicação, declaração ou documento equivalente
		Apresentação oral sem publicação em Anais periódicos e revistas especializadas e	20 horas	Certificado ou documento equivalente
		Com publicação	30 horas	Cópia da publicação, declaração ou documento equivalente
		Para participação em Eventos Internacionais	Acrescentar 20 horas na pontuação específica	Certificado ou documento equivalente
§2	Publicações de artigo científico completo (artigo efetivamente publicado ou com aceite final de publicação) em periódico especializado, com comissão editorial, sem a necessidade de ser o primeiro autor	Para cada publicação	30 horas	Cópia da publicação, declaração ou documento equivalente

§3	Autor ou coautor de capítulo de livro (relacionado aos objetivos do curso)	Para cada publicação	30 horas	Cópia da publicação, declaração ou documento equivalente
§4	<p>Participação, como membro efetivo, em eventos científicos promovidos pelo UNIFSJ: semana acadêmica, cultural (ou equivalente), seminário, jornada, fórum, congresso, encontro, apresentação e/ou defesa pública de trabalho de conclusão de curso, artigos, monografia, dissertação e tese</p> <p>Em relação aos eventos para os quais não for determinado previamente o número de horas a ser computado para atividades complementares, o número de horas equivalentes será analisado e definido pela Coordenação do Curso correspondente</p>	Para cada hora de evento	01 (uma) hora para cada hora de evento	<p>Certificado ou documento equivalente</p> <p>Certificado ou documento equivalente</p>

§6	<p>Participação, como membro efetivo, em eventos científicos promovidos por instituições reconhecidas pela coordenação: semana acadêmica, cultural (ou equivalente), seminário, jornada, fórum, congresso, encontro, apresentação e/ou defesa pública de trabalho de conclusão de curso, artigos, monografia, dissertação e tese</p> <p>Em relação aos eventos para os quais não for determinado previamente o número de horas a ser computado para atividades complementares, o número de horas equivalente será analisado e definido pela Coordenação dos Cursos</p>	Para cada hora de evento	01 (uma) horas para cada hora de evento	<p>Certificado ou documento equivalente</p> <p>Certificado ou documento equivalente</p>
§7	Participação, como membro efetivo, em disciplinas extracurriculares e/ou cursos de nível superior (cursos de extensão universitária, cursos dirigidos especificamente a acadêmicos e profissionais de nível superior da área correlata), promovidos por instituições reconhecidas pela Coordenação	Para cada uma hora realizada	Equivale 2 (duas) horas para cada hora de atividade complementar	Certificado ou documento equivalente
§8	Atuação como monitor em disciplinas do Curso de Formação - Ensino Fundamental a partir do 6º ano e Ensino Médio - (mínimo de um semestre completo)	Para cada uma hora realizada de monitoria	Equivale uma hora de atividade complementar.	Certificado ou documento equivalente da Coordenação

§9	Atuação como monitor em outras instituições de ensino	Para cada uma hora realizada de monitoria	Equivale uma hora de atividade complementar.	Certificado ou documento equivalente da Coordenação
§10	Estágio não obrigatório, remunerado ou não, realizado sob supervisão do professor ou de outras instituições reconhecidas pela Coordenação do Curso	Para cada duas horas realizadas	Equivalem a uma hora de atividade complementar.	Certificado ou documento equivalente
§11	Ministrar Curso de Extensão, oficina ou evento de cunho de extensão reconhecido pela Coordenação	Para cada uma hora de curso ministrado e/ou horas apresentadas em certificado	Equivalem a duas horas de atividade complementar.	Certificado ou documento equivalente da Coordenação
§12	Participação em atividade de extensão/ação comunitária, reconhecida pela Coordenação de Curso	Para cada uma hora realizada	Equivale a uma hora de atividade complementar.	Certificado ou documento equivalente
§13	Participação em pesquisa, com ou sem bolsa de iniciação científica, com pesquisador ou grupo de pesquisa/instituição reconhecida pela Coordenação do Curso	10 horas por mês de participação em pesquisa ou horas constantes no certificado	Equivale a 10 horas no máximo/mês	Certificado ou documento equivalente da Coordenação do CENICE

§14	Participação em comissões (organização de eventos – Semanas Acadêmicas, Semanas de Iniciação Científica etc), colegiados (Diretório Acadêmico, Conselhos e Comissão de Avaliação e de Divulgação)	Horas constantes no certificado	Ver certificado	Certificado ou documento equivalente
§15	Participação em cursos preparatórios para concursos (na área de formação e cursos em Língua Estrangeira)	Horas constantes no certificado limitado a 20 horas	20 horas.	Certificado ou documento equivalente da Coordenação
§16	Publicação de matéria, artigo de opinião dentre outros gêneros de cunho informativo em jornais Acadêmicos ou revistas especializadas com registro de ISSN	Para cada matéria, artigo ou outro gênero de divulgação	20 horas.	Cópia da publicação, declaração ou documento equivalente
§17	Participação como membro de expediente em material de cunho informativo com registro de ISSN (revisor, diagramador, fotógrafo e outros)	Para cada participação	10 horas	Certificado ou documento equivalente da coordenação
§18	Participação em evento culturais recomendados e/ou reconhecidos pela coordenação do UNIFSJ	Para cada participação (público) Para cada participação direta no evento (ator, co-autor, músico etc)	5 horas 10 horas	Certificado ou documento equivalente da Coordenação

Art.10- Este Regimento, que Normatiza as Atividades Complementares do Centro Universitário São José de Itaperuna – UNIFSJ, entra em vigor na data de sua

publicação.

Parágrafo único: deverá ser respeitado, como caso extraordinário de exceção, os casos de Cursos em andamento, bem como os iniciados anteriormente à data desta publicação, podendo o coordenador se aproveitar das normas contidas neste documento para a elaboração de uma planilha/formulário de registro.

5 Estágio Supervisionado



Regimento

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSOS DE BACHARELADO DO CENTRO

UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ DE ITAPERUNA - UNIFSJ

CAPÍTULO I

Da Origem, Definição e Finalidade

Artigo 1º- Este instrumento legal regulamenta o componente curricular Estágio Supervisionado, obrigatório do Currículo Oficial dos Cursos de Bacharel do Centro Universitário São José de Itaperuna - UNIFSJ, em relação aos pré-requisitos, coordenação, supervisão e orientação dos estagiários, elaboração do planejamento, relatório de estágio e critérios de avaliação.

Artigo 2º- O Estágio Curricular Supervisionado dos Cursos de Bacharelado é regido pelas legislações pertinentes e em vigência, bem como pelo regulamento de estágio e por este regimento.

Artigo 3º- Estágio é uma atividade curricular que tenha estreita correlação com a formação acadêmica independente do vínculo empregatício que o ligue à organização privada ou pública.

Artigo 4º- Entende-se por estágio o exercício pré-profissional, em que o discente fundamenta os conhecimentos teóricos adquiridos no Curso, mediante aprovação prévia de programação específica, sob orientação direta do **docente Supervisor de Estágio** e pelo **Coordenador Geral do Estágio Supervisionado** (professor da disciplina e Coordenador do Curso, respectivamente).

Artigo 5º- Para alunos dos vários Cursos de Bacharelado do UNIFSJ é necessária a realização do estágio para a obtenção do grau, em nível superior.

CAPÍTULO II

Dos Componentes Curriculares

Artigo 6º- Constituem-se objetivos do componente curricular Estágio Supervisionado:

I. Dar oportunidade aos acadêmicos dos Cursos de Bacharelado de realizarem aprendizagem social, profissional e cultural que lhes possibilite o preparo para atuação em campos de futuras atividades profissionais educacionais.

II. Complementar a formação profissional do aluno.

III. Proporcionar ao aluno a oportunidade de aprimorar a utilização de conhecimentos teóricos, práticos e metodológicos, que pressupõe o saber comunicar, problematizar, intervir, superar, criar respostas.

IV. Promover o processo de integração escola-campo e universidade, possibilitando o intercâmbio de conhecimento e experiências.

V. Atender ao disposto na legislação em vigor quanto à necessidade do cumprimento do Estágio Curricular.

Artigo 7º- O componente curricular Estágio Supervisionado tem duração e periodicidade definida na matriz curricular do curso correspondente, com base nas, respectivas, diretrizes curriculares.

Parágrafo único: o período de Estágio é determinado na especificidade de cada curso, com a carga horária e período correspondentes, atendendo ao desenvolvimento específico do componente necessário para atividade proposta.

CAPÍTULO III

Do aproveitamento da prática do exercício profissional para carga horária de estágio

Artigo 8º- O aluno que já atuar no mercado de trabalho na condição de auxiliar contratado e/ou profissional contratado na área de formação poderá realizar 70% da carga horária do Estágio Supervisionado no seu próprio ambiente de trabalho e exercício profissional, desde que comprovado seu vínculo. Os acadêmicos que participarem de programas sociais do na área de formação terão 10% da carga horária do projeto considerada como parte do Estágio Supervisionado.

Parágrafo único: as atividades de Estágio, quando possível, poderão ser desenvolvidas em até 100% da carga horária para estudos práticos em ambiente simulatório, mediante iniciativa e supervisão da Coordenação de Curso, de acordo com a legislação vigente.

CAPÍTULO IV

Da Estrutura e da Organização do Estágio Supervisionado

Artigo 9º- O Estágio Curricular e o conteúdo programático das atividades serão definidos pelos **professores da disciplina de Estágio Supervisionado (Docente Supervisor do Estágio)** sob a **supervisão da Coordenação do Curso**, que exerce a função de **Coordenador Geral do Estágio Supervisionado**.

Artigo 10- No caso do Bacharelado, o educando deve ser capaz de tomar decisões, refletir sobre sua prática e ser criativo na resolução de problemas, reconhecendo a realidade em que se insere, de modo a:

- a) construir uma visão mais avançada sobre a ação prática;
- b) organizar uma sequência de ações onde o aprendiz vai se tornando responsável por tarefas em ordem crescente de complexidade, tomando ciência dos processos formadores;
- c) instituir uma aprendizagem guiada por profissionais de competência reconhecida.

Artigo 11- As estruturas e organizações curriculares dos estágios supervisionados atenderão às determinações e propostas das diretrizes curriculares e matrizes curriculares definidas com base na legislação vigente.

Seção I

Dos Projetos Especiais

Artigo 12- Compreende-se por projetos especiais as atividades vinculadas ao Centro de Pesquisa e Extensão – CenPE e Atividades Complementares e que poderão ser aproveitadas como carga horária para o estágio supervisionado conforme normativas específicas, de modo a promover a formação socioeducacional e sociocultural do educando.

Parágrafo único: os projetos especiais possibilitam a reflexão sobre a prática pedagógica, na qual as experiências, já vivenciadas, se articulam com a fundamentação teórica, no sentido de orientar, recriar e reformular o espaço da sala de aula, ressignificando a práxis educativa na qual o educando possa vivenciar um espaço de articulação teórico-prática tomando a pesquisa como eixo formativo do professor crítico-reflexivo.

Artigo 13- Cada projeto especial deverá, com base no seu Projeto Pedagógico do Curso - PPC, ser aprovado e registrado pelo CenPE e/ou Coordenação do Curso, objetivando atender às especificidades dos Cursos.

Seção II

Dos Docentes Supervisores do Estágio Supervisionado

Artigo 14- Os Docentes Supervisores são professores vinculados à disciplina da matriz curricular, selecionados e designados pela Reitoria Acadêmica em acordo com a Coordenação do Curso.

Artigo 15- Cabe aos docentes supervisores de Estágio:

- I. Fornecer suporte pedagógico e técnico aos discentes durante o desenvolvimento do Estágio Supervisionado;
- II. Acompanhar o processo de avaliação do estágio;
- III. Zelar pela qualidade do Estágio Supervisionado;
- IV. Cumprir este regimento.
- V. Fornecer as orientações gerais do componente curricular e deste regimento aos atores envolvidos;
- VI. Elaborar, em conjunto com a Coordenação do Curso, o Planos de Estágio Supervisionado;
- VII. Fornecer os padrões de documentos necessários para o acompanhamento dos projetos;
- VIII. Aprovar planos, projetos, programas e ações dos discentes, bem como assinar documentos e formulários de sua competência restrita;
- IX. Proceder aos registros referentes à disciplina e demais atividades dela decorrentes;
- X. Entrosar-se com ações e mecanismos de integração universidade-escola, visando à obtenção de vagas de estágio;
- XI. Zelar pelo cumprimento dos objetivos do estágio curricular no que se refere aos aspectos didático-pedagógicos e técnicos que norteiam esta atividade;
- XII. Manter toda a documentação das atividades realizadas pelos componentes curriculares;
- XIII. Encaminhar casos e questões duvidosas e/ou omissas ao Coordenador do curso;
- XIV. Criar e manter um acervo de toda a documentação relativa a cada estagiário e seu respectivo estágio para consulta e posterior comprovação junto ao órgão fiscalizador;
- XV. Elaborar um relatório anual das atividades desenvolvidas pelos discentes, bem como da carga horária e avaliação final de cada estagiário para ser encaminhado à Secretaria Geral da Instituição;

Seção III**Dos Estagiários**

Artigo 16- O Estagiário é o acadêmico regularmente matriculado nos Cursos de Bacharelado no Centro Universitário São José de Itaperuna.

Artigo 17- Compete ao Estagiário:

- a) Elaborar o cronograma de Atividades junto com o docente supervisor de estágio, obedecendo aos prazos estabelecidos no plano de estágio e a carga horária da matriz

curricular;

- b) Elaborar o planejamento de estágio, obedecendo aos prazos estabelecidos pelos docentes supervisores de estágio;
- c) Realizar as atividades programadas do planejamento de estágio;
- d) Participar das reuniões e outras atividades para as quais for convocado;
- e) Elaborar o relatório de estágio conforme normas estabelecidas neste regimento;
- f) Cumprir a carga horária mínima de estágio na forma exigida no currículo pleno da Instituição;
- g) No Termo de Compromisso: preencher, assinar e colher assinatura do responsável pela instituição/empresa/órgão concedente do estágio;
- h) Entregar o Relatório de Estágio acompanhado da assinatura e aprovação da pessoa responsável na instituição/empresa/órgão concedente do estágio;
- i) Agir com ética, zelo e responsabilidade no relacionamento com a instituição propiciadora do estágio, a fim de preservar o bom relacionamento desta com o UNIFSJ e assim contribuir para a manutenção da possibilidade de estágio para futuros discentes;
- j) Cumprir este regimento e o regimento geral do Centro Universitário São José de Itaperuna.

Artigo 18- Será considerado abandono de Estágio o não cumprimento das atividades programadas e/ou cumprimento de pelo menos 75% da carga horária definida para cada período letivo.

Artigo 19 - Os docentes supervisores de estágio não deverão orientar alunos que não estejam devidamente matriculados.

Artigo 20- Estará automaticamente reprovado no componente curricular o aluno matriculado para a realização do Estágio que não cumprí-lo no período letivo.

Parágrafo único: Os casos de reprovação merecerão tratamento igual ao definido pela IES em relação ao procedimento de matrícula com dependência, quando este for o caso.

Seção IV

Do Estágio

Artigo 21- Entende-se por Estágio Supervisionado, remunerado ou não, aquele período em que o **acadêmico** dos Cursos de Bacharelado do UNIFSJ troca experiências práticas e teóricas em diversos campos de atuação, instituição/empresa/órgão concedente do estágio, sob o acompanhamento técnico do docente supervisor de Estágio Supervisionado, visando complementar a sua formação profissional.

Artigo 22- O Estágio possui uma duração mínima variável em relação às especificidades dos Cursos, sendo, contudo, possível o seu desenvolvimento em:

- a) tempo atribuído ao planejamento e à elaboração dos relatórios de estágio;
- b) tempo destinado ao estágio-campo;
- c) tempo de trabalho em sala de aula com atividades teórico-práticas;
- d) tempo de atividade em laboratório de aprendizagem, e
- e) tempo em outras atividades que contribuam para o desenvolvimento profissional do discente.

Parágrafo único: As atividades planejadas serão realizadas dentro do período letivo definido no Plano de Estágio e com base na carga horária da matriz curricular.

Artigo 23- O aluno deverá entregar duas (02) cópias impressas do planejamento de estágio, as quais terão por destinatário o professor de Estágio Supervisionado

§1º- O planejamento de Estágio deve ser elaborado conforme normas regimentais e institucionais sobre Estágio Supervisionado.

§2º- O aluno deverá entregar 01 (uma) Cópia do Relatório de Estágio ao professor de Estágio Supervisionado, devidamente impressa e encadernada.

Artigo 24- O acadêmico deverá entregar o relatório de estágio até **10 (dez)** dias antes do término do período letivo no qual o estágio se finalizou.

Artigo 25- O relatório é a síntese e interpretação teórica da prática realizada. É a elaboração intelectual das atividades propostas e as efetivadas, desde suas intenções e condições de realização, justificativas, causas e consequências. É a análise teórica do trabalho realizado.

CAPÍTULO V

Da Avaliação

Artigo 26- Para aprovação no componente curricular Estágio Supervisionado, o aluno necessita alcançar grau igual ou superior a 7,0 (sete), obedecendo aos critérios previstos no sistema de avaliação do UNIFSJ.

Artigo 27- O Estágio Supervisionado só terá validade se, após ter sido definido o Plano de Estágio pelo discente, o seu início for aprovado pelo professor da disciplina.

Artigo 28- Caso o Estágio não tenha sido integralizado durante o último período letivo do curso, o aluno deverá solicitar nova matrícula para o período letivo seguinte, e só poderá requerer colação de grau após a aprovação do relatório de estágio pelo professor da disciplina.

Artigo 29- Ao aluno reprovado no componente curricular, cabe o direito a recurso mediante requerimento à Coordenação do respectivo Curso fundamentando as razões de sua desconformidade, num prazo de até cinco (05) dias contados a partir da data de divulgação da nota.

Parágrafo único: uma vez deferido o pedido de recurso pela Coordenação, ouvido o

professor de Estágio Supervisionado e, de comum acordo, o fato deverá ser avaliado, em última instância, pelo vice-reitor acadêmico que, verificados os documentos apresentados pelo discente, apresentará parecer decisivo para o fato em prazo máximo de 10 (dez) dias corridos, após pedido oficial de requerimento.

CAPÍTULO VI

Do Termo de Compromisso

Artigo 30- O Estágio Supervisionado curricular é aceito com a celebração de termo de compromisso.

Artigo 31- O Termo de compromisso é documento obrigatório para vinculação no Programa de Estágio, salvo nos casos em que não se constituir requisito para a caracterização de estágio.

§ 1º A celebração do termo de compromisso depende, obrigatoriamente, da prévia existência de convênio assinado entre a concedente e a interveniente (conveniada) ou com agente de Integração.

§ 2º Na ocorrência de prorrogação do tempo de estágio, é firmado termo aditivo, observando-se as mesmas exigências na celebração e tramitação do termo de compromisso.

Artigo 32- Ao Termo de compromisso devem comparecer, obrigatoriamente, como seus celebrantes, independentemente da categoria a que se vincula o estágio, as seguintes partes:

- a) Identificação do Estagiário;
- b) Identificação da Concedente, enquanto pessoa jurídica de direito público ou privado;
- c) Identificação da Interveniente, enquanto local a ser desenvolvido o estágio;
- d) A natureza do Estágio;
- e) O Plano de Estágio (ações a serem desenvolvidas) e carga horária;
- f) Campos para as assinaturas dos responsáveis diretos pelas Instituições e do Supervisor responsável pelo Estágio Supervisionado.

Artigo 33- São requisitos essenciais e que devem figurar no termo de compromisso:

- a) Nome da concedente, número de registro no cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ, ramo de atividade, nome e cargo de seu representante legal e do responsável pelo estágio;
- b) Nome do estagiário, número de identidade (RG), número do CPF, código de matrícula, curso e período de aulas em se encontra matriculado;
- c) Dados da interveniente;

- d) Duração do estágio, com prazo não inferior a seis meses;
- e) Horário de estágio;
- f) Descrição de bolsa, quando houver;
- g) Menção expressa do convênio existente entre a concedente e a interveniente como instrumento jurídico a que se vincula;
- h) Declaração do estagiário e da concedente de ter conhecimento de todas as disposições legais, regimentais e regulamentares do estágio bem como a sua fiel observância;
- i) O foro componente do campus em que o estagiário estuda.

Artigo 34- O Termo de Compromisso ou o termo aditivo, que preencham os requisitos legais, regimentais e regulamentares, devidamente protocolados, somente define o aluno como estagiário, e produzem os seus efeitos a partir de sua assinatura pelo referido aluno, pela concedente e pela interveniente.

Artigo 35- O Termo de Compromisso ou termo aditivo, apresentados em prazo superior a 30 (trinta) dias de suas respectivas emissões, não serão recebidos pela Coordenação do Curso.

Artigo 36- O Termo de Compromisso e as atividades dele decorrentes não criam vínculo empregatício de qualquer natureza, podendo, contudo, o estagiário receber bolsa-auxílio ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada entre o estagiário e a Interveniente e/ou concedente, ressalvado o que dispuser a legislação previdenciária vigente.

Parágrafo único: é obrigatória, durante a vigência do Estágio Supervisionado, a contratação de seguro contra acidentes pessoais, cujo ônus deve estar definido no Termo de Compromisso.

CAPÍTULO VII

Disposições Finais

Artigo 37- As situações peculiares do curso devem ser disciplinadas com base nas normas e diretrizes definidas neste regimento.

Artigo 38- Os casos omissos neste regimento serão resolvidos pela vice-reitoria Acadêmica do UNIFSJ e, em última instância, pelo Conselho Superior – CS – do Centro Universitário São José de Itaperuna.

Artigo 39- Este regimento entra em vigor após sua aprovação pelo Conselho Superior – CS.

Aprovado pelo Conselho Superior do UNIFSJ

Itaperuna, fevereiro de 2012.

Regulamento

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DOS CURSOS DE BACHARELADO

APRESENTAÇÃO

O estágio supervisionado dos Cursos de Bacharelado do Centro Universitário São José de Itaperuna é um momento de formação profissional do futuro bacharel, seja pelo exercício *in loco* em instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados ou em outros ambientes próprios de atividades profissionais, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado. Consiste em um processo planejado, visando à integração entre conhecimentos práticos e teóricos que complementam a formação acadêmica do aluno.

Assim, o estágio curricular, mais do que uma experiência prática vivida pelo aluno, é uma oportunidade para o educando refletir sobre os saberes trabalhados durante o curso de graduação. No estágio, diversas atividades relacionadas com a profissão docente são praticadas pelos alunos. Nesse sentido, o estágio tem por objetivo maior integração entre a aprendizagem acadêmica e a compreensão da dinâmica das instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados. Ao participar dessa dinâmica em situações cotidianas, o aluno terá possibilidade de avaliar os planos ou programas, testar ou aplicar modelos e instrumentos, construindo e/ou ampliando seus conhecimentos teórico-práticos. Assim entendido, o estágio aponta a situação ideal para a formação do profissional, possibilitando-lhe conhecer e interagir com a diversidade do campo de trabalho.

As atividades práticas desenvolvidas no estágio devem ser entendidas como ações que demandam supervisão do aluno, na situação de ensino-aprendizagem, com o objetivo de integrar os desafios e as necessidades dos eixos de formação profissional e o Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e Plano Pedagógico do Curso (PPC).

O estágio compreende atividades correlatas ao ambiente de atuação do futuro profissional, atualmente de caráter macro, envolvendo o conhecimento amplo do universo da instituição/empresa e órgão, público e/ou privado, perpassando pela ação observadora, dentre outras atividades de caráter formador nas quais sejam problematizadas questões com amplitude transversal e interdisciplinar, de modo a aproximar teoria e prática. Dessa maneira, incorpora três diferentes modalidades:

- 1 – conhecimento e integração do aluno às realidades sociais, econômicas e do trabalho de sua área de atuação profissional;
- 2 – iniciação à pesquisa e ao ensino na qual o fazer profissional seja objeto de ação-reflexão-ação;
- 3 – iniciação profissional no campo específico de sua formação.

Ressalte-se que as modalidades de estágio mencionadas podem ser desenvolvidas concomitantemente em níveis diversos de complexidade e de aprofundamento.

Nesse sentido, a relação entre teoria e prática deve ser entendida como eixo articulador da construção e produção do conhecimento na dinâmica do currículo.

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Cláusula 1. O presente regulamento tem por finalidade normatizar os Estágios Supervisionados dos Cursos de Bacharelado do Centro Universitário São José de Itaperuna, de acordo com as legislações pertinentes em vigor, aplicados em diferentes âmbitos e especialidades.

Cláusula 2. Os Estágios Supervisionados serão realizados a partir do previsto na matriz curricular do curso.

Parágrafo único: o estágio supervisionado poderá ser realizado em ambientes de simulação profissional, de laboratórios didáticos especializados, estrategicamente planejados, para a sua oferta qualitativa.

Cláusula 3. O Estágio Curricular é caracterizado como um conjunto de atividades de práticas pré-profissionais, exercidas em situações reais de trabalho, com ou sem vínculo empregatício.

Cláusula 4. Os Estágios Supervisionados serão desenvolvidos tendo como referência o Plano Pedagógico do Curso (PPC) e as ementas das disciplinas, enfatizando sempre a relação entre a teoria e a prática.

Cláusula 5. Os alunos assinarão o Termo de Compromisso para assegurar sua participação nas atividades de Estágios Supervisionados.

Cláusula 6. Na realização do Estágio, devem ser cumpridas, no mínimo, duas (02) horas e, no máximo, seis (06) horas diárias de atividades.

Cláusula 7. Sendo o Estágio uma atividade curricular obrigatória por lei, a não totalização da carga horária a ser cumprida no curso, durante o período letivo, implicará regime de dependência, influenciando diretamente a formação do aluno e impossibilitando que este conclua o curso correspondente.

CARACTERIZAÇÃO E OBJETIVOS

Cláusula 8. Os Estágios Supervisionados dos Cursos da Bacharelado constituem-se no eixo integrador do currículo e tem a finalidade de articular teoria e prática, configurando-se num mecanismo de dinamização, atualização e aperfeiçoamento do curso, e têm por finalidade:

I- Garantir a compreensão teórica das condições concretas e históricas em que se realiza a ação prática.

II- Instrumentalizar o acadêmico para que se qualifique para a inserção no mundo do trabalho.

III- Ampliar e aprofundar a compreensão do que os profissionais que atuam nas áreas específicas de formação devem perseguir para a consecução de sua finalidade histórica e de sua especificidade.

IV- Possibilitar ao acadêmico a reflexão sobre o cotidiano da sua profissão, analisando os pressupostos teóricos estudados e sua prática, assumindo uma postura crítica aliada à competência técnica e compromisso político do seu papel na sociedade.

V- Propiciar vivências para a aquisição de habilidades na operacionalização de saberes teórico-metodológicos na elaboração, organização e avaliação de empreendimentos e ações alternativas.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Cláusula 9. Tendo a clareza de que o educando, no estágio supervisionado, deve desenvolver habilidades e competências múltiplas a partir da realização de atividades profissionais ligadas à área de atuação, algumas questões são essenciais como, por exemplo, o constante exercício de teorização da prática educativa. Dessa forma, para atingir o perfil do bacharel expresso no Projeto Pedagógico do Curso, durante a realização do estágio supervisionado, o aluno terá a oportunidade de:

1. Entender o momento do estágio como exercício de pesquisa;
2. Desenvolver a capacidade de observação;
3. Observar e registrar a própria prática profissional;
4. Desenvolver a capacidade para o trabalho interdisciplinar;
5. Apropriar-se dos conceitos essenciais à operacionalização das ações correlatas à área do conhecimento de sua formação acadêmica;
6. Planejar, executar e avaliar suas ações definidas em plano de trabalho;
7. Fazer intervenções pedagógicas que garantam o aprendizado dos educandos quando aluno do Curso de Bacharelado;
8. Discutir procedimentos operacionais da área sugerindo propostas inovadoras;
9. Criar rotina de autoavaliação como forma de promover e garantir a qualidade das ações prestadas.

DA ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

Cláusula.10. As atividades pertinentes ao Estágio Supervisionado será planejada pelo Docente Supervisor do Estágio com o conhecimento do Coordenação do Curso, este último, que integra o Núcleo Docente Estruturante (NDE).

DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

Cláusula.11. As atividades do Estágio Supervisionado terá caráter macro em relação ao ambiente de ação profissional, de modo a possibilitar uma formação global em torno desse contexto, por meio de:

- a) Observação;
- b) Coparticipação;
- c) Assessoria;
- d) Monitoria;
- e) Participação em projetos, programas e eventos;
- f) Realização de entrevistas e outras ações estratégicas que aproximem ao máximo o educando da macro formação sobre o ambiente profissional correlato à área de atuação.

Cláusula.12. O estágio supervisionado deve assumir aspectos acadêmicos e profissionalizantes.

Cláusula.13. O estágio supervisionado deve ser cumprido dentro dos períodos letivos regulares.

Cláusula.14. O estágio supervisionado curricular deve ser realizado em instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados, preferencialmente, no município de Itaperuna.

Cláusula.15. O aluno que já atuar na área de formação poderá realizar 70% da carga

horária do Estágio Supervisionado no seu ambiente de trabalho, desde que comprovada a atuação pelo superior imediato, responsável direto pelo setor de atuação. Os acadêmicos que participarem de programas sociais do Governo na área de formação terão 10% da carga horária do projeto considerada como parte do Estágio Supervisionado.

Parágrafo único: as atividades de Estágio, quando possível, poderão ser desenvolvidas em até 100% da carga horária para estudos práticos em ambiente simulatório, mediante iniciativa e supervisão da Coordenação de Curso, de acordo com a legislação vigente.

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS

Cláusula.16. Caracterizam atividades de Estágio Curricular Supervisionado, ações de:

- I. Observação em campo;
- II. Registros;
- III. Participação;
- IV. Coparticipação;
- V. Assessoria;
- VI. Participação em Projetos, Programas e Eventos;
- VII. Entrevistas;
- VIII. Pesquisa;
- IX. Investigações;
- X. Participação em outras ações estratégicas que aproximem ao máximo o educando da macro formação sobre o funcionamento das instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados

Cláusula.17. A observação tem como objetivo norteador a observação do fazer diário do profissional, da sua rotina, agenda e dinâmica operacional.

I. A observação constitui um dos procedimentos mais importantes na experiência de estágio. Trata-se de uma das mais antigas formas de conhecer. A observação consiste no uso atento dos sentidos em um objeto ou uma situação, na sua manifestação espontânea, para adquirir um conhecimento determinado sobre um ou mais aspectos da realidade.

Cláusula.18. O registro sistemático de observações, participações e experiências vivenciadas no campo do estágio constitui o recurso básico para a sistematização da experiência prática, ou seja, a elaboração do Relatório do Estágio Curricular Supervisionado pelo estagiário.

Cláusula.19. As atividades de Estágio requerem o uso do Registro em dois momentos:

- a) No primeiro momento, no ato de realização do estágio, a observação subsidia o registro apontando para os aspectos mais relevantes e significativos da realidade;
- b) No segundo momento, distanciado no tempo e no espaço em que as ações transcorreram, é possível um Registro que envolva uma reflexão sobre a ação. Os informes obtidos podem ser discutidos, analisados e interpretados à luz de referenciais teóricos.
- c) O aluno estagiário deve organizar e sistematizar seus registros no RELATÓRIO DE ESTÁGIO.

Cláusula.20. No estágio, os alunos participam da dinâmica do ambiente de trabalho. Isso significa:

- a) Acompanhar o profissional responsável nas instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados, nas reuniões de planejamento, avaliação, palestras e informes técnicos e nas atividades de rotina do setor.

Cláusula.21. O estagiário poderá, sob a supervisão e orientação do Docente Supervisor do Estágio prestar assessoria a instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados, com atuação na área de formação.

Cláusula.22. A pesquisa objetiva investigações que apoiem práticas profissionais em contextos da área de formação como:

a) Processos educativos e/ou investigatórios sobre a competência técnica e de gestão em diferentes situações institucionais: escolares, comunitárias, assistenciais, empresariais e outras;

Parágrafo único: a investigação da realidade com base na pesquisa e estudo científico envolve atividade de produção e difusão de conhecimentos na área de formação do bacharel em articulação com as práticas do estágio supervisionado.

Cláusula.23. As atividades sociais deverão ser incentivadas e estimuladas pelo Docente Supervisor do Estágio e pelo Coordenador do Curso enquanto prática de estágio supervisionado.

Cláusula.24. As atividades que envolvam palestra, seminário e/ou regência de turma devem ser incentivadas aos bacharéis enquanto proposta de formação macro, de modo a oferecer a possibilidade de praticar o manejo de pessoal e execução de projetos, vivenciar o como ensinar, ou seja, ter a visão e o controle de todo o processo de planejamento, execução e avaliação.

SUPERVISÃO DO ESTÁGIO

Cláusula.25. A supervisão de estágio é desenvolvida diretamente pelo docente supervisor do estágio supervisionado (docente da disciplina), por meio de acompanhamento e orientação ao estagiário, mediante observação contínua das atividades desenvolvidas nos campos de estágio ao longo de todo o processo.

ATRIBUIÇÕES

Cláusula.26. São atribuições do docente supervisor do estágio supervisionado:

- a) Fazer cumprir a programação das atividades pertinentes ao estágio;
- b) Orientar o estagiário na elaboração do Relatório de Estágio;
- c) Orientar, acompanhar e avaliar o estagiário no desenvolvimento de todas as atividades relacionadas ao estágio;
- d) Estabelecer um sistema de acompanhamento permanente com os profissionais responsáveis pelos campos de estágio;
- e) Supervisionar o estágio por meio de acompanhamento do Relatório de Estágio, por observação contínua, direta e indireta, das atividades programadas nos campos de estágio durante todo o processo;
- f) Indicar as fontes de pesquisa e de consulta necessárias à solução das dificuldades encontradas;
- g) Manter contatos periódicos com a administração e com o regente de classe, na busca do bom desenvolvimento do estágio, intervindo sempre que necessário.
- h) Apresentar orientações técnicas adequadas às necessidades evidenciadas pelo docente durante as atividades dos Estágios Supervisionados.
- i) Manter a coordenação do curso permanentemente informada a respeito do andamento das atividades realizadas.

Cláusula.27. Das atribuições do aluno estagiário:

- a) Desenvolver as atividades programadas com o Docente Orientador, respeitando os prazos estabelecidos.
- b) Registrar sistematicamente as atividades desenvolvidas no campo de estágio, conforme as orientações constantes deste Regulamento, plano de estágio ou propostas pelo docente supervisor;
- c) Apresentar periodicamente os registros ao Professor Orientador, mantendo-o informado do andamento das atividades.
- d) Apresentar os documentos necessários à formalização do Relatório de Estágio dentro dos prazos estabelecidos, para apreciação pelo professor supervisor e posterior entrega à Central de Estágios.
- e) Permanecer no local do estágio até o final do tempo regulamentado, obedecendo sempre aos horários previstos.
- f) Participar das atividades determinadas pelo Professor Supervisor;
- g) Entregar ao Professor Orientador, em data previamente fixada, o relatório abrangendo todos os aspectos relativos ao estágio.
- h) Manter, em todas as atividades desenvolvidas durante o estágio, uma atitude de ética conveniente ao desempenho profissional.

Cláusula.28. Dos Direitos dos estagiários:

- a) Escolher a instituição/empresa e órgão, público e/ou privado ou outros ambientes próprios de atividades profissionais para cumprimento das horas de estágio.
- b) Apresentar qualquer sugestão que contribua para o desenvolvimento das atividades de estágio.
- c) Receber orientação permanente quanto às dúvidas pertinentes ao estágio.

Cláusula.29. Compete aos Coordenadores dos Cursos de Bacharelado:

- a) Coordenar o planejamento, a execução e avaliação das atividades pertinentes ao estágio, em conjunto com os demais professores supervisores;
- b) Entrar em contato com as instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados concedentes de estágio para análise das condições do estágio, tendo em vista a celebração de convênios e acordos, quando for o caso;
- c) Cumprir integralmente as normas estabelecidas neste regulamento;
- d) Organizar e manter atualizado um sistema de documentação e cadastramento de estágio, registrando os estabelecimentos envolvidos e o número de estagiários de cada período de estágio;
- e) Realizar, sempre que necessário, reuniões com os docentes supervisores de estágio, com os coordenadores das instituições/empresas e órgãos, públicos e/ou privados, para discussão de questões relativas a planejamento, organização, funcionamento, avaliação e controle das atividades de estágio e análise de critérios, métodos e instrumentos necessários a seu desenvolvimento;
- f) Realizar e divulgar a cada período de estágio, com o Professor Orientador, um estudo avaliativo a partir da análise do desenvolvimento e resultados do estágio, visando avaliar sua dinâmica e validade em função da formação profissional, envolvendo aspectos curriculares e metodológicos.

DOS CAMPOS DE ESTÁGIO

Cláusula.30. São considerados campos de estágio, os ambientes de atuação dos estagiários, a saber:

- a) Empresas
- b) Estabelecimentos de Ensino (Público e Privado);
- c) Associações;

- d) Fundações;
- e) Cooperativas;
- f) Órgãos públicos e privados;
- g) Instituições públicas e privadas;
- h) Classe Hospitalar, e demais ambientes correlatos a formação profissional do estagiário.

DOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Cláusula.31. A avaliação se realizará durante e ao final de cada período letivo, com base nos formulários e na entrega dos relatórios das atividades realizadas pelo estagiário e avaliação pelo professor supervisor de estágio.

Cláusula.32. A avaliação será realizada de forma sistemática e contínua durante o decorrer dos Estágios Supervisionados, considerando-se os aspectos qualitativos e quantitativos das atividades realizadas pelos estagiários nos ambientes e campo de estágio.

Parágrafo único: A avaliação do estágio supervisionado fica condicionada à observância dos seguintes aspectos:

- I. Frequência;
- II. Cumprimento satisfatório das tarefas;
- III. Elaboração, condução e execução das atividades;
- IV. Entrega do Relatório de Estágio;
- V. Outros tipos de trabalhos ou atividades definidas pelo docente supervisor

Cláusula.33. Caberá ao Aluno:

- a) Assumir as atividades dos Estágios Supervisionados com responsabilidade, zelando pelo nome da IES e do Curso de Bacharelado a ele vinculado.
- b) Participar da elaboração dos projetos dos Estágios Supervisionados.
- c) Cumprir integralmente os horários designados para as diferentes atividades dos Estágios Supervisionados, observando assiduidade, pontualidade e responsabilidade.
- d) Comparecer aos campos dos Estágios Supervisionados em dias e horas marcados.
- e) Planejar as atividades dos Estágios Supervisionados para serem realizadas dentro da instituição concedente, submetendo-as à aprovação do docente supervisor de estágio, antes da aplicação nos campos.
- f) Entregar todos os documentos pertinentes ao período de realização do Estágio ao término do período letivo, com base na agenda do docente supervisor de estágio;
- g) Ter boa apresentação pessoal nos locais de realização dos Estágios Supervisionados, inclusive com o uso obrigatório do crachá de identificação.
- h) Manter atitude ético-profissional sobre observações ou conteúdos de documentos e de informações confidenciais referentes aos campos de estágio.
- i) Comunicar formalmente ao supervisor qualquer alteração da situação acadêmica, desistência do estágio por força maior, mudança de endereço e/ou telefone.
- j) Replanejar e executar nova etapa de atividades dos Estágios Supervisionados caso não sejam atingidos os objetivos de cada fase.
- k) Tratar cordialmente a equipe de profissionais que trabalha nas instituições concedentes.
- l) Zelar pela conservação dos materiais, instalações ou equipamentos, nos campos onde se desenvolvem os Estágios Supervisionados.
- m) Respeitar e observar os regulamentos e exigências dos campos de estágio.
- n) Avisar, com antecedência, o supervisor, bem como o responsável pela instituição concedente, quando houver necessidade de faltar no estágio.
- o) Conhecer e fazer cumprir, no que lhe couber, o disposto nas normas aqui asseguradas.

Cláusula.34. Caberá aos profissionais das instituições concedentes:

a) Manter contato contínuo com a coordenação de curso e/ou com o Docente Supervisor do Estágio Supervisionado, colocando-os a par de qualquer situação.

DO SEGURO

Cláusula.35. O seguro de acidentes pessoais é obrigatório por lei para todos os estagiários. No caso dos alunos do UNIFSJ, esse seguro é pago pela mantenedora – Fundação Educacional e Cultural São José.

DISPOSIÇÕES FINAIS

Cláusula.36. Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela vice-reitoria Acadêmica e, em última instância, pelo Conselho Superior – CS – do Centro Universitário São José de Itaperuna.

Cláusula.37. Este regulamento entra em vigor após sua aprovação pelo Conselho Superior – CS.

Aprovado pelo Conselho Superior do UNIFSJ
Itaperuna, fevereiro de 2012.

ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Bases para elaboração do relatório

Antes de elaborar o relatório, o aluno deverá fazer a revisão do material reunido durante o estágio, selecioná-lo e ordená-lo. Se necessário, o aluno deverá solicitar a ajuda do docente supervisor para esclarecimento de suas dúvidas. É fundamental que se faça a verificação dos objetivos traçados, dos problemas levantados e demais detalhes que farão parte da redação final.

O relatório pode ser desenvolvido como uma narrativa do que aconteceu durante o estágio. É muito importante verificar sempre tudo o que for ocorrendo, comparar com o previsto e anotar em rascunho para não esquecer detalhes que podem ser relevantes.

A linguagem deve ser impessoal, clara e precisa desde a introdução até o final do relatório. Deve-se fazer uma revisão constante, para verificar se não houve repetição ou omissão de alguma informação importante.

A estética de um relatório obedece a certos padrões, relativos à sua apresentação gráfica. Assim, determinadas normas referentes à numeração progressiva, formato, espaçamento, margens e paginação devem ser observadas pelos digitadores de texto. Entretanto, o único responsável é o próprio aluno, que deverá sempre fazer uma revisão cuidadosa do trabalho para corrigir eventuais falhas.

Observação: o relatório é um documento comprobatório da realização e cumprimento do Estágio Curricular Obrigatório, em sua disciplina, e deverá ser arquivado pelo prazo legal na Instituição de Ensino Superior. Sua elaboração requer o cumprimento de normas técnicas importantes, a saber:

As Normas:

- Adotar uma redação impessoal, utilizando a terceira pessoa gramatical;
- Observar a norma culta da língua;
- Ser objetivo;
- Preferir orações simples e concisas;
- Conhecer o significado de cada palavra que usar;
- Respeitar, rigidamente, os sinais de pontuação;
- Eliminar palavras desnecessárias;
- Não usar gírias;
- Preferir palavras do nosso idioma às de línguas estrangeiras;
- Observar os aspectos ortográficos;
- Não fazer afirmativas que não estejam acompanhadas da devida comprovação;
- Preferir números, sempre que puder dispor desses dados, palavras como “muitos”, “alguns”, “poucos”, “numerosos”, etc., são vagas;
- Observar as normas que regem a confecção de um documento científico (ABNT);
- Observe a boa apresentação do trabalho.

Padronização:

O relatório do Estágio Curricular Supervisionado deverá obedecer a seguinte padronização:

- Papel: branco formato A4, utilizando-se somente uma face da folha;
- Espaçamento entre linhas: 1,5
- Digitação: cor preta
- Margens: esquerda e superior, 3 cm; direita e inferior, 2 cm;
- Tipo de letra: Arial;
- Tamanho de letra: 12;

- Texto justificado

Partes que compõem o relatório:

I - Capa (obrigatória)

Devem constar, na sequência (de cima para baixo), os seguintes elementos: nome da instituição, nome do aluno, título do trabalho, natureza (relatório), objetivo (trabalho apresentado com a finalidade de...), cidade e ano de entrega.

II - Introdução (Deverá ter no mínimo 20 linhas)

É descrita pela ABNT, como a primeira seção do texto.

Nesse campo, o aluno deve fazer uma apresentação panorâmica do relatório, colocando um histórico da organização na qual o estágio foi realizado. Ainda deve compor a introdução o resumo dos itens, como: delimitação da área escolhida, escolha do tema, do problema e dos objetivos.

Os objetivos do estágio devem ser citados de acordo com a legislação vigente.

Relatar as suas expectativas em relação ao período de estágio e às atividades por ele selecionadas, os locais do estágio e o cronograma de execução.

Se houver anexos, é importante conduzir o leitor à verificação de seus significados, com explicações simples.

III - Desenvolvimento (Deverá ter no mínimo 4 páginas)

É o corpo do trabalho, devendo acompanhar cada etapa do projeto. Esse relato pode ser em um só corpo ou também dividido em partes ou capítulos para facilitar a redação.

Nesse item, deve ser feito um panorama geral dos aspectos físicos e metodológicos da instituição, as experiências positivas e negativas, as dificuldades que surgiram, e as formas pelas quais elas foram superadas.

IV - Conclusão (Deverá ter no mínimo 20 linhas)

O estagiário retorna o que foi dito na Introdução, estabelecendo uma relação entre as expectativas e o que foi desenvolvido e concluído, destacando os aspectos positivos e os negativos e o que for relevante à sua futura vida profissional.

V - Referências bibliográficas

As referências são obras e trabalhos publicados, das quais o estagiário se utilizou para redigir algum trecho do texto por ele elaborado. Citar os livros utilizados é questão de ética e profissionalismo.

V - Anexos

Nesse item, devem constar todos os documentos comprobatórios do estágio.

Das disposições gerais

- A coordenação de curso, no interesse permanentemente elevado do processo de ensino e de aprendizagem, poderá convocar, quando necessário, reuniões com os agentes que participam direta ou indiretamente, das atividades dos Estágios Supervisionados.
- As presentes normas poderão ser modificadas sempre que constatadas necessidades relevantes.
- Os casos omissos, após analisados pela coordenação de curso e pelo docente supervisor de Estágio, serão julgados consoante cláusula 36 do Regulamento de Estágio.

Aprovado pelo Conselho Superior do UNIFSJ
Itaperuna, fevereiro de 2012.

Plano de estágio

Plano do Estágio do Curso de Bacharelado em Enfermagem

Responsável pelo Estágio: Prof. Ricardo Rosa de Souza
2022



PLANO DE ESTÁGIO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

Este Projeto é uma orientação aos alunos do curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário de Itaperuna.

1. INTRODUÇÃO

A coordenação do Curso de Enfermagem implementa, por meio deste Projeto, o conjunto de normas e princípios para a realização do ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO.

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO, atividade curricular obrigatória, prevista no currículo do Curso de Enfermagem em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 82: “Os sistemas de ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição.” Diretrizes curriculares Nacionais e legislação pertinente em vigência com a Política de Regulamentação de Estágio Curricular. O Centro Universitário São José de Itaperuna está sujeito às normas e regulamentos previstos em Lei consoante ao definido em seu Regimento e regulamento de Estágio Curricular.

O Estágio Supervisionado constitui parte integrante e essencial nos cursos de Bacharelados, pois contribui de forma decisiva na formação profissional do acadêmico. É através do Estágio Supervisionado que o saber fazer e o saber teórico se concretizam. No estágio, o discente treina o seu fazer, onde a sua identidade profissional é gerada, construída e elaborada. O Centro Universitário São José de Itaperuna, consciente de seu papel na formação em Enfermagem, objetivando uma organização estrutural no que diz respeito ao **Estágio Supervisionado**, elaborou esse Plano no sentido de contemplar e desenvolver um processo único de ensino aprendizagem que se alicerça na relação didático pedagógica e no diálogo dos agentes envolvidos no processo da formação profissional: discentes, docentes, coordenadores e a realidade sócio histórica, propiciando a todos, uma reflexão sobre a ação profissional e uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo institucional, apoiados por uma coordenação que proporcionará ao processo um olhar dinâmica e criativa, tendo em vista possibilitar a elaboração de novos conhecimentos e de novas experiências.

Reconhece-se que a profissão de enfermeiro tem um caráter eminentemente interventivo e por isso a prática do estágio reveste-se de extrema importância, pois é o elemento desencadeante de experiências, vivências e elaboração crítica reflexiva do exercício profissional.

O Estágio Supervisionado no Curso de Graduação em Enfermagem é uma atividade acadêmica de caráter obrigatório, está inserido na carga horária total do plano curricular e a sua execução é condição indispensável para a obtenção do grau de enfermeiro. Entendido como uma estratégia de profissionalização que complementa o processo de ensino/aprendizagem, o estágio consiste na fase de preparação do discente para o seu ingresso no mercado de trabalho, desenvolvendo ações que integram a formação acadêmica do aluno com a atividade prático-profissional.

O Estágio, oferece um tempo de aprendizagem, através do qual busca-se o aprimoramento das competências e habilidades a serem desenvolvidas no discente em formação, futuro profissional, em um ambiente institucional de trabalho especial

e estrategicamente idealizado para o desempenho a ser alcançado pelo estagiário. A apresentação do Relatório de Estágio Supervisionado do Curso de Enfermagem é o requisito acadêmico necessário para a conclusão das referidas disciplinas de Estágio Supervisionado do curso, sendo confeccionado um relatório ao final de cada período.

Em cada relatório deverá constar a relação formal do discente com o mundo do trabalho, onde as atividades práticas são exercidas mediante fundamentação teórica prévia ou simultaneamente adquirida, permitindo ao aluno a familiarização com a realidade, desde a observação até a realização de suas atividades.

1.1 OBJETIVO GERAL

Proporcionar ao estagiário a aplicação dos conhecimentos e habilidades científicas e pedagógicas, adquiridas ao longo do seu curso, às situações práticas vivenciadas no Curso de Enfermagem, como espaço de criação e reflexão, demonstrando iniciativa, auto direção e maturidade para atuar futuramente no mercado de trabalho com a competência que a formação oferece e o mercado de trabalho requer.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos do Estágio Supervisionado:

- Promover a integração da Universidade com a sociedade;
- Viabilizar a integração teoria e prática, permanentemente, com momentos de reflexão sobre as situações reais encontradas no espaço da sala de aula, com a finalidade principal de superar desafios;
- Manter o discente em permanente contato, reflexão e atualidade sobre as realidades do mundo do trabalho em que será inserido profissionalmente;
- Articular a prática de formação e as atividades de trabalho acadêmico com o Estágio Supervisionado, elaborando relatórios como momento de autoanálise e reflexão sobre o seu fazer pedagógico;
- Proporcionar ao discente uma formação profissional, seja pelo exercício direto “*in loco*”, seja pela presença participativa em ambiente próprio de atividades de sua área profissional, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado;
- Propiciar ao discente a oportunidade de vivenciar experiências relacionadas ao cotidiano do enfermeiro;
- Aplicar na prática de enfermagem o conteúdo desenvolvido durante o curso;
- Aprofundar o conhecimento nas áreas de interesse;
- Proporcionar capacitação profissional, colocando o discente em condições de atuar no mercado com competência e desembaraço;
- Funcionar como campo para pesquisa;
- Proporcionar a interação entre a teoria e a prática de enfermagem possibilitando ao discente uma visão holística, humanista e interdisciplinar;
- Habilitar o discente para a Sistematização da Assistência de Enfermagem nas diferentes especialidades da prática profissional;

- Desenvolver capacidades psicomotoras, reflexivas, críticas e criativas de atuação em Enfermagem;
- Levar o discente à reflexão sociológica, antropológica, ética e bioética da Saúde;
- Habilitar o discente na prática da assistência integral à saúde e qualidade de vida do ser humano, família e comunidade;
- Integrar as ações de Enfermagem às ações multiprofissionais.

1.3 METODOLOGIA

Depois de percorrido o primeiro trajeto de sua formação inicial, o discente matriculado no Curso de Enfermagem deverá, com o embasamento teórico adquirido, demonstrar capacidade e habilidade para: elaborar Plano de Estágio, definindo objetivos; observar criticamente e participar ativamente das atividades de Estágio relacionando teoria e prática e exercitar o princípio da Ação-Reflexão e também da interação social.

O estágio supervisionado, em hospital geral, ambulatorios, rede básica de serviços de saúde e comunidades, nos dois últimos semestres do Curso de Enfermagem, está previsto na Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001, artigo 7º. A programação do estágio é ajustada aos objetivos específicos do curso de Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna.

Durante o processo, será observada a execução dos procedimentos, bem como o acompanhamento de suas ações, para fins de avaliação de desempenho do aluno, pelos docentes das disciplinas de estágio.

As atividades de estágio supervisionado desenvolver-se-ão junto às clientes/pacientes em hospitais, ambulatorios e comunidades, mediante convênio celebrado entre o Centro Universitário São José de Itaperuna e as respectivas instituições.

O estágio supervisionado será organizado sob a supervisão da Coordenação de Estágio do Curso de Enfermagem. O mesmo será disponibilizado, conforme o fechamento dos convênios, cabendo à Coordenação do curso a determinação do local dos mesmos, visando o atendimento da demanda. Só terão validade curricular os estágios programados pelo Coordenador.

Os estágios supervisionados do Centro Universitário São José de Itaperuna, obedecem a legislação vigente: as instituições cedentes do campo de estágio curricular supervisionado devem contar com a efetiva participação do responsável técnico da área de Enfermagem, na formalização e operacionalização dos programas de estágio, quanto aos procedimentos a serem adotados pelas instituições, para a aceitação de estagiários referente à proporcionalidade do número de estagiários por área de atividade, segundo a natureza da atividade exercida, supervisão e o nível de complexidade do cliente.

Durante o estágio supervisionado, o aluno deverá participar da rotina dos Serviços de Enfermagem, onde deverá executar atividades de planejamento, supervisão e execução de trabalhos de rotina e ou exclusivos do Enfermeiro, visando à prevenção, proteção e recuperação da saúde individual e ou coletiva. Deverá, também, promover a adaptação dos pacientes ao ambiente hospitalar e aos métodos terapêuticos que lhe são aplicados; prestar serviços pós morte; adotar procedimentos que permitam documentar a evolução clínica do cliente, visando a

reabilitação da saúde, a orientação terapêutica e a pesquisa; avaliar as necessidades de assistência, no contexto em que atua, a fim de favorecer o aprimoramento dos serviços oferecidos.

O estágio supervisionado deverá servir como espaço de aproximação com o mundo do trabalho, reflexão crítica e ação criativa. A formação acadêmica tem como base o fornecimento ao aluno de conhecimentos teórico/prático e científico, requeridos para o exercício das competências e habilidades específicas, definidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, formando profissionais competentes técnicos e politicamente, para atuar na realidade de saúde local e regional; preparado para a atenção individual e coletiva, em saúde, e para o gerenciamento dos serviços de saúde e de enfermagem; zelando pelo cumprimento da legislação do exercício profissional da enfermagem, Lei 7.498/86 – Código de Deontologia da Enfermagem – Decreto 94.806/87; e buscando, para este exercício, inovações científicas, tecnológicas, políticas e legais que contribuam para o desenvolvimento da enfermagem profissional, e para o contexto de saúde do país. O discente estagiário deverá frequentar assiduamente as aulas para ficar ciente das orientações a serem feitas pelo docente no tocante a sua atuação no campo.

É de relevante importância, que o discente registre em tempo real todas as informações solicitadas nas fichas, ingressando no local do estágio com a carta de apresentação e sendo observado, comprometido e atuante no local do estágio, extraindo informações fundamentais ao exercício futuro da profissão almejada.

Para ser aprovado na disciplina de Estágio Supervisionado, o aluno precisa frequentar as aulas, devendo participar ativamente de todas as atividades propostas em estágio (relatório, debates, etc), bem como relatar observações feitas e preencher relatórios que retratem a sua pesquisa e envolvimento, cumprindo assim dentro do tempo estipulado pelo docente, tudo que venha solidificar a sua teoria, através de uma prática reflexiva.

São exigências formais para a conclusão do Estágio no âmbito do curso de Enfermagem: a apresentação do Relatório Final de Estágio e a declaração da carga horária realizada no período, devidamente assinados pelo responsável do Estágio e entregues na Fundação São José para o docente responsável.

A declaração das horas de estágio realizadas deve constar: nome, período do estágio de acordo com as datas previstas e o total de horas realizadas. Essa declaração deve acompanhar o Relatório de Estágio.

O relatório deverá ser entregue na Fundação São José ao Docente responsável pelo estágio no dia da prova.

Cada disciplina de Estágio Supervisionado (componente curricular) tem a carga horária específica. Dessa maneira, as atividades serão trabalhadas de modo, a saber:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 7º período
Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde do Recém Nascido, Criança e Adolescente
Carga Horária: 100 hs

Desenvolvimento das metodologias assistenciais, educativas e de investigação em Enfermagem na rede básica e hospitalar, relativas à saúde do recém-nascido, criança e do adolescente. Imunização infantil e do adolescente. Propedêutica de enfermagem pediátrica. Assistência de enfermagem ao recém-nascido, criança e ao adolescente. Assistência de enfermagem à criança sadia e hospitalizada. Brinquedo terapêutico na assistência à criança. Violência na infância e adolescência: aspectos éticos, legais e assistenciais. Gravidez na adolescência. Álcool e drogas. Rede social e de cuidados na adolescência.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 7º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e Idoso I
Carga Horária: 90 hs

Capacitar e preparar os estudantes de enfermagem na assistência de enfermagem em atividades práticas ao adulto e ao idoso, em regime de internação hospitalar, abrangendo afecções agudas e crônicas, inclusive as complexas, observando e realizando atividades de média e alta complexidades supervisionadas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 7º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde Mental
Carga Horária: 90 hs

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes com transtornos mentais.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 7º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde Coletiva
Carga Horária: 80 hs

Capacitar e preparar os estudantes para a prática de enfermagem em saúde coletiva. Ações de de enfermagem em vigilância sanitária. Saúde pública e perfil epidemiológico. Conhecimento da realidade local e programas de saúde pública. Controle de doenças negligenciadas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 7º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde da Mulher
Carga Horária: 100 hs

Desenvolver habilidades para prestar assistência de enfermagem à mulher na rede básica de saúde com vistas a promoção da saúde e prevenção de agravos desde a adolescência até o climatério.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 8º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Terapia Intensiva Carga Horária
Carga horária: 100 hs

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes em estado grave.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 8º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Emergência

Carga Horária: 80 hs

Visa contemplar a prática dos conteúdos de Enfermagem aplicada à pacientes em condições de emergência.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 8º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Gestão da Atenção Primária e Rede Hospitalar

Carga Horária: 80 hs

Estágio na rede básica de saúde, caracterizando-se por vivência efetiva de situações concretas de trabalho no campo profissional.

Estágio em rede hospitalar em assistência ao cliente hospitalizado e avaliações dos processos administrativos e gerenciamento das unidades de internação. Práticas de enfermagem. Escalas diárias.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE 8º período

Disciplina: Estágio Supervisionado em Saúde do Adulto e Idoso II

Carga Horária: 90 hs

Capacitar e preparar os estudantes de enfermagem na assistência de enfermagem em atividades práticas ao adulto e ao idoso, em regime de internação hospitalar, abrangendo afecções agudas e crônicas, inclusive as complexas, observando e realizando atividades de média e alta complexidades supervisionadas.

2. PERFIL PROFISSIONAL ALMEJADO

O Curso de Graduação em Enfermagem propõe formar o discente e capacitá-lo como profissional que irá exercer e responder como enfermeiro.

Por formação, entende-se desenvolvimento total, completo e harmonioso que envolve a aquisição de conhecimentos e habilidades, no caso, referentes à educação em geral e o processo ensino aprendizagem que acontece na instituição.

Há de se considerar que a técnica, a criatividade e o comprometimento com a educação e assistência enquanto prática social são alvos perseguidos nesta proposta. Se o “saber fazer” no ensino é necessário, imprescindível se faz saber “porque”, “para que” e “a quem” ensinar. Isto requer aprendizado lento e contínuo, a médio e a longo prazo, com vista a um aprofundamento crescente do significado da prática e dos modos alternativos de fazê-la.

Busca-se assim, uma prática assistencial tecnicamente competente e supervisionada.

3. MODELO DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**3.1 FORMATAÇÃO GERAL DO TEXTO**

- Margens:
 - Superior e esquerda: 3 cm.

- Inferior e direita: 2,5 cm.
- Papel A4 - cor branca.
- Fonte para itens: Arial tamanho 12 com negrito e caixa alta.
- Fonte para subitens: Arial tamanho 12 com negrito.
- Fonte para sub-subitens: Arial tamanho 12 com negrito.
- Fonte para corpo do texto: Arial tamanho 12 normal.
- Paginação: inicia-se a contagem a partir da folha de rosto, mas se começa a numerar a partir da introdução. O número deve ser colocado no canto superior direito da página.
- Espaçamento entrelinhas: 1,5
- Espaçamento entre parágrafos: 6 pt antes e depois.
- Sem Recuo de parágrafo.

3.2 FORMATO E LOCAL DE ENTREGA

O aluno deverá entregar o Relatório Final de Estágio encadernado em espiral. O Relatório Final deverá ser entregue ao professor de estágio em uma data pré-estabelecida, pelo coordenador do curso. Assim como as cadernetas de relato diário.

4. ESTRUTURA DO RELATÓRIO

4.1 CAPA

Não é contada nem numerada. Deve conter os seguintes elementos:

- Nome da Faculdade;
- Curso;
- Estágios referentes;
- Nome do aluno;
- Professor supervisor;
- Ano e semestre de realização dos estágios;
- Localidade, mês e ano.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CEDENTE DO ESTÁGIO

Não é contada, nem numerada. Este item deverá conter as seguintes informações:

Identificação da Empresa:

Nome:

Bairro:

CEP:

Endereço:

Cidade:

Telefone:

Área na instituição onde foi realizado o estágio:

Data de início:

Data de término:

Duração em horas:

Nome do profissional responsável pelo estágio:

Apresentação da Instituição

O aluno deverá descrever de forma sintética o histórico da instituição.

4.3 INTRODUÇÃO

Neste item o discente deverá apresentar o conteúdo do Relatório Final de Estágio. Deve-se abordar o assunto de maneira generalizada e breve, entre uma e duas páginas. Por tratar-se de relatório (relato pessoal), em todo o relatório é usada a 1ª pessoa do singular explicitando, claramente, o que **você** fez, o que **você** aprendeu. Lembre-se que esse relato será à base da avaliação de seu desempenho no estágio curricular obrigatório supervisionado. A redação nem é científica, nem é coloquial: é redação técnico-profissional, demonstrando sua vivência profissional.

4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O desenvolvimento tem por objetivo expor, de maneira clara, objetiva e com detalhes fundamentais, as ideias principais, analisando-as e ressaltando os pormenores mais importantes. Esta seção ficará a critério do Orientador de Estágio, que poderá incluir as atividades em documento em anexo.

Cada atividade desenvolvida no estágio será descrita em caderneta própria ou documento similar conforme definição do orientador que será entregue juntamente com o relatório.

4.5 CONCLUSÃO

Neste item o aluno deverá realizar uma análise crítica do estágio em termos de contribuição para a sua formação profissional. Enfoque na aprendizagem obtida no estágio como um todo. É neste momento que o estagiário poderá dar sua opinião sobre a validade do estágio supervisionado em sua formação profissional, se a teoria aprendida no decorrer do curso contribuiu, e/ou pesou na realização do estágio. Deve aparecer na conclusão as críticas, positivas ou negativas, devendo ser sempre construtivas.

4.6 ANEXOS

ANEXO 01 – Ficha de Registro de Frequência Estágio Supervisionado – Modelo I e Modelo II

Deve ser preenchida pelo estagiário durante as suas atividades no estágio. Esse anexo comprovará carga horária e atividades desenvolvidas pelo aluno. Deve ser assinada pelo profissional responsável pelo estágio de cada disciplina e pelo discente, e anexada ao relatório. O discente deverá cumprir uma carga horária mínima de **75 %** na Disciplina de Estágio Supervisionado.

ANEXO 02 – Ficha de Desempenho Individual do Estagiário

Deve ser preenchida pelo profissional responsável pelo estágio/supervisor. Que avaliará o estágio realizado, o estagiário e o processo de estágio. Deve ser assinada pelo profissional responsável, pelo orientador de estágio e pelo coordenador do

curso e anexada ao relatório.

ANEXO 03 – Declaração de conclusão do estágio

Deve ser preenchida e assinada pelo orientador de estágio. Deve ser assinada pelo coordenador do curso e anexada ao relatório, mediante a apresentação de todas as fases do processo do estágio, entrega do relatório, cadernetas de descrição de atividades.

5. Documentação para Estágio

ANEXO 04 – Carta de Apresentação

O discente tem que entregar antes do estágio, para regulamentação e liberação do início do estágio.

ANEXO 05 - Termo de Compromisso com as Normas de Regulamento do Estágio Supervisionado

O discente tem que entregar antes do estágio, para regulamentação e liberação do início do estágio.

ANEXO 06 – Termo de Compromisso do Estágio Supervisionado

O discente tem que entregar antes do estágio, para regulamentação e liberação do início do estágio.

ANEXO 02**FICHA DE DESEMPENHO INDIVIDUAL DO ESTAGIÁRIO**

Estágio Supervisionado: _____

Estagiário: _____

Local de Estágio: _____

Período: _____

AÇÕES	Avaliação
1. Participou ativamente do Estágio.	
2. Demonstrou espírito de liderança.	
3. Cooperou espontaneamente.	
4. Foi capaz de interagir com a equipe.	
5. Apresentou contribuições úteis e oportunas ao desenvolvimento do trabalho.	
6. Adaptou-se aos procedimentos internos da instituição, respeitando-a.	
7. Apresentou interesse por aprender.	
8. Foi capaz de realizar as tarefas estabelecidas.	

Legendas: **S** – sempre **MV** – muitas vezes **PV** – poucas vezes **N** – nunca

Itaperuna, _____ de _____ de _____.

Supervisor de Estágio

Orientador do Estágio

Coordenador do Curso

DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DO ESTÁGIO

Declaro para fins de comprovação de Estágio Supervisionado, que o(a) discente
_____ mat _____
regularmente matriculado(a) no _____ período do Curso de Graduação em
Enfermagem do Centro Universitário São José de Itaperuna, cumpriu _____ horas
de Estágio _____,
no período de _____ a _____ do ano de
_____.

Itaperuna _____, _____ de _____.

Orientador do Estágio

Coordenador do Curso

ANEXO 04

CARTA DE APRESENTAÇÃO

O Centro Universitário São José de Itaperuna tem como função, através do Curso de Graduação em Enfermagem, formar cidadãos críticos e dinâmicos para o mercado de trabalho, através de uma prática de estágio contextualizada e comprometida com a transformação social, no qual a formação profissional, a responsabilidade a ética e a práxis visam a promover o desenvolvimento humano e o bem estar social.

Para cumprir as exigências legais e pedagógicas, o Centro Universitário São José de Itaperuna, por meio do Coordenador responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado, neste documento representado, vem com muita satisfação APRESENTAR o(a) aluno(a) _____, RG nº _____, devidamente matriculado no Curso de Enfermagem, sob nº de matrícula _____, em condições de estagiar nesse Estabelecimento de Saúde e SOLICITAR que lhe seja concedida a oportunidade de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório.

De acordo com a Lei N°. 11.788, de 25 de setembro de 2008 os estágios curriculares do Curso de Enfermagem devem ser considerados como um vínculo educativo-profissionalizante, supervisionado e desenvolvido como parte do Projeto Pedagógico do Curso e pré-requisito para aprovação e obtenção do diploma; devem ser planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano.

Na oportunidade, agradecemos antecipadamente o seu apoio como parceiro dessa Instituição de Ensino Superior, colocando-nos a sua disposição e informamos que o(a) discente está devidamente assegurado com Plano de Seguro Pessoal, conforme norma legal vigente.

Cordialmente

Itaperuna, ____ de _____ de _____

Orientador do Estágio Supervisionado

ANEXO 05**TERMO DE COMPROMISSO COM AS NORMAS DE REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Eu _____ regularmente matriculado no Curso de Graduação em Enfermagem, ____ período, matrícula nº _____, do Centro Universitário São José de Itaperuna, comprometo-me a cumprir a carga horária de Estágio Supervisionado, de acordo com a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, do Regulamento de Estágio Supervisionado e da Proposta Pedagógica desta Instituição de Ensino.

Itaperuna, ____ de _____ de ____

Estagiário(a)

ANEXO 06**TERMO DE COMPROMISSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

CONCEDENTE:	
CNPJ : _____	
Endereço Completo: _____	
E-mail: _____	Tel: (____) _____
Supervisor do Estágio: _____	
Cargo: _____	
INTERVENIENTE: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL SÃO JOSÉ	
CNPJ nº 29.642.709/0001-72 Representante Legal: Dr. Jader Almeida da Silva	
ESTAGIÁRIO(A): _____	
CURSO: _____	
MATRÍCULA Nº: _____	CPF Nº: _____
NÚMERO DA APÓLICE DE SEGURO:	
SEGURADORA: _____	
Dia(s) da semana: _____	Horário: _____
Período de estágio: _____	

Pelo presente TERMO DE COMPROMISSO, declaro estar ciente de que o convênio firmado entre a Fundação Educacional e Cultural São José e a Prefeitura Municipal de Itaperuna e Hospital São José do Avaí, assegura-me o direito de realizar estágio compatível com o meu Curso, sem qualquer vínculo empregatício.

Declaro, também, estar ciente de que devo atender às seguintes disposições reguladoras do estágio:

1. O estudante se obriga a cumprir estágios de acordo com horário estabelecido pelo coordenador do curso.
2. O Estagiário deverá cumprir as normas internas do Estabelecimento de Saúde, especialmente as que resguardam o sigilo e a veiculação de informações a que tenha acesso em decorrência do estágio.
3. O Estagiário deverá planejar e registrar as atividades de estágio na forma e padrões estabelecidos, conjuntamente, pelo coordenador de estágio.
4. O desligamento do Estagiário ocorrerá, automaticamente, ao término do estágio.
5. O Estagiário terá direito a receber os documentos relativos ao estágio, ao término deste.
6. O Estagiário deve apresentar os seguintes documentos para o coordenador de estágio: 4 Fotos 3x4 iguais e atuais, 2 Cópias RG, 2 Cópias CPF, 2 Cópias Título de eleitor, 2 Cópias Comprovante de residência, 2 Cópias Cartão de vacina (com no mínimo as vacinas Hepatite B, Antitetânica, Triviral ATUALIZADAS e Influenza), 2 Cópias da apólice de seguro acidente/morte, 2 cópias da Carta de Apresentação.

7. Cabe ao estagiário:

- ✓ Ter pleno conhecimento do roteiro do estágio, das normas para sua realização e dos prazos estabelecidos;
- ✓ Cumprir os prazos determinados no regulamento para a entrega de relatórios e documentos;
- ✓ Cumprir a carga horária de estágio;
- ✓ Respeitar as normas da Instituição Concedente comportar-se adequadamente durante a realização do estágio;
- ✓ Vestir-se adequadamente para a realização do estágio: jaleco branco, roupa branca, unhas aparadas, esmalte claro, barba feita, sem adornos inclusive aliança, cabelos presos, uso da touca quando necessário, sapato fechado cobrindo dorso do pé e ponta dos dedos não é permitido sapatilha.
- ✓ Participar, na Instituição Concedente, das atividades determinadas pelo preceptor de estágio;
- ✓ Providenciar materiais de uso do aluno para atuação nos estágios aparelho de pressão, estetoscópio, termômetro, caneta, assim como EPIs (Equipamentos de Proteção Individual).

CLÁUSULAS DO TERMO DE COMPROMISSO

CLÁUSULA 1ª

A Concedente autoriza o (a) **estagiário (a)** a realizar, em suas dependências, um período de estágio que se regerá pelo disposto no presente, instrumento.

CLÁUSULA 2ª

O (a) **estagiário (a)**, para quaisquer efeitos, não terá vínculo empregatício com a **Conveniada** nem com a **Interveniente**, conforme o artigo 3º, capítulo I, Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

CLÁUSULA 3ª

Durante sua permanência no local do estágio, o (a) **estagiário (a)** estará segurado contra acidentes pessoais, pela Concedente conforme prescreve o Art. 9º, capítulo III, item IV da, Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Pela apólice supracitada neste Termo de Compromisso.

CLÁUSULA 4ª

O estágio poderá cessar, mediante simples aviso por escrito, de qualquer das partes, não cabendo indenizações a nenhuma delas. Da mesma forma, poderá ser prorrogado mediante entendimento entre o (a) e a **Concedente**.

CLÁUSULA 5ª

Os seguintes fatos importarão na cessação deste Termo de Compromisso, se oficialmente comunicados à **Concedente** pelo **Interveniente**: término do curso, trancamento de matrícula, abandono do curso ou transferência para outra universidade.

CLÁUSULA 6ª

O (a) **estagiário (a)** deverá cumprir a programação de estágio e o horário **estabelecido pela Concedente**, desde que não coincida com suas atividades acadêmicas. Na impossibilidade de fazê-lo, deverá comunicar seu orientador, em tempo hábil.

CLÁUSULA 7ª

A jornada de trabalho do (a) **estagiário (a)** e o local estão especificados nos campos acima, respeitado o limite máximo de 6 (seis) horas diárias, salvos os casos excepcionais permitidos pela legislação.

CLÁUSULA 8ª

Em consonância aos parágrafos 1º e 2º do Art. 10º da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, as atividades a serem desenvolvidas pelo (a) **estagiário (a)**

deverão ser pertinentes ao curso em que se encontra matriculado (a), evitando-se o desvio para funções inadequadas e estranhas à sua formação acadêmica.

CLÁUSULA 9ª

O estágio será:

Não remunerado, conforme permite o Art. 2º da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, devendo, porém, objetivar a complementação do ensino e da aprendizagem profissional do (a) aluno (a).

CLÁUSULA 10ª

O (a) estagiário (a) será submetido (a) a avaliações periódicas, afim de que seja verificado o seu desenvolvimento durante o estágio, cujos resultados serão encaminhados à **Interveniente** em forma de relatório circunstanciado.

CLÁUSULA. 11ª

O (a) **estagiário (a)** se compromete a zelar pelos instrumentos, equipamentos, materiais e instalações de propriedade da **Concedente** que lhe forem confiados, reservando-se a esta o direito de responsabilizá-lo (a) pelos danos que por ele (a) tenham sido causados por dolo,

negligência, imprudência ou imperícia.

CLÁUSULA 12ª

O (a) **estagiário (a)** se compromete a respeitar regulamentos internos da **Conveniada** e a observar as normas que resguardam a manutenção de sigilo sobre as informações a que tiver acesso.

CLÁUSULA 13ª

O (a) estagiário (a) expressa ter conhecimento de que toda contribuição prática ou intelectual desenvolvida em função de suas tarefas como estagiário são de propriedade da Concedente, não tendo direito de subtrair, na totalidade ou em parte, programas, documentos ou arquivos.

CLAUSULA 14ª

Fica eleito o Foro da Comarca de Itaperuna para dirimir quaisquer dúvidas que possa surgir em decorrência do presente documento, uma vez esgotadas todas as possibilidades de entendimento amigável entre os envolvidos. E por estarem justas e contratadas, assinam as partes o presente **TERMO DE COMPROMISSO em 3 (três) vias** de igual teor e forma.

Assinatura do Responsável pelo(a) Estagiário(a) na Instituição

Itaperuna, _____ de _____ de _____.

Representante Legal da Empresa Ou Instituição Concedente
Assinatura/Carimbo

Estagiário(a)

Interveniente (Instituição de Ensino)
Assinaturas/Carimbo

Orientador de Estágio

6 Manual de normas de formatação de trabalho de conclusão de curso (TCC)

Prefácio

O presente manual tem como objetivo principal oferecer aos acadêmicos do Centro Universitário São José de Itaperuna, em seus cursos de Graduação e Pós-graduação, subsídios para a confecção de seus trabalhos científicos de conclusão de curso, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Tais normas encontram-se fragmentadas em diversos documentos, portanto, o presente manual visa a facilitar o acesso a elas de forma unificada. Pretende também auxiliar professores em sua tarefa de orientação, buscando, sobretudo, melhor integração entre os corpos docente e discente da instituição.

A presente versão do manual foi produzida pelo Centro de Iniciação Científica e Extensão (CENICE), um setor acadêmico do Centro Universitário São José de Itaperuna. Dentre suas atribuições, consta a aprovação de normas de trabalhos científicos.

Saudamos todos os acadêmicos da instituição, esperando que este manual sirva de guia prático e eficiente para a confecção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Professora Joane Marieli Pereira Caetano

Coordenadora do Centro de Iniciação Científica e Extensão do UNIFSJ

ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Introdução

O trabalho de conclusão de curso (TCC) constitui-se em um dos momentos mais importantes da vida acadêmica dos discentes de diferentes áreas do conhecimento. É o instrumento pelo qual formandos terão a oportunidade de sistematizar os conhecimentos adquiridos ao longo de seu curso de graduação ou pós-graduação, demonstrando sua capacidade intelectual e cognitiva, unindo teoria e prática. Para a obtenção do diploma ou certificado, o aluno (individualmente ou em grupo, quando for o caso) deverá elaborar, obrigatoriamente, o TCC.

Como trabalho que se submete aos padrões da produção científica, o TCC deve respeitar os seus parâmetros e poderá ser confeccionado sob a forma de artigo científico (de 15 a 20 laudas) ou monografia (de 30 a 60 laudas). No desenvolvimento do TCC, poderá ser utilizada metodologia que envolva pesquisa bibliográfica, observações de campo, entrevista, relato de experiência e análise documental. Essas etapas, conjugadas e sujeitas ao crivo da lógica de procedimento da Ciência, asseguram ao TCC um caráter diferente dos trabalhos normalmente desenvolvidos pelos estudantes em suas respectivas disciplinas.

O TCC é um trabalho de síntese que articula o conhecimento global do aluno no interior de sua área de formação. Como tal, deve ser concebido e executado como uma atividade científica e, nesse sentido, deve respeitar a área de estudos à qual está vinculado.

Normas para a confecção de TCC: artigo científico ou monografia

Formato geral de apresentação:

- a) a impressão deve ser em papel branco, formato A4, usando-se apenas um lado da folha;
- b) a encadernação (3 vias impressas para avaliação, uma via impressa e uma em CD, após a avaliação) em espiral de cor preta, proteção inicial transparente e proteção final preta;
- c) a digitação deve ser na cor preta (as ilustrações são exceções), fonte

Arial tamanho 12, (tamanho 11 para citações longas, 10 para notas de rodapé e legenda das ilustrações). Recuo de parágrafo de 1,25, espaçamento de 1,5, e, na parte textual do trabalho, alinhamento justificado;

- d) margens: superior e esquerda, 3 cm, inferior e direita, 2 cm;
- e) a numeração deve aparecer a partir dos elementos “textuais”, ou seja, da introdução até o final do trabalho. As páginas pré-textuais são contadas, mas não numeradas;
- f) termos que se queiram destacar ou termos em idioma estrangeiro são grafados em itálico e sem aspas. Porém, os termos latinos utilizados pela ABNT (apud, et al., ibidem...) não são em itálico;
- g) espaçamento: Todo o texto deve ser digitado ou datilografado com espaço 1,5 cm. Entretanto, as citações de mais de três linhas, as notas, as legendas das ilustrações e tabelas, o nome da instituição a que é submetida devem ser digitados ou datilografados em espaço simples. Os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede ou que os sucede por dois espaços.

Formatação específica

1. Artigo científico/TCC

- O artigo deve conter de 15 a 20 páginas. Sua divisão se dará por meio de seções.
- O texto vem em sequência, sem passar para a página seguinte ao final de cada seção.

Tabela 1: Estrutura do artigo científico

Elementos pré-textuais	Capa: obrigatória Folha de rosto: obrigatória Folha de aprovação obrigatória
Elementos textuais	Título Autores Resumo Palavras-chave Introdução Desenvolvimento (seções)

	Considerações finais
Elementos pós-textuais	Referências (obrigatórias) Apêndice ou anexo (opcional)

- **Capa:** no topo da **capa**, centralizado, escreva o nome da instituição de ensino e a sigla. Coloque em seguida o curso a que o(s) autor(es) pertence(m). Coloque em seguida o nome do(s) autor(es), em caixa alta. No centro da capa, escreva o título do seu trabalho, em negrito e em caixa alta. O subtítulo não deve ser em caixa alta. No final da página, nas últimas duas linhas da folha, centralize o texto e escreva na primeira linha o local (cidade e estado) e na segunda linha a data (normalmente o ano).
- **Folha de rosto:** este elemento é obrigatório e deve conter partes essenciais à identificação do trabalho, como: nome do autor (caixa alta), título e subtítulo (caixa alta), natureza (TCC, trabalho acadêmico, dissertação, tese e outros), nome do curso, nome do orientador e do coorientador (caso haja), local, ano de depósito (da entrega). As informações sobre natureza e objetivo do trabalho devem ser apresentadas alinhadas e justificadas a partir do centro da folha como mostrado a seguir. Os demais elementos devem ser centralizados na folha. Esta folha, embora considerada a primeira página do trabalho, não recebe numeração.
- **Folha de aprovação:** elemento obrigatório – contém autor, título por extenso e subtítulo, se houver, local e data de aprovação, nome, assinatura e instituição dos membros componentes da banca examinadora.

Elementos textuais – artigo científico

- Título (centralizado, em negrito)
- Nome dos autores, com nota de rodapé informando a formação do aluno e e-mail. Fonte: 10
- Nome do orientador (a), com nota de rodapé informando sua formação e e-mail. Fonte:10
- **Resumo:** elemento obrigatório, constituído de uma sequência de

frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de tópicos, não ultrapassando 500 palavras, seguido, logo abaixo, das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, conforme a NBR 6028 (três a cinco).

- Introdução
- Tópicos/desenvolvimento do artigo
- Considerações Finais

Elementos pós-textuais

- Referências
- Anexos ou apêndices:
- Anexos – texto ou documento não produzido pelo autor do artigo.
- Apêndices – texto ou documento produzido pelo autor do artigo.

Elementos textuais – artigo científico.

Introdução

O termo introdução vem em negrito, situado à margem esquerda, seguido de 1 *enter*. Nesta parte, situa-se o leitor, delimita-se a abordagem do tema; ela contém a apresentação do problema de estudo, do(s) objetivo(s), da(s) justificativa(s), da metodologia e um comentário sintético das questões a serem abordadas no corpo do texto. Não pode ser confundida com revisão bibliográfica, mas pode-se fazer menção aos principais autores consultados.

Desenvolvimento

A partir dele, numeram-se as seções e subseções. Entre o número e o título não há ponto, mas o espaço de um caractere. Não se deve fragmentar demais o texto em subseções. Estas não vêm em negrito, mas sim sublinhadas. Não se escreve a palavra — “desenvolvimento”, mas o título da seção a ser desenvolvida. Procede-se como na Introdução: negrito, colado à margem esquerda, seguido de 1 *enter*. O artigo pode ser de caráter exclusivamente bibliográfico. Cada parte do desenvolvimento normalmente aborda cada um dos objetivos propostos de forma coesa e coerente. Quando, porém, há também uma pesquisa de campo, de laboratório ou documental, a primeira parte é sempre uma revisão bibliográfica,

apresentando as contribuições teóricas que ajudam a esclarecer o problema inicial. Aqui são feitas análises de publicações sobre o tema em pauta. Depois faz-se a parte descritiva, apresentam-se os dados coletados que são, em seguida, discutidos e analisados, para, finalmente, apresentar os resultados. A discussão e os resultados são amparados por autores já apresentados na revisão bibliográfica. Não pode haver menção a autores que não constam na revisão bibliográfica.

Considerações finais

O termo “considerações finais” vem em negrito, com um enter antes e outro depois. Apresentam-se aqui respostas sucintas ao problema instaurado na Introdução (síntese dos principais resultados com comentários dos articulistas). São as descobertas e as contribuições trazidas pela pesquisa. Pode apresentar recomendações e sugestões. Retoma-se, sinteticamente, todo percurso realizado pelo trabalho, mostrando até que ponto os objetivos foram alcançados. Não podem ser incluídos dados novos.

Referências

Uma lista de autores mencionados no trabalho. Não pode faltar nenhum; também não pode constar um sequer que não tenha sido referenciado no desenrolar do texto. Inclui-se o autor da epígrafe. Os títulos, sem indicativo numérico—errata, agradecimentos, lista de ilustrações, lista de abreviaturas e siglas, lista de símbolos, resumos, sumário, referências, glossário, apêndice(s), anexo(s) e índice(s) - devem ser centralizados. (ABNT BR 14724, 2011, p. 14).

2. Monografia

- Deve conter de 30 a 60 laudas, sendo dividida em capítulos.
- Cada capítulo deve ter início na página seguinte.

- Tabela 2: Estrutura da monografia

<ul style="list-style-type: none"> • Elementos pré-textuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Capa (obrigatória) • Folha de rosto (obrigatória) • Folha de aprovação (obrigatória) • Dedicatória (s) (opcional) • Agradecimento (s) (opcional) • Epígrafe (opcional) • Resumo na língua vernácula (obrigatório) • Resumo em língua estrangeira (obrigatório) Lista
--	---

	de ilustrações (opcional) <ul style="list-style-type: none"> • Lista de abreviaturas e siglas (opcional) • Lista de símbolos (opcional) • Sumário (obrigatório)
<ul style="list-style-type: none"> • Elementos textuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução • Desenvolvimento (capítulos) • Considerações finais
<ul style="list-style-type: none"> • Elementos pós-textuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Referências (obrigatórias) Apêndices ou anexos (opcional)

Elementos pré-textuais:

- **Capa:** no topo da **capa**, centralizado, escreva o nome da instituição de ensino e a sigla. Coloque em seguida o curso a que o(s) autor (es) pertence (m). Coloque em seguida o nome do autor ou autores, em caixa alta. No centro da capa, escreva o título do seu trabalho, em negrito e em caixa alta. O subtítulo não deve ser em caixa alta. No final da página, nas últimas duas linhas da folha, centralize o texto e escreva na primeira linha o local (cidade e estado) e na segunda linha a data (normalmente o ano).
- **Folha de rosto:** este elemento obrigatório deve conter partes essenciais à identificação do trabalho, como: nome do autor (caixa alta), título e subtítulo (caixa alta), natureza (TCC, trabalho acadêmico, dissertação, tese e outros), nome do curso, nome do orientador e do coorientador (caso haja), local, ano de depósito (da entrega). As informações sobre natureza e objetivo do trabalho devem ser apresentadas alinhadas e justificadas a partir do centro da folha como mostrado a seguir. Os demais elementos devem ser centralizados na folha. Esta folha, embora considerada a primeira página do trabalho, não recebe numeração.
- **Folha de aprovação:** elemento obrigatório - contém autor, título por extenso e subtítulo, se houver, local e data de aprovação, nome, assinatura e instituição dos membros componentes da banca examinadora.
- **Resumo:** elemento obrigatório, constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de

tópicos, não ultrapassando 500 palavras, seguido, logo abaixo, das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, conforme a NBR 6028.

- **Sumário:** elemento obrigatório, cujas partes são acompanhadas do(s) número (s) da(s) página(s). Havendo mais de um volume, em cada um deve constar o sumário completo do trabalho, conforme NBR 6027. Uma linha pontilhada deve ser usada para ligar o nome do capítulo à página correspondente.

Citações para artigos científicos e monografia

a) Citações literais:

a.1) as que não ultrapassam 3 linhas ficam no corpo do texto, entre aspas.

Exemplo: Segundo Possenti (2000, p. 17), “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico”.

a.2) as que ultrapassam 3 linhas; ficam em bloco com espaçamento simples. Vêm sem aspas, a 4cm da margem esquerda, sem parágrafo adentrado. (ABNT, NBR 10520, 2002, p. 2).

O nome do autor pode vir antes ou depois da citação, a saber:

a) antes da citação.

Bagno (2001, p. 24) faz o seguinte esclarecimento:

A língua escrita, evidentemente, tem um papel tremendo na história da humanidade e não vai ser desprezada pela linguística, como algumas pessoas costumam temer. Mas ela será sempre secundária, pois é assim desde o início da aventura do ser humano sobre este planeta... A escrita tem somente 10.000 anos, enquanto a espécie humana vem falando há pelo menos um milhão de anos!

b) Depois da citação:

Nesse caso, vem entre parênteses e em caixa alta. Ex.: (SILVA, 2010, p. 42).

Depois de cada sinal gráfico há sempre o espaço de um caractere. Assim: p. 42.

Em caso de mais de um autor, eles vêm separados por ponto-e-vírgula. Ex: (SILVA; LEITE, 2009, p. 98) ou Segundo Silva; Leite (2009, p. 98),

Exemplo em citação longa, com o nome do autor depois:

A língua escrita, evidentemente, tem um papel tremendo na história da humanidade e não vai ser desprezada pela lingüística, como algumas pessoas costumam temer. Mas ela será sempre secundária, pois é assim desde o início da aventura do ser humano sobre este planeta... A escrita tem somente 10.000 anos, enquanto a espécie humana vem falando há pelo menos um milhão de anos! (BAGNO, 2001, p. 24).

Citação livre (paráfrase) – incluem-se autor e ano, conforme exemplo abaixo:

Neves (2010) reforça que a escola abdica da reflexão e continua a repetir chavões, pondo em exame, mesmo quando faz uso de textos, frases soltas, não atentando para o real funcionamento dos elementos a serem estudados e propondo exercícios que se limitam à simples rotulação e subclassificações de entidades.

Ou

A escola abdica da reflexão e continua a repetir chavões, pondo em exame, mesmo quando faz uso de textos, frases soltas, não atentando para o real funcionamento dos elementos a serem estudados e propondo exercícios que se limitam à simples rotulação e subclassificações de entidades. (NEVES, 2010).

Citação de citação

Vem indicada pelo sobrenome do autor seguido da expressão latina apud e do sobrenome do autor da obra consultada, seguido de ano e página. Exemplo:

Para Slama-Casacu (apud CUNHA; CINTRA, 1985, p. 1), linguagem é “[...] um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer”.

Ou

A linguagem é “[...] um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer”. (SLAMA-CASACU apud CUNHA; CINTRA, 1985, p. 1).

DEVE SER EVITADA CITAÇÃO DE CITAÇÃO. Quem pesquisa, precisa ir à fonte original. Utiliza-se deste expediente em caso de obra esgotada ou de obra de difícil acesso. Um trabalho científico pode ser desvalorizado quando se abusa desse recurso.

Ilustrações: vêm, de preferência, na folha do texto a elas correspondente; sendo mais de uma, vêm numeradas.

Notas de rodapé: são usadas para considerações ou esclarecimentos que não devem ser incluídos no texto para não interromper a sequência lógica da leitura. São digitadas em espaço simples, na fonte 10, e justificada nas duas margens. (ABNT, NBR 10520, 2002, p. 6).

Os tipos mais comuns de Referência

(ABNT – NBR 6023, 2002, p. 3-20).

Referência é o “conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 2). Como forma geral, segue-se o seguinte caminho:

SOBRENOME, Nome, Prenome. **Título do livro.** Edição (a partir da 2ª).
Cidade: Editora, ano.

Exemplos:

Livro

Único autor:

RUIZ, J. A. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Até três autores:

SOUTO, C.; FALCÃO, J. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Mais de três autores: (et al após o primeiro autor)

JUNQUEIRA, E. B. et al. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Autor entidade (inicia-se com o nome da entidade)

BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL. **Relatório da diretoria geral.** Rio de Janeiro, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de trabalhos.** 6. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

Mesmo autor com mais de uma obra: (a partir do segundo livro do mesmo autor, pressionar underline com seis espaços).

MUAKAD, Irene Batista. **Pena privativa de liberdade.** São Paulo: Atlas, 1997.

_____. **Prisão albergue:** reintegração social. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

Capítulo ou artigo de livro:

Quando o autor do capítulo/artigo é o mesmo organizador do livro: (nesse caso, primeiro coloca-se o título do capítulo que está se utilizando para depois colocar o nome do livro em que ele está inserido)

CHALITA, G. B. I. **A Questão do Poder.** In:_____. O Poder. São Paulo: Saraiva, 1998.p. 20-42.

Quando o autor do capítulo/artigo não é o organizador: (nesse caso, são dois autores diferentes: o autor do capítulo – que vem primeiro – e depois o organizador do livro em que o artigo está inserido).

ROSA, F.A.M. Posição e Autonomia da Sociologia do Direito. In: SOUTO, C.; FALCÃO, J. (Orgs.). **Sociologia e Direito.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

Artigos de periódicos (revistas, jornais)

MARQUES, Elisabete Coentrão; DIAS, Cleonice de Oliveira; OLIVEIRA, Lenice Freiman. Gerenciamento da qualidade em serviços de alimentação. **Dissertar**, Rio de Janeiro, Contraste, ano 4, n. 8/9, p. 17- 21, jan./dez. 2005.

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. **Política e Administração**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15- 21, set. 1997.

BARRICHELO, Luciana. Canudo que faz a diferença. **Veja**, São Paulo, v. 34, n. 35, p. 74-75, set. 2001.

GIAMBIAGI, Fábio. Superando as metas fiscais. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, ano 56, n. 1, p. 22-25, jan. 2002.

Artigos de Revista Institucional:

COSTA, V. R. À margem da lei: o Programa Comunidade Solidária. **Em Pauta – Revista da Faculdade Social da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 131-148, 1998.

Folheto:

IBICT. **Manual de normas de editoração do IBICT**. 2. ed. Brasília, DF, 1993.

Dicionário/Enciclopédia:

FERREIRA, Aurélio. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Dissertações e teses:

AZEVEDO, Adriano Silves. **Responsabilidade civil do dentista à luz do Código de Defesa do Consumidor**. Trabalho monográfico (Graduação em Direito) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.

PONTES-RIBEIRO, Dulce Helena. **Instituindo cotidianamente o prazer da leitura pelo (des)velar da trama simbólico-imaginária**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2000.

PONTES-RIBEIRO, Dulce Helena. **Do léxico ao sentido redacional**: processos de produção mediados por intervenções linguísticas. Tese (Doutorado em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Artigos de jornal:

MASCARENHAS, M. G. Sua safra, seu dinheiro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 set. 1986.

Manual:

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. **Estudo de impacto ambiental – EIA, Relatório de Impacto Ambiental – RIMA**: manual de orientação. São Paulo, 1989.

Catálogo:

MUSEU DA IMIGRAÇÃO (São Paulo, SP). **Museu da Imigração – São Paulo**: catálogo. São Paulo, 1997.

Legislação e documentos oficiais: (quando se utilizar de sites, colocar o link do acesso e quando foi acessado)

BRASIL. Resolução nº 899, de 29 de maio de 2003. Determina a publicação do "Guia para validação de métodos analíticos e bioanalíticos"; fica revogada a Resolução RE nº 475, de 19 de março de 2002. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 02 jun. 2003. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=15132&word>>. Acesso em: 10 de mar. de 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Coleção Progestores**: para entender a gestão do SUS. CONASS, 2007. v.1. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/html/pt/pub_assunto/sus.html>. Acesso em: 20 mar. 2008.

Portaria



BRASIL. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, DF, 15 maio 1998. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/e-legis/>>. Acesso em: 10 mai. 2008.

Documentos em meios eletrônicos: (sempre colocar onde o link e quando foi acessado)

Texto com autoria:

SILVA, Deonísio. **Até o mais amargo fim**. Disponível em: <www.deonisio.com.br/am4.htm>. Acesso em: 12 dez. 2007.

Artigo de periódico:

DIAS, G. A. Periódicos eletrônicos: considerações relativas à aceitação deste recurso pelos usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 31, n.3, 2002. Disponível em: www.ibict.br. Acesso em: 07 mai. 2003.

Monografia / Dissertação / Tese:

PEDOTT, P. R. **Publicidade na Internet:** Internet como ferramenta de comunicação de marketing. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: 07 mai. 2003.

Filme:

CENTRAL do Brasil. Direção Walter Salles Júnior. Rio de Janeiro: Riofile, 1998.

Fotografia:

KOBAYASHI, K. Doenças dos xavantes. 1980.

Mapa:

BRASIL e parte da América do Sul: mapa político, escolar, rodoviário, turístico e regional. São Paulo: Michalany, 1981.

Entrevista gravada:



SILVA, L.I.L. da. Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento (abr. 1991). Entrevistadores: V. Tremel e M. Garcia. São Paulo: SENAI, 1991.

Evento (congresso, encontros etc.):

ENCONTRO ANPAD, 27, 2003, Atibaia. Resumo dos trabalhos. Rio de Janeiro: ANPAD, 2003. 1 CD-ROM

Referências deste manual:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. ABNT **NBR 14724**: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. 15 p.

_____. **NBR 6022**: Informação e documentação - Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 5 p.

_____. **NBR, 6028**: Informação e documentação - Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 2 p.

_____. **NBR, 6028**: Informação e documentação - Resumo - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 2 p.

_____. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 7 p.

_____. **NBR 6023**: Informação e documentação - Referências - Elaboração Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

Apêndice A – Modelo de TCC: artigo científico

Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ)
Curso de Graduação em História

MARIA DA SILVA
JOÃO DE SOUZA

Nome da instituição
Curso a que pertence
Espaçamento simples

**A INSERÇÃO FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS:
DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Título centralizado, em negrito,
tamanho 12, em caixa alta.
Espaçamento simples

Cidade, ano e mês de
apresentação do artigo.

Itaperuna, RJ

2018

Nome do (s) autor (es)
 Espaçamento simples
 Centralizado, caixa alta

MARIA DA SILVA
 JOÃO DE SOUZA

**A INSERÇÃO FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS:
 DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Título centralizado, em
 negrito, tamanho 12,
 caixa alta.
 Espaçamento simples

Especificação do
 trabalho, espaçamento
 simples, recuo à
 esquerda de 8 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso
 apresentado à Banca Examinadora do
 Curso de História do Centro Universitário
 São José de Itaperuna, como requisito
 final para a obtenção do título de
 Licenciado em História.

Orientadora: Professora Mestra Ana
 Pereira.

Itaperuna, RJ

2018

MARIA DA SILVA
JOÃO DE SOUZA

**A INSERÇÃO FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS:
DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de História do Centro Universitário São José de Itaperuna, como requisito final para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Professora Mestre Ana Pereira.

Itaperuna, novembro de 2018.

Banca examinadora:

Professora Mestre Ana Pereira. – orientadora

UNIFSJ – Itaperuna – RJ

Professora Doutora Lúcia Moreira

UNIFSJ – Itaperuna-RJ

Professor Doutor Roberto Ribeiro

UNIFSJ – Itaperuna – RJ

<p>Nome dos membros da banca para aprovação e instituição a que estão filiados. Espaçamento simples.</p>
--

A inserção feminina nas Forças Armadas brasileiras: desafios na contemporaneidade

Maria da Silva¹

João de Souza²

Ana Pereira³

Resumo – até 500 palavras, espaçamento simples, fonte 12.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a situação da mulher militar nas Forças Armadas atualmente, tendo por foco o contexto brasileiro no século XXI. Sabe-se que ainda há entraves para a inserção feminina na instituição, e para que possamos analisar que empecilhos e desafios essa mulher ainda encontra no contexto atual, retornaremos ao passado, mais especificamente, no modelo de família patriarcal na sociedade colonial brasileira que justificava a submissão feminina. Passando pelo século XX, percebemos que, mesmo após as conquistas do movimento feminista e sua influência no contexto nacional, a mulher ainda está em desigualdade em relação ao homem no que se refere à inserção a determinadas profissões, dentre elas a militar. Este trabalho tem como foco, portanto, analisar os desafios que a mulher militar enfrenta em uma profissão historicamente masculina.

Palavras-chave: sociedade patriarcal, submissão, trabalho, Forças Armadas.

A partir da introdução, o espaçamento passa a ser 1,5 e tamanho 12. Os termos introdução, considerações finais e demais seções ficam em negrito, justificados à esquerda.

Introdução

Analisando a trajetória da mulher na luta pela igualdade, é clara a ocorrência de grandes conflitos no processo de delimitação dos espaços. A mulher, em uma visão mais tradicional, deveria ter como pré-requisito a função de cuidadora, se dedicando ao lar, aos filhos e se mostrando submissa ao homem, pois era ele quem a sustentava economicamente. Percebe-se, então, uma divisão tradicional dos papéis designados para cada gênero, onde ao homem pertencia o espaço público,

1 Graduada em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: [e-mail](#).

2 Graduada em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Contato: [e-mail](#).

3 Orientadora da pesquisa. Mestra em X, pela X. Contato: [e-mail](#).

trabalhando para trazer assim o sustento do lar e às mulheres o espaço reprodutivo, privado, com a função de educar os filhos, consistindo em ser a esposa ideal, filha ideal e sendo inferiorizada em uma clara relação hierárquica.

Baseado nessa vertente, a mulher que não seguia (e segue) esse padrão ditado pelo modelo patriarcal se tornava alvo de preconceitos não somente no âmbito social, mas também laboral, e isto é perceptível principalmente em determinadas profissões, dentre elas a militar, por ser historicamente uma profissão masculina e todo o simbolismo da guerra estar ligado à ideia de virilidade do homem. O movimento feminista, em suas diferentes “ondas”, trouxe consigo a luta pela igualdade de condições entre homens e mulheres em todos os campos, inclusive o laboral, entendendo que há a necessidade da desnaturalização das desigualdades de gênero.

É a partir da segunda metade do século XX que a mulher dá um grande passo rumo à sua libertação na sociedade e no âmbito laboral. Esse período ficou marcado por um processo de expansão dos horizontes da mulher, que passa a deixar então de fazer parte apenas do espaço privado, superando a condição de mero objeto masculino.

Mesmo após as conquistas do movimento feminista, que revolucionou a posição da mulher no século XX, percebe-se que esta ainda está em desigualdade em relação ao homem no que se refere à inserção a certas profissões, dentre elas a militar. Partindo disso, nossa questão problema preocupou-se em questionar que desafios são persistentes para a mulher militar no Brasil no século XXI. Assim, no presente trabalho tivemos como objetivo central investigar a inserção da mulher nas Forças Armadas brasileiras, apontando quais são os desafios persistentes no século XXI. Procuramos ainda identificar as conquistas do movimento feminista ao longo do século XX que concorreram para uma maior afirmação dos direitos das mulheres, inclusive no mercado de trabalho. Por fim, examinamos os resquícios ou permanências do patriarcalismo e das representações tradicionais de gênero da sociedade brasileira, que estão associados aos limites que ainda marcam a condição feminina no Brasil. O método utilizado consistiu em pesquisa bibliográfica a respeito do tema, assim como dados oficiais, nossas fontes primárias.

Baseadas em nossas fontes e bibliografia a respeito do tema, procuramos averiguar e descrever como a mulher militar é inserida na profissão militar na contemporaneidade, a fim de mapearmos os obstáculos ainda presentes. Essa é uma questão que tem levantado opiniões diversas, já que no desenvolver do século XXI, a mulher ainda é desvalorizada em algumas profissões pelo simples fato de ser mulher. Para entendermos melhor esse procedimento de libertação pelo qual a figura feminina passou, é preciso um breve conhecimento sobre os fatos que levaram a sociedade a desvincular-se da imagem da mulher como complemento do homem.

I. A sociedade patriarcal brasileira e a submissão feminina: resquícios do passado colonial

II. Mudanças no século XX: o movimento feminista e a luta pela emancipação feminina.

III. As mulheres na instituição militar: oportunidades e desafios.

Considerações finais

Referências